

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA PAULA MIRANDA COSTA RIBEIRO

CORONAVAC E A GENEALOGIA DO NEGACIONISMO VACINAL:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL ANTIVACINA NO FACEBOOK DURANTE
A CRISE SANITÁRIA DA COVID-19 NO BRASIL

VITÓRIA – ES
2024

ANA PAULA MIRANDA COSTA RIBEIRO

CORONAVAC E A GENEALOGIA DO NEGACIONISMO VACINAL:
UMA ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL ANTIVACINA NO FACEBOOK DURANTE
A CRISE SANITÁRIA DA COVID-19 NO BRASIL

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística, na área de concentração Estudos sobre Texto e Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Fábio L. Malini de Lima

VITÓRIA – ES
2024

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R484c Ribeiro, Ana Paula Miranda Costa, 1980-
Coronovac e a genealogia do negacionismo vacinal : Uma análise do discurso digital antivacina no Facebook durante a crise sanitária da Covid-19 no Brasil / Ana Paula Miranda Costa Ribeiro. - 2024.
268 f. : il.

Orientador: Fábio Luiz Malini de Lima.
Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Análise do discurso digital. 3. Desinformação. 4. Negacionismo vacinal. 5. Cibercultura. I. Lima, Fábio Luiz Malini de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 80



Programa de Pós-Graduação em Linguística
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

ATA DE DEFESA DE TESE DO CURSO DE DOUTORADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - ATA Nº 48 - 20/08/2024.

Em sessão pública ocorrida no dia vinte de agosto de dois mil e vinte e quatro, em formato híbrido, no LABIC, localizado no CEMUNI 1, do Centro de Artes - Car/ UFES, conforme Portaria Normativa nº 08 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFES de 01 de julho de 2021, procedeu-se a avaliação da tese da aluna **Ana Paula Miranda Costa Ribeiro**. Às 13:30h, o Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima (UFES), Orientador e Presidente da Comissão Examinadora de Defesa, deu início aos trabalhos, convidando a compor à mesa os seguintes Professores(as) Doutores(as): Julia Maria Costa de Almeida - UFES (examinadora interna), Fabio Gomes Goveia - UFES (examinador interno), Marcela Tessarolo Bastos - UVV (examinadora externa) e Fabio Castro Gouveia - Fiocruz (examinadora externa). A seguir, o presidente solicitou à doutoranda que fizesse uma explanação de seu trabalho intitulado **“CORONAVAC E A GENEALOGIA DO NEGACIONISMO VACINAL: UMA ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL ANTIVACINA NO FACEBOOK DURANTE A CRISE SANITÁRIA DA COVID-19 NO BRASIL”**. Terminada a apresentação, o presidente passou a palavra aos examinadores, que procederam à arguição da candidata. Ao final, a Comissão, em sessão reservada, deliberou pela **APROVAÇÃO** da referida tese nos termos do Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Linguística. Encerrada a sessão, eu, Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima, presidente da Comissão Examinadora, lavrei a presente ata que vai assinada digitalmente por mim e pelos demais componentes da Comissão.

Prof. Dr. Fabio Luiz Malini de Lima (UFES)
Orientador e Presidente da Banca

Profª Drª Julia Maria Costa de Almeida (UFES)
Examinadora Interna

Prof. Dr. Fabio Gomes Goveia (UFES)
Examinador Interno

Profª Drª Marcela Tessarolo Bastos (UVV)
Examinadora Externa

Prof. Dr. Fabio Castro Gouveia (Fiocruz)
Examinador Externo





Ata de aprovação_Ana Paula Miranda Costa Ribeiro

Data e Hora de Criação: 29/08/2024 às 13:22:43

Documentos que originaram esse envelope:

- Ata de aprovação_Ana Paula Miranda Costa Ribeiro.pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 62ec938f4bb68ce9b37ecb3b5269a9d4ca150a44489fee76976f32704a45d0ac

[SHA512]: aa8b1e8389e2ca4ee821aaf725511c0cb8ae0e20d17cf3feb9ce01edd161784f91dd3958abbce1cae2302a878dd7acb78f8a0129e010d8f88e38e93cd3019046

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



ASSINADO - Fabio Gomes Goveia (fabiogv@gmail.com)

Data/Hora: 29/08/2024 - 14:20:11, IP: 93.57.127.163

[SHA256]: 1d041e339bdcc17dbec69bead3d51baa1549fd0cb029f3c2209815885bf71cea



ASSINADO - Fabio Luiz Malini de Lima (fabio.l.lima@ufes.br)

Data/Hora: 30/08/2024 - 12:23:29, IP: 93.46.198.179, Geolocalização: [40.8506018, 14.2704502]

[SHA256]: b9f2badf6aa48a0c257ef807d3b1f192a861e105116a84f859a1d51405464395



ASSINADO - Fabio Castro Gouveia (fgouveia@gmail.com)

Data/Hora: 29/08/2024 - 15:05:42, IP: 200.130.45.11

[SHA256]: 526bafef8bb0dbdf10e7791164fa4d92362f65010a9027b80237ef488eedf6de



ASSINADO - Julia Maria Costa de Almeida (julia.almeida@ufes.br)

Data/Hora: 30/08/2024 - 15:46:34, IP: 179.217.31.196, Geolocalização: [-20.326878, -40.272023]

[SHA256]: b36312f17dce2cc6deea2e94208627075068aec012847d2fb5b9b9b3c5f5f878



ASSINADO - Marcela Tessarolo Bastos (marcela.tessarolo@gmail.com)

Data/Hora: 29/08/2024 - 19:36:52, IP: 179.102.129.25, Geolocalização: [-20.354520, -40.299778]

[SHA256]: d3187aa89741c0ae8745c5877f31c600039f9f6092eb7dc805c209ecc174ac5e

Histórico de eventos registrados neste envelope

30/08/2024 15:46:34 - Envelope finalizado por julia.almeida@ufes.br, IP 179.217.31.196
30/08/2024 15:46:34 - Assinatura realizada por julia.almeida@ufes.br, IP 179.217.31.196
30/08/2024 15:46:34 - Envelope visualizado por julia.almeida@ufes.br, IP 179.217.31.196
30/08/2024 12:23:29 - Assinatura realizada por fabio.l.lima@ufes.br, IP 93.46.198.179
30/08/2024 12:23:14 - Envelope visualizado por fabio.l.lima@ufes.br, IP 93.46.198.179
29/08/2024 19:36:52 - Assinatura realizada por marcela.tessarolo@gmail.com, IP 179.102.129.25
29/08/2024 19:36:46 - Envelope visualizado por marcela.tessarolo@gmail.com, IP 179.102.129.25
29/08/2024 15:05:42 - Assinatura realizada por fgouveia@gmail.com, IP 200.130.45.11
29/08/2024 15:05:29 - Envelope visualizado por fgouveia@gmail.com, IP 200.130.45.11
29/08/2024 14:20:11 - Assinatura realizada por fabiogv@gmail.com, IP 93.57.127.163
29/08/2024 14:20:04 - Envelope visualizado por fabiogv@gmail.com, IP 93.57.127.163
29/08/2024 13:22:52 - Envelope registrado na Blockchain por aline.ros.2@ufes.br, IP 200.137.65.103
29/08/2024 13:22:52 - Envelope encaminhado para assinaturas por aline.ros.2@ufes.br, IP 200.137.65.103
29/08/2024 13:22:44 - Envelope criado por aline.ros.2@ufes.br, IP 200.137.65.103

Dedico este trabalho às mais de 700 mil pessoas que morreram em decorrência da pandemia do novo coronavírus no Brasil, em especial às vítimas que poderiam ter se salvado com a imunização contra a Covid-19.

AGRADECIMENTOS

“Em Deus faremos proezas, pois ele calcará aos pés os nossos inimigos”.
Salmos, 108:13

Chegar ao momento de defesa da tese já é, por si, um motivo para ser grata a Deus pela graça alcançada. Obrigada, Senhor, por ter feito tanto em minha vida. Essa vitória não seria possível sem Ti, meu Pai.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Fábio Malini, que me acolheu em 2017, e tem me inspirado a pesquisar desde então. Obrigada por me acolher generosamente em seu grupo de pesquisa. Ao professor Fabio Goveia, por fornecer apoio em toda a caminhada. À professora Julia Almeida, por todo conhecimento compartilhado. À professora Micheline Tomazi, pelas contribuições teóricas. À professora Flávia Machado, pela escuta generosa em todo o processo de construção desse trabalho. Aos professores Alexsandro Rodrigues Meireles e Ana Maria Ribeiro de Jesus, pela parceria na realização do estágio de docência. Aos professores Penha Lins, Roberto Perobelli, Leila Tesch, Luciano Vidon, Gesieny Damasceno, que me ajudaram ao longo dos semestres letivos. Aos colegas que encontrei e reencontrei ao longo das disciplinas, em especial Hέλvio Tolentino, Jessica Oliveira e Mayra Figueira.

Ao meu grande amigo de mestrado e doutorado, Girley Vieira, pela parceria ao longo dos anos. Aos amigos Lucas Bragança, Ricardo Aiolfi e Allan Cancian, que seguem me acompanhando desde o mestrado.

Essa tese só foi possível pelo apoio de grandes mulheres, que estiveram ao meu lado ao longo de todo o trabalho: Camilla Reisler Cavalcanti, Marcela Tessarolo Bastos e Lídia Gurgel Neves-Hora. Obrigada por todo o apoio e inspiração.

Aos amigos do Labic, que ajudaram na realização desse estudo, em especial, Laryssa Florêncio, Renata Coutinho e Gabriel Herkenhoff.

À Fapes, pelo financiamento da pesquisa.

A minha mãe e minha irmã, sobrinhos e cunhado, por todo o incentivo.

A Fábio Ribeiro, presente que Deus colocou na minha vida na reta final de conclusão dessa pesquisa. Te amo imensamente, obrigada por compreender minhas ausências.

Espero que este trabalho forneça subsídios ao entendimento de questões urgentes de nossa sociedade, sendo luz em meio à escuridão.

“A pior cegueira é a mental, que faz com que não
reconheçamos o que temos pela frente”.

José Saramago, “Ensaio sobre a Cegueira” (1995)

RESUMO

O objetivo de nossa pesquisa foi identificar a genealogia do negacionismo vacinal no Brasil em 2020, partindo da premissa de que a discussão pública sobre a segurança e a eficácia da coronovac é o fato desencadeador de um ceticismo vacinal que reverberou nos ambientes digitais. Buscamos identificar quais discursos estavam em confronto no contexto do desenvolvimento da Coronovac, e quais atores estavam em disputa para dominar o debate. Para alcançar esse objetivo, buscamos estabelecer uma análise do discurso digital (PAVEAU, 2021) das publicações antivacina, englobando 45.097 postagens públicas em português realizadas no Facebook no período de 17 de março de 2020 a 30 de novembro de 2020, durante a fase de testes de imunizantes. A coleta dos dados foi feita por meio do CrowdTangle, ferramenta digital de extração de dados disponibilizada pela Meta, com análise posterior por meio do *software* Ford, desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A partir da modelagem dos dados, e da elaboração de grafos por meio do Gephi, identificamos as principais características enunciativas, léxicos, atores e categorias temáticas das publicações antivacina, enquanto estabelecemos a genealogia do negacionismo vacinal no contexto da pandemia do novo coronavírus. Para interpretar os dados obtidos, elencamos a análise do discurso digital (PAVEAU, 2021), para entender como aconteceu a construção dos sentidos das postagens antivacina ao longo do tempo, empreendendo uma análise perspectivista de rede (MALINI, 2016). Para compreender o processamento cognitivo dos conteúdos falsos compartilhados nas redes sociais, usamos as noções de noção de virtude discursiva (PAVEAU, 2015), para entender quais eram os discursos acolhidos como verdade naquele determinado contexto socio-histórico, e a de pré-discurso (PAVEAU, 2013), que nos permite compreender os mecanismos cognitivos acionados no processamento das informações pelos usuários. A noção de vontade de verdade (FOUCAULT, 2014 e 2015) também nos deu subsídios para entender as disputas de poder entre os enunciadores. Constatamos que, em um momento crucial da pandemia do novo coronavírus, quando estavam sendo desenvolvidas vacinas específicas para o combate da Covid-19, grupos ligados a movimentos políticos sobressaíram-se no Facebook, politizando as discussões a respeito das pesquisas de desenvolvimento dos novos imunizantes.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; análise do discurso digital; linguística; cibercultura.

ABSTRACT

The objective of our research was to identify the genealogy of vaccine denialism in Brazil in 2020, based on the premise that the public discussion about the safety and effectiveness of coronovac is the trigger for vaccine skepticism that reverberated in digital environments. We sought to identify which discourses were in conflict in the context of the development of coronavirus vaccine in Brazil, called Coronovac, and which actors were competing to dominate the debate. To achieve this objective, we sought to establish a digital discourse analysis (PAVEAU, 2021) of anti-vaccine publications, encompassing 45,097 public posts in Portuguese made on Facebook from March 17, 2020 to November 30, 2020, during the testing phase of immunizers. Data collection was carried out using CrowdTangle, a digital data extraction tool made available by Meta, with subsequent analysis using Ford software, developed by researchers from the Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) at Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). From data modeling and graph creation using Gephi, we identified the main enunciative characteristics, lexicons, actors and thematic categories of anti-vaccine publications, while establishing the genealogy of vaccine denialism in the context of the new coronavirus pandemic. To interpret the data obtained, we used digital discourse analysis (PAVEAU, 2021), to understand how the construction of the meanings of anti-vaccine posts happened over time, undertaking a perspectivist network analysis (MALINI, 2016). To understand the cognitive processing of false content shared on social networks, we use the notions of discursive virtue (PAVEAU, 2015), to understand which speeches were accepted as truth in that particular socio-historical context, and pre-discourse (PAVEAU, 2013), which allows us to understand the cognitive mechanisms activated in the processing of information by users. The notion of will to truth (FOUCAULT, 2014 and 2015) also gave us support for understanding power struggles between enunciators. We found that, at a crucial moment in the new coronavirus pandemic, when specific vaccines were being developed to combat Covid-19, groups linked to political movements stood out on Facebook, politicizing discussions regarding research into the development of new vaccines.

KEYWORDS: misinformation; digital discourse analysis; linguistics; cyberculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 — Interface da ferramenta CrowdTangle com nossa <i>query</i>	105
Figura 02 — Coluna ID na planilha fornecida pelo CrowdTangle com nosso <i>dataset</i>	106
Figura 03 — Mudança nas ocorrências na planilha fornecida pelo CrowdTangle.....	107
Figura 04 — Imagem da interface do Ford durante mineração de dados.....	108
Figura 05 — Publicação de João Doria com diretor da Sinovac.....	111
Figura 06 — Publicação de Jair Bolsonaro sobre a Coronavac.....	112
Figura 07 — Postagem de Aos Fatos sobre desinformação de Bolsonaro.....	114
Figura 08 — Publicação do Movimento Brasil sobre a Coronavac.....	117
Figura 09 — Postagem com link da Revista Istoé.....	120
Figura 10 — Postagem com link do site O Antagonista.....	122
Figura 11 — Publicação de Sergio Moro na rede social X.....	124
Figura 12 — Postagem com o link do site UOL Notícias.....	125
Figura 13 — Postagem da página FakeNão - Ser Multimídia.....	127
Figura 14 — Postagem com o link do site Brasil 247.....	129
Figura 15 — Postagem com o link do site Catraca Livre.....	130
Figura 16 — Postagem com o link do site Jovem Pan News.....	131
Figura 17 — Postagem com o link do site CNN Brasil.....	132
Figura 18 — Postagem sobre acordo da Coronavac.....	133
Figura 19 — Postagem do deputado Luiz Philippe Bragança sobre acordo da Coronavac.....	134
Figura 20 — Postagem da deputada Carla Zambelli sobre acordo da Coronavac.....	135
Figura 21 — Postagem com o link do site Gazeta Brasil.....	138
Figura 22 — Postagem sobre a Coronavac no site Gazeta Brasil.....	140
Figura 23 — Postagem sobre supostos efeitos da Coronavac.....	141
Figura 24 — Postagem com link do site Conexão Política.....	142
Figura 25 — Postagem com link do site Jovem Pan.....	143
Figura 26 — Postagem sobre supostos efeitos da Coronavac.....	144
Figura 27 — Postagem da Agência Lupa com esclarecimentos.....	146
Figura 28 — Postagem de Aos Fatos com esclarecimentos.....	147
Figura 29 — Postagem de Carla Zambelli sobre a vacina Coronavac.....	148
Figura 30 — Print com a imagem da publicação de Carla Zambelli no CrowdTangle.....	150
Figura 31 — Postagem com o link do site Jornal de Brasília.....	152
Figura 32 — Postagem de Bolsonaro sobre a vacina Coronavac.....	155
Figura 33 — Postagem do portal G1 sobre a vacina Coronavac.....	159
Figura 34 — Postagem de João Doria sobre a chegada da Coronavac.....	160
Figura 35 — Postagem do site Yahoo Notícias.....	163
Figura 36 — Postagem sobre os testes da Coronavac.....	164
Figura 37 — Postagem sobre a Coronavac no site Gazeta Brasil.....	165
Figura 38 — Postagem sobre os testes da Coronavac.....	166
Figura 39 — Postagem sobre os testes da Coronavac.....	167
Figura 40 — Postagem sobre os testes da Coronavac.....	168
Figura 41 — Postagem da Agência Lupa com esclarecimentos.....	169
Figura 42 — Postagem de Aos Fatos com esclarecimentos.....	170
Figura 43 — Postagem de Bia Kicis sobre a morte de voluntário.....	171
Figura 44 — Postagem sobre a morte de voluntário.....	173
Figura 45 — Postagem sobre a morte de voluntário.....	175
Figura 46 — Postagem sobre a morte de voluntário.....	176
Figura 47 — Postagem de Bia Kicis sobre vacinas falsas da China.....	178

Figura 48 — Postagem sobre vacinas falsas da China.....	179
Figura 49 — Postagem sobre vacinas falsas da China.....	180
Figura 50 — Postagem sobre vacinas falsas da China.....	181
Figura 51 — Postagem de Boatos.org sobre vacinas falsas.....	182
Figura 52 — Postagem sobre microchip na vacina.....	185
Figura 53 — Postagem sobre microchip na vacina.....	186
Figura 54 — Postagem sobre microchip na vacina.....	188
Figura 55 — Postagem sobre microchip na vacina.....	190
Figura 56 — Postagem sobre microchip na vacina.....	191
Figura 57 — Publicação desmente <i>fake news</i> sobre microchip.....	193
Figura 58 — Grafo de <i>hashtags</i> sendo visualizado no Gephi	195
Figura 59 — Caminho para se gerar grafo de <i>hashtags</i>	196
Figura 60 — Grafo geral com as principais <i>hashtags</i>	197
Figura 61 — Caminho para se gerar grafo de usernames.....	198
Figura 62 — Grafo geral com os principais usernames.....	200
Figura 63 — Grafo de <i>hashtags</i> X Grafo de usernames.....	201
Figura 64 — Filtragem das perspectivas no Gephi.....	202
Figura 65 — Grafo principal com as <i>hashtags</i> da perspectiva amarela.....	204
Figura 66 — Postagem com <i>hashtag</i> #forabolsonaro.....	205
Figura 67 — Postagem com <i>hashtag</i> #foradoria.....	207
Figura 68 — Subgrafo com as <i>hashtags</i> da perspectiva amarela.....	209
Figura 69 — Grafo com os usernames da perspectiva amarela.....	210
Figura 70 — Subgrafo com os usernames da perspectiva amarela.....	211
Figura 71 — Postagem com <i>hashtag</i> #forabolsonaro.....	214
Figura 72 — Postagem com <i>hashtag</i> #forabolsonaro.....	215
Figura 73 — Postagem com <i>hashtag</i> #foradoria.....	216
Figura 74 — Postagem com <i>hashtag</i> #foradoria.....	218
Figura 75 — Planilha fornecida pelo CrowdTangle com postagens no Facebook.....	219
Figura 76 — Publicação realizada nos grupos de apoio ao ex-ministro Sergio Moro.....	220
Figura 77 — Planilha fornecida pelo CrowdTangle com postagens no Facebook.....	221
Figura 78 — Publicação realizada nos grupos mais progressistas e de esquerda.....	222
Figura 79 — Planilha fornecida pelo CrowdTangle com postagens no Facebook.....	223
Figura 80 — Postagem com <i>hashtag</i> #foradoria.....	225
Figura 81 — Planilha fornecida pelo CrowdTangle com postagens no Facebook.....	226
Figura 82 — Publicação com o termo “crisofobia”.....	230
Figura 83 — Grafo com as <i>hashtags</i> da perspectiva verde.....	232
Figura 84 — Grafo com os usernames da perspectiva verde.....	233
Figura 85 — Publicação do Quebrando o Tabu sobre a vacina Coronavac.....	239
Figura 86 — Postagem com notícia sobre a morte de voluntário.....	241
Figura 87 — Postagem com notícia sobre a morte de voluntário.....	242
Figura 88 — Postagem de Bia Kicis sobre a morte de voluntário.....	243
Figura 89 — Publicação de Bia Kicis na rede social X.....	244
Figura 90 — Publicação do Comprova sobre a morte de voluntário.....	245

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 — Os 20 usuários mais mencionados.....	109
Tabela 02 — As 20 páginas mais citadas.....	119
Tabela 03 — As 40 <i>hashtags</i> mais recorrentes.....	153
Tabela 04 — Perspectiva amarela: <i>hashtags versus usernames</i>	212
Tabela 05 — Perspectiva verde: <i>hashtags versus usernames</i>	234

SUMÁRIO

1 — INTRODUÇÃO	10
1.1 QUANDO A PESQUISADORA FOI ACOMETIDA PELA COVID-19	12
1.2 UM VÍRUS QUE FEZ O MUNDO TREMER	15
1.3 DESCONFIANÇA GENERALIZADA NAS REDES SOCIAIS.....	24
1.4 COTIDIANO MEDIATIZADO E SOCIABILIDADE MEDIADA	28
1.5 EMERGÊNCIA DA NOVA DIREITA E CIBERPOPULISMO.....	30
1.6 SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA	35
2 — ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL	39
2.1 BREVE PANORAMA SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO	39
2.2 FOUCAULT E O DISCURSO.....	42
2.3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO.....	44
2.4 DISCURSO E SUA GÊNESE.....	47
2.5 ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL.....	50
2.6 PRIMEIROS TRABALHOS EM ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL NO BRASIL...55	
3 — DESINFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS	58
3.1 UMA QUESTÃO DE DESORDEM INFORMACIONAL.....	58
3.2 EMOÇÃO E COMPARTILHAMENTO NAS REDES SOCIAIS.....	60
3.3 ESTUDOS LINGUÍSTICOS E DESINFORMAÇÃO.....	63
3.4 PRIMEIROS TRABALHOS EM DESINFORMAÇÃO E LINGUAGEM NO BRASIL..66	
4 — PERCURSO METODOLÓGICO	73
4.1 PRÉ-DISCURSOS E VIRTUDE DISCURSIVA.....	73
4.1.1 Organizadores textual-cognitivos: Metáfora	78
4.1.2 Organizadores textual-cognitivos: Antítese	79
4.1.3 Ética das virtudes discursivas	80
4.1.4 A crise sanitária da Covid-19 como acontecimento discursivo moral	81
4.1.5 A questão do contexto	82
4.2 DISPUTAS DE PODER, REGIME DE VERDADE E VONTADE DE VERDADE.....	84

4.3 DO PODER DISCIPLINAR AO PODER INSTRUMENTÁRIO.....	87
4.4 <i>BIG DATA</i> , PLATAFORMIZAÇÃO E MEDIAÇÃO ALGORÍTMICA.....	90
4.5 SOCIEDADE EM REDE, ATORES E TEORIA ATOR-REDE (TAR).....	95
4.6 ANÁLISE PERSPECTIVISTA DE REDE.....	98
4.7 UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA POSSÍVEL.....	101
5 — AS POSTAGENS SOBRE A “VACINA CHINESA” EM 2020.....	104
5.1 <i>HASHTAGS</i> E <i>USERNAMES</i> : IDENTIFICANDO AS RELAÇÕES.....	106
5.2 PRIMEIRAS INFORMAÇÕES DAS POSTAGENS.....	108
5.2.1 Os usuários mais mencionados nas publicações.....	108
5.2.2 As páginas mais citadas nas publicações.....	119
5.2.3 As <i>hashtags</i> mais recorrentes nas publicações	152
5.3 REDE DE ATORES, <i>HASHTAGS</i> E POSTAGENS.....	194
5.3.1 Espelhamento: correspondência de informações nos grafos.....	201
5.4 ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS (<i>CLUSTERS</i>)	202
5.4.1 Perspectiva amarela (emocional)	203
5.4.2 Perspectiva verde (informacional)	231
5.4.3 Análise de publicações da perspectiva verde (informacional)	238
6 — CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	246
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	253

1 — INTRODUÇÃO

Meu interesse pela área de cibercultura não surgiu de forma repentina. Como usuária das ferramentas digitais desde os anos 90, sempre tive grande interesse pelas práticas e processos que acontecem com a mediação tecnológica. Sempre presentes em minha vida, acompanhei a evolução dos dispositivos ao longo dos anos. Dos primeiros computadores de mesa domésticos (o IBM Aptiva com sistema operacional Windows, que apareceu lá em casa substituindo a máquina de escrever, com direito a capinha de plástico para “dormir”) até os smartphones de última geração, sempre percebi como eles conseguem impactar nossa rotina do dia a dia, na execução de todo tipo de tarefa, influenciando a dinâmica social dos indivíduos conectados. Por conta disso, ao ingressar na pós-graduação em 2017, no mestrado em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), meus esforços foram sendo direcionados ao entendimento dos arranjos sociais e tecnológicos experienciados na contemporaneidade, com o advento da hiperconexão.

Em um primeiro momento acadêmico, minha primeira formação falou mais alto: como sou jornalista profissional desde 2003, procurei entender as produções textuais multimodais no Facebook dos indivíduos conectados no contexto das ocupações das escolas públicas municipais, estaduais e federais em 2016 no Espírito Santo (COSTA, 2019), analisando as publicações de anônimos em movimento, a partir de uma lógica enunciativa própria do jornalismo. Apoiando-me na teoria ator-rede (TAR) de Bruno Latour (2012) e no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (2011), combinada com a noção de franco falar (FOUCAULT, 2010) e sociedade em rede (CASTELLS, 2015; CASTELLS, 2013), analisei a lógica enunciativa dos ativistas do coletivo de mídia independente Ninja ES, que se tornaram novos atores sociopolíticos no contexto midiático, verdadeiros hackers de narrativas (MALINI E ANTOUN, 2013), criando suas versões de conteúdos informativos nas redes sociais (no caso, o Facebook) como forma de resistir e confrontar os poderes constituídos (HARDT E NEGRI, 2016; HARDT E NEGRI, 2014; HARDT E NEGRI, 2003). Os resultados das análises das postagens e dos comentários registrados permitiram concluir que os midiativistas do Ninja ES realizaram atos de jornalismo, compartilhando conteúdo dentro de uma lógica colaborativa, quando comunicadores amadores se apropriam das ferramentas comunicacionais para estabelecer uma agenda informativa própria, criando pertencimento na territorialidade informacional (COSTA, 2019).

O mestrado representou um retorno à universidade (a Ufes, local em que fiz minha graduação em Jornalismo), após muitos anos em que estive me dedicando integralmente ao

mercado de trabalho, atuando em redações de jornais impressos da Grande Vitória (ES). Tive a oportunidade de ser orientada pelo professor Dr. Fábio Malini ao voltar para a universidade, pesquisador que me acompanha academicamente desde o início dessa minha caminhada na pós-graduação, e que generosamente me acolheu em seu laboratório de pesquisas (o Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura - Labic), espaço que integro desde 2017. No laboratório, aprendi bastante realizando estudos com os demais pesquisadores, e pude conhecer várias formas de interpretar dados coletados na internet, por meio de tecnologias de mineração e sistematização da área de *data science*. Conhecer as possibilidades de tratar uma vasta informação extraída da internet me fez aprofundar meus conhecimentos em cibercultura, me dando subsídios para pensar em novos desdobramentos do digital, inclusive para se interpretar dados massivos coletados das redes sociais.

Durante a realização do mestrado, ainda em 2017, fui aprovada para fazer uma segunda graduação, a Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa na Ufes, o que me despertou uma série de inquietações a respeito dos discursos que circulam nos ambientes conectados. A partir destes estudos iniciais em Análise do Discurso (AD), em uma disciplina da graduação que estudava textos da imprensa (conduzida pela professora Dra. Micheline Mattedi Tomazi Almeida), passei a formular meu projeto de tese para ingresso no programa de Pós-Graduação em Linguística na Ufes, para dar início a um novo ciclo acadêmico após o encerramento do mestrado em Comunicação e Territorialidades. No segundo semestre de 2019, dei início ao doutorado em Linguística, e passei a construir uma pesquisa de doutorado com esse novo olhar acadêmico, conduzida por uma pesquisadora que se assemelhava a um híbrido de jornalista e linguista, algo que passou a constituir minha nova identidade profissional.

A princípio, meu projeto de pesquisa tinha como objetivos analisar as postagens que traziam a *hashtag* #elesim no Twitter, no contexto das eleições de 2018, para entender a lógica enunciativa da nova direita nas redes sociais, seus léxicos, fluxos, rotinas e recursos discursivos, a partir do fenômeno político #elesim, além de investigar as formas como os discursos digitais influenciam a constituição do saber e, conseqüentemente, acabam por modificar as estruturas sociais. A proposta seria interpretar os dados obtidos a partir da Análise Crítica do Discurso (ACD), com base na contribuição sociocognitiva de Van Dijk (2016), que, a grosso modo, pressupõe que os indivíduos estão imersos em relações de poder, e quem controla os meios de comunicação acaba controlando o discurso e, conseqüentemente, influenciando a constituição dos modelos mentais dos indivíduos. Minhas primeiras

publicações ao longo do doutorado traziam essa primeira proposta para interpretar dados massivos (COSTA, 2022a e COSTA, 2022b).

Porém, ao aprofundar os estudos em Análise do Discurso, acabei conhecendo melhor a contribuição de Marie-Anne Paveau (2021), que estabelece as bases para uma Análise do Discurso Digital (ADD) de tecnodiscursos, capturando minha preferência metodológica. Houve então, ao longo do meu trabalho na produção desta tese, um primeiro deslocamento, no sentido de abandonar a primeira proposta metodológica prevista, centrada na Análise Crítica do Discurso de Van Dijk (2016), para abraçar a perspectiva de Paveau (2021), que entende o ambiente conectado como um ecossistema próprio em que as produções linguageiras dos indivíduos não podem ser dissociadas do elemento tecnológico. Além disso, Paveau também traz uma abordagem que permite investigar a dimensão cognitiva dos tecnodiscursos, a partir das noções de pré-discurso (PAVEAU, 2013) e de virtude discursiva (PAVEAU, 2015), que nos ajudaram a enxergar como os tecnodiscursos podem se tornam poderosos meios de viralização de desinformação por acionarem informações pré-discursivas da audiência conectada.

1.1 QUANDO A PESQUISADORA FOI ACOMETIDA PELA COVID-19

Outra virada importante aconteceu ao longo da produção desta pesquisa. Tudo começou com uma tosse insistente na noite de sábado, dia 20 de março de 2021, seguida por febre e dor de cabeça bem forte, ao longo de toda a madrugada. Ao acordar na manhã de domingo, dia 21 de março de 2021, já tinha percebido que havia algo muito errado comigo. A dor de cabeça não ia embora, a sensação febril permaneceu o dia todo, e o cansaço me consumia. Para mim, tudo indicava que eram sinais de Covid-19, mas precisava me cuidar antes de ir fazer o teste. Hidratação era fundamental, mas também precisava me alimentar. Busquei atendimento médico no dia 22 de março de 2021, e segui o protocolo da época, que era tratar os sintomas gripais com dipirona e líquidos. Nos primeiros dias, havia o mal-estar gripal, acompanhado de um cansaço muito grande e falta de apetite, aliados a um medo do que poderia acontecer. Eu teria que apresentar um seminário na aula da professora Dra. Julia Almeida, na noite do dia 22 de março de 2021, porém não tive como participar. Era uma discussão importante, dentro das disciplinas do doutorado em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), só que o mal-estar que eu sentia era tão grande, que não tive forças para fazer a apresentação. Já me faltava fôlego para falar e me movimentar dentro de casa, onde eu fazia isolamento sozinha.

O resultado positivo para Covid-19 veio na quinta-feira, dia 25 de março de 2021, quando eu já estava bem debilitada. Eu tossia muito e sentia muita falta de ar, por isso fui procurar atendimento no pronto-socorro do Hospital da Unimed, em Vitória. Na tomografia, apareceu uma mancha do pulmão, indicando que eu já estava com 25% do pulmão comprometido com pneumonia. Saí do hospital com uma receita de azitromicina, porém me sentia insegura. O medo era imenso nestes primeiros dias, por não saber o que poderia acontecer, nem quais remédios tomar. Toda hora aparecia alguém falando que eu precisava buscar tratamentos alternativos, como os que estavam sendo divulgados nas redes sociais, mas eu segui firme e forte com a prescrição que recebi dos médicos que me atenderam.

O cenário da época era preocupante, o noticiário falava o tempo todo da pandemia, seus efeitos e consequências. Naquela época, a vacinação contra a doença já havia iniciado no Brasil, porém somente os idosos e os profissionais de saúde estavam sendo imunizados com a Coronavac e a Astrazeneca. No domingo que acordei doente, dia 21 de março de 2021, foram registradas 1.259 mortes por Covid-19 no Brasil¹, de acordo com o balanço do consórcio de veículos de imprensa, com a média móvel de mortes (2.255 óbitos) batendo novo recorde. Na época, havia uma tendência de alta nos registros de óbitos, o que se confirmou. Por conta disso, o governo do estado do Espírito Santo decretou um novo protocolo de lockdown no dia 25 de março de 2021², quando os ônibus tiveram sua circulação suspensa, e o comércio passou a enfrentar novas restrições de funcionamento. No domingo, dia 28 de março de 2021, foram registrados 1.605 óbitos por Covid-19 no Brasil³, com mais um recorde na média móvel de mortes (2.598 óbitos).

Foi justamente no domingo, dia 28 de março de 2021, que aconteceu uma piora no meu quadro de Covid-19. Levantei praticamente sem forças, coloquei uma roupa, e chamei um veículo de aplicativo para me levar até o Hospital Santa Rita, também em Vitória. Só levei uma bolsa de mão simples, com celular e documentos. Ao chegar lá, foi constatada a piora do meu quadro, com a pneumonia chegando a 50% de comprometimento do pulmão, além da suspeita de uma bactéria. Em pouco tempo, fui internada em um quarto no setor de isolamento, sem uma previsão do que iria acontecer. A psicóloga do hospital teve que ir ao meu quarto conversar comigo, porque eu não parava de chorar, com medo. Parei de assistir ao noticiário, me

¹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/21/brasil-registra-1259-mortes-por-covid-19-em-24-horas-e-chega-a-294-mil-obitos-desde-o-inicio-da-pandemia.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

² Cf. <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2021/03/25/governador-do-es-anuncia-fechamento-mais-restrito-do-comercio-e-suspende-transporte-publico.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

³ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/28/brasil-registra-novo-recorde-na-media-movel-com-2598-mortes-diarias-por-covid.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

concentrando na minha recuperação. Ouvia música o dia todo, e tentava dormir de bruços, para aliviar o pulmão. A fisioterapia pulmonar me ajudou bastante. Fiquei sete dias no oxigênio, e precisava usar o tubo pelo nariz até para ir ao banheiro. Nessa internação eu só podia me deslocar pelo hospital de cadeira de rodas, e foi muito triste ter que fazer movimentos simples com apoio da cadeira. Depois de dez dias internada, enfim recebi alta para ir para casa, mas tive que permanecer mais três meses sob supervisão do pneumologista, fazendo fisioterapia pulmonar em casa. Nos primeiros dias em casa, tentei dar uma volta no quarteirão, para ir a pé até a farmácia, mas passei mal com o esforço. Só voltei a me movimentar após quase duas semanas de alta hospitalar.

Ao longo das semanas, o corpo foi superando as limitações da Covid-19. Passei a fazer caminhadas de quase duas horas de duração após a liberação do pneumologista. Contudo a memória e a capacidade de concentração ficaram muito prejudicadas. Levei meses para conseguir voltar a produzir academicamente. Nos meses finais de 2021, consegui escrever um artigo para encerrar minha jornada acadêmica no curso de Letras Português da Ufes, graduação que conciliei com o doutorado em Linguística, chamado *#VACINANÃO: A repercussão da fase de imunização de crianças de 5 a 11 anos no Facebook durante a crise do novo coronavírus no Brasil* (COSTA, 2022a). A escrita exigiu um pouco de esforço cognitivo, mas foi bem-sucedida, e me rendeu uma nota 10 da minha orientadora, a professora Dra. Micheline Mattedi Tomazi Almeida. Representou, de uma certa forma, meu retorno a um ritmo produtivo, e também minha entrada em uma nova área de estudos: o negacionismo vacinal.

Os meses após a alta hospitalar foi um período muito difícil, de muita incerteza, mas consegui me recuperar da Covid-19. Por um lado, fiquei muito feliz por ter superado a doença, por outro, eu pensava nos mais de 700 mil brasileiros que não tiveram a mesma oportunidade de recomeçar a vida após a pandemia, por terem perdido suas vidas por causa da doença. A felicidade da alta médica acabava me gerando culpa, ao pensar que tantas pessoas morreram por falta de imunização contra a Covid-19.

Surgiu a missão de revisitar esses dias sombrios de crise sanitária da Covid-19 por meio da pesquisa de doutorado, e topei o desafio: trocar meu *corpus* e meu referencial teórico previstos inicialmente para dar conta de um novo tema, que era o negacionismo vacinal no Facebook. Lancei-me nesse propósito, e construí uma investigação que se propõe a contribuir com os estudos linguísticos contemporâneos. É essa pesquisadora que entrega esse estudo sobre o negacionismo vacinal e desinformação, com um pé no Jornalismo e um pé na Linguística. Uma sobrevivente da Covid-19, que se recuperou para investigar os fluxos informacionais do contexto da crise sanitária que abalou o mundo em 2020.

1.2 UM VÍRUS QUE FEZ O MUNDO TREMER

No dia 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu a informação de que havia vários registros de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram à OMS que haviam identificado um novo tipo de coronavírus, uma nova cepa que não havia sido identificada anteriormente em seres humanos⁴. Pouco tempo depois, no dia 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus representava uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), considerado o mais alto nível de alerta da organização, de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional⁵. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada como uma pandemia pela OMS, devido à distribuição geográfica da doença, com surtos em vários países e regiões do mundo⁶. No Brasil, o primeiro caso de Covid-19 foi confirmado no dia 26 de fevereiro de 2020, de um homem de 61 anos que deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, após ter chegado de uma viagem para Itália, região da Lombardia⁷. Já a primeira morte foi registrada em 12 de março de 2020, em São Paulo. A vítima foi uma mulher de 57 anos, que havia sido internada em um hospital no dia 11 de março⁸. Até o início de agosto de 2022, já haviam sido registradas mais de 680 mil mortes pela Covid-19 no Brasil⁹ e 6,3 milhões em todo o mundo¹⁰. Em março de 2023, o número de mortes por Covid-19 chegou a 700 mil pessoas no Brasil¹¹.

O enfrentamento ao novo coronavírus foi liderado, a princípio, por prefeitos e governadores brasileiros, que decretaram, em março de 2020, a suspensão parcial de atividades

⁴ Cf. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁵ Cf. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁶ Cf. <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁷ Cf. <https://www.unasus.gov.br/noticia/coronavirus-brasil-confirma-primeiro-caso-da-doenca>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁸ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/primeira-morte-por-covid-19-no-brasil-aconteceu-em-12-de-marco>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁹ Cf. <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/08/08/brasil-registra-188-novas-mortes-por-covid-media-movel-de-casos-conhecidos-e-a-menor-em-70-dias.ghtml>. Acesso em: 8 de agosto de 2022.

¹⁰ Cf. <https://noticias.r7.com/saude/casos-de-covid-19-sobem-pela-5-semana-consecutiva-no-mundo-14072022>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

¹¹ Cf. <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

produtivas como forma de reduzir a circulação de pessoas nas ruas e, conseqüentemente, mitigando os riscos da propagação do vírus na sociedade¹². Em meio a incertezas sobre como lidar com a crise sanitária, o ex-presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, fez declarações públicas para minimizar discursivamente o risco naquele momento (COSTA, 2022b). Em 20 de março de 2020, durante uma coletiva de imprensa em Brasília, Jair Bolsonaro declarou: “Depois da facada, não vai ser gripezinha que vai me derrubar não, tá ok?”¹³.

Nas primeiras semanas da crise sanitária, o ex-presidente Jair Bolsonaro buscava a retomada das atividades produtivas, propondo um “confinamento vertical”, em que apenas pessoas dos grupos de risco deveriam ficar isoladas, e as demais pessoas poderiam voltar ao trabalho presencial¹⁴. Bolsonaro também falava de “imunidade de rebanho”¹⁵, que supostamente poderia acontecer ao se deixar a maior parte da população fora do risco exposta ao vírus da Covid-19, mas a duas práticas (imunidade de rebanho e confinamento vertical) recebiam críticas e eram desaconselhadas por autoridades em saúde pública¹⁶. O Reino Unido, por exemplo, considerou adotar o confinamento vertical como forma de lidar com a crise sanitária, porém recuou na proposta após constatar indicativos de que o sistema de saúde da nação poderia entrar em colapso¹⁷.

Em um pronunciamento transmitido pela TV brasileira em 24 de março de 2020, Bolsonaro novamente se referiu ao novo coronavírus como “gripezinha”¹⁸. No pronunciamento, ele pediu a prefeitos e governadores que encerrassem o “confinamento em massa” das pessoas, por meio das medidas de isolamento social (*lockdown*)¹⁹. Bolsonaro também acusou a imprensa de “espalhar o pavor” entre as pessoas²⁰. Na ocasião, 25 dos 27 governadores brasileiros decidiram manter as restrições de circulação de pessoas e suspensão de atividades produtivas presenciais²¹. No dia 25 de março de 2020, em reunião com os quatro

¹² Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/governadoras-reagem-ao-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹³ Cf. <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/03/20/gripezinha-menosprezo-de-bolsonaro-por-coronavirus-o-tornou-cumlice.htm>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

¹⁴ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁵ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁶ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁷ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁸ Cf. <https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/bolsonaro-contraria-autoridades-de-saude-e-pede-fim-do-confinamento-em-massa/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

¹⁹ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/governadoras-reagem-ao-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁰ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/governadoras-reagem-ao-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²¹ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/25/governadoras-reagem-ao-pronunciamento-de-bolsonaro-sobre-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

governadores do Sudeste do Brasil, Bolsonaro discutiu com João Doria²², ex-governador de São Paulo, antigo aliado do ex-presidente. Na ocasião, Doria criticou o pronunciamento do dia anterior, e pediu a Bolsonaro que ele “desse o exemplo” na questão do enfrentamento à Covid-19, enquanto Bolsonaro acusou Doria de “apoderar-se do nome dele para se eleger”, para depois dar as costas e criticá-lo “covardemente”²³. Ainda no dia 25 de março de 2020, Doria usou suas redes sociais e uma entrevista coletiva para a imprensa para reafirmar suas críticas ao posicionamento do ex-presidente Bolsonaro, afirmando que o ex-presidente o “atacou descontroladamente em vez de discutir medidas para salvar vidas”, preferindo falar sobre política e eleições²⁴.

Ex-aliados nas eleições de 2018, quando João Doria se elegeu governador de São Paulo com o lema #BolsoDoria no segundo turno da eleição²⁵, Doria e Bolsonaro estavam com seu relacionamento estremecido desde 2019, quando o ex-presidente anunciou que a etapa da Fórmula 1 tinha “99% de chances” de ser transferida de São Paulo para o Rio de Janeiro, local em que Bolsonaro tinha outros aliados políticos, como o ex-governador Wilson Witzel e o ex-prefeito do Rio Marcelo Crivella²⁶. Bolsonaro e Doria eram nomes cotados para a corrida eleitoral de 2022, mas até então mantinham uma relação próxima e cordial²⁷. A crise sanitária da Covid-19 serviu para concretizar (ou evidenciar) uma ruptura entre os dois políticos do campo da direita ultraconservadora²⁸.

Em 2 de abril de 2020, Jair Bolsonaro disse em entrevista à rádio Jovem Pan que poderia forçar a reabertura de empresas e a retomada de atividades presenciais por meio de uma “canetada”, que seria a edição de uma medida provisória, que já estaria pronta pra sair²⁹. Em um outro pronunciamento no dia 8 de abril de 2020, também transmitido pela mídia, o ex-presidente Jair Bolsonaro disse que “as consequências do tratamento não podem ser mais danosas que a doença”, ao se referir ao isolamento social com fechamento de comércios,

²² Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/25/doria-e-bolsonaro-discutem-em-reuniao-de-governadores.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²³ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/25/doria-e-bolsonaro-discutem-em-reuniao-de-governadores.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁴ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/25/doria-e-bolsonaro-discutem-em-reuniao-de-governadores.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁵ Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/02/02/doria-se-diz-amargamente-arrependido-pelo-bolsodoria-nas-eleicoes-2018.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁶ Cf. <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/11/12/como-formula-1-desandou-relacao-entre-bolsonaro-e-doria.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁷ Cf. <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/11/12/como-formula-1-desandou-relacao-entre-bolsonaro-e-doria.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁸ Cf. <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/olhar-olimpico/2020/11/12/como-formula-1-desandou-relacao-entre-bolsonaro-e-doria.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁹ Cf. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2020/04/02/bolsonaro-diz-que-retorno-do-comercio-dependera-de-canetada.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

escolas e demais atividades econômicas presenciais para frear a pandemia, e que “o desemprego também leva à pobreza, à fome, à miséria, enfim, à própria morte”³⁰. Em 15 de abril de 2020, uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) assegurou a prefeitos e governadores autonomia para determinarem medidas para o enfrentamento ao novo coronavírus³¹, como restrições de circulação de pessoas e suspensão de atividades presenciais.

Consideramos que o ex-presidente buscou, desde o começo da crise, minimizar a questão, preocupado com a crise econômica causada pela pandemia (COSTA, 2022b). Em um primeiro momento, Bolsonaro não reconhecia a gravidade da pandemia do novo coronavírus, o que se manifestou discursivamente em suas falas durante o mês de março de 2020 (COSTA, 2022b). O posicionamento do então presidente da República não mudou ao longo de 2020. Mesmo com um aumento dos casos e das mortes em decorrência da Covid-19, Jair Bolsonaro seguiu dando várias declarações polêmicas em entrevistas, pronunciamentos oficiais, vídeos gravados por seus apoiadores e em transmissões ao vivo pelo Facebook, as tradicionais *lives* realizadas por ele às quintas-feiras à noite. O ex-presidente desaconselhava publicamente a vacinação contra a Covid-19³², incentivou a adoção de medicamentos contra o novo coronavírus sem eficácia comprovada, como a cloroquina³³, e imitou a fala de pacientes com insuficiência respiratória durante suas transmissões ao vivo nas redes sociais³⁴. Por esse posicionamento no manejo da crise, Bolsonaro passou a ser chamado de genocida nas redes sociais por seus críticos³⁵.

A uma apoiadora, o então presidente disse, no dia 31 de agosto de 2020: “ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”³⁶, o que é uma informação falsa. Uma lei de fevereiro de 2020, assinada pelo ex-presidente, prevê a possibilidade de realização compulsória da imunização³⁷. No dia 1º de setembro de 2020, a Secretaria de Comunicação do governo federal divulgou uma peça publicitária com a mesma mensagem, e ainda reforçando que: “o governo

³⁰ Cf. <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/compare-os-pronunciamentos-de-bolsonaro-na-crise-da-covid-19,bdbf4672e2a5e358277938eab84edc61noezwu05.html>. Acesso em: 18 de dezembro de 2020.

³¹ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/15/stf-tem-4-votos-a-favor-de-autonomia-de-governadores-durante-a-pandemia.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

³² Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/03/jair-bolsonaro-vacina-covid-19.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

³³ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

³⁴ Cf. <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/22/jn-apos-682-mil-mortes-bolsonaro-diz-que-acertou-na-pandemia.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

³⁵ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62520987>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

³⁶ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/governo-contradiz-lei-sancionada-por-jair-bolsonaro-que-obriga-vacinacao/>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

³⁷ Cf. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/lei-assinada-por-bolsonaro-em-fevereiro-preve-vacinacao-compulsoria-diferentemente-do-que-ele-afirmou/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

do Brasil preza pela liberdade dos brasileiros”³⁸. No dia 2 de setembro de 2020, a Secretaria de Comunicação fez uma nova postagem nas redes sociais: “Pesquisas revelam que cerca de 90% dos brasileiros tomarão vacina contra a Covid-19. Assim, o governo federal estabeleceu parcerias e investirá pesado pela vacina. Porém, o Brasil é uma democracia, o governo é liberal e seu presidente não é um tirano”³⁹. O ex-presidente disse, no dia 15 de dezembro de 2020: “não vou tomar a vacina e ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu e ponto final”⁴⁰.

No sentido oposto ao posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, estava João Doria. No dia 11 de junho de 2020, o ex-governador de São Paulo anunciou uma parceria do Instituto Butantan com o laboratório chinês Sinovac para a produção de uma vacina contra o coronavírus⁴¹. Na ocasião, Doria previa disponibilizar a vacina no primeiro semestre de 2021⁴². Ainda na fase de testes da vacina, em 27 de julho de 2020, Doria disse que a vacina poderia ser ofertada em janeiro de 2021, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), salvando a vida de milhares de brasileiros⁴³. Em 30 de setembro de 2020, Doria assinou um contrato para o recebimento de 46 milhões de doses da Coronovac⁴⁴. Em 20 de outubro de 2020, o ex-ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, disse, em reunião com governadores, que a União compraria 46 milhões de doses da Coronovac⁴⁵. Havia a expectativa de que o governo editasse uma Medida Provisória para disponibilizar R\$ 2,6 bilhões até janeiro⁴⁶. Porém, no dia 21 de outubro de 2020, o ex-presidente afirmou, em sua página no Facebook, que o Brasil não compraria “a vacina chinesa de Doria”⁴⁷. Na mesma data, em resposta a Bolsonaro, Doria pediu ao presidente Bolsonaro

³⁸ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/governo-contradiz-lei-sancionada-por-jair-bolsonaro-que-obriga-vacinacao/>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

³⁹ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/09/02/especialistas-criticam-fala-de-bolsonaro-sobre-nao-poder-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina.ghtml>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁴⁰ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/12/4895094-eu-nao-vou-tomar-a-vacina-e-ponto-final--problema-meu.html>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁴¹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴² Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴³ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴⁴ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴⁵ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴⁶ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴⁷ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

que ele tivesse “grandeza” em relação à Coronavac: “não é ideologia, não é política, não é processo eleitoral que salva, é a vacina”⁴⁸.

Com os testes acontecendo, mais uma polêmica surge: em 10 de novembro de 2020, os testes da Coronavac são suspensos por causa da morte de um voluntário – morte que não teve qualquer relação com o imunizante, pois o voluntário cometeu suicídio⁴⁹. O fato foi celebrado pelo ex-presidente, em suas redes sociais: “o presidente disse que a vacina jamais poderia ser obrigatória. Mais uma que Jair Bolsonaro ganha”⁵⁰. Na sequência, no dia 11 de novembro de 2020, os testes foram retomados⁵¹. Em 7 de dezembro de 2020, Doria anunciou que pretendia iniciar a vacinação com Coronavac no dia 25 de janeiro de 2021⁵², data do aniversário de São Paulo. O ex-ministro Pazuello disse, em 8 de dezembro de 2020, que se houvesse demanda e preço, o governo federal iria comprar a “vacina do Butantan”, em reunião com os governadores, ao ser questionado por Doria⁵³. O ex-governador de São Paulo pediu, em entrevista no dia 9 de dezembro de 2020, que a Anvisa aprovasse a Coronavac, esperando que a agência “cumprisse seu papel” sendo “uma agência reguladora autônoma, independente e científica”⁵⁴.

Apesar de relutar em pronunciamentos ao longo de 2020, o ex-presidente comprou a Coronavac em 7 de janeiro de 2021, para realizar a vacinação pelo SUS em todo o Brasil a partir de 20 de janeiro de 2021, ao saber que João Doria pretendia começar a vacinar em 25 de janeiro de 2021⁵⁵. No fim das contas, Doria começou a imunizar o povo antes de Bolsonaro: no dia 17 de janeiro de 2021, teve início a vacinação com a Coronavac no Estado de São Paulo, na mesma data em que saiu a autorização da Anvisa para uso emergencial da Coronavac e da Astrazeneca⁵⁶. A princípio, a imunização foi destinada ao público alvo: trabalhadores de saúde, pessoas institucionalizadas (que moram em asilos) com 60 anos de idade ou mais, pessoas

⁴⁸ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁴⁹ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/11/10/morte-que-suspendeu-teste-nao-tem-relacao-com-Coronavac-nem-com-covid-19.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵⁰ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵¹ Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-11-11/anvisa-autoriza-volta-de-testes-de-vacina-contr-a-covid-19-apos-guerra-de-versoes-com-butantan.html>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵² Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵³ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵⁴ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵⁵ Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-08/tres-meses-apos-vetar-Coronavac-de-doria-governo-bolsonaro-anuncia-compra-do-imunizante-e-acelera-corrída-da-vacinacao.html>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁵⁶ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/07/16/bolsonaro-desautorizou-compra-da-Coronavac-e-depois-recuou-relembre.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

institucionalizadas com deficiência e população indígena aldeada⁵⁷. Aos poucos, a imunização foi sendo estendida de acordo com a faixa etária e com as condições de saúde da população.

Com o início da vacinação contra Covid-19 no Brasil e no mundo, as atividades presenciais foram sendo retomadas, aos poucos. De acordo com dados do Ministério da Saúde, 302,5 milhões de doses de imunizante foram aplicadas de janeiro de 2021 a janeiro de 2022 no País, representando 89,3% da população brasileira elegível imunizada com a 1ª dose e 74,1% completamente vacinada⁵⁸. Além da Coronovac (Butantan e Sinovac), foram disponibilizadas as vacinas Astrazeneca (Oxford e Fiocruz), Janssen (Johnson & Johnson) e Pfizer (Pfizer e BioNTech) para imunização dos brasileiros no primeiro ano de campanha.

O primeiro ano de pandemia no Brasil foi marcado por trocas ministeriais importantes, inclusive na gestão do Ministério da Saúde em meio à crise sanitária. Ao todo, quatro ministros diferentes conduziram a pasta de março de 2020 a março de 2021: Luiz Henrique Mandetta, Nelson Teich, Eduardo Pazuello e Marcelo Queiroga⁵⁹. Com o marco de um ano da pandemia, foi instaurada no Senado Federal uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no dia 27 de abril de 2021, para investigar a existência de irregularidades e uma suposta omissão do governo do presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19⁶⁰. Chamada de CPI da Covid ou CPI da Pandemia, a comissão ouviu depoimentos de empresários, políticos e demais autoridades ao longo dos meses, até a elaboração do relatório final, aprovado em 26 de outubro de 2021⁶¹. Um dos principais pontos do relatório de 1.299 páginas sugeria o indiciamento do ex-presidente por nove crimes, de delitos comuns, previstos no Código Penal, a crimes de responsabilidade, conforme a Lei de Impeachment. O documento também citava crimes contra a humanidade, de acordo com o Estatuto de Roma, do Tribunal Penal Internacional (TPI), em Haia⁶². Além de Bolsonaro, mais 77 pessoas, entre elas três filhos do ex-presidente, ministros, ex-ministros, deputados federais, médicos e empresários estavam na lista⁶³. Em 26 de julho de 2022, o então procurador-geral da República Augusto Aras pediu o arquivamento de sete das

⁵⁷ Cf. <https://www.unasus.gov.br/noticia/vacinacao-contr-a-covid-19-ja-teve-inicio-em-quase-todo-o-pais>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵⁸ Cf. <https://portal.fiocruz.br/noticia/vacinacao-contr-a-covid-19-no-brasil-completa-um-ano>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁵⁹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/03/15/mandetta-teich-e-pazuello-veja-como-ministros-de-bolsonaro-enfrentaram-o-1o-ano-da-pandemia-de-covid.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶⁰ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57335880>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶¹ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-10/cpi-da-pandemia-aprova-relatorio-final-e-pede-80-indiciamentos>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶² Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-10/cpi-da-pandemia-aprova-relatorio-final-e-pede-80-indiciamentos>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶³ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-10/cpi-da-pandemia-aprova-relatorio-final-e-pede-80-indiciamentos>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

dez apurações instauradas no Supremo Tribunal Federal (STF) contra Bolsonaro e seus aliados⁶⁴. Em 28 de fevereiro de 2023, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, arquivou duas denúncias, provenientes do relatório da CPI da Covid, contra o ex-presidente⁶⁵. Uma outra ação judicial, proposta pelo partido Rede, que questionava a conduta do ex-presidente em relação à vacina Coronavac, foi arquivada em 31 de agosto de 2023 pelo ministro Cristiano Zanin, do Supremo Tribunal Federal (STF).⁶⁶ A ação judicial apontou, de forma específica, o fato de Bolsonaro ter desautorizado o Ministério da Saúde a comprar a Coronavac, em outubro de 2020, quando os imunizantes começaram a ser vendidos aos governos dos países⁶⁷. Na ocasião do arquivamento, o ministro Zanin justificou a decisão alegando que a crise sanitária já está controlada e as vacinas foram aplicadas e continuavam disponíveis para o povo⁶⁸.

Durante os trabalhos da CPI da Covid (ou da Pandemia), epidemiologistas e especialistas em saúde pública prestaram depoimento ao Senado, estimando que 400 mil mortes por Covid-19 poderiam ter sido evitadas caso o governo federal tivesse adotado uma postura rígida de enfrentamento ao novo coronavírus⁶⁹. A vacinação contra a Covid-19 começou em 8 dezembro de 2020, no Reino Unido⁷⁰, com a aplicação da vacina da Pfizer/BioNTech, porém países como Canadá, Estados Unidos, México e Argentina também começaram a imunizar seus habitantes em dezembro de 2020⁷¹. A vacinação começou no Brasil mais de um mês depois do Reino Unido, em 17 de janeiro de 2021, com a aplicação da Coronavac⁷². A CPI evidenciou que havia relutância, por parte do governo federal, em fechar acordos financeiros para adquirir imunizantes. Foi relatado na comissão, por meio do depoimento do presidente regional da Pfizer na América Latina, Carlos Murillo, que a multinacional procurou o governo brasileiro mais de uma vez, em 2020, para oferecer vacinas, mas não houve interesse por parte dos

⁶⁴ Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/26/pgr-esvazia-ofensiva-da-cpi-da-covid-e-mantem-so-2-aco-es-contra-bolsonaro.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶⁵ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/03/5077248-stf-arquiva-duas-denuncias-da-cpi-da-covid-contra-bolsonaro.html>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶⁶ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/31/zanin-arquiva-acao-que-questionava-atitude-de-bolsonaro-ao-desautorizar-compra-da-Coronavac.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶⁷ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contra-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶⁸ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/31/zanin-arquiva-acao-que-questionava-atitude-de-bolsonaro-ao-desautorizar-compra-da-Coronavac.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁶⁹ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/06/4933619-400-mil-mortes-que-poderiam-ser-evitadas.html>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

⁷⁰ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷¹ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contra-a-covid-19/>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷² Cf. <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/01/17/enfermeira-de-54-anos-e-a-primeira-pessoa-a-receber-vacina-contra-covid-no-brasil.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

brasileiros em fechar uma compra de imunizantes⁷³. Ao todo, três ofertas foram recusadas. As vacinas da Pfizer/BioNTech poderiam ter sido entregues em dezembro de 2020, de acordo com Murillo, o que teria permitido começar a vacinação de brasileiros na mesma época em que os demais países do mundo começaram⁷⁴. No caso específico da Pfizer, a aprovação definitiva do imunizante por parte da Anvisa aconteceu em fevereiro de 2021, mas o contrato de compra de com a empresa só foi fechado em março de 2021, com a primeira remessa de doses da vacina chegando ao Brasil no final de abril de 2021⁷⁵. O contrato de intenção de compra de imunizantes da Pfizer foi assinado em 10 de dezembro de 2020⁷⁶. Dias após, durante evento no sul da Bahia em 17 de dezembro de 2020, Bolsonaro falou especificamente sobre as vacinas da Pfizer, e disse que a empresa multinacional “impôs como condição na venda” a cláusula de que não se responsabilizaria por eventuais efeitos colaterais após aplicação da vacina⁷⁷. “Se eu virar um jacaré, se você virar super-homem, se nascer barba em alguma mulher, ou algum homem começar a falar fino... e o que é pior: mexer no sistema imunológico das pessoas”, declarou o ex-presidente a respeito da vacina da Pfizer, colocando dúvidas sobre o imunizante, e reforçando a informação de que não iria se vacinar contra a Covid-19⁷⁸.

Outra informação veiculada em meio aos trabalhos da CPI da Covid foi a de que 95 mil vidas poderiam ter sido poupadas se o governo Bolsonaro não tivesse ignorado ofertas de aquisição de vacinas, segundo estimativas de especialistas em saúde coletiva ouvidos no Senado⁷⁹. Isso porque, além da oferta da Pfizer, o Ministério da Saúde teria rejeitado três acordos de compra da Coronavac ao longo de 2020, de acordo com o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas⁸⁰.

⁷³ Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/13/representante-da-pfizer-confirma-governo-nao-respondeu-ofertas-feitas-em-agosto-de-2020#:~:text=Presidente%20regional%20da%20Pfizer%20na%20Am%C3%A9rica%20Latina%2C%20Carlos%20Murillo%20afirmou,maio%20e%20junho%20de%202020>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷⁴ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57104347>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷⁵ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57104347>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷⁶ Cf. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-ja-tive-o-virus.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷⁷ Cf. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-ja-tive-o-virus.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷⁸ Cf. <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-ja-tive-o-virus.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁷⁹ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57286762>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁸⁰ Cf. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/05/27/brasil-poderia-ter-sido-primeiro-do-mundo-a-vacinar-afirma-dimas-covas-a-cpi>. Acesso em 25 de junho de 2024.

As bravatas discursivas contra a Coronavac, de Jair Bolsonaro e de outros atores da direita ultraconservadora como o escritor Olavo de Carvalho⁸¹, geraram um clima de desconfiança em torno do imunizante do Instituto Butantan (desenvolvido em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac) que atrapalhou o esquema vacinal de municípios, com pessoas tentando escolher sua própria vacina para não serem imunizadas com Coronavac⁸². Isso porque, em 2021, quando a fase de vacinação passou a ser ampliada para os públicos de acordo com a faixa etária (após as fases de vacinação de idosos e de profissionais da saúde), havia quatro tipos de imunizantes disponíveis no Sistema Único de Saúde (SUS): Coronavac, Astrazeneca, Janssen e Pfizer. A Coronavac, a Astrazeneca e a Pfizer eram vacinas que necessitavam de duas doses para a imunização completa, e a Janssen oferecia imunização de uma só vez, pois a vacina era formulada como uma dose dupla⁸³.

As pessoas passaram a se recusar a serem vacinadas com Coronavac. De acordo com pesquisa da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), realizada em julho de 2021⁸⁴, das 2.109 cidades brasileiras em que foi relatada uma escolha pelo tipo de vacina, 50,6% delas identificaram a recusa pela imunização pela Coronavac (1.067 cidades). A fins de comparação, a rejeição da Astrazeneca foi de 39,3% (relatada em 829 cidades) e a rejeição da Janssen, 3,1% (relatada em 66 cidades). É importante lembrar que as quatro vacinas contra Covid-19, que foram oferecidas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ao longo dos últimos anos, são seguras e eficazes, com efeitos adversos leves, como atestam as autoridades em saúde brasileiras, por meio do Ministério da Saúde⁸⁵.

1.3 DESCONFIANÇA GENERALIZADA NAS REDES SOCIAIS

A pandemia de Covid-19 tomou de assalto os sistemas de saúde de todo o mundo. Em vários esforços para combater o avanço da doença, a fim de proteger as pessoas, muitos laboratórios correram contra o tempo desenvolvendo vacinas específicas para SARS-CoV-2, o novo coronavírus responsável pela Covid-19. Em meio às notícias de que as pesquisas de novos imunizantes estavam obtendo êxito, várias informações falsas passaram a circular por meio dos

⁸¹ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60124170>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁸² Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-07/cresce-recusa-de-vacina-contra-covid-19-relato-e-de-2.097-cidades> Acesso em 25 de junho de 2024.

⁸³ Cf. <https://portal.fiocruz.br/noticia/covid-19-vacinas-aplicadas-no-brasil-conferem-protexao-adicional-quem-teve-doenca>. Acesso em 25 de junho de 2024.

⁸⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-07/cresce-recusa-de-vacina-contra-covid-19-relato-e-de-2.097-cidades> Acesso em 25 de junho de 2024.

⁸⁵ Cf. <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contra-fake/noticias/2023/12/vacinas-contra-a-covid-19-sao-seguras-eficazes-e-protexem-criancas>. Acesso em 25 de junho de 2024.

dispositivos conectados, por meio de redes sociais como Instagram, Facebook e WhatsApp, como apontou um levantamento realizado por pesquisadores da Fiocruz⁸⁶. Liderado pelas pesquisadoras da Escola Nacional de Saúde Pública, Claudia Galhardi e Maria Cecília de Souza Minayo, o estudo analisou denúncias e notícias falsas recebidas pelo aplicativo Eu Fiscalizo entre 17 de março e 10 de abril de 2020. Os dados mostraram que 10,5% das notícias falsas foram postadas no Instagram, 15,8% no Facebook e 73,7% veiculadas pelo WhatsApp. Os resultados do estudo mostraram que 26,6% das notícias falsas postadas no Facebook atribuem a Fiocruz como orientadora no que diz respeito à proteção contra o novo coronavírus. Já entre as notícias falsas que circularam no WhatsApp, 71,4% delas citam a Fiocruz como fonte de textos sobre a Covid-19.

Muitas das informações falsas traziam também uma desconfiança generalizada em relação à crise sanitária que o Brasil e o mundo atravessavam. E, à medida em que eram anunciadas as primeiras pesquisas de desenvolvimento de imunizantes, o negacionismo vacinal ganhava espaço nas redes sociais digitais, em mensagens falsas que versavam sobre possíveis reações adversas à vacinação, como mudanças no DNA humano ou mesmo o desenvolvimento de outras doenças, como fibromialgia e Alzheimer⁸⁷.

A desinformação sobre os imunizantes impactou na vacinação de adultos, jovens e crianças, como aponta um estudo realizado pela Associação Médica Brasileira (AMB) com 3.500 profissionais de saúde, em janeiro de 2022. Na pesquisa, 85% dos entrevistados disseram que as notícias falsas interferem na adesão à vacinação no Brasil⁸⁸. Ainda no estudo, 57% dos profissionais disseram que as notícias falsas impactam na minimização ou negação da pandemia; 55% apontam que a desinformação dificulta a aceitação das decisões dos médicos e influenciam o descrédito na ciência. Outro efeito das mensagens falsas e do negacionismo direcionado à vacinação foi a circulação de tratamentos preventivos contra a Covid-19, sem eficácia científica comprovada, gerando resistência e/ou hesitação na imunização de adultos, jovens e, sobretudo, crianças. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), houve uma redução mundial dos índices da cobertura vacinal infantil com a pandemia, inclusive de doenças historicamente controladas, como poliomielite (causadora da paralisia infantil)⁸⁹.

⁸⁶ Cf. <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-revela-dados-sobre-fake-news-relacionadas-covid-19>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁸⁷ Cf. <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/51261>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁸⁸ Cf. <https://g1.globo.com/saude/noticia/2022/02/03/85percent-dos-medicos-ouvidos-em-pesquisa-dizem-que-fake-news-interferem-na-adesao-a-vacinacao-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

⁸⁹ Cf. <https://extra.globo.com/noticias/saude-e-ciencia/pandemia-de-covid-derrubou-taxas-de-vacinacao-contra-outras-doencas-no-mundo-inteiro-25552574.html>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

Em ensaio publicado recentemente sobre a pandemia da Covid-19, o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2021) considerou que o novo coronavírus gerou três principais metáforas no Ocidente: o vírus como inimigo, o vírus como mensageiro e o vírus como pedagogo. Para o autor, a metáfora do vírus como inimigo foi a preferida pelos governos, promovendo a ideia de uma guerra contra o vírus para unir a população e mobilizar o Estado. No entanto, essa metáfora tem suas limitações, pois centraliza a resposta no Estado e sugere uma volta à normalidade após a vitória, o que pode ser improvável (SANTOS, 2021). Na metáfora do vírus como mensageiro, Santos (2021) sugere que o vírus traz uma mensagem simbólica ou performativa, muitas vezes interpretada como uma ameaça de morte. A metáfora preferida de Santos (2021), no entanto, é a do vírus como pedagogo, que difere das metáforas anteriores (guerra e mensageiro) ao sugerir que o vírus pode ensinar à humanidade. Ela propõe uma abordagem que envolve compreender as razões por trás da ação viral para organizar respostas sociais que minimizem futuras emergências. Enquanto muitos chefes de estado, em todo o mundo, associavam metaforicamente a Covid-19 a um inimigo a ser enfrentado (SANTOS, 2021), o ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro associava metaforicamente o novo coronavírus a uma “gripezinha”, algo sem grande importância.

O avanço da Covid-19 em todo o mundo representou, para muitos, enfrentar o desconhecido: uma doença nova, cuja transmissão, sintomas e riscos causavam muitas dúvidas, gerando pânico generalizado pela ausência de informações sobre a própria condição de saúde, tratamentos e chances de cura e possibilidades de prevenção. Para além da própria probabilidade de morrer rapidamente, de um dia para outro, a Covid-19 representou uma série de medos: medo de perder o emprego/fonte de sustento, medo de não ter como se sustentar/pagar as contas, medo de ficar longe das pessoas, medo da morte de amigos e familiares, medo do futuro e do presente, entre outros temores.

Para Safatle (2018), o medo é caracterizado como um afeto político central que desempenha várias funções na sociedade. Ele é descrito como um elemento fundamental na gestão social e na concordância dos indivíduos com as normas estabelecidas. O medo não apenas promove o respeito às leis ao evitar transgressões, mas também serve como motor de coesão social, transformando preocupações como a morte violenta, a perda de bens e a invasão da privacidade em elementos que sustentam a integridade individual e as relações sociais (SAFATLE, 2018). Além disso, o autor sugere que o medo está intimamente ligado ao modelo de sociedades democráticas liberais, onde a segurança emergencial e a gestão do risco são essenciais para a manutenção da liberdade individual.

Durante a crise sanitária da Covid-19 no Brasil, o medo e a incerteza estavam sempre presentes, inclusive na *timeline*⁹⁰ das plataformas conectadas. Em estudo anterior, em Malini *et al.* (2020), identificamos que, ao analisar publicações realizadas nas redes sociais, a linguagem empregada durante o período pandêmico para comunicar sobre a propagação do vírus e medidas preventivas tendia a evocar sentimentos de medo e urgência entre os ouvintes. Essa dinâmica, por sua vez, pode intensificar os fenômenos de desinformação (MALINI *et al.*, 2020).

Para Bastos (2022), durante a pandemia, uma das maneiras pelas quais os seres humanos expressaram seus afetos, incluindo o medo, foi através das narrativas disseminadas nas plataformas conectadas. A autora considera que, em meio à crise sanitária, houve uma intensificação da plataformização da vida. Bastos, Ziller e Malini (2024) consideram que, durante a pandemia, houve uma disseminação generalizada de desinformação e conflitos de narrativas. A Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou para um cenário de infodemia, caracterizado pelo excesso de informações, algumas precisas e outras não, dificultando a identificação de fontes confiáveis (PAHO, 2020, *apud* BASTOS, ZILLER e MALINI, 2024).

Durante a crise sanitária, uma variedade de informações e perspectivas sobre a doença circularam nas redes sociais, vindas de empresas jornalísticas, cidadãos comuns, entidades e políticos, todos engajados em disputas narrativas sobre as melhores estratégias de prevenção e combate ao novo coronavírus (BASTOS, ZILLER e MALINI, 2024). A quantidade de informações sobre a pandemia cresceu rapidamente nas plataformas conectadas, incluindo boatos, desinformação e manipulação de informações com agendas duvidosas. As plataformas de mídias sociais democratizaram a criação de conteúdo, entretanto contribuíram para a disseminação de desinformação (BASTOS, ZILLER e MALINI, 2024).

Um estudo da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, publicado em junho de 2024, corrobora essa percepção a respeito das informações falsas que circulam nos ambientes digitais, sobretudo no Brasil. De acordo com a The Truth Quest Survey (OECD, 2024), que avalia a capacidade das pessoas em identificar conteúdos falsos e/ou enganosos on-line em 21 países, os 40.765 entrevistados acertaram a veracidade do conteúdo em 60% das vezes, sendo que foi mais difícil para as pessoas identificarem afirmações verdadeiras (56%) do que falsas (61%). Conteúdos falsos gerados por inteligência artificial (IA) são mais fáceis de identificar do que os gerados por humanos: Em média, afirmações geradas por IA foram corretamente reconhecidas como verdadeiras ou falsas em 68% das

⁹⁰ Do inglês, linha do tempo (tradução nossa).

vezes. Dos países avaliados, o pior desempenho é o do Brasil, com 54% de acertos na análise do conteúdo (o primeiro colocado foi a Finlândia, com 66%). Segundo o estudo (OECD, 2024), países latino-americanos como Brasil e Colômbia, precisam melhorar a sua alfabetização em *social media*. Um dado importante obtido no estudo é que na América Latina mais de 85% das pessoas (de forma mais frequente ou eventual) recebem notícias por meio das redes sociais, em contraste com menos de 60% na Alemanha, Japão e Reino Unido. A análise dos dados permitiu concluir que, nos países que menos consomem notícias por meio das redes sociais, a pontuação da percepção dos conteúdos falsos foi melhor, indicando maior capacidade em analisar a veracidade das informações.

1.4 COTIDIANO MIDIATIZADO E SOCIABILIDADE MEDIADA

Entendemos que os aplicativos de redes sociais representam na contemporaneidade um significativo território de trocas e interações conversacionais, determinando novas produções de subjetividade e sociabilidades, nas quais os indivíduos realizam processos de participação sobre temas relacionados às suas vivências individuais e coletivas, ao mesmo tempo em que estão circunscritos a uma regulação algorítmica de suas próprias vidas. Ainda mais com o início da pandemia da Covid-19 em 2020, houve uma aceleração da digitalização da vida, quando as pessoas reduziram o contato presencial com outros indivíduos, aumentando a sua presença digital. O acesso à internet, e conseqüentemente, às plataformas conectadas, se tornou fundamental em um momento que as pessoas passaram a se isolar fisicamente, para evitar a transmissão da Covid-19.

Consideramos que os processos comunicacionais são basilares para a vivência humana, para a constituição da experiência contemporânea e para o estabelecimento das interações entre os indivíduos em todos os níveis. Por meio da comunicação, as pessoas constroem relacionamentos, conectam práticas, compartilham conhecimentos, desenvolvem suas habilidades sociais, constituem seus repertórios afetivos, estabelecem contatos profissionais. Atualmente a sociedade experimenta o cenário cotidiano midiático, com a ampliação do potencial comunicativo dos indivíduos, em que as mídias digitais surgem como um verdadeiro tecido conjuntivo da sociedade (SHIRKY, 2011), garantindo conexão permanente. A sociabilidade contemporânea depende das trocas informacionais entre os indivíduos, e a mediação das plataformas digitais conectadas à internet ganhou um papel fundamental neste processo.

Em nosso estudo, partimos do pressuposto de que as redes sociais conectadas são espaços vivos que conectam dimensões da vida das pessoas (CASTELLS, 2013), ao mesmo em que representam um espaço de mercantilização de afetos e de mediação algorítmica entre os indivíduos. As plataformas representam na contemporaneidade uma tendência importante para a sociedade, pois transformam a cultura ao induzir ao compartilhamento. Nesta perspectiva, a comunicação não depende apenas da infraestrutura tecnológica para que ela seja estabelecida, mas também do contexto sociocultural de enunciadores e enunciatários, dos acordos tácitos estabelecidos durante o processo comunicacional (CASTELLS, 2015).

Consideramos que a comunicação não está somente vinculada a um determinismo tecnológico, mas sim a uma mediação coletiva, sobretudo entre aqueles que usam os meios digitais como fonte importante de sua experiência social, na qual se constituem como sujeitos. O cenário cotidiano midiático, em que as estruturas sociais e os dispositivos conectados convergem em um arranjo de plataformação⁹¹, configura-se atualmente como um grande laboratório, um “terreno propício para experimentar e desenvolver novas subjetividades e outras formas de se relacionar com os demais” (SIBILIA, 2016, p. 52-53).

Os *smartphones* são dispositivos móveis conectados à internet que integram texto, imagem e vídeo, permitindo visibilidade e conexão ininterruptas. Segundo Sibilía (2016), esses aparelhos satisfazem as necessidades e aspirações das subjetividades contemporâneas, influenciando uma sociabilidade particular pois a conexão permanente é essencial para os modos atuais de interação e relacionamento, ajustando-se aos ritmos e exigências da vida contemporânea (SIBILIA, 2016).

São nos mais diversos canais da internet que surgem novas formas de ser e estar no mundo. A experiência de cada um é “fortemente influenciada pela interação com os outros e com o mundo” (SIBILIA, 2016, p. 27). Com base nisso, pode-se supor que, quando há mudanças nas perspectivas históricas e nas maneiras de se relacionar com o outro, o campo da experiência subjetiva também passa por uma alteração, adaptando-se ou reagindo em um processo extremamente complexo e intrincado. A autora considera que o ciberespaço atualmente tem sido cenário de um novo espetáculo, o show do eu (SIBILIA, 2016), em que muitos se exibem para uma plateia ávida por consumir conteúdos que seriam anteriormente de caráter puramente privado. Segundo a autora, o fenômeno contemporâneo de exposição da

⁹¹ Trabalhamos com o conceito de plataformação da sociedade a partir da contribuição de Van Dijck, Poell e De Waal (2018), que entendem que atualmente experienciamos um arranjo social em que o tráfego social e econômico acontece cada vez mais por meio de um ecossistema de plataforma on-line global (predominantemente corporativo) que é conduzido por algoritmos e alimentado por dados.

intimidade nas redes sociais parece refletir uma mudança nos fundamentos tradicionais sobre os quais as subjetividades modernas eram construídas (SIBILIA, 2016, p. 153).

A autora define subjetividade como os modos de existir e se relacionar com o mundo, cujos contornos são flexíveis e variam conforme diferentes tradições culturais (SIBILIA, 2016). Para ela, a subjetividade não é algo vagamente imaterial que reside apenas dentro de cada indivíduo (SIBILIA, 2016). Pelo contrário, a experiência de cada pessoa é fortemente moldada pela interação com os outros e com o ambiente ao seu redor. Consequentemente, mudanças nas perspectivas históricas e nas formas de interação interpessoal podem modificar profundamente o campo da experiência subjetiva, em um processo complexo, diversificado e contínuo (SIBILIA, 2016).

1.5 EMERGÊNCIA DA NOVA DIREITA E CIBERPOPULISMO

Neste cenário hiperconectado, em que muitos estão produzindo e consumindo conteúdo nas redes sociais, emergem projetos políticos apoiados por práticas discursivas, amparados nas trocas informacionais realizadas pelos sujeitos. Grupos neoconservadores de direita, por exemplo, passaram a disputar a produção de sentidos nos ambientes digitais, construindo postagens atravessadas por um discurso que se transformou em hegemônico nos últimos anos, de direita e extrema-direita⁹². A predominância de um discurso hegemônico ultraconservador na sociedade brasileira certamente não é algo novo. No entanto, os fluxos comunicacionais contemporâneos, decorrentes de uma sociabilidade baseada em trocas informacionais nas redes sociais conectadas à internet, deram origem a um novo fenômeno político, que consagrou o discurso de uma nova direita, renovada, que chegou ao poder com a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas urnas em 2018.

O grupo que chega ao poder em 2018 é uma nova direita, com uma renovação considerável ao longo dos últimos anos, de seus integrantes e de seus discursos. Casimiro (2018) identifica como “nova direita” o significativo avanço do pensamento e da ação política de orientação conservadora no Brasil. Para o autor, essa corrente se caracteriza por um discurso de ódio direcionado a minorias, movimentos sociais e sindicatos, pela perseguição a professores e à liberdade de cátedra, pelo ataque a concepções progressistas, pela oposição ao bem público e pela exaltação acentuada do mercado.

⁹² Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2023/04/5088700-livro-explica-como-o-engajamento-do-odio-e-valioso-para-as-redes-sociais.html>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

Segundo Casimiro (2018), o surgimento dessa nova direita não pode ser atribuído apenas aos eventos de 2015, com as manifestações nas ruas e na internet que culminaram com o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff em 2016. Ele argumenta que esse fenômeno representa um processo mais amplo de reorganização das classes dominantes, cujas raízes retrocedem aos anos 1980. Casimiro (2018) pontua que, a partir dos anos 1990, observa-se uma transição gradual de uma postura mais contida e técnica dos grupos de direita, para um discurso cada vez mais agressivo, com uma forte ênfase em pautas moralistas.

Entre suas diversas manifestações, destaca-se um novo *modus operandi* de ação política e ideológica, caracterizado pela militância agressiva e muitas vezes truculenta de segmentos não partidários da direita liberal conservadora. Para Casimiro (2018), a nova direita brasileira não se caracteriza por uma homogeneidade ideológica, abrangendo diferentes orientações que vão desde o monetarismo da Escola de Chicago até o neoliberalismo austríaco e vertentes mais fundamentalistas como o libertarianismo⁹³.

A nova direita organizou suas ideias a partir de três eixos (MIGUEL, 2018): libertarianismo, que traz o conceito de mercado como sendo um regulador das relações sociais; o fundamentalismo religioso, que anula o debate com argumentos de verdade absoluta com base na palavra cristã; e a atualização do perigo vermelho, um anticomunismo repaginado. Sendo assim, a desdemocratização seria um ponto central da virada hegemônica neoconservadora. A emergência da extrema-direita seria um reflexo da ruptura entre governantes e governados (CASTELLS, 2018), com uma consequente desconfiança nas instituições que deslegitima a representação política.

Entretanto, há uma atualização dessa nova direita na contemporaneidade, na perspectiva de Gerbaudo (2023), que denomina de “grande recuo” o cenário que o mundo ocidental está vivendo no cenário pós-pandemia, que é o resultado de uma série de eventos traumáticos, começando com a recessão de 2008 e culminando na crise da Covid-19, junto com a iminente crise ecológica das mudanças climáticas.

Para Gerbaudo (2023), esse período abalou todas as certezas, mergulhando o capitalismo ocidental em caos político e deixando as sociedades consumidas por nervosismo e medo. Para o autor, aquilo que era considerado certo uma geração atrás agora está sendo questionado, causando desorientação e perplexidade em sociedades organizadas ao redor do

⁹³ De acordo com Ré (2015), o libertarianismo é uma corrente que tem sido difundida entre a nova direita, a partir das ideias de Robert Nozick (1991 *apud* RÉ, 2015), em que o Estado deveria ser mínimo, para proteção de seus indivíduos e para a manutenção de contratos. Qualquer outra intervenção do Estado seria violação de direitos individuais (RÉ, 2015).

mundo. Um exemplo é a questão da imunização dos indivíduos, historicamente responsável pela eliminação e/ou controle de doenças propagáveis, como febre amarela, sarampo e rubéola. Até décadas atrás, era impensável questionar a vacinação, um pacto social de saúde coletiva que salvou a vida de milhões de pessoas em todo o mundo ao longo das décadas. Porém, agora temos observado vários setores da sociedade colocarem em descrédito anos e anos de investimentos em pesquisas científicas.

O “grande recuo”, segundo Gerbaudo (2023), é quando as sociedades se voltam para dentro e para si mesmas: a globalização recua, a economia encolhe e se apoia precariamente em injeções de capital dos bancos centrais, as pessoas são forçadas a ficar em casa devido ao isolamento social e a reduzir seus contatos. O autor considera que é um momento em que a sociedade reflete sobre si mesma, confrontando o pessimismo global e ansiando por interioridade e autonomia, enquanto coletivamente enfrenta questões fundamentais sobre as condições básicas de existência e reprodução social.

Como consequência do “grande recuo”, temos o surgimento no ocidente de um novo modelo (GERBAUDO, 2023): o neoestatismo, que defende uma intervenção estatal mais forte na economia para proteger a sociedade, em meio ao conflito entre neoliberalismo e populismo. Para o autor, a urgência da Covid-19 transformou a necessidade de um governo forte, derrubando a desconfiança liberal em relação ao estado interventor. Com a pandemia, o neoestatismo se tornou a nova diretriz política, uma metaideologia que abraça praticamente todos os atores políticos, mas também um campo de batalha onde visões radicalmente diferentes sobre o futuro político estão em conflito (GERBAUDO, 2023).

Bruzzone (2021) argumenta que as novas tecnologias de comunicação transformaram profundamente a interação política, introduzindo o fenômeno do ciberpopulismo. Este tipo de populismo utiliza um esquema narrativo que visa conquistar e manter o poder. Sua estrutura básica é simples, e consiste em identificar um inimigo que precisa ser derrotado, um povo que precisa ser salvo e um líder capaz de realizar essa missão. A identidade do inimigo pode variar conforme a conveniência, argumenta Bruzzone (2021), sendo uma enunciação antiga que serve tanto a governos de direita quanto de esquerda, não constituindo uma ideologia específica, na opinião do autor. Em sua essência, o ciberpopulismo deriva de uma posição baseada na polarização e na visão binária do mundo onde existem apenas amigos e inimigos. O líder populista tem um direcionamento enunciativo claro: nós estamos certos, eles estão errados, sustentando assim sua prática política (BRUZZONE, 2021).

O ciberpopulismo ganha força em um contexto em que a comunicação digital em rede e a ciência de dados permitem um direcionamento altamente personalizado das mensagens

persuasivas, potencializando o impacto da enunciação populista de maneiras antes inimagináveis (BRUZZONE, 2021). Adaptando mensagens para se alinhar com as preferências individuais, cria-se mundos paralelos onde a informação é moldada para servir ao discurso do líder, fortalecendo teorias conspiratórias que demonizam o inimigo e destacam os valores do líder (BRUZZONE, 2021). O autor explica que, nessa construção argumentativa, qualquer coisa que contradiga essa pauta é desacreditada: ciência, mídia tradicional, e figuras culturais são desacreditadas. O ciberpopulismo não apenas exige, mas também alimenta a divisão e a polarização, sendo incapaz de funcionar sem um inimigo para que o líder possa se apresentar como salvador do povo (BRUZZONE, 2021).

Outra característica importante do ciberpopulismo, chamado de populismo digital por Cesarino (2020), é a tentativa de impedir que sua audiência tenha acesso a participação em um debate público mais amplo, “bem como a estruturas tradicionais de produção de conhecimento autorizado” (CESARINO, 2020, p. 107), por meio de ataques constantes para deslegitimar a imprensa formal e especialistas. Sendo assim, os veículos de comunicação mais tradicionais tornam-se inimigos a serem evitados a todo custo. Para Cesarino (2020), o *modus operandi* do populismo digital, sobretudo no Brasil, é por meio da eliminação de intermediários entre o líder populista e o público, construindo uma ilusão de que instituições e especialistas são desnecessários. “As mídias sociais se tornaram o domínio da verdade e da liberdade de expressão, enquanto a esfera pública passou a ser condenada como o lócus de *fakes* e manipulações” (CESARINO, 2020, p. 107). Para a autora, essa dinâmica torna ainda mais desafiador para o público distinguir entre mídia centralizada e oficial e mídia informal e descentralizada, ou mesmo discernir verdades de rumores e fatos de conspirações.

Em nossa pesquisa, partimos da premissa que o ex-presidente Jair Messias Bolsonaro adotou, nos últimos anos, um tom populista com seus eleitores. Por muitas vezes, apresentou-se como uma pessoa simples, bem-humorada e caricata, cristão, um homem de família e a favor da moral e dos bons costumes, contrário ao sistema de corrupção investigado pela Operação Lava Jato⁹⁴. Apesar de ter sido deputado federal pelo Rio de Janeiro por 28 anos⁹⁵, Bolsonaro apresentava-se como uma opção política antissistema e nova, com um discurso justiceiro, por muitas vezes, violento e implacável contra criminosos. Em meio a avanços sociais históricos e reconhecimentos de direitos de minorias (de grupos como LGBTQIA+, mulheres, pretos e

⁹⁴ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/geral/audio/2024-03/lava-jato-maior-operacao-da-pf-completa-10-anos>. Acesso em: 14 de junho de 2024.

⁹⁵ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/12/02/lira-concede-aposentadoria-a-bolsonaro-pelos-28-anos-em-que-o-presidente-foi-deputado-federal.ghtml>. Acesso em: 14 de junho de 2024.

indígenas), consideramos que Bolsonaro representava os interesses de uma elite branca e retrógrada, que não se identificava com muitas bandeiras ideológicas e econômicas dos governos anteriores de Lula (2003-2011) e Dilma Rousseff (2011-2016).

O ex-presidente lançou-se como líder populista, e acabou eleito em 2018 aproveitando a onda de polarização política que surgiu no Brasil desde os protestos contra a vitória nas urnas de Dilma Rousseff em 2014. Para Cesarino (2020), a comunicação de Bolsonaro durante a campanha eleitoral de 2018 operou por meio da “dialética da produção e redução” (JEAN E JOHN COMAROFF, 2004 *apud* CESARINO, 2020), criando bolhas digitais que, por um lado, geravam desordem informacional, enquanto, por outro lado, ofereciam um discurso populista que prometia trazer ordem à desordem (CESARINO, 2020).

Ao longo de seu governo (2019-2023), consideramos que Jair Bolsonaro usou todos os elementos do repertório populista listados por Bruzzone (2021). Por muitas vezes, acionou dispositivos de medo e de desconfiança em sua audiência, elencando inimigos para direcionar suas enunciações mais virulentas: a imprensa profissional, políticos de esquerda, desafetos pessoais (como o ex-governador de São Paulo Joao Doria). Ao explorar a dinâmica binária de perseguição a inimigos (“nós contra eles”), Jair Bolsonaro conquistou engajamento nas redes sociais digitais de uma parcela ampla de brasileiros, mais conservadora e retrógrada, que compartilhava as mesmas ideologias do ex-presidente.

Esse entendimento será fundamental para entender a desinformação no contexto da crise sanitária da Covid-19. Isso porque, como veremos em nosso estudo, Bolsonaro consolidou-se como um ciberpopulista, com ampla presença nas redes sociais digitais. Em vez de usar os meios de comunicação mais tradicionais, o ex-presidente estabeleceu um canal de comunicação direto com seus eleitores por meio das plataformas conectadas. Por muitas vezes, colocou em desconfiança e descrédito o trabalho da imprensa formal, ou mesmo realizou ataques discursivos diretos contra jornalistas⁹⁶, sempre incitando seus eleitores a fazer o mesmo. Por isso, a base de divulgação do ex-presidente eram as mídias sociais, com perfis e listas de transmissão em várias plataformas. No contexto da pandemia de Covid-19, Jair Bolsonaro manteve suas transmissões ao vivo todas as quintas-feiras à noite, via Facebook, momento em que estabelecia um diálogo direto com sua audiência sobre vários assuntos, inclusive sobre a imunização contra o novo coronavírus.

⁹⁶ Cf. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/07/12/bolsonaro-e-seus-filhos-fizeram-801-ataques-imprensa-desde-2021-diz-estudo-da-abraji.ghtml>. Acesso em: 14 de junho de 2024.

1.6 SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA

As notícias sobre o desenvolvimento de imunizantes e os embates entre o ex-presidente Jair Bolsonaro e o ex-governador João Doria, sobretudo no manejo da crise sanitária da Covid-19 e da produção da Coronavac no Brasil, despertaram nossa atenção para estabelecer uma investigação nos sites de redes sociais. O objetivo de nossa pesquisa foi identificar a genealogia do negacionismo vacinal no Brasil em 2020, partindo da premissa de que a discussão pública sobre a segurança e a eficácia da coronovac é o fato desencadeador de um ceticismo vacinal que reverberou nos ambientes digitais. Buscamos identificar quais discursos estavam em confronto no contexto do desenvolvimento da Coronavac, e quais atores estavam em disputa para dominar o debate.

Para alcançar esse objetivo, buscamos estabelecer uma análise do discurso digital (PAVEAU, 2021) das publicações antivacina, englobando 45.097 postagens públicas em português realizadas no Facebook no período de 17 de março de 2020 a 30 de novembro de 2020, durante a fase de testes de imunizantes. A coleta dos dados foi feita por meio do CrowdTangle, ferramenta digital de extração de dados disponibilizada pela Meta, com análise posterior por meio do *software* Ford, desenvolvido pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A partir da modelagem dos dados, e da elaboração de grafos por meio do Gephi, identificamos as principais características enunciativas, léxicos, atores e categorias temáticas das publicações antivacina, enquanto estabelecemos a genealogia do negacionismo vacinal no contexto da pandemia do novo coronavírus. Para interpretar os dados obtidos, elencamos a análise do discurso digital (PAVEAU, 2021), usando um percurso metodológico que considera as trocas informacionais dos internautas a partir de um cenário em que acontece a mediação algorítmica por meio das plataformas conectadas, para entender como aconteceu a construção dos sentidos das postagens antivacina ao longo do tempo, empreendendo uma análise perspectivista de rede (MALINI, 2016)⁹⁷. Para compreender o processamento cognitivo dos conteúdos falsos compartilhados nas redes sociais, usamos as noções de noção de virtude discursiva (PAVEAU, 2015), para entender quais eram os discursos acolhidos como verdade naquele determinado contexto socio-histórico, e a de pré-discurso (PAVEAU, 2013), que nos permite compreender os mecanismos cognitivos acionados no processamento das informações

⁹⁷ A metodologia de pesquisa adotada em nossa investigação será apresentada com mais profundidade no **Capítulo 4** deste trabalho.

pelos usuários. A noção de vontade de verdade (FOUCAULT, 2014 e 2015) também nos deu subsídios para entender as disputas de poder entre os enunciadores.

Na construção de nossa pesquisa, realizamos, em um primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica para estabelecer uma revisão de literatura com os autores que consideramos mais relevantes ao nosso estudo, além de artigos mais recentes publicados sobre os temas de nosso interesse. Em nosso percurso, buscamos historicizar duas principais categorias constitutivas do nosso objeto, que são **análise do discurso digital** e **desinformação**, pois entendemos que a investigação social “precisa registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si e, de forma complexa, os traços dos acontecimentos de curta, média e longa duração, expressos em seus bens materiais e simbólicos” (MINAYO, 2007, p. 39). Para dar conta da tarefa, realizamos uma revisão bibliográfica sobre cada uma dessas duas principais categorias (análise do discurso digital e desinformação), buscando os principais autores nacionais e internacionais sobre os temas elencados para discussão, aliada a um estado da arte com publicações listadas no Portal de Periódicos Capes⁹⁸ sobre os temas, a partir dos últimos dez anos. Consideramos que o estado da arte é um recurso fundamental para entender como esses temas têm sido tratados por outros pesquisadores, dessa forma, é possível com a pesquisa “compreender o global e o local, convivendo e sendo, ao mesmo tempo, mutáveis e permanentes” (MINAYO, 2007, p. 40).

Oportunamente, outros temas foram tratados nesse estudo, de maneira subjacente a essas duas principais categorias constitutivas de nosso objeto empírico. Sendo assim, no nosso levantamento bibliográfico, buscamos trabalhar com conceitos que ajudaram a entender nosso objeto empírico, situando as principais categorias teóricas a partir da revisão de literaturas alinhadas ao universo da linguística, comunicação, cibercultura e política. Com essas noções, pretendemos construir um panorama sobre a genealogia do negacionismo vacinal no Facebook durante a pandemia da Covid-19.

O segundo capítulo deste trabalho explora a Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), a partir das contribuições que foram fundamentais ao desenvolvimento dos estudos sobre o discurso, até chegar à perspectiva de Marie-Anne Paveau (2021), que considera os discursos digitais nativos e os processos de interação sociotécnicos. Há um breve estado da arte, feito a partir de buscas no Portal de Periódicos Capes do termo “análise do discurso

⁹⁸ Cf. <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php?>. Acesso em 25 de junho de 2024.

digital” nos últimos dez anos, que reúne contribuições recentes feitas no Brasil, com pesquisas na área de linguística que consideram os tecnodiscursos.

O terceiro capítulo aborda a noções de desinformação a partir das trocas informacionais na internet (WARDLE E DERAKHSHAN, 2017), sobretudo a desordem informacional intencional. Também há considerações a respeito de linguagem e desinformação (GRIEVE E WOODFIELD, 2023), além de um estado da arte que relaciona pesquisas, identificadas no Portal de Periódicos Capes a partir da busca dos termos “linguística + desinformação” nos últimos dez anos, que trazem estudos sobre desinformação e pós-verdade na área de linguística.

O quarto capítulo apresenta os principais conceitos que nos amparam metodologicamente na construção deste estudo, como a noção de virtude discursiva (PAVEAU, 2015) e vontade de verdade (FOUCAULT, 2014), que nos deram subsídios para considerar quais eram os discursos aceitos, com efeito de verdade, no contexto socio-histórico da pandemia do novo coronavírus. Entendemos que havia várias relações de poder acontecendo naquele momento, com diversos atores disputando a centralidade discursiva a respeito do desenvolvimento de vacinas. Já a noção de pré-discursos (PAVEAU, 2013) nos dá subsídios para apontar elementos que remetem a anterioridades discursivas, dispositivos presentes em mensagens que circularam no ambiente digital. No quinto capítulo, centramos nossos esforços em dar conta da análise do nosso *corpus* de pesquisa, que reúne postagens públicas em língua portuguesa veiculadas no Facebook em 2020, nos primeiros meses da pandemia.

A rede social elencada para nossa investigação é o Facebook, plataforma que permite que os usuários compartilhem conteúdos com textos, fotos e vídeos em tempo real, ou até mesmo realizem transmissões de acontecimentos em tempo real (as *lives*) para suas audiências. Apesar de enfrentar a concorrência de outras plataformas como TikTok, X (antigo Twitter) e Instagram, ainda é popular no País e em todo o mundo, com mais de 3 bilhões de usuários ativos⁹⁹. Além disso, de acordo com o relatório anual do Reuters Digital News Report, o Facebook foi a principal fonte de informações dos brasileiros em 2020¹⁰⁰ e 2021¹⁰¹, superando as emissoras de televisão, que sempre foram a principal fonte de informações no País. Por esses motivos, entendemos que a rede social criada por Mark Zuckerberg ainda é relevante para se

⁹⁹ Cf. <https://tecnoblog.net/336391/facebook-alcanca-3-bilhoes-usuarios-ativos-primeira-vez/>. Acesso em: 14 de dezembro de 2020.

¹⁰⁰ Cf. <https://www.poder360.com.br/midia/pela-1a-vez-rede-social-e-mais-citada-que-tv-como-fonte-de-noticia-no-brasil/>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

¹⁰¹ Cf. <https://www.poder360.com.br/midia/acesso-a-noticias-por-meio-de-midias-sociais-cai-no-brasil-mostra-pesquisa/>. Acesso em: 1º de agosto de 2022.

entender os discursos que circulam nas plataformas digitais a respeito da vacinação contra Covid-19.

O Facebook permite que seus usuários façam postagens com uso de textos multimodais em suas publicações nas redes sociais, com uma ampla competência discursiva (CHARAUDEAU, 2016), um conjunto que inclui as competências situacional, semiolinguística e semântica. Como “não há ato de linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação” (CHARAUDEAU, 2016, p. 7), consideramos que precisamos avaliar a finalidade de cada situação e a característica dos indivíduos envolvidos nas trocas comunicativas consideradas em nosso estudo. Além disso, também precisamos verificar a construção do sentido com o uso de formas verbais que remetem “aos saberes de conhecimento e de crença que circulam na sociedade” (CHARAUDEAU, 2016, p. 7).

Para dar um tratamento adequado a esse *corpus* proposto, mapeando as postagens que trazem um teor negacionista no Facebook, entendemos que as técnicas de extração, mineração e modelagem de dados desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) seriam as melhores opções para enxergar as relações formadas entre os atores e as postagens registradas nas trocas informacionais. Em uma abordagem quali-quantitativa, propomos investigar a origem desses discursos antivacina no Brasil, suas lógicas enunciativas, dinâmicas e fluxos.

2 — ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Na construção de nossa pesquisa, optamos por trabalhar com a análise do discurso digital como um dos principais marcos teóricos constitutivos do nosso objeto empírico. Entendemos que o campo traz, em boa parte, a tradição dos estudos em análise do discurso (AD), porém considerando algumas das principais especificidades do ambiente digital, portanto avaliamos que é a perspectiva teórica que possui a maior aderência, neste momento, à nossa proposta de estudo. Porém, cabe a nós, em nossa trajetória acadêmica, elencar algumas das contribuições da AD que nos inspiraram, sobretudo nos últimos anos. Há que se pontuar que, apesar da escolha teórica ser na direção da análise do discurso digital, trazemos uma bagagem conceitual com vários elementos que apreendemos ao longo de nossos estudos em AD, como veremos a seguir. Entendemos que não há como não percorrer esse caminho acadêmico sem passar por alguns dos grandes teóricos da AD, que nos ofereceram generosamente um legado tão vasto de estudo. Também iremos estabelecer um breve estado da arte sobre os estudos em análise do discurso digital no Brasil, para entender como o campo está se desenvolvendo, sobretudo nos últimos anos.

2.1 BREVE PANORAMA SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

A análise do discurso, ao lado da linguística textual e da semântica de textos, foi concebida em um novo momento da tradição dos estudos linguísticos nos anos 1960, considerando a dimensão transfrástica dos enunciados (PAVEAU E SARFATI, 2006). Maingueneau (2015) postula que esse novo campo de pesquisa, denominado de análise do discurso, não representa uma simples extensão dos estudos linguísticos, abraçando dados que até então não eram considerados pelos pesquisadores. “Trata-se antes de um empreendimento fundamentalmente transdisciplinar, para alguns, pós-disciplinar, que, atravessando o conjunto das ciências humanas e sociais e das humanidades, vai contra a tendência da divisão do saber em domínios cada vez mais especializados” (MAINGUENEAU, 2015, p. 9).

Na concepção da análise do discurso, além da materialidade linguística, os aspectos cognitivos, interacionais e contextuais dos indivíduos são fundamentais para compreender as relações existentes entre as práticas discursivas e sociais, como veremos ao longo deste trabalho. “Mesmo que não estejam diretamente a serviço dessas práticas, os estudos do discurso participam, a sua maneira, desse mundo em que não se cessa de refletir sobre os poderes da

fala” (MAINGUENEAU, 2015, p. 10). Sendo assim, aqueles que se associam aos estudos do discurso devem relacionar língua, atividade comunicacional e conhecimento em suas pesquisas, pois é essa característica que diferencia a análise do discurso de outras disciplinas, que privilegiam uma só das três dimensões (MAINGUENEAU, 2015).

Os estudos do discurso, sobretudo a análise do discurso, devem seu desenvolvimento ao contexto do estruturalismo linguístico na América do Norte, durante a década de 1950, a partir das pesquisas empreendidas por Zellig Harris, reunidas no artigo “Discourse Analysis” (VOTRE, 2019). Porém, foi a partir da publicação de “Análise automática do discurso” em 1969, que Michel Pêcheux deu uma alavancada nos estudos sobre o discurso na França, ao apresentar uma proposta de análise da linguagem, na qual ele se posiciona favorável à manifestação da ideologia no discurso, atualizando e aplicando ao discurso o conceito de ideologia de Althusser (VOTRE, 2019). Nesta proposta, inspirada na orientação marxista, a ideologia se transmite por meio de instituições como a família, a escola e a igreja.

Da dicotomia clássica *langue/parole* formulada por Ferdinand de Saussure no “Curso de linguística geral” — que estabelecia que língua (*langue*), entidade mental, concreta, resultado da atividade social, era digna do estudo científico, enquanto a fala (*parole*), era descartada, por ser considerada uma manifestação individual —, Michel Pêcheux voltou suas atenções para a fala (*parole* ou *discours*), que se transformou em objeto de pesquisa (VOTRE, 2019).

O trabalho de Michel Pêcheux reconceituou a noção de fala ou discurso (*parole* ou *discours*) como sendo a realização concreta e material de enunciados, considerando o contexto da produção e recepção. Ao analisar o contexto da enunciação, Pêcheux passou a considerar elementos do momento da produção discursiva, como seu tempo histórico, seu contexto geográfico e o contexto ideológico, social e político (VOTRE, 2019). Esse sujeito enunciador pensado por Pêcheux seria assujeitado, sem autonomia, com enunciados elaborados sob a influência das ideologias e do materialismo histórico, que conformava as consciências. “A ênfase no efeito das pressões ideológicas foi sendo aprimorada, revisada e desconstruída nas décadas de 1970 e 1980, cedendo lugar em parte à memória do tempo recente e do tempo mais longínquo, atenuando a ideia de assujeitamento do sujeito, de sua anulação” (VOTRE, 2019, p. 19).

Sendo assim, as origens da análise do discurso na França estão relacionadas à linguística, à história e ao marxismo, com um maior destaque para os papéis da família, da igreja e da escola como sendo reprodutoras das ideologias que conformam as consciências, capazes de assujeitar os enunciadores. Outras abordagens ganharam relevância nos estudos do

discurso na França, como a contribuição de Dominique Maingueneau, que empreendeu estudos em análise do discurso, investigando os discursos literário, religioso, de comunicação e erótico (VOTRE, 2019).

Maingueneau (2015) pondera que, de fato, as problemáticas que atualmente são consideradas na análise do discurso apareceram nos anos 1960, principalmente nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra. Mas que, nos anos 1980, a análise do discurso se constituiu como sendo um espaço de pesquisa verdadeiramente mundial, reunindo correntes teóricas que tinham se desenvolvido independentemente umas das outras em disciplinas e em países distintos. “O campo da análise do discurso, hoje globalizado e em expansão contínua, resulta da convergência de correntes de pesquisa provindas de disciplinas muito diferentes e, em contrapartida, exerce sua influência sobre elas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 10). As pesquisas acontecem, atualmente, em um cenário globalizado: “mesmo que as problemáticas de análise do discurso desenvolvidas na França tenham exercido indiscutivelmente um papel fundador, atualmente elas se encontram inseridas em um espaço de pesquisa globalizado, no qual as hibridações conceituais se multiplicam” (MAINGUENEAU, 2015, p. 11).

Maingueneau (2015) entende que pode se falar de uma virada discursiva, assim como a virada linguística que aconteceu na filosofia, na história e nas ciências sociais, a partir dos anos 1950, pois não há nenhum campo das ciências humanas e sociais ou das humanidades que não possa utilizar a análise do discurso como ferramenta teórica, por meio de suas problemáticas, conceitos ou métodos. Para o autor, o surgimento e a consolidação deste campo de estudos devem ser associados a fenômenos como a terceirização da economia e o desenvolvimento das mídias audiovisuais pós-internet, “que aumentam de maneira inegável a importância das interações verbais e multiplicam as técnicas de processamento dos signos” (MAINGUENEAU, 2015, p. 9). O autor também pondera a respeito de uma “tecnologização do discurso” (FAIRCLOUGH, 1992 *apud* MAINGUENEAU, 2015), que acompanhou as evoluções econômicas e tecnológicas das últimas décadas, quando o mundo corporativo passou a se preocupar com uma suposta eficácia de seus enunciados, analisando sua própria comunicação corporativa e a de seus concorrentes, inclusive acompanhando os enunciados produzidos sobre as pessoas comuns.

Considerando esta breve explanação a respeito do começo dos estudos na área de análise do discurso, o desenvolvimento do campo e como os primeiros teóricos conceberam suas hipóteses de trabalho, entendemos que devemos nos aprofundar em duas propostas teóricas, cujas contribuições inspiraram nossos estudos nos últimos cinco anos. Uma delas é a proposta elaborada por Michel Foucault a partir dos anos 1960, e a outra é a análise crítica do

discurso (ACD). As leituras e os estudos empreendimentos a partir dessas duas perspectivas foram fundamentais para nossa formação de analista do discurso, influenciaram bastante o próprio entendimento de como trabalhar com os dados obtidos, por isso elas estão presentes nessa fundamentação teórica a respeito da análise do discurso digital. São influências muito presentes em nossa formação, e, muitas vezes, foram usadas como recurso metodológico para interpretar discursos e analisar contextos, sobretudo para identificar relações de poder incrustadas na enunciação dos atores envolvidos. De cada uma dessas vertentes, surgiram respostas a nossas inquietações, durante a construção desse estudo. Portanto, cabe pontuar um pouco sobre cada uma das duas.

2.2 FOUCAULT E O DISCURSO

O filósofo francês Michel Foucault postulou uma série de hipóteses a respeito do discurso e do saber a partir dos anos 1960, no contexto do movimento pós-estruturalista na França. A contribuição de Foucault na área de análise do discurso está principalmente nos livros “As palavras e as coisas” (1966), “A arqueologia do saber” (1969), “A ordem do discurso” (1971) e “Vontade de saber (História da sexualidade, vol. 1)” (1976). Na perspectiva foucaultiana, discurso é, então, necessariamente, articular espaços disjuntos, “quando situava seu empreendimento entre realidade e língua, as palavras e as coisas” (MAINGUENEAU, 2015, p. 30). Para Foucault (2019), o discurso não é um território bem delimitado e definido, mas um espaço incerto, onde são desfeitos os laços, à primeira vista tão fortes, entre as palavras e as coisas, entre a linguagem e o mundo:

“O discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos” (FOUCAULT, 2019, p. 59)

Para Foucault, “a linguagem não serve para ‘dizer’ a ‘realidade’. Não há simplesmente de um lado a significação (palavras), que representaria as coisas, consideradas como entes em si, que estariam no outro lado, como puros dados” (ARAÚJO, 2004, p. 216). Nesta abordagem teórica, a linguagem, dotada de uma complexidade própria, não pode ser reduzida a um sistema

ou código, dessa forma um procedimento puramente estrutural não basta para dar conta de suas especificidades.

Nesta perspectiva foucaultiana, o discurso se relaciona diretamente com a prática, e a proposta do autor é observar o funcionamento dessas práticas em certas configurações de saber, de certa época. Foucault (2019, p. 60) formula que os discursos não devem ser tratados como conjuntos de signos, “mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala”. Dessa forma, o discurso representa uma prática, que se relaciona com outras práticas, “formado com regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que definem para uma dada época e para uma dada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (ARAÚJO, 2004, p. 232-233).

A partir do trabalho de Foucault, podemos considerar que o discurso não é “um pensamento revestido por signos com efeitos de sentido decorrentes da estrutura das línguas, dito por um sujeito fundador, constituinte, cujo correlato só pode ser um mundo pronto a ser pensado por um cogito que nomeia, designa, refere” (ARAÚJO, 2004, p. 236). Da mesma forma, empreender a análise de um discurso não representa interpretá-lo para decifrar sua essência, ou o que realmente alguém quis dizer. “Os discursos não possuem âmago, não são um conjunto de significações. São séries de acontecimentos que a ordem do saber produz e controla” (ARAÚJO, 2004, p. 236).

Em sua produção intelectual, Foucault (2019, 2014) se afastou da tarefa de empreender uma análise do discurso propriamente dita, formulando hipóteses sobre o funcionamento dos discursos, em uma sociedade na qual os enunciadores estão submetidos a relações de poder: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 2014, p. 10). Uma de suas teses em “A ordem do discurso” diz respeito ao controle do discurso, realizado por atores externos: “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (FOUCAULT, 2014, p. 8). São os procedimentos de exclusão (sobretudo interdição, separação e vontade de verdade) que são empreendidos de maneira externa.

O enunciado (unidade do discurso) representaria, então, um certo objeto produzido, que pode ser manipulado, utilizado, transformado, destruído. “A materialidade deve ser suscetível de repetição que obedece a condições particulares, o que faz com que ele tenha certo estatuto,

entre em uma rede discursiva, onde pode ser transformado, circular, servir ou não a interesses, ser objeto de disputa. Enfim, ele produz efeitos” (ARAÚJO, 2004, p. 231). Nesta abordagem foucaultiana, o discurso constitui-se por meio de enunciados, que são dispostos em uma formação discursiva na qual eles estabelecem algumas relações determinadas, que são controladas por princípios da reutilização, da dispersão, da exterioridade, do acúmulo, da efetividade.

Pensar no discurso como prática, regido por regras externas de controle, os procedimentos de exclusão, que existem por consequência das relações de poder que existem em uma determinada sociedade. Essas são algumas das principais contribuições de Foucault que possuem aderência à nossa pesquisa, e que são inquietações que nos acompanham ao longo de nossos estudos em análise do discurso: as práticas e os procedimentos que buscam controlar o discurso, objeto de disputa entre os enunciadores.

2.3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

A partir da contribuição de Norman Fairclough, por meio de “*Language and Power*” (1984), uma nova corrente de estudos foi se constituindo, denominada análise crítica do discurso (ACD), que passou a se concentrar na análise dos mecanismos de poder no uso da língua. Os trabalhos desse novo campo “enraízam-se na paisagem intelectual e política contemporânea, como o mostram seus temas prediletos (racismo, machismo, neocapitalismo...)” (MAINGUENEAU, 2015, p. 54). Maingueneau (2015) também comenta que revelar as disfunções sociais, geralmente expressas como relações de poder ou desigualdades sociais, são os eixos centrais da análise crítica do discurso contemporânea, que teria como premissa evidenciar os processos que estão ocultos durante a produção discursiva.

Batista Jr. *et al.* (2018, p. 8) pontuam que a análise crítica do discurso pode ser entendida como sendo um estudo da linguagem em uso, “situando-a em um contexto específico, bem como dos resultados dessas ações e dos discursos que sustentam e moldam as práticas”. Considerando a materialidade linguística e a realidade social ao mesmo tempo, a investigação da análise crítica do discurso busca construir a coerência do significado, por meio de textos orais e escritos/imagéticos em determinados contextos. Mais do que investigar os arranjos entre as palavras e as escolhas lexicais dos falantes, o propósito dessa vertente é buscar “a explanação dos fenômenos sociais, desvelando o modo como o discurso, enquanto linguagem em uso, participa dessa construção, estabilizando distorções sociais” (BATISTA JR. *et al.*, 2018, p. 9). Para alcançar esse objetivo, é preciso ter em mente quem são as pessoas envolvidas na produção

discursiva, seus papéis e seus níveis de poder, além da dinâmica social na qual acontece a enunciação, “entrevendo nas marcas dos textos as estruturas sociais que moldam as diferenças resultantes da riqueza ou da pobreza, por exemplo” (BATISTA JR. *et al.*, 2018, p. 9).

Nesta perspectiva teórica, o discurso é visto como prática social, em um movimento em que “as práticas sociais moldam e são moldadas pelo discurso” (BATISTA JR. *et al.*, 2018, p. 11). Nesse cenário, em que os sujeitos se comunicam por meio de textos orais e escritos/imagéticos, e “os textos têm função mediadora perante a prática social” (BATISTA JR. *et al.*, 2018, p. 9). Isso porque a prática discursiva representa um ciclo de produção e consumo de textos, que, por sua vez, promovem efeitos nas atividades sociais. É uma forma de sociabilidade amparada por meio da troca de textos entre os sujeitos envolvidos nos processos, indivíduos envolvidos em relações de poder. “O poder do Estado deriva das leis, do poder de polícia e do aparato bélico. Contudo, é sustentado e difundido pelo discurso” (BATISTA JR. *et al.*, 2018, p. 11). Sendo assim, o discurso é manejado pelo poder para perpetuar arranjos sociais convenientes para as estruturas do poder hegemônico daquele determinado momento.

A perspectiva teórica desenvolvida por Teun Van Dijk fornece uma proposta de pesquisa analítica discursiva, “que estuda como o abuso de poder e a desigualdade social são promulgados, reproduzidos, legitimados e resistem no texto e na fala no contexto social e político” (VAN DIJK, 2016, p. 19). O teórico pontua que “os analistas críticos do discurso tomam uma posição explícita e, portanto, querem entender, expor e, finalmente, desafiar a desigualdade social” (VAN DIJK, 2016, p. 19). Para Van Dijk (2016), o uso da linguagem, a interação e o discurso estão no micronível da ordem social, sendo que o poder, a dominação e a desigualdade entre os grupos sociais estão em um nível macro de análise. A ACD “deve preencher a ‘lacuna’ entre as abordagens micro (interacional) e macro (estrutural, institucional)” (VAN DIJK, 2016, p. 21).

O discurso é controlado por quem detém o poder na sociedade, que pode surgir de maneira difusa. “[O poder] Não é sempre exercido em atos obviamente abusivos dos membros de grupos dominantes, mas pode ser posto em prática na miríade de ações dadas como adquiridas na vida cotidiana” (VAN DIJK, 2005, p. 23). Van Dijk (2005) entende que o acesso a formas específicas de discurso, como o dos meios de comunicação, é uma fonte de poder. Portanto, os grupos sociais que dominam a mídia são dotados de poder, e estabelecem uma enunciação para manter seus privilégios. A grosso modo, quem possui amplo acesso aos meios e recursos de construção de discurso, neste caso específico as redes sociais digitais, consegue afetar a cognição dos indivíduos e influenciar todo o grupo social.

O modelo teórico da ACD relaciona discurso, cognição e sociedade como suas principais dimensões. Para Van Dijk (2016, p. 26), “se controlar os contextos e estruturas de texto e fala é uma primeira forma importante do exercício do poder, controlando a mente das pessoas através de tal discurso é uma forma indireta, mas fundamental para reproduzir dominância e hegemonia”. Sendo assim, “o controle do discurso tem por objetivo controlar as intenções, planos, conhecimentos, opiniões, atitudes e ideologias dos destinatários” (VAN DIJK, 2016, p. 26).

A partir do controle do discurso, entendemos que a mídia, dominada pela elite simbólica¹⁰², consegue influenciar a constituição dos modelos mentais dos indivíduos, que são a representação subjetivas dos eventos, ação ou situação de um discurso aproximadamente, portanto esses modelos têm uma natureza semântica referencial (VAN DIJK, 2016). Isso porque, ao construir um meme ou um post no Facebook, por exemplo, estruturas discursivas específicas, tais como temas, argumentos, metáfora, a escolha lexical, figuras retóricas, entre muitas outras estruturas, podem influenciar os conteúdos e as estruturas dos modelos mentais de maneiras preferidas pelos falantes (VAN DIJK, 2016).

Entendemos que muitas estruturas do texto, tanto escrito quanto oral, sobretudo as que são compartilhadas por meio das redes sociais conectadas, podem influenciar o modo como os destinatários constroem os seus modelos mentais de situações específicas, ou como generalizam essas para formar estereótipos ou preconceitos (VAN DIJK, 2016). A cognição pessoal e social, influenciadas, “podem controlar as ações sociais que são consistentes com os interesses de grupos poderosos em geral e das elites simbólicas em particular, fechando o círculo da produção discursiva de poder e dominação” (VAN DIJK, 2016, p. 29). O contexto também é crucial para entendermos como o discurso se insere na sociedade, pois é por meio dele que seremos capazes de enxergar alguns pontos importantes sobre os discursos que circulam na internet:

O poder não se mostra apenas em alguns dos aspectos do ‘discurso do poder’, de modo que precisamos ter acesso ao contexto como um todo e em toda a sua complexidade, para

¹⁰² Van Dijk (2019) conceitua a noção de elite simbólica como sendo os grupos na estrutura socio-política de poder que formulam as diretrizes políticas essenciais, tomam as decisões mais impactantes e supervisionam sua implementação completa. Incluem o governo, o parlamento, os diretores e conselheiros de agências estatais, líderes políticos, empresários, executivos e gerentes de corporações, acadêmicos proeminentes, entre outros. Para Van Dijk (2019), essas elites simbólicas iniciam, monitoram e controlam as formas mais influentes de comunicação institucional e pública, possuem acesso privilegiado aos meios de comunicação, têm o poder de moldar o discurso público e influenciar a formação de opinião. Além disso, são responsáveis pela preparação e publicação de relatórios, desenvolvimento e divulgação de pesquisas, exercendo controle significativo sobre o discurso acadêmico: “o poder de grupos de elite específicos pode ser uma função direta da medida do acesso e controle dos meios de reprodução simbólica na sociedade, ou seja, do discurso público” (VAN DIJK, 2019, p. 3).

entender de que modo o poder se relaciona com o texto e com a fala, e mais geralmente, de que modo o discurso reproduz a estrutura social (VAN DIJK, 2017, p. 7-8).

Consideramos que o entendimento sobre os contextos é fundamental para a realização desse estudo. Van Dijk (2017, p. 11) estabelece que “não é a situação social que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação”. A partir dessa definição, entendemos que o contexto não é algo objetivo, facilmente detectável. O contexto é subjetivo, são construtos dos participantes, “concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos e comunidades” (VAN DIJK, 2017, p. 11). Portanto o contexto também deve ser entendido como sendo um processo, resultado de uma condição relacional, a partir de uma perspectiva sociocognitiva.

A partir do entendimento de que são interpretações subjetivas de situações concretas comunicativas, como as que acontecem nas plataformas conectadas à internet, os contextos devem ser definidos como modelos de contextos (VAN DIJK, 2017, p. 11), quando, entre outras coisas, esses modelos “controlam o modo como os participantes produzem e interpretam o discurso”. Esses modelos mentais permitem ajustes na organização das ideias, e “habilitam os participantes a adaptar o discurso ou suas interpretações à situação comunicativa de acordo com a relevância para eles a cada momento da interação ou comunicação” (VAN DIJK, 2017, p. 12). Portanto, tomando nosso objeto empírico como exemplo, um líder que se diz pró-vida, como Jair Bolsonaro com sua sólida base religiosa, consegue criar novos arranjos discursivos para minimizar o impacto da crise e das consequentes mortes pela Covid-19 em prol de se manter as atividades econômicas em meio a uma pandemia de um vírus mortal (ao contrário do que muitas nações desenvolvidas fizeram para frear o avanço do vírus), criando aderência entre seus apoiadores. O avanço do capital e a manutenção da atividade econômica tem uma importância maior do que manter as pessoas a salvo do novo coronavírus, nesta lógica argumentativa do presidente brasileiro.

Sendo assim, a ACD traz contribuições que são fundamentais para problematizar nosso estudo, como as propostas de modelos mentais e modelos de contexto, que nos ajudam a compreender, em boa parte, a maneira como as enunciações dos negacionistas se ajustaram às condições sócio-históricas para justificar a desconfiança em relação à imunização contra a covid-19, entre outros exemplos.

2.4 DISCURSO E SUA GÊNESE

Em direção a se pensar alguns elementos do que seria a análise do discurso digital na contemporaneidade, decidimos conceituar alguns elementos básicos da análise do discurso, muitos deles compartilhados pelas diversas linhas teóricas que englobam os estudos do discurso. Na perspectiva da escola francesa de AD, entenderemos o discurso como sendo “uma dispersão de textos, cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas” (MAINGUENEAU, 2008, p. 15).

A noção de discurso guarda elementos linguísticos, porém, para além da materialidade linguística, há que se atentar aos elementos socio-históricos. São, dessa forma, objetos que se manifestam simultaneamente como integralmente linguísticos e integralmente históricos. “As unidades do discurso constituem, com efeito, sistemas, sistemas significantes, enunciados, e, nesse sentido, têm a ver com uma semiótica textual; mas eles também têm a ver com a história que fornece a razão para as estruturas de sentido que elas manifestam” (MAINGUENEAU, 2008, p. 16).

Ao trazer as problemáticas do discurso para uma discussão mais ampla, Maingueneau (2015) entende que a noção de discurso aciona, de uma maneira mais difusa, um conjunto aberto de ideias-força, que seriam, de uma maneira geral, premissas norteadoras da área, mesmo em diferentes abordagens. Uma dessas ideias-força é o entendimento de que o discurso é uma organização além da frase. “Isto não quer dizer que todo discurso se manifeste por sequências de palavras de dimensões obrigatoriamente superiores à frase, mas que ele mobiliza estruturas de outra ordem, diferentes das da frase” (MAINGUENEAU, 2015, p. 25).

Outra ideia-força apresentada considera que o discurso é uma forma de ação. “Considera-se que falar é uma forma de ação sobre o outro, e não apenas uma representação do mundo” (MAINGUENEAU, 2015, p. 25). O discurso também é interativo, pois “qualquer enunciação supõe a presença de outra instância de enunciação, em relação à qual alguém constrói seu próprio discurso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 26). O discurso é contextualizado, pois de acordo com Maingueneau (2015), o discurso intervém em um contexto. Além disso, o autor explica que “fora de contexto, não se pode atribuir um sentido a um enunciado” (MAINGUENEAU, 2015, p. 26). Sendo assim o contexto é fundamental para se entender o discurso, não é possível separar as duas instâncias.

Ainda considerando as ideias-força de Maingueneau (2015), temos que o discurso é assumido por um sujeito. Dessa forma, “o discurso só é discurso se estiver relacionado a um sujeito, que se coloca ao mesmo tempo como fonte de referências pessoais, temporais, espaciais, e indica qual é a atitude que ele adota em relação ao que diz e a seu destinatário” (MAINGUENEAU, 2015, p. 27). Também é importante considerar que o discurso é regido

por normas, assim como a atividade verbal e o comportamento social (MAINGUENEAU, 2015). “Nenhum ato de enunciação pode ocorrer sem justificar de uma forma ou de outra seu direito de se apresentar tal como se apresenta (MAINGUENEAU, 2015, p. 27).

Além disso, o discurso é assumido no bojo de um interdiscurso, pois é dessa forma que ele adquire sentido, ao constar no interior de um imenso interdiscurso. De acordo com Maingueneau (2015, p. 28), “para interpretar o menor enunciado, é necessário relacioná-lo, conscientemente ou não, a todos os tipos de outros enunciados sobre os quais ele se apoia de múltiplas maneiras”. É bom enfatizar que algumas correntes da AD consideram que há um primado do interdiscurso sobre o discurso, uma verdadeira precedência de um sobre o outro. Nesta perspectiva, há uma recusa a respeito do fechamento do texto, quando o texto permanece aberto aos enunciados exteriores e anteriores, “cada enunciado participando assim de uma cadeia verbal interminável” (MAINGUENEAU, 2015, p. 28). Em consequência disso, a fala nunca é entendida como sendo o lugar em que se pode expressar-se totalmente de forma individual. Sendo assim, isso representaria então que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas sim um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos. Para Maingueneau (2008), o discurso se forma dentro de outro discurso, então o interdiscurso está na gênese do discurso.

Assim como o discurso está inscrito dentro do interdiscurso, e a fala dos sujeitos acontece em uma dinâmica relacional, o discurso constrói socialmente o sentido, de acordo com mais uma ideia-força apresentada por Maingueneau (2015, p. 28-29): “O sentido de que se trata aqui não é um sentido diretamente acessível, estável: ele é continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas”. O discurso não deve ser apreendido somente como um conjunto de textos, mas para além disso, como uma prática discursiva. “O sistema de restrições semânticas, para além do enunciado e da enunciação, permite tornar esses textos comensuráveis com a ‘rede institucional’ de um ‘grupo’, aquele que a enunciação discursiva ao mesmo tempo supõe e torna possível” (MAINGUENEAU, 2008, p. 22). Essa noção de prática discursiva nos ajuda muito em nosso estudo, que considera os enunciadores on-line, estabelecendo diversas práticas informacionais no ambiente digital.

Com a noção de prática, de um sentido além das frases e de uma precedência do interdiscurso, entendemos que o discurso vai além de uma análise simples de enunciados, pelo contrário: “o objeto da análise do discurso não são, então, nem os funcionamentos textuais, nem a situação de comunicação, mas o que os amarra por meio de um dispositivo de enunciação simultaneamente resultante do verbal e do institucional” (MAINGUENEAU, 2015, p. 47). O

caminho da AD seria, de acordo com o autor, “relacionar a estruturação dos textos aos lugares sociais que os tornam possíveis e que eles tornam possíveis” (MAINGUENEAU, 2015, p. 47).

Também é fundamental frisar que o universo do discurso é profundamente heterogêneo: “não se pode unificá-lo em torno do modelo dominante da comunicação oral face a face” (MAINGUENEAU 2015, p. 11). Então é lançado o desafio de dar conta das especificidades da comunicação via internet, em que vários interlocutores conectados estabelecem práticas e trocas informacionais com outros enunciadores, em dinâmicas próprias das redes sociais, em um cenário hipermidiatizado, quando a digitalização da vida deu ainda mais autonomia comunicacional a indivíduos, que podem se expressar nas plataformas digitais a respeito de suas vivências, inclusive a respeito de temas polêmicos, como vacinação, por exemplo. Cabe a nós, analistas do discurso, dar conta de tantas especificidades ao tratar esses dados para analisá-los em uma nova abordagem teórica, que é a análise do discurso digital.

2.5 ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL

Elencamos a análise do discurso digital como uma opção teórica viável para dar conta da complexidade dos dados coletados em nosso estudo. A vertente teórica tem sido desenvolvida nas últimas décadas, principalmente com os esforços de linguistas como Marie-Anne Paveau (2021), Susan Herring (2019), Susan Herring e Jannis Androutsopoulos (2015).

Susan Herring (2019) propôs, em 1994, o conceito de análise do discurso mediado pelo computador, que foi sendo atualizado ao longo das últimas décadas, devido ao avanço das tecnologias e ao conseqüente novos usos das ferramentas digitais. O esforço de Herring (2019) foi de criar uma teoria que dê conta dos textos multimodais digitais, como imagens por exemplo, considerando a convergência tecnológica das plataformas, que permitem múltiplas maneiras de se comunicar. A autora propõe uma comunicação mediada pelo computador multimodal, que consiga analisar fenômenos como emojis, memes e avatares.

Já Herring e Androutsopoulos (2015) estabelecem alguns conceitos como o de discurso mediado pelo computador, que representa toda a comunicação produzida quando um indivíduo interage com outro sujeito (ou outros sujeitos) transmitindo mensagens via internet, sendo que a natureza do discurso mediado pelo computador varia dependendo das propriedades técnicas do sistema de comunicação mediada pelo computador (como plataformas, por exemplo), além dos termos usados e o contexto social e cultural que incorpora instâncias particulares de uso.

Também buscamos outras abordagens teóricas que estão analisando os discursos digitais. No Brasil, temos a publicação do livro *Análise do discurso digital: perspectivas*

teóricas e metodológicas, organizado por Carreon, Ruiz e Araújo (2023), que oferece uma série de capítulos que discutem uma série de questões contemporâneas da área. Um dos autores que nos dá apontamentos sobre a análise do discurso digital é Baronas (2023), que se propõe a examinar a teoria da ressignificação proposta por Paveau (2021), com o objetivo de construir um percurso epistemológico para a teoria da revascularização discursiva. Baronas (2023) analisa diversos materiais em contextos digitais e conclui que a relação entre as duas teorias (teoria da ressignificação e teoria da revascularização discursiva) é de natureza aliêmica¹⁰³.

Outras contribuições também estão presentes na obra organizada por Carreon, Ruiz e Araújo (2023), como o capítulo de Milhomem e Ruiz (2023), pesquisadores que analisam como o discurso insultuoso funciona como uma forma de agressão, utilizando ironia e humor como meios de escárnio. Milhomem e Ruiz (2023) exploram os significados emergentes da ressignificação da expressão “mimimi”, avaliando como esses significados se deslocam da agressão para a resistência na voz do sujeito. Os autores defendem que essa interpretação analítica abre caminho para a luta por uma sociedade livre de opressões. Já Carreon (2023) examina as informações falsas divulgadas por Jair Bolsonaro, entendendo essas mentiras como torções discursivas que ajudam a compreender as notícias falsas em suas relações com as memórias discursiva, metálica e digital. Para a autora, as notícias falsas resultam de uma distorção da realidade que se liga a uma memória fabricada. Carreon (2023), então, sugere que essas notícias falsas se baseiam naquilo que já circulou como verdade, reforçando novas mentiras discursivas.

Também destacamos a contribuição de Butturi Junior e Silva (2023), dentro da obra organizada por Carreon, Ruiz e Araújo (2023). Os autores analisam a disputa entre diferentes estratégias materializadas em publicações no Instagram sobre a mulher e o aborto no Brasil. Eles recorrem à biopolítica e sua relação com os dispositivos de maternidade para argumentar que a disputa pelo corpo da mulher está inserida em um contexto governamental liberal cristão no Brasil. Já Quenzer e Araújo (2023) discutem os aspectos discursivos que permitem a um usuário comum tornar-se um Top Voice do LinkedIn¹⁰⁴, investigando o funcionamento dessa rede social. As autoras analisam a plataforma a partir das seis características dos discursos digitais nativos, conforme Paveau (2021): composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade, para examinar o processo de

¹⁰³ Aliêmica seria uma “palavra-valise que junta aliança e polêmica” (BARONAS, 2023, p. 38).

¹⁰⁴ Top Voice é um perfil pessoal ou de alguma organização, no LinkedIn, reconhecido dentro da plataforma por compartilhar conteúdos considerados relevantes, úteis e interessantes sobre determinada área. Cf. <https://www.linkedin.com/pulse/linkedin-top-voices-o-que-%C3%A9-e-como-se-tornar-caderno-nacional/>. Acesso em 1º de maio de 2024.

elegibilidade dos Top Voices. Já a rede social X, o antigo Twitter, é o tema da pesquisa de Castro (2023), que reflete sobre a viralização dos discursos sobre a Reforma do Ensino Médio e os sentidos que emergem com essa viralização. A autora considera o funcionamento das memórias discursiva, metálica e digital, argumentando que a viralização na rede social X envolve memórias que atravessam, sustentam, reverberam e ressignificam os discursos no digital.

Dias (2023) também integra a obra organizada por Carreon, Ruiz e Araújo (2023), com um capítulo no qual ela estabelece uma análise teórica e prática sobre o papel do discurso digital nos processos de significação da discursividade atual. Para examinar a mudança epistemológica na análise do discurso ocasionada pelas questões levantadas pelo discurso digital, a autora argumenta que é essencial problematizar a questão da memória. Dias (2023) aborda isso a partir de três fases de produção dos discursos: constituição, formulação e circulação. Com isso, Dias (2023) afirma que tanto a formulação quanto a constituição são influenciadas pelo contexto digital que propaga os discursos. Para a pesquisadora brasileira, é necessário entender o impacto do digital na ocorrência desses discursos, por meio do funcionamento da memória digital.

Além desse trabalho, Dias (2016a, 2016b 2018 e 2023) tem outras contribuições relevantes para a análise do discurso digital. A pesquisadora entende que, para empreender seu trabalho, o analista do discurso precisa considerar as dinâmicas relacionais contemporâneas e a produção de sentidos nos ambientes conectados. Para a autora, o cotidiano midiático proporciona uma “mudança da ‘relação da ordem simbólica com o mundo’” (DIAS, 2016a, p. 9). Dias (2016a, p. 10) entende que a digitalização do mundo seria “um processo de historicização dos sentidos que desloca o modo de significação, produzindo uma forma material outra, porque inscreve o dizer, o fazer, as práticas dos sujeitos, em outras condições de produção”. Nesse processo, essas práticas relacionais seriam afetadas por instituições e organizações. Para Dias (2016a, p. 18), “o digital é um campo de discursividades constitutivo do espaço, do sujeito e do sentido, do conhecimento, com sua materialidade própria”. A autora compreende que a análise do discurso “coloca questões (im)pertinentes ao digital, fazendo deslocar tanto a teoria, pelas questões que formula, quanto o digital, pois, ao questionar suas evidências e sentidos cristalizados, produz sentidos outros” (DIAS, 2016a, p. 18).

Em um cenário de hiperconexão, os discursos circulam entre os sujeitos, o que promoveu uma mudança na discursividade. A circulação dos discursos digitais na internet é uma das preocupações teóricas de Dias (2018, p. 29), pois a autora entende que é “pela circulação que o digital se formula e se constitui”. Para a autora, é uma questão de perspectiva:

“olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora. É esse modo de existência dos discursos que se impõe ao pensarmos sua constituição” (DIAS, 2018, p. 29).

Porém, entendemos que a perspectiva teórica de Marie-Anne Paveau (2021) é a que possui uma maior aderência à nossa proposta de pesquisa, por considerar que o discurso digital não tem um caráter puramente linguageiro. A proposta de Paveau (2021) entende que a plataforma e todas as suas especificidades, ou seja, todos os fatores não humanos envolvidos no processo de enunciação na internet, devem ser consideradas, em vez de serem elencadas como aspectos extralinguísticos, como acontecia recorrentemente no campo da linguística até alguns anos atrás. Paveau (2021, p. 31) estabelece que “as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras”. A autora pondera que outras perspectivas, que entendem que o discurso depende apenas do aspecto humano, devem ser deixadas de lado em busca de se pensar em uma perspectiva ecológica e integrativa, que assume o papel dos agentes não humanos (o caráter tecnológico das plataformas) nas produções linguageiras. Para trabalhar com o discurso digital, que ela passa a chamar de tecnodiscurso, assim como a tecnolinguagem, é preciso “inscrever-se numa prática ecológica e pós-dualista da linguística” (PAVEAU, 2021, p. 31).

Marie-Anne Paveau (2021, p. 28) conceitua o discurso digital nativo como sendo um “conjunto das produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas de escrita”. Para a autora, os discursos nativos da internet possuem uma intensa relacionalidade, que seria “sua integração numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo em que lhes confere características linguisticamente inéditas como a clicabilidade no plano morfolexical ou a imprevisibilidade no plano discursivo” (PAVEAU, 2021, p. 30). A autora dá um passo importante na área da linguística, ao considerar o modo de produção dos discursos no ambiente digital: Paveau (2021, p. 33) entende que os discursos nativos da internet são relacionais, quando “a arquitetura da rede faz com que eles sejam todos materialmente interligados. Entre eles e seu enunciador está aquilo que lhes atribui propriedades particulares, como sua investigabilidade e sua idiodigitabilidade”. Por investigabilidade, ela entende que seria a capacidade inerente de todo enunciado digital de poder ser pesquisado e encontrado ao se recorrer a buscadores. Já idiodigitabilidade se entende como sendo a propriedade de todo enunciado on-line, que “tem uma forma única e subjetiva, determinada pelos parâmetros de navegação, de sociabilidade, de leitura e de escrita do internauta” (PAVEAU, 2021, p. 33). Porém, a autora frisa que esse aspecto relacional do discurso digital nativo não se conecta com o conceito de dialogismo trabalhado pelo círculo de Bakhtin: “a relacionalidade é material e

automática, e não depende das marcas de intertextualidade ou de analogias provindas da competência interpretativa do analista” (PAVEAU, 2021, p. 33).

Para a autora, a relacionalidade é fundamental para trabalhar com os discursos digitais nativos, pois reunir e classificar dados seguindo apenas critérios linguísticos, sem considerar a dimensão sociotécnica das plataformas, a política algorítmica dos meios e as práticas e ferramentas de edição de conteúdo on-line, “implica uma homogeneização e uma normalização dos conteúdos, passando ao largo de traços específicos” (PAVEAU, 2021, p. 35). Para Paveau (2021, p. 57), a análise do discurso digital pode ser conceituada como sendo a “descrição e análise do funcionamento das produções languageiras nativas da internet, particularmente da web 2.0, em seus ambientes de produção, mobilizando igualmente os recursos languageiros e não languageiros dos enunciados elaborados”. Ao se pensar em discursos digitais nativos, há que se considerar que são as enunciações elaboradas on-line, nos espaços de escrita das plataformas, com as ferramentas fornecidas pela própria internet, e não a digitalização de escritas elaboradas de modo offline ou em espaços pré-digitais (PAVEAU, 2021).

Esse discurso digital nativo, concebido por Paveau (2021), possui seis características que devem ser elencadas e entendidas para que possamos repensar um instrumental teórico e metodológico em análise do discurso, sobretudo para nosso estudo. São elas: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Como vimos anteriormente, a **investigabilidade** é uma característica dos discursos digitais nativos, que diz respeito à possibilidade de investigação por meio de ferramentas digitais de busca, ou seja, eles podem ser localizados e coletados para menções, utilizações e repetições, entre outras possibilidades. Paveau (2021, p. 59) elenca que “os metadados dos discursos digitais nativos lhe são interiores”, sendo inscritos no código. Também falamos anteriormente sobre a **relacionalidade**, característica que representa que os discursos digitais nativos estão reunidos em uma relação com outros discursos digitais, com outros aparelhos, com os escritores/leitores conectados.

Ao se pensar na característica de composição dos discursos digitais nativos, Paveau (2021, p. 58) entende que eles são **compósitos**, compostos por “uma matéria mista que reúne indiscernivelmente o languageiro e o tecnológico de natureza informática, de forma manifesta ou não manifesta”. A autora aponta que há hibridismo semiótico na composição tecnolinguageira que reúne textos, imagens fixas ou animadas e som. Paveau (2021) também entende que os discursos digitais nativos não são lineares, então uma de suas características é a **deslinearização**, quando não há um desenvolvimento em um eixo sintagmático específico. Outra característica é a **ampliação**, quando o discurso digital nativo tem sua capacidade de

enunciação ampliada, por conta da possibilidade de receber comentários em postagens, ou mesmo pela escrita colaborativa. A sexta e última característica é a **imprevisibilidade** dos discursos digitais nativos, pois eles dependem de programas e/ou algoritmos, o que os tornam imprevisíveis.

A perspectiva teórica apresentada por Marie-Anne Paveau (2021) propõe uma linguística simétrica que abarca, de maneira equivalente, o languageiro e o não languageiro na análise linguística. Para a autora, a análise do discurso digital representa uma ecologia do discurso. Essa ecologia do discurso é algo que tem grande aderência à maneira como entendemos o ciberespaço, pois considera o ambiente no qual os elementos languageiros se inscrevem, e não somente eles. Paveau (2021, p. 159) defende que sua abordagem trabalha com a ideia de que os discursos digitais nativos “são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados apenas a partir da matéria languageira, mas sim como compósitos, que integram o languageiro e o tecnológico, e igualmente o cultural, o social, o político, o ético”.

Consideramos que o aspecto relacional, concebido por Paveau (2021), é fundamental para dar conta de nosso objeto empírico, que é o discurso digital, observado a partir de um grande banco de dados, em que vários atores humanos e não humanos estão interagindo, realizando trocas informacionais, conectando práticas e criando laços, em um movimento constante, não linear e ininterrupto, cujos rastros digitais podem ser mapeados por meio do perspectivismo em rede, proposta metodológica que adotamos para trabalhar com nossos dados coletados no Facebook. A autora se conecta com muitos dos autores que trabalhamos para entender as dinâmicas relacionais das redes sociais, como Bruno Latour (2012), por exemplo, que elaborou a perspectiva teórica ator-rede (TAR).

Portanto, a perspectiva teórica que adotaremos neste estudo está centrada na proposta de análise do discurso digital formulada por Paveau (2021), combinada com outras colaborações teóricas que nos ampararam ao longo de nossa trajetória acadêmica, sobretudo Michel Foucault (2019 e 2014) e Teun Van Dijk (2016, 2005 e 2017).

2.6 PRIMEIROS TRABALHOS EM ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL NO BRASIL

A partir das principais considerações teóricas a respeito da análise do discurso digital, entendemos que é importante, neste momento, elencar um breve estado da arte sobre o tema no Brasil, para identificar como o campo tem se desenvolvido nos últimos anos. Para a tarefa,

realizamos uma pesquisa no Portal de Periódicos da Capes¹⁰⁵ do marcador “análise do discurso digital”, entre aspas, para identificar todas as ocorrências específicas sobre o tema. Obtivemos ao todo 16 registros sobre o tema, sendo: 15 artigos e um web-resources. Alguns dos artigos estão repetidos: aparecem mais de uma vez na busca. Outros, surgem em versão em português e língua estrangeira.

Dos 15 artigos, um deles é de nossa coautoria (NEVES-HORA; CAVALCANTI E COSTA, 2021), uma colaboração com outras duas pesquisadoras do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo. O artigo analisa o termo “bolsonarismo” em três momentos distintos, a partir da noção de fórmula discursiva de Alice Krieg-Planque, tendo como aporte teórico as noções de tecnodiscurso e análise do discurso digital de Paveau (2021).

O trabalho de Paveau (2021) também é citado nos artigos de Gonçalves e Lima (2021) e de Santos e Almeida (2021), ambos publicados no mesmo dossiê da revista *Calidoscópio*, ao lado de nossa colaboração (NEVES-HORA; CAVALCANTI E COSTA, 2021). É importante salientar que Santos e Almeida (2021) também são pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). A contribuição de Paveau (2021) é combinada com outras teorias, para empreender a tarefa de se analisar o discurso digital. Santos e Almeida (2021), por exemplo, também recorreram à teoria dos *scripts* semânticos do humor de V. Raskin para dar conta de seu objeto empírico, que eram comentários dos internautas em uma postagem humorística no Instagram. Outros quatro artigos usam a teoria elaborada por Paveau (2021) como fundamento teórico, são eles: Glück; Iracet e Giering (2022); Catelão e Oliveira (2021); Figueira, Neves-Hora e Hora (2022); Costa e Glück (2021).

Três registros do Portal de Periódicos da Capes chamaram a atenção por trazer contribuições a respeito da análise do discurso digital a partir da perspectiva de Dias (2018). Um deles é de Arcanjo (2022), que usa a abordagem de Dias (2018) na fundamentação teórica, porém não há referência ao trabalho de Paveau (2021). Arcanjo (2022) analisa a primeira temporada do *podcast* Projeto Humanos, tendo como aportes teóricos a análise do discurso digital (DIAS, 2018), no sentido de analisar as potencialidades da mídia *podcast* no procedimento de discursivização digital do Holocausto. Outro artigo, assinado por Beriula (2019), trata-se de uma resenha sobre o livro de Dias (2018). O terceiro e último artigo é

¹⁰⁵ Busca realizada no dia 1º de agosto de 2022. Cf. <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>.

assinado por Dias (2016b), quando a autora teoriza sobre a análise do discurso digital, e sobre a noção de arquivo e da constituição do *corpus* de pesquisa. É interessante observar que Dias (2016b) não cita a contribuição de Paveau (2021) em seu artigo.

A partir desse breve estado da arte, entendemos que o campo de análise do discurso digital é bem recente no Brasil, e está em expansão, com material sendo produzido nos últimos anos. As contribuições de Paveau (2021) e de Dias (2018 e 2016a) para a teorização desse conceito são fundamentais, e estão presentes em todos os trabalhos que estão sendo publicados. Dessa forma, essa constatação permite que sigamos em nosso estudo, usando as duas autoras como pressupostos teóricos para se pensar a análise do discurso digital.

3 — DESINFORMAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Ao empreender a nossa pesquisa, consideramos que a desinformação representa, ao lado da análise do discurso digital, um dos principais marcos teóricos constitutivos do nosso objeto empírico. A profusão de informações falsas circulando nos ambientes conectados representa um desafio urgente e sem precedentes para toda a comunidade científica mundial, por conta dos efeitos imediatos e os perigos a longo prazo que a prática de viralização de conteúdo malicioso representa, que é, nos cenários mais otimistas, uma descrença nas autoridades constituídas, até chegar a uma ruptura total no contrato social entre os indivíduos em uma sociedade e suas instituições. Portanto, dimensionar a questão consultando os teóricos que investigam o fenômeno é ímpar neste momento. Também iremos estabelecer um breve estado da arte sobre os estudos em linguística e desinformação no Brasil, para entender como o campo está se desenvolvendo, sobretudo nos últimos anos.

3.1 UMA QUESTÃO DE DESORDEM INFORMACIONAL

A desinformação não é exatamente um problema novo na sociedade ocidental, porém representa, atualmente, um grande desafio atual dos tempos de hiperconexão: a viralização de informações falsas ou descontextualizadas entre a audiência conectada. Considerar a enunciação no Facebook, durante os primeiros meses da crise sanitária da Covid-19, dando a dimensão do que estava sendo comentado, identificando as nuances do negacionismo vacinal, é o que nos propomos a fazer em nosso estudo.

As notícias falsas podem ser consideradas endêmicas na sociedade da informação, fazendo parte da experiência diária de indivíduos por meio dos padrões estabelecidos de comunicação, além de grupo social, categorização, enquadramento e padrões de poder (MARSHALL, 2017). Porém, tem ganhado uma maior dimensão nos últimos anos, com a aceleração da digitalização do mundo.

A ampla dispersão de notícias falsas, causada principalmente pela conexão generalizada, é chamada por Wardle e Derakhshan (2017) de poluição da informação, que geraria uma desordem informacional, problema que se configura atualmente com um alto grau de complexidade no cenário cotidiano midiático, representando um desafio sem precedentes. Para os autores, estamos testemunhando uma complexa teia repleta de motivações para criar, disseminar e consumir essas mensagens “poluídas”, contaminadas por informações falsas,

manipuladas ou maliciosas. Esse ecossistema é composto, de acordo com Wardle e Derakhshan (2017), por uma abundância de tipos de conteúdo e técnicas para amplificar o alcance de conteúdos, além de inúmeras plataformas hospedando e reproduzindo esse conteúdo, com velocidades frenéticas de comunicação entre pares confiáveis.

Há que se analisar como se configura esse intrincado cenário atual, em que informações verdadeiras e falsas circulam nos dispositivos conectados, impactando na vivência em sociedade. A noção de desinformação (*disinformation*) que utilizamos neste estudo vai além de um problema de excesso de informações ou de interpretações equivocadas de um mesmo enunciado: adotamos o conceito formulado por grupo de especialistas em notícias falsas da Comissão Europeia, que delimita o problema como sendo todas as formas de informações falsas, imprecisas ou enganosas projetadas, apresentadas e promovidas para causar intencionalmente danos públicos ou com fins lucrativos (FREELON e WELLS, 2020). Basicamente temos a viralização intencional de uma profusão de enunciados falsos para deliberadamente prejudicar a organização da sociedade da informação.

Outros autores também compartilham o mesmo entendimento, como Wardle e Derakhshan (2017), que estabelecem que a desinformação acontece quando informações falsas são compartilhadas conscientemente para causar danos na audiência conectada, em uma perspectiva em que as informações trazem um contexto falso com conteúdo impostor, manipulado e/ou fabricado. Para Bennett e Livingston (2021), a desinformação tem objetivos políticos como desacreditar oponentes, interromper debates políticos, influenciar eleitores, inflamar conflitos sociais existentes ou criar um cenário geral de confusão e paralisia informacional.

De um lado, temos conteúdos maliciosos e falsos circulando nos ambientes digitais, enquanto de outro lado há uma queda na confiança por parte do público ocidental a respeito do trabalho da imprensa profissional (FREELON e WELLS, 2020). A desinformação está afetando todos os tipos de organizações que mobilizam o debate da esfera pública democrática, de acordo com Bennett e Livingston (2021), que argumentam que uma crise de legitimidade de instituições oficiais está no cerne da desinformação contemporânea. Os autores entendem que as normas de debate fundamentado entre pontos de vista concorrentes deram lugar à distorção deliberada, com o uso de fatos alternativos que distorcem percepções de problemas e soluções. Sendo assim, há um processo de falência da autoridade institucional em curso, que está progressivamente minando a confiança nas informações oficiais (BENNETT e LIVINGSTON, 2021), situação que leva a um cenário de desconfiança generalizada por parte dos indivíduos. A informação (inclusive jornalística), necessária para a organização da vida em

sociedade, acaba por ter sua credibilidade contestada pela audiência, ou mesmo é recebida com descrédito, dando lugar a fatos alternativos, conteúdo falso e/ou malicioso. O desafio de nosso estudo é compreender a dimensão do fenômeno da desinformação no Brasil, no contexto do início da crise sanitária da Covid-19, quando havia uma necessidade de informações sobre a doença que havia acabado de chegar ao país.

3.2 EMOÇÃO E COMPARTILHAMENTO NAS REDES SOCIAIS

A postagem de conteúdos pelos internautas (todos os tipos como anônimos, famosos, corporativos e amadores) é basicamente o que alimenta plataformas conectadas como o Facebook ou Instagram, que impulsionam um determinado conteúdo ou não por meio de uma lógica algorítmica própria estabelecida por meio de critérios de alcance e visibilidade. Sabemos então que o ambiente conectado impulsiona alguns temas em detrimento de outros com base em seu próprio entendimento do que poderá conquistar a atenção dos usuários. Mas o que leva uma pessoa a postar um determinado conteúdo nas redes sociais, muitas vezes sem verificar se é verídico ou não? Abordar esse tema nos ajudará a compreender melhor essa dinâmica que leva a um cenário de desinformação, com a viralização de todo tipo de conteúdo falso e/ou malicioso.

Há autores que consideram que algumas pessoas podem ser mais suscetíveis a acreditar em notícias falsas, pois privilegiam informações mais emocionalmente reconfortantes, mesmo que sejam inverídicas, como apontam Bennett e Livingston (2021). Há estudos recentes que apontam que há padrões discerníveis de reações individuais a informações novas que são mapeados de acordo com características demográficas como idade, nível de instrução, raça e nível econômico (PORTER e WOOD, 2019 *apud* BENNETT e LIVINGSTON, 2021). Outras abordagens contemporâneas descobriram uma tendência humana a privilegiar informações alinhadas com crenças prévias, que tem sido chamado de *viés de confirmação* por parte de especialistas (HART *et al.*, 2009). Na direção oposta, está o *ceticismo motivado*, que leva indivíduos a desconsiderar uma informação por não serem alinhadas a suas crenças prévias (HART *et al.*, 2009). Juntas, as duas noções, que descrevem o mesmo conceito de direções diferentes, seriam capazes de levar à polarização (BENNETT e LIVINGSTON, 2021). Isso porque, para proteger crenças existentes, os indivíduos tendem a buscar motivos para descartar ou evitar o envolvimento com informações em desacordo com crenças anteriores, enquanto buscam verdades emocionalmente reconfortantes que confirmam convicções pessoais (BENNETT e LIVINGSTON, 2021). Porém, Bennett e Livingston (2021) entendem que

estudos que tratam apenas de aspectos individuais de processamento de informações não respondem ao grande problema contemporâneo sobre o processamento de informações falsas. Para os autores, a questão da desinformação política é mais complexa porque as pessoas não são processadoras de informações isoladas. Os indivíduos estabelecem vínculos de relacionamento, em suas bolhas ideológicas, e procuram informações confiáveis em suas redes sociais, participando, muitas vezes, da produção e distribuição de grandes volumes de conteúdo disruptivo.

Para Bennett e Livingston (2021), a propagação de conteúdo enganoso não é uma falha dos sistemas de checagem das plataformas, ou falta de alfabetização midiática dos seres humanos: é uma característica dos tempos atuais. Os autores entendem que os esforços atuais no sentido de compreender o fenômeno da desinformação política concentram-se nos sintomas, e não nas causas dos distúrbios de comunicação. O cerne da questão seria uma análise profunda da crise generalizada na gestão comunicacional das instituições governamentais com manipulação, distorções e informações descontextualizadas, algo que acontece há décadas, por motivos econômicos de governantes e elites políticas. Houve uma ruptura gradual entre governantes e governados ao longo dos anos, o que fomentou uma desconfiança, que foi sendo ampliada quando as realidades alternativas começaram a circular com maior alcance entre a audiência, o que foi aumentando ao longo dos anos, até o momento atual.

Outros autores trabalham com uma abordagem que leva em consideração aspectos identitários dos indivíduos envolvidos nos processos comunicacionais. Marshall (2017), por exemplo, entende que, atualmente, a comunicação possui outras funções sociais além da transmissão de informações: tem sido baseada principalmente em identidade. Nos ambientes conectados, os indivíduos se organizam em grupos de informação nos quais compartilham identidades e significados, tendendo a criar desconfiança de outros grupos. Para Marshall (2017), categorias sociais, enquadramentos, mentiras, persuasão, vínculo grupal, identidade grupal e grupos de informação são necessários para o funcionamento social e para a interpretação e seleção de informações, porém, todos eles podem ter como resultado distorções. Então, o autor considera que não há uma troca de informações totalmente neutra, sem a influência de relações de poder em menor ou maior proporção.

Aspectos emocionais são fundamentais para o compartilhamento nas redes, de acordo com Wardle e Derakhshan (2017). Os autores entendem que as redes sociais são alimentadas pelo compartilhamento de conteúdo com caráter mais emocional. Em busca de aprovação, de *likes*, de ser visto pelo outro, os usuários das plataformas acabam adotando um aspecto mais performático ao usar a internet. Sendo assim, considerar esses usos por uma perspectiva mais

emocional pode ser fundamental para entender como a desinformação se espalha (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017).

Para D'Ancona (2018), há que se considerar a noção de pós-verdade, que é o cenário no qual as crenças pessoais e os apelos emocionais influenciam mais na constituição da opinião pública do que os fatos objetivos e concretos, noção que se conecta à perspectiva de Seargeant (2020). Ao analisar a maneira mais emocional como as pessoas têm se portado nos últimos anos, no contexto da hiperconexão, Seargeant (2020) estabeleceu que os políticos têm se aproveitado dos eleitores, inflando narrativas com um teor dramático para eclipsar sua falta de propostas práticas. Em publicação recente, na qual analisa como a comunicação política tem sido realizada em tempos de pós-verdade, Seargeant (2020, p. 14, tradução nossa¹⁰⁶) defende que “estamos vivendo uma época em que se aproveitar das emoções das pessoas provou ser muito mais eficaz do que o argumento racional. Que as pessoas votam principalmente em seus valores e sentimentos”.

Roussin (2023) sugere que a adesão a uma notícia falsa pode ser mais expressiva do que cognitiva, servindo como uma forma de expressão política ou ideológica. A autora também destaca que, muitas vezes, os usuários conectados compartilham uma notícia falsa por adotarem uma atitude mental em que a verdade não está em jogo. Seria semelhante a uma imersão na ficção ou a uma mentira para si mesmo. Na contribuição de Roussin (2023), ao embarcarem em uma imersão na ficção, os internautas conscientemente suspendem a crença na realidade para desfrutar da narrativa (mesmo que seja falsa, como acontece muitas das vezes). Na possibilidade de mentir para si mesmo, os indivíduos podem querer acreditar em algo apesar de evidências contrárias, motivadas por emoções ou desejos. As hipóteses de Roussin (2023) abrem espaço para uma compreensão mais ampla da influência das emoções e da ideologia na adesão à desinformação.

Para Wardle e Derakhshan (2017), o consumo de notícias e informações pelas pessoas é, antes de tudo, uma maneira de reafirmar sua afinidade com uma narrativa dramática maior sobre o mundo e seu lugar nele, e transcende fatos e números. Os autores apontam que o fenômeno que vivemos exige um exame criterioso dos elementos envolvidos nas trocas informacionais (o agente ou enunciador, as mensagens e os intérpretes ou enunciatários). Para entender esse complexo movimento de desinformação nas mídias digitais, devemos então, de acordo com os autores, nos debruçar sobre esses três elementos fundamentais do processo

¹⁰⁶ We're living in an era in which tapping into people's emotions has proved far more effective than rational argument. That people vote primarily on their values and feelings.

comunicacional. Os autores apontam que há quatro características que tornam uma mensagem mais atraente, o que levaria, portanto, a despertar o interesse da audiência, sendo consumida, processada e compartilhada amplamente: provoca uma resposta emocional; possui um componente visual poderoso; tem uma narrativa forte; e é repetida. Wardle e Derakhshan (2017) apontam que essa fórmula tem sido muito repetida pelos criadores de informações falsas na internet.

Wardle e Derakhshan (2017) defendem que devemos considerar as motivações específicas de diferentes tipos de enunciadores, as características de diferentes tipos de mensagens e os fatores que impactam como as pessoas interpretam/recebem essas mensagens. Eles também ponderam que, ao se analisar o fenômeno da desinformação, precisamos reconhecer como as mensagens e as motivações sobre elas podem mudar e se transformar à medida que outros agentes as reproduzem e disseminam. Consideramos que a contribuição é muito válida para nossa pesquisa, reconhecemos a importância desses elementos (emissor, mensagem e destinatário) para que possamos estabelecer uma análise do discurso digital (PAVEAU, 2021), porém também enfatizamos que o contexto da enunciação é basilar para este estudo. É o que defendem Maci *et al.* (2024, p. 2, tradução nossa¹⁰⁷): os autores consideram que, embora existam propriedades e padrões identificáveis na disseminação e nos efeitos da desinformação, “o caráter exato e a influência das informações falsas sempre estarão intimamente ligados ao contexto em que existem”. Para os autores, o ecossistema midiático regional e específico de um grupo influenciará na forma como as informações são compartilhadas dentro de uma comunidade, enquanto a história cultural dessa comunidade também deverá influenciar como as informações são interpretadas (MACI *et al.*, 2024). Então, buscamos avançar na compreensão de que a comunicação por meio das plataformas conectadas vai além de apenas uma transmissão de mensagens ou troca informacional. Há todo um relacionamento envolvido, além de relações de poder, entre os interlocutores.

3.3 ESTUDOS LINGUÍSTICOS E DESINFORMAÇÃO

Estudos linguísticos recentes em todo o mundo têm surgido para tentar compreender esse fenômeno da desinformação no contexto da hiperconexão, em que acontece a viralização de conteúdos falsos nos ambientes digitais. Muitos trabalhos contemporâneos estão espalhados em artigos científicos de revistas científicas, porém alguns autores tomaram a dianteira para

¹⁰⁷ “*Fake news*” exact character and influence are always going to be tied closely to the context in which it exists.

publicar livros que abordam a relação da desinformação com a linguagem. Por meio de uma publicação mais robusta, no livro *The language of fake news*, Grieve e Woodfield (2023), por exemplo, consideram que a maioria dos casos de notícias falsas envolve questões de linguagem, então compreender a linguagem das notícias falsas é algo fundamental para entender a dimensão da questão.

Os autores ponderam que, embora as notícias falsas possam trazer imagens ou outros tipos de conteúdos audiovisuais, elas possuem geralmente um texto que simula pertencer ao gênero notícia (texto não literário). Então Grieve e Woodfield (2023) consideraram o gênero textual notícia como sendo a unidade comunicativa básica do jornalismo, e a partir disso o entendimento é estendido para a análise dos conteúdos falsos. Os pesquisadores estabeleceram, em seu estudo, padrões de estruturas gramaticais (ou *framework*) para diferenciar textos de notícias reais e falsas, baseados em teorias de desinformação (distinção entre desinformação e má informação) e variação de registro (considerando uma perspectiva funcional da língua). Esse *framework* oferece uma base para descrever as diferenças linguísticas entre notícias reais e falsas e explicar por que essas diferenças existem, considerando não só o conteúdo, mas também a estrutura gramatical (GRIEVE e WOODFIELD, 2023).

Em seu estudo, para comprovar seu entendimento a respeito das notícias falsas, Grieve e Woodfield (2023) analisaram o caso do jornalista Jayson Blair, que plagiou e fabricou trechos de reportagens quando atuava como repórter do jornal americano *The New York Times*, no início dos anos 2000¹⁰⁸. Grieve e Woodfield (2023) conduziram uma análise da estrutura linguística das notícias verdadeiras e falsas escritas de Blair, identificando padrões gramaticais específicos que distinguem as notícias verdadeiras e falsas do jornalista. Por meio de uma análise gramatical detalhada de um *corpus* de artigos reais e falsos de Blair, é demonstrado que existem diferenças claras no estilo de escrita do jornalista, com suas notícias reais exibindo maior densidade de informação e convicção do que suas notícias falsas (GRIEVE e WOODFIELD, 2023).

Uma publicação também recente é o livro *The Routledge Handbook of Discourse and Disinformation*, organizado por Maci, Demata, McGlashan e Seargeant (2024), com um compilado de capítulos que versam sobre análise do discurso e desinformação. Um deles traz a contribuição de Padley (2024), que trata da linguagem da desinformação na área da saúde. A autora considera que o impacto da desinformação sobre informações de saúde é significativo e

¹⁰⁸ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/03/reporter-que-enganou-new-york-times-elogia-imprensa-e-se-diz-arrependido.shtml>. Acesso em 8 abril 2024.

pode ter um amplo alcance. A autora cita a perspectiva de viés de confirmação (HART *et al.*, 2009 *apud* PADLEY, 2024) para considerar que um sujeito que já tem dúvidas sobre uma questão de saúde específica acaba sendo engolido pela avalanche de desinformação disponível na internet, acionando mecanismos cognitivos para validar uma dúvida ou se deixando levar por informações falsas em vez de considerar fatos incontestáveis, ou seja, interpretando informações para afirmar as crenças pré-existentes. Essa é a premissa que ela explora ao analisar o contexto das vacinações durante a pandemia da Covid-19.

Padley (2024) enumera tópicos comuns encontrados em estudos sobre desinformação a respeito de vacinação, entre eles desinformação sobre efeitos colaterais, bem como a desconfiança no governo e nas instituições como um todo (TUSTIN *et al.*, 2018 *apud* PADLEY, 2024). A autora também evidencia um estudo de Krishna *et al.* (2017 *apud* PADLEY, 2024), que constatou que a maioria dos propagadores de notícias falsas a respeito dos imunizantes tinha grande falta de conhecimento sobre vacinas e que aqueles que aderiram às campanhas anti-vacinação eram muito mais ativos em pesquisas realizadas via internet, compartilhando, conseqüentemente, as informações encontradas.

Em trabalho anterior, publicado em revista científica, Padley (2022) realizou uma investigação de campo sobre as narrativas que cercam os indivíduos favoráveis aos imunizantes contra a Covid-19 e aqueles que não o são, comparando as experiências do Reino Unido e da Itália com os indivíduos que receberam o passaporte vacinal, comprovando a imunização. As conclusões do estudo de Padley (2022) apontaram para um certo grau de discriminação contra os indivíduos não vacinados, mas também destacaram como os indivíduos contrários à vacinação interpretavam fontes oficiais de informação para confirmar seus próprios pontos de vista e justificar suas escolhas (HART *et al.*, 2009 *apud* PADLEY, 2022).

Outro artigo presente na obra organizada por Maci, Demata, McGlashan e Seargeant (2024) é a contribuição de Bondi e Sanna (2024), que traz a mesma perspectiva de viés de confirmação trabalhado por Padley (2024). Os autores analisam como as opiniões dos outros indivíduos vão sendo sistematicamente rejeitadas e/ou instrumentalizadas para apoiar as próprias crenças. A partir da análise de um *corpus* de tuítes e um *corpus* de textos jornalísticos sobre a pandemia, o estudo demonstrou que é possível identificar padrões que são sinais claros de rejeições explícitas, seja defendendo ou rejeitando uma posição, e que os verbos são usados como marcadores de posicionamento.

A obra de Maci, Demata, McGlashan e Seargeant (2024) traz outros capítulos que exploram abordagens metodológicas variadas, considerando gêneros textuais e recursos como inteligência artificial e *big data*, de pesquisadores que se desdobram para analisar a

desinformação sob uma perspectiva linguística. Sabbah (2024) mostra modelos e estruturas desenvolvidas pela análise crítica do discurso, que buscam investigar as estratégias discursivas usadas na produção de notícias falsas, o papel do ator social na disseminação de informações falsas e a ação social de rotular informações como desinformação. A autora apresenta métodos de ACD que podem ser usados para estudar estratégias de manipulação e de legitimação usadas na produção de informações falsas e na disseminação e rotulagem de informações falsas como uma ação social.

Uma abordagem que explora as possibilidades de diferenciação de notícias falsas de verdadeiras, a partir de marcadores linguísticos, é o estudo de Mahyoob *et al.* (2021), em que os autores utilizam dados qualitativos e quantitativos como método analítico para identificar nuances sistemáticas entre notícias falsas e verdadeiras em termos de detecção e comparação de 16 atributos em três categorias principais de indicadores linguísticos (características lexicais, gramaticais e sintáticas) atribuídas manualmente a textos noticiosos. Os resultados obtidos pelos pesquisadores mostram que características linguísticas, especialmente gramaticais, ajudam a determinar textos não confiáveis. A contribuição de Mahyoob *et al.* (2021) foi publicada no volume 11 e número 1 do periódico *International Journal of English Linguistics* (2021).

3.4 ALGUNS TRABALHOS EM DESINFORMAÇÃO E LINGUAGEM NO BRASIL

No Brasil, o campo da linguística, sobretudo na análise do discurso, recebeu contribuições importantes nos últimos anos, que avançam na compreensão do fenômeno contemporâneo da desinformação. Um deles é o livro *Fake news: abordagens discursivas*, organizado por Almeida e Baronas (2023). Os autores apontam que a noção de desinformação traz impressa em seu DNA a percepção de um conjunto de pré-discursos, que são as opiniões, crenças, convicções e saberes arraigados (PAVEAU, 2013 *apud* ALMEIDA e BARONAS, 2023). Sendo assim, esse complexo sistema de crenças anteriores seria o fator determinante de adesão de um sujeito a uma notícia falsa, sendo mais importante até mesmo do que os elementos interacionais, organizacionais e linguísticos (ALMEIDA e BARONAS, 2023). Essa perspectiva de entendimento proposta por Almeida e Baronas (2023), para dar conta da viralização exponencial de conteúdo malicioso nas plataformas conectadas, se assemelha à proposta de Hart *et al.* (2009), chamada de viés de confirmação. O estudo conduzido pelos especialistas apontou que as pessoas tendem a privilegiar conteúdos que são agradáveis a suas

crenças pré-existentes, e a rejeitar informações que vão de encontro a essas convicções anteriores.

Outra contribuição brasileira para a área de análise do discurso é a obra *Discurso e (pós) verdade*, organizada por Curcino, Sargentini e Piovezani (2021), com uma série de dez capítulos que propõem novas abordagens linguísticas ao fenômeno contemporâneo das notícias falsas. O compilado de capítulos explora como os enunciados mentirosos adquirem funcionamentos discursivos, que estão sempre conformados aos regimes de verdade (FOUCAULT, 2015) estabelecidos pelas diferentes épocas. Sendo assim, “as afirmações, as relativizações e as negações das verdades não se processam fora da história” (CURCINO, SARGENTINI e PIOVEZANI, 2021), constituindo-se, então, como fenômenos discursivos por excelência.

Entre os trabalhos presentes na obra organizada por Curcino, Sargentini e Piovezani (2021) está a colaboração de Fontana (2021), que se propõe a pensar o funcionamento do discurso político contemporâneo a partir de dois modos de enunciação que circulam e participam da construção da opinião pública brasileira. São eles: pós-verdade (enunciação atribuída a um interlocutor de destaque) e *fake news* (os boatos, com efeito de rumor). A partir dessa ideia, ela analisa enunciados de textos jornalísticos diversos (reportagem, artigos, editoriais, etc). Já Curcino (2021) analisa os usos simbólicos do livro e da leitura no contexto da atual política brasileira, durante os pronunciamentos transmitidos ao vivo pelo Facebook do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro. A autora defende que os livros são mobilizados para justificar posicionamentos e amparar afirmações feitas pelo ex-presidente durante esses pronunciamentos. A ideia de discurso e verdade também é abordada no capítulo de Marques (2021), quando a autora examina a relação entre as duas noções a partir do modo como o discurso do locutor e o discurso do outro (discurso relatado) é apresentado em textos jornalísticos. Piovezani (2021) traz uma análise do funcionamento discursivo das falas públicas do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, durante a campanha eleitoral de 2018. O autor analisa as formas e recursos linguísticos, retóricos e discursivos enquanto elementos que constituem o funcionamento do discurso político do então candidato, que teriam produzido efeitos como franqueza e interação, veemência e antagonismo.

Por último, destacamos o trabalho de Sargentini e Carvalho (2021), dentro da obra organizada por Curcino, Sargentini e Piovezani (2021). Os autores abordam a questão da noção de verdade na contemporaneidade, ao analisar o funcionamento de enunciados que trazem desinformação, o que, conseqüentemente, leva a uma fragilização dos regimes democráticos. Tendo com base as ideias de vontade de verdade de Michel Foucault (2014), Sargentini e

Carvalho (2021) pensam as noções de verdade na pós-modernidade, bem como seus impactos no sistema democrático brasileiro. Para os autores, “as formas de circulação de conteúdo em rede sinalizam um contexto em que as evidências científicas ou informativas dos fatos têm sua importância histórica relativizada, diante da construção discursiva e da estratégica da desinformação” (SARGENTINI e CARVALHO, 2021, p. 84). Eles entendem que a desinformação se constitui atualmente enquanto técnica de poder pastoral, em que há “verdades” sustentadas pelos interesses econômicos, religiosos, políticos: “da prática de conduzir o rebanho deriva, na atualidade, a ação de seguir grupos que alimentam a continuidade e o crescimento das redes de desinformação” (SARGENTINI e CARVALHO, 2021, p. 84). Os sujeitos seguem as “verdades”, mesmo quando elas são contestadas por especialistas e suas pesquisas científicas, pois esses fatos alternativos e suas instâncias enunciativas estão imersos em relações de poder, o que faz com que, em determinado momento, um enunciador ou outro seja contestado ou descredibilizado, de acordo com o afetos que mobilizam (SARGENTINI e CARVALHO, 2021). No fim das contas, de acordo com os autores, essa “fórmula” da desinformação constitui-se de estratégias refinadas que podem ser replicadas em qualquer contexto sociocultural, como aconteceu na última década no Brasil e nos Estados Unidos.

Assim como fizemos no capítulo anterior, que elenca as principais considerações teóricas a respeito da análise do discurso digital, entendemos que é importante, nesta fase do trabalho, elencar um breve estado da arte sobre a desinformação no Brasil, para identificar como os pesquisadores têm trabalhado o tema nos últimos anos. Para dar uma explorada na produção científica atual sobre o tema, que relaciona a desinformação à área de estudos linguísticos, fizemos uma busca no Portal de Periódicos da Capes¹⁰⁹ dos termos “desinformação + linguística”, sem aspas, para identificar todas as ocorrências específicas sobre o tema. Obtivemos ao todo 48 registros sobre o tema desde 2011, sendo: 46 artigos científicos e duas dissertações. Alguns dos artigos estão repetidos: aparecem mais de uma vez na busca. Outros, surgem em versão em português e língua estrangeira. Para dar conta de relacionar algumas das mais relevantes contribuições ao campo, optamos por filtrar as ocorrências para examinar os trabalhos publicados em periódicos que foram submetidos ao crivo de aprovação de pareceristas, o que totaliza 29 trabalhos. Abaixo, pontuamos alguns destaques, sobretudo as pesquisas que se inscrevem na área de análise do discurso.

¹⁰⁹ Busca realizada no dia 1º de maio de 2024. Cf. <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez1.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>.

Um deles é o dossiê *Práticas discursivas e contradiscursivas em contexto digital: discursos intolerantes, mentirosos e anticientíficos em debate* da revista (Con)Textos Linguísticos, organizado por Júlia Almeida (Ufes), Roberto Leiser Baronas (UFSCar) e Micheline Mattedi Tomazi (Ufes). Ele apresenta alguns capítulos que foram selecionados em nossa busca no Portal Capes, como o de Santiago e Araújo (2023), cujo *corpus* de pesquisa consistiu na análise de cinco postagens feitas nas redes sociais durante o período de 2021-2022 que foram checadas pela agência Lupa e cuja temática apontava para negação da eficácia da vacina. Por meio de uma abordagem qualitativa com base na análise de discurso textualmente orientada (ADTO), de Fairclough (2001 *apud* SANTIAGO e ARAÚJO, 2023), os autores investigaram a prática discursiva de desinformação, considerando a interdiscursividade em postagens anticientíficas sobre a eficácia das vacinas.

O artigo de Stumpf, Volcan e Soares (2023) também integra o dossiê da revista (Con)Textos Linguísticos, propondo uma análise de postagens do Facebook para explorar o papel da desinformação e da sinofobia no contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil. Depois de coletar postagens relacionadas à China em grupos públicos no Facebook, os pesquisadores utilizaram a análise de redes sociais para explorar as redes e analisar melhor os links mais postados pelos usuários. A análise de conceito conectado (CCA – LINDGREN, 2016 *apud* STUMPF, VOLCAN e SOARES, 2023) foi empregada para examinar as publicações do Facebook contendo *links* que foram postados pelo menos 10 vezes em cada *cluster* e uma leitura qualitativa profunda foi realizada para dar sentido às conexões. Os pesquisadores identificaram três tendências no grupo favorável ao ex-presidente Jair Bolsonaro: (1) culpar a China pela pandemia, (2) reproduzir teorias da conspiração sobre a China ter criado intencionalmente o vírus e (3) reforçar um enquadramento político da pandemia (criado pelos comunistas). O discurso sinofóbico explícito foi usado para reforçar essas afirmações, de acordo com os pesquisadores. Eles também identificaram que outras postagens continham sinofobia implícita ao culpar a China pela pandemia.

O terceiro e último artigo do dossiê *Práticas discursivas e contradiscursivas em contexto digital: discursos intolerantes, mentirosos e anticientíficos em debate* da revista (Con)Textos Linguísticos, identificado em nossa busca no Portal de Periódicos da Capes, é a contribuição de Leite e Moraes (2023). Os pesquisadores buscam entender algumas estratégias enunciativas e técnicas presentes em enunciados de desinformação contra a comunidade transexual, publicados no perfil do Twitter da Revista Oeste. Para empreender a pesquisa, os autores utilizam o conceito de cenografia (MAINGUENEAU, 2010 e 2017 *apud* LEITE e MORAES, 2023) e do tecnodiscurso (PAVEAU, 2021 *apud* LEITE e MORAES, 2023), para,

a partir do prisma da análise do discurso de linha francesa, investigar características da cenografia iconotextual e arquitetural no perfil da Revista Oeste que criam uma cenografia típica do discurso jornalístico. Leite e Moraes (2023) entendem que, por mais que os enunciados desse perfil façam emergir pré-construídos (Pechêux, 1975) transfóbicos, a criação de uma cenografia jornalística cria a impressão de que estes sejam enunciados jornalísticos.

Além do dossiê da revista (Con)Textos Linguísticos, encontramos outras publicações recentes no Portal de Periódicos da Capes que nos ajudaram a entender os estudos que estão sendo realizados sobre desinformação e linguagem. É o caso do trabalho de Santiago e Araújo (2022). A distribuição de anúncios digitais falsos é abordada na pesquisa dos autores, que buscam investigar a prática discursiva de desinformação, por meio de um quadro de sistematização da distribuição/contribuição dos atores sociais a partir das contribuições continuadas e descontinuadas mediante graus cientes, inscientes e transformacionais. Os autores usam como fundamentação teórica os estudos críticos do discurso, mais especificamente a abordagem dialético-relacional (FAIRCLOUGH, 2001 *apud* SANTIAGO e ARAÚJO, 2022), em uma abordagem qualitativa que traz como método a análise de discurso textualmente orientada (ADTO), de Fairclough.

O trabalho de Santiago e Araújo (2022) integram o dossiê *(Des)ordem informacional nas redes sociais: do discurso de ódio à liberdade de expressão* da revista *Linguagem em Foco* (UECE), que reúne outros artigos, como o de Hissa (2022), que promove uma reflexão sobre a desinformação como estratégia político-discursiva aceita, validada e divulgada como verdade “inquestionável” por grupos na hipermídia. A autora compara as massas discursivas com as bolhas nas redes sociais, a partir de uma perspectiva freudiana da psicologia das massas (FREUD, 2011). Também integra o dossiê o trabalho de Lé, Anecleto e Ribeiro (2022), que traz ao fenômeno da desinformação na cibercultura dentro de uma perspectiva da ética da informação, considerando a relevância do combate às notícias falsas no processo de formação do leitor. As autoras baseiam-se nos conceitos de bolha e pós-verdade para explicar um dos aspectos distópicos do surgimento das redes: a rápida disseminação de desinformação. Já Nascimento e Lima-Neto (2022) discutem como o efeito *dunning-kruger* (DUNNING, 2011 *apud* NASCIMENTO e LIMA-NETO, 2022) e a *dissonância cognitiva* (FESTINGER, 1968 *apud* NASCIMENTO e LIMA-NETO, 2022) se manifestam na CPI da Covid, iniciada em 2021, institucionalizando a desinformação no país. Pinheiro (2022) empreende uma discussão epistemológica sobre as notícias falsas, entendendo-as de uma forma mais ampla, como informações falsas provenientes de ações deliberadas de desinformação, movidas por

interesses econômicos, políticos, ideológicos e sociais, divulgadas em mídias impressas, televisivas, radiofônicas e digitais.

As campanhas do governo federal sobre a reforma da Previdência Social foram tema da pesquisa de Rasquel (2018), que estabeleceu uma análise crítica do discurso de propagandas institucionais, evidenciando como o abuso de poder pode estar presente no discurso político, no qual a manipulação, via desinformação, age em função desse abuso. A pesquisadora identificou que o discurso político utiliza-se de recursos linguísticos e estratégias argumentativas de convencimento, com apelo cognitivo e emocional, que estando pautados em dados deturpados, funcionam como objetos de manipulação e controle da opinião pública. Sendo assim, sem um contexto e uma postura crítica e reflexiva, o enunciatório poderia ser ludibriado, defende a pesquisadora.

Ainda em nossa pesquisa no Portal de Periódicos da Capes, identificamos a contribuição de Monteiro e Rebello (2019). Os pesquisadores utilizam a teoria semiolinguística de Patrick Charaudeau para analisar postagens de Facebook, evidenciando as intencionalidades psico-sócio-discursivas que determinam as orientações discursivas expressas pelas visadas, bem como os procedimentos de construção enunciativa de ordem linguística que explicitam os diferentes tipos de relações do ato enunciativo. Outra pesquisa que despertou nosso interesse é a de Komesu *et al.* (2022), que empreende uma análise do conteúdo temático do serviço de checagem de fatos Saúde sem *Fake news* do Ministério da Saúde, no contexto da Covid-19. O estudo de Komesu *et al.* (2022) fundamenta-se em pressupostos dos estudos de letramentos. A pesquisa qualitativa e quantitativa priorizou um conjunto de 86 publicações sobre o novo coronavírus. Os resultados apontam para um perfil de leitor de redes sociais preocupado com a doença e que precisa confrontar crenças e evidências científicas.

A disseminação de notícias falsas durante a pandemia de Covid-19 foi o ponto de partida da pesquisa de Leal (2022), que se debruçou sobre os desdobramentos da desinformação a partir da pragmática de Peirce e de Grice. O *corpus* da autora, coletado na Agência Lupa, compreende quatro informações veiculadas no Brasil entre abril de 2020 e abril de 2021 no aplicativo Whatsapp. Os resultados da pesquisa de Leal (2022) mostraram que as notícias falsas tendem a impactar aqueles que possuem predisposição para acreditar em seu conteúdo, além de utilizar das máximas conversacionais e implicaturas de modo a ludibriar o leitor, levando-o a conclusões e crenças falsas.

Assim como em Leal (2022), a desinformação produzida durante a crise sanitária da Covid-19 também foi tema da pesquisa de Pereira Andreatta (2021). A autora realizou análises das estratégias linguísticas e imagéticas de apelo e convencimento, assim como do tratamento

digital das *fakes news* que refletem uma narrativa transmídia. A pesquisadora selecionou cinco notícias falsas que circularam em diversas redes sociais, com diferentes configurações, e impulsionaram a desinformação em relação ao número de mortes por Covid-19, recortando-se, para análise, as informações falsas a partir do tema “caixões vazios” que se utilizaram de imagens estáticas, acompanhadas ou não de texto verbal e verificadas em agências de checagem. Pereira Andreatta (2021) considerou, ao final de seu estudo, que há uma urgência em um novo tipo de letramento digital mais crítico: “as práticas de leitura precisam buscar a compreensão das multissemióticas presentes nos textos em circulação, assim como compreender as relações estabelecidas nos meios de transmissão e produção de textos em contextos digitais” (PEREIRA ANDREATTA, 2021, p. 88).

Para avaliar a desinformação a respeito do Projeto de Lei Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet (PL 2630), Muniz-Lima, Catelão e Pinto (2023) promoveram uma reflexão sobre o uso de estratégias textuais tecnolinguageiras acionadas na construção da orientação argumentativa com um *corpus* composto de tuítes publicados no perfil @tvsenado no dia da votação do PL. O estudo foi baseado em aportes teóricos da linguística textual (LT), da teoria da argumentação no discurso (TAD) e da análise do discurso digital. Resultados obtidos permitiram identificar o uso de recursos tecnolinguageiros como mobilizadores de arenas discursivas polêmicas ou usados como fonte de interatividade e referenciação.

Finalizando este breve estado da arte, temos a contribuição de Rajagopalan (2019), que buscou destacar a importância da necessidade de novos letramentos para o enfrentamento da desinformação, em contraste com o letramento antigo, centrado nos “três Rs”. O autor argumenta contra a crença de que se trata apenas uma atualização do antigo e defende que as circunstâncias e os novos processos informacionais “forçaram um repensar completo do que significa ser letrado num novo mundo emergente, no qual a velha ordem está desmoronando rapidamente e novas formas de comunicação estão sendo criadas em um ritmo impressionante” (RAJAGOPALAN, 2019, p. 119). Para o pesquisador, é preciso considerar o contexto mais amplo do mundo em que vivemos atualmente e a necessidade urgente de enfrentar os desafios apresentados por um mundo cada vez menor. O artigo de Rajagopalan (2019) também alerta contra os perigos das informações falsas e do uso indiscriminado das mídias sociais para espalhar o conteúdo malicioso, além da necessidade urgente de se investir em programas de letramento com uma postura crítica.

4 — PERCURSO METODOLÓGICO

Nos ambientes digitais, os sujeitos conectados estabelecem práticas discursivas que permeiam suas vivências sociais. Muitos enunciados circulam entre os grupos sociais, compartilhados pelos indivíduos imersos nas tramas digitais, ou mesmo oferecidos pela mediação algorítmica das plataformas, característica fundamental desses tempos hiperconectados. Nossa proposta consiste em elaborar uma metodologia de trabalho a partir de um grande volume de dados extraídos da internet, conhecido como dados massivos (*big data*), tendo como perspectiva teórica a Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), a noção de virtude discursiva (PAVEAU, 2015) e a de pré-discurso (PAVEAU, 2013), mais a análise perspectivista de rede, proposta por Malini (2016). O processamento e a sistematização das informações obtidas a partir das técnicas de extração e modelagem de dados precisam considerar as especificidades das práticas sociais e discursivas dos indivíduos envolvidos nas trocas informacionais nos ambientes digitais, assim como a dimensão cognitiva dos enunciados. Esse é o desafio do nosso trabalho: analisar fenômenos linguísticos que se apresentam também como bancos de dados extraídos da internet, considerando as condições de produção e circulação das trocas informacionais, em uma abordagem qualiquantitativa como explicaremos a seguir.

4.1 PRÉ-DISCURSOS E VIRTUDE DISCURSIVA

Os elementos cognitivos que antecedem o discurso despertaram nosso interesse ao longo dessa pesquisa, ao nos debruçarmos em cima de um extenso *corpus* de desinformação, processado e compartilhado por indivíduos, considerando a mediação algorítmica dos meios digitais. Afinal, por que as pessoas tendem a se identificar com conteúdos falsos, replicando postagens sem nem mesmo avaliar a veracidade? Em nosso projeto de tese, elaborado para ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos no semestre letivo de 2019/02, uma de nossas hipóteses para a circulação de conteúdo de desinformação nas redes sociais era a adoção de um comportamento robotizado por parte da audiência. Mesmo com a troca do *corpus* da pesquisa (postagens do Twitter com a *hashtag* #elesim) e do objeto de estudo (as narrativas da extrema-direita brasileira nas eleições em 2018), percebemos que era importante, ao longo de nossa investigação, aprofundar essa percepção cognitiva a partir dos pré-discursos, teoria proposta por Paveau (2013), que considera a dimensão cognitiva da Análise do Discurso.

Para Paveau (2013, p. 9), a Análise do Discurso tomou uma dimensão continental, atravessada “por tradições científicas heterogêneas, apoios disciplinares diferentes e *corpus* tão múltiplos quanto variados”. A autora defende que, apesar de toda a riqueza multidisciplinar, há que se lembrar que a Análise do Discurso é de natureza linguística, e que trabalha com a materialidade dos discursos produzidos, situados em seus contextos histórico, social e cultural (PAVEAU, 2013). Para além disso, a pesquisadora propõe uma dimensão cognitiva da Análise do Discurso, que seriam os “processos de construção de conhecimentos e sua configuração no discurso a partir de dados recebidos pelos sentidos, pela memória e pelas relações sociais” (PAVEAU, 2013, p. 9).

A saída então seria, de acordo com a autora, dar um passo atrás a partir da materialidade discursiva para investigar a formação discursiva, aprofundando os esforços nos processos de construção de conhecimento e sua configuração no discurso, investigando as “informações prévias que informam os discursos e, sobretudo, sobre o ponto de articulação entre estes dados anteriores e as produções verbais (PAVEAU, 2013, p. 12). A autora chama de “determinações pré-linguísticas” os dados anteriores à formulação da linguagem, “de ordem perceptiva e representacional, mas pré-configuradas pela dimensão linguística e sobre as quais se apoiam os mecanismos de produção linguageira” (PAVEAU, 2013, p. 12).

Paveau (2013) entende que, embora se reconheça que os discursos têm como base saberes e crenças compartilhados, a natureza desse suporte ainda permanece um tanto enigmática. Para iluminar esse debate, ainda não tão bem esclarecido, a autora propõe a hipótese de uma articulação entre pré-discurso e discurso, com base nos princípios da cognição distribuída. Sendo assim, esses pré-discursos atuam como operadores na negociação, compartilhamento, transmissão e circulação de sentido nos grupos sociais (PAVEAU, 2013). Eles representam um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que desempenham um papel instrucional na produção e interpretação do sentido no discurso: “compreendo por pré-discurso os conteúdos semânticos (no sentido mais amplo do cultural, ideológico, enciclopédico), isto é, saberes, crenças e práticas e não somente formas” (PAVEAU, 2013, p. 12-13). Para a autora, esses quadros pré-discursivos coletivos não estão apenas na mente dos indivíduos e na cultura dos grupos, mas também se distribuem nos contextos materiais da produção discursiva. A abordagem de Paveau (2013) integra práticas juntamente com saberes e crenças de ordem representacional. Os elementos pré-discursivos, para Paveau (2013), representam dados que não são materialmente discursivos, porém não são mais totalmente estranhos à discursivização. Esses dados “provêm de nossa percepção organizada do mundo e do acúmulo de nossas experiências” (PAVEAU, 2013, p. 129). Para a autora, os elementos pré-

discursivos funcionam como organizadores cognitivos disponíveis para a produção de discursos, direcionando-os de maneira mais ou menos coercitiva.

A localização dos pré-discursos é abordada com referência à cognição distribuída, sugerindo que esses quadros se encontram na interface entre a experiência individual e coletiva: eles estão nas relações entre o sujeito e seu ambiente social, cultural, histórico e tecnológico (PAVEAU, 2013). A ideia é que o cognitivo é tanto mental quanto social, pois os esquemas mentais são amplamente produtos das relações com o ambiente e a vida social do sujeito (PAVEAU, 2013). A autora pontua que esta visão é pós-cartesiana, ao sugerir que a mente também está fora do crânio e que a cognição é dinâmica, envolvendo a interação contínua e em tempo real dos agentes em um mundo em transformação.

Para construir uma teoria sobre os pré-discursos, Paveau (2013) desenvolveu uma definição do conceito de pré-discurso sob a forma de propriedades, a partir da perspectiva da cognição distribuída. São seis propriedades, que serão esmiuçadas para facilitar o entendimento do conceito de pré-discurso:

Quadro 01 - As seis propriedades dos pré-discursos segundo Paveau (2013)

Propriedade	Característica
Coletividade: uma coelaboração entre o indivíduo e a sociedade	Os quadros pré-discursivos coletivos são compartilhados socialmente e apropriados individualmente, funcionando como um ponto de interseção entre o indivíduo e a sociedade. Há uma coelaboração entre cognição individual e social, explicada pela intersubjetividade. Segundo G.E. Moore (<i>apud</i> PAVEAU, 2013), a passagem do individual ao coletivo ocorre por meio da apropriação de verdades do senso comum, que não são fixadas em enunciados específicos, mas reformuladas e parafraseadas pelos indivíduos. Esses pré-discursos circulam em diversas formas expressas pelos locutores, baseadas nos quadros coletivos apropriados.
Imaterialidade: uma pré-discursividade tácita	Os pré-discursos influenciam indiretamente a materialidade discursiva, deixando marcas sutis. Os locutores não têm acesso direto aos conhecimentos linguísticos estruturantes, apenas aos seus saberes experienciais. Esse conhecimento tácito, não explicitamente representado, orienta a produção do discurso. Os pré-discursos, mais sociais e culturais do que ideológicos, afetam todos os tipos de discurso.

	<p>A ideia de conhecimento tácito é similar ao “transcendental histórico” de Bourdieu (<i>apud</i> PAVEAU, 2013), que descreve esquemas cognitivos comuns a uma sociedade, formando um “inconsciente cultural” que fundamenta o senso comum.</p>
<p>Transmissibilidade: comunicabilidade enciclopédica e linhagem discursiva</p>	<p>Os quadros pré-discursivos coletivos se desdobram em dois eixos. Um deles é o eixo horizontal sincrônico, que trata da construção, difusão e circulação de saberes e crenças pré-discursivas na comunidade e sociedade. Este processo, que a autora chama de distribuição, resulta de interações entre os indivíduos e seu ambiente natural, social e tecnológico. Além dos sujeitos falantes, elementos como a natureza, o tempo e artefatos (ferramentas linguísticas, objetos manufaturados, obras arquitetônicas, etc.) participam da elaboração desses saberes e crenças, configurando uma tecnologia discursiva. O outro eixo é o eixo vertical diacrônico, que refere-se à transmissão de discursos ao longo do tempo, fundamentada na memória cognitivo-discursiva que constrói linhagens discursivas. Esta memória vai além do simples armazenamento de informações, criando configurações semânticas transportadas pelos discursos transmitidos.</p>
<p>Experimentalidade: organização e previsão</p>	<p>Os quadros pré-discursivos coletivos funcionam como organizadores da experiência individual e influenciam a percepção do mundo. Possuem uma dimensão cognitiva e são incorporados na memória conceitual de cada indivíduo, que não se limita a conceitos mentais, mas também inclui elementos ideológicos, sociais e culturais. Esses quadros permitem organizar tanto o passado quanto prever o futuro, fornecendo instruções para a produção de discursos. Eles moldam a forma como as pessoas veem e compreendem novas situações com base nas experiências passadas. Os quadros pré-discursivos são dinâmicos e essenciais para situar o sujeito no tempo e interpretar novas situações discursivas. Eles constituem expectativas que orientam nossas investigações e estruturam nosso campo perceptivo, como sugere N. Goodman (<i>apud</i> PAVEAU, 2013).</p>
<p>Intersubjetividade: critérios veri-relacionais</p>	<p>Os quadros pré-discursivos coletivos são estruturas que acolhem conteúdos cuja verdade é aproximada e relativa. Essa “verdade aproximada” não se submete aos critérios de verificação lógica, como</p>

	<p>no caso de prejulgamentos, doxa, estereótipos e crenças. A semântica moderna, especialmente por meio dos trabalhos de R. Martin (<i>apud</i> PAVEAU, 2013), redefine a verdade como uma questão de relação, relativa às crenças e contextos discursivos. A verdade, segundo essa visão, não é absoluta, mas depende das interpretações situacionais. Os pré-discursos coletivos frequentemente contêm conteúdos imprecisos ou falsos em termos de realidade objetiva, mas adaptáveis segundo a época e o contexto. Os saberes e crenças dos pré-discursos devem ser descritos como adaptáveis, com critérios de verdade dependentes da situação. G. Lakoff (<i>apud</i> PAVEAU, 2013) argumenta que conhecimento e verdade dependem da compreensão, e quando diferentes formas de compreender uma situação surgem, o conhecimento se torna relativo a essas compreensões. Os quadros pré-discursivos coletivos são aproximativos e relativos porque possuem uma dimensão prática, ajudando as pessoas a adotar comportamentos adequados às diferentes situações na sociedade.</p>
<p>Discursividade: manifestações linguageiras</p>	<p>Os quadros pré-discursivos coletivos são analisáveis linguisticamente, ou seja, há sinais observáveis que indicam a presença desses quadros no discurso. Eles não são fixações rígidas na linguagem, como provérbios ou expressões estereotipadas, mas sim marcas que evocam dados coletivos anteriores e sugerem uma partilha do sentido comunicável. Estes sinais não são explícitos na materialidade da linguagem, mas são formas linguísticas que apelam para dados pré-discursivos coletivos e anteriores, transmitidos tacitamente. A tipologia dos observáveis inclui: manifestações linguísticas que indicam a circulação de linhagens discursivas (memória da língua, memória dos antigos e uso de nomes próprios ricos em conotações culturais); fenômenos linguísticos ligados à partilha do sentido (dêixis enciclopédica, interrogações generalizantes e usos da modalidade epistêmica); e formas cognitivas ou cognitivas-textuais (tipologias nominais ou adjetivais, metáforas baseadas em saberes anteriores e antíteses fundadoras).</p>

Fonte: compilação organizada pela autora com base em Paveau (2013)

A partir das manifestações languageiras observáveis, iremos nos ater à terceira tipologia elencada por Paveau (2013), que são as formas cognitivas ou cognitivas-textuais, chamadas

pela autora de organizadores textual-cognitivos, cujo funcionamento se situa entre a elaboração mental e a construção textual. Paveau (2013) destaca que esses organizadores possuem uma dimensão cognitiva, porque eles representam o resultado de uma formatação no espírito bem como uma dimensão textual, ao se inscreverem nos agenciamentos textuais.

Em nossa proposta de pesquisa, essas características dos pré-discursos elencadas por Paveau (2013) são fundamentais para o entendimento do processamento da desinformação pelos usuários das plataformas conectadas, pois relaciona os discursos vigentes, identificados na nossa pesquisa, aos pré-discursos compartilhados socialmente, como veremos durante a análise dos dados. Em nossa análise da desinformação, buscamos responder: Por que as pessoas acreditam em informações falsas? O que faz alguém acreditar em uma informação, curtindo e compartilhando o conteúdo?

Uma de nossas hipóteses é a de que os conteúdos de desinformação acionam mecanismos cognitivos pré-discursivos da audiência conectada. Então, nossa missão ao longo do estudo foi compreender e identificar quais são os quadros pré-discursivos que tocam os valores morais da sociedade brasileira postos a circular no discurso das elites simbólicas durante a crise sanitária da Covid-19.

Duas figuras de linguagem serão fundamentais para a compreensão dos quadros pré-discursivos acionados pela desinformação: a metáfora e a antítese, classificados por Paveau (2013) como sendo organizadores textual-cognitivos.

4.1.1 Organizadores textual-cognitivos: Metáfora

Uma das figuras de linguagem semânticas mais conhecidas, por representar a articulação de uma comparação implícita em frases e/ou textos, a metáfora tem um papel central na construção e na validação do sentido tanto na linguagem quanto no discurso (PAVEAU, 2013). Para Paveau (2013), a metáfora vai além de uma simples figura de linguagem, representando um mecanismo linguístico e cognitivo essencial, que desempenha múltiplos papéis na organização e produção do discurso, influenciando desde a estruturação do pensamento até a validação de conhecimentos e crenças. A autora argumenta que a metáfora não é apenas um desvio poético, mas sim uma construção cognitivo-textual e discursiva essencial na produção de sentido cotidiano. A metáfora está enraizada na experiência vivida e serve como um pré-construído que influencia a produção de sentido (PAVEAU, 2013).

Paveau (2013) apresenta a ideia de que as metáforas são enraizadas em esquemas mentais compartilhados e em memórias coletivas, influenciando profundamente a percepção e

a comunicação dos indivíduos. Como organizador do discurso, que opera em diversos níveis, a metáfora atua como um “organizador psíquico”, apelando a esquemas compartilhados; um “organizador cognitivo” que molda conhecimentos e crenças; e um “organizador discursivo” que implementa culturas e comunidades (PAVEAU, 2013). A autora cita o trabalho de Lakoff e Johnson (*apud* PAVEAU, 2013) sobre “metáforas conceituais”, que são estruturas mentais profundamente arraigadas que moldam nossa compreensão do mundo. Isso contrasta com uma visão tradicional de metáfora como simples desvio poético, destacando sua importância na formação de estruturas semânticas fundamentais. A autora defende que, na produção do sentido, a metáfora não apenas organiza o discurso, mas também valida as asserções e os pré-discursos. Ela permite que conhecimentos sejam expressos e aceitos dentro de um quadro reconhecido e familiar ao enunciador, conferindo-lhes uma validade persuasiva (PAVEAU, 2013).

Com base na contribuição de Paveau (2013), entendemos que observar as metáforas presentes na enunciação realizada no Facebook ajuda a observar os mecanismos de processamento cognitivo da desinformação a partir das anterioridades discursivas, acionadas com o uso da figura de linguagem, pois quem recebe uma informação falsa pode acabar tendo uma leitura mais enviesada, por reconhecer os elementos presentes na materialidade linguística. É o que relataremos mais a frente, ao conferir o *corpus* da pesquisa.

4.1.2 Organizadores textual-cognitivos: Antítese

Figura de linguagem de pensamento, que representa o encontro de dois termos que possuem sentidos opostos em uma mesma frase e/ou texto, a antítese, na proposta de Paveau (2013, p. 232), “corresponde às oposições fundadoras que servem de segundo-plano para os discursos”. A antítese funciona como um dispositivo organizador central em diferentes discursos, destacando sua função na percepção e na construção de significados. A antítese opera por meio de oposições fundamentais como antigo *versus* moderno, bem *versus* mal, verdade *versus* ilusão, vida *versus* morte, entre outras ideias binárias.

Para Paveau (2013), a antítese não apenas estrutura o pensamento, mas também molda relações humanas, tanto conflituosas quanto harmoniosas. “A antítese é um poderoso organizador da percepção do mundo e dos discursos, porque ela constitui um modelo de pensamento muito presente na aprendizagem e um quadro de experiência cotidiana nas relações humanas ” (PAVEAU, 2013, p. 232).

A estrutura antitética é um modelo pré-existente que os falantes ativam durante o discurso (PAVEAU, 2013). A autora apresenta três categorias de antítese: formal, cultural e histórica. Na sua forma mais básica, a antítese formal utiliza oposições binárias para descrever um mundo dividido rigidamente (PAVEAU, 2013). Esta estrutura não se limita a enunciados simples, mas se estende por obras e *corpora*, influenciando a percepção de longo prazo. Paveau (2013) também pontua sobre a antítese cultural, que reflete debates sobre preeminência cultural, exemplificados pela discussão se os antigos eram superiores aos modernos baseados em metáforas como árvores antigas *versus* árvores modernas. Relacionada à antítese cultural, essa variante histórica contrasta “bárbaros” e “civilizados” (PAVEAU, 2013), servindo como um organizador semântico e discursivo nos debates, como por exemplo nos educacionais. Essas categorias de antítese não apenas estruturam discursos, mas também refletem memórias coletivas e influenciam a formulação de argumentos e ideologias educacionais.

Para Paveau (2013), os organizadores textual-cognitivos demonstram uma eficácia abrangente na produção de discursos, desempenhando um papel significativo em sua elaboração. “Há ‘antigos’ e ‘modernos’ na cultura ocidental tanto porque existe uma acolhedora antítese nos quadros pré-discursivos coletivos, quanto porque indivíduos se opõem, violentamente, à evolução de costumes e de ideias” (PAVEAU, 2013, p. 239).

Em nosso estudo, além das metáforas, usamos a noção de antítese para avaliar a materialidade linguística de conteúdos de desinformação sobre as vacinas. As noções binárias de oposição têm sido um recurso das construções discursivas de políticos populistas, como o ex-presidente Jair Bolsonaro, portanto o entendimento da noção, enquanto organizador textual-cognitivo, vai ser fundamental na interpretação dos dados coletados.

4.1.3 Ética das virtudes discursivas

Paveau (2015) também traz uma segunda contribuição muito importante para nosso estudo, no que diz respeito ao processamento cognitivo das postagens compartilhadas nas redes sociais digitais. É a questão da ética das virtudes discursivas, quando Paveau (2015) passa a analisar a dimensão moral dos enunciados, evidenciando que há uma divisão delicada entre fronteiras ideológicas e limites de conceitos como: ofensivo e não ofensivo; politicamente correto e incorreto. Paveau (2015) entende que esses são aspectos centrais de ética e linguagem, que se alinham com a definição de virtude discursiva e podem ser entendidos da seguinte maneira: o grau de conformidade de um discurso com os valores compartilhados pelo coletivo social. Não há uma conexão linguística mensurável, ou mesmo palpável, entre linguagem e

virtude, de acordo com Paveau (2015). Por isso, a autora propõe construir uma abordagem metodológica que permita esse elo entre os dois conceitos.

Para Paveau (2015), efetivamente há critérios morais para a produção discursiva, dentro de um conjunto dos falantes de uma língua tomada nos contextos culturais, históricos e sociais. A autora também considera que esses critérios atuam dinamicamente nas produções da linguagem, nos dispositivos discursivos e até em algumas análises linguísticas. “A noção de virtude discursiva é elaborada a partir das noções de **virtude intelectual** e **virtude moral**, que estão no âmago de um debate antigo em filosofia moral, a partir da ética aristotélica” (PAVEAU, 2015, p. 24).

Paveau (2015) argumenta que a virtude intelectual contém uma dimensão ética, sugerindo que o discurso, ao veicular conhecimento, estabelece uma ligação entre conhecimento e virtude. Para ela, a conexão entre linguagem e virtude surge através da articulação de discursos que formulam conhecimentos. Assim, existe uma virtude discursiva que se relaciona com as virtudes ética e epistêmica, com a dimensão ética dos discursos sendo determinada pelos critérios culturais, sociais e históricos que definem um “bom” ou “mau” discurso.

A partir dessa conceituação, Paveau (2015) propõe uma teoria sobre ética discursiva, afirmando que a dimensão ética dos discursos deriva dos pré-discursos presentes nos ambientes cognitivos. Esta dimensão ética é analisável, pois as realidades morais possuem uma realidade conforme a tese do realismo moral. Ela considera que não há uma distinção radical entre discursos e seus ambientes sociocognitivos, mas sim um *continuum* onde ambos se influenciam mutuamente. Portanto, a análise ética dos discursos é também uma análise cognitiva do discurso.

4.1.4 A crise sanitária da Covid-19 como acontecimento discursivo moral

De acordo com Paveau (2015, p. 25), “a questão da dimensão moral dos enunciados emerge de um ‘acontecimento discursivo moral’, ou seja, de um conjunto de comentários e reações, em dado grupo ou sociedade, a propósito de dado enunciado”. Para a autora, o discurso público é abundante em acontecimentos desse tipo, que provocam a indignação coletiva, muitas vezes expressa em termos morais. Esse entendimento de Paveau (2015) nos fornece subsídios preciosos para trabalhar em nosso estudo, considerando que a fase de desenvolvimento da vacina Coronavac, durante o primeiro ano da crise sanitária da Covid-19 no Brasil, pode ser entendida como um **acontecimento discursivo moral**. Havia todo um contexto enunciativo,

em que os indivíduos estavam aguardando um imunizante para lidar com a doença, que havia prejudicado praticamente todos os setores produtivos brasileiros. A autora entende que a dimensão moral é construída nos metadiscursos, então, ela entende que é legítimo que o linguista considere a questão de suas manifestações languageiras e discursivas.

As sociedades têm codificações éticas que distinguem entre bons e maus discursos, sendo assim falar bem ou mal dos discursos é uma prática comum em todas as culturas (PAVEAU, 2015). Paveau (2015) sugere revisar as diferentes éticas espontâneas das produções linguísticas para identificar as preferências morais e valores consensuais dos agentes. Para a autora, as éticas discursivas sociais são baseadas em deontologias, sistemas de normas que regulam externamente o comportamento dos indivíduos por meio de direitos e deveres.

A proposta de Paveau (2015), e que tem uma grande aderência ao nosso estudo, diz respeito a uma organização epistemológica das abordagens da linguística que incorpora uma reflexão filosófica sobre os contextos de produção verbal. Para a autora, esta filosofia do discurso analisa as produções discursivas integrando a dimensão filosófica na análise linguística, especialmente por meio do realismo pragmatista, que considera as relações entre linguagem, mente e mundo. A abordagem de Paveau (2015) envolve o externalismo e a cognição distribuída, questionando a separação entre mente e ambiente. Na perspectiva de Paveau (2015), o ambiente cognitivo, e não apenas o contexto linguístico tradicional, deve ser considerado na análise linguística. Esse ambiente inclui não apenas agentes humanos, mas também tecnologias e dados culturais, sociais, históricos e morais.

Portanto, Paveau (2015) propõe uma abordagem em que a mente e a linguagem são influenciadas pelo ambiente, criando uma continuidade entre esferas internas e externas da produção verbal. Além disso, essa perspectiva teórica implica repensar a distinção entre elementos linguísticos e não linguísticos, sugerindo que as realidades do mundo contribuem para a produção do discurso. Para fundamentar uma ética linguística, ela lança mão da epistemologia das virtudes, que valoriza os critérios éticos escolhidos pelos agentes em seus ambientes, em vez das normas impostas. Esta ética dos valores é simétrica e externalista, incorporando a relação contínua entre norma e valor, conforme proposto por Hilary Putnam (*apud* PAVEAU, 2015).

4.1.5 A questão do contexto

Paveau (2015) considera que a noção de contexto deve ser vista como um ambiente que inclui dimensões sociais, políticas, históricas, culturais, estéticas, biológicas e éticas. O

contexto não é apenas um pano de fundo, mas constitutivo das significações. Além disso, a ética deve ser integrada na Análise do Discurso. Eventos discursivos morais e a natureza metadiscursiva das análises podem ajudar a evitar a “divisão ética” que hierarquiza discursos. Para a autora, a filosofia do discurso deve considerar todos os elementos significantes do mundo, incluindo o moral, como constitutivos dos enunciados. Ao se pensar em categorias de análise, Paveau (2015) entende que elas não são discretas, nem independentes. Sendo assim, há uma interpenetração entre ética e epistemologia, emoção e racionalidade, fatos e valores. Seria uma perspectiva mista, que permite uma compreensão mais rica dos discursos.

Sistematizando toda a contribuição de Paveau (2015) para se pensar o processamento cognitivo da desinformação, destacamos que a integração da dimensão moral na análise do discurso é apresentada como uma necessidade frente às evoluções das ciências sociais e humanas. Para Paveau (2015), a interdisciplina, a redefinição do contexto como ambiente e a consideração das categorias mistas são propostas como caminhos para uma análise mais rica e abrangente dos discursos. A aceitabilidade moral de um enunciado não é universal e irrestrita para usuários do discurso. Para Paveau (2015), essa aceitabilidade depende de um certo número de critérios, em certa época, lugar e sociedade. “Esses critérios parecem-me decorrer de vários ajustes admitidos: ajuste dos discursos ao mundo, traduzido pela ideia de ‘verdade’ das palavras; ajuste dos discursos às memórias discursivas que os informam e possibilitam; ajuste dos discursos às normas de relação com os agentes, admitidas numa sociedade’ (PAVEAU, 2015, p. 26). Sendo assim, Paveau (2015) enfatiza que a combinação desses componentes constitui o que ela denomina de virtude discursiva, a qual atua no âmago de uma ética baseada em valores e implica um processo de negociação intersubjetiva dentro de um grupo ou sociedade em particular. A noção de virtude discursiva de Paveau (2015) vai nos ajudar a entender a dinâmica do processamento cognitivo dos enunciados das postagens analisadas, como veremos ao longo deste trabalho.

De antemão, podemos considerar que o contexto da crise sanitária foi fundamental para o entendimento dos processos cognitivos dos usuários das redes sociais. Havia um medo do desconhecido e um isolamento social dos indivíduos, quando as redes sociais ganharam ainda mais importância, por permitirem que as pessoas se encontrassem no ambiente conectado em meio ao fechamento de espaços físicos por causa da Covid-19. Nesse cenário, as pessoas passaram a dedicar mais de seu tempo a interações mediadas pela tecnologia, consumindo informações por meio dos dispositivos sociotécnicos. Havia uma ansiedade por boas notícias a respeito da crise sanitária, seja promessas de cura ou tratamentos para evitar o contágio, seja informações a respeito de imunizantes ou de reabertura presencial de comércios e empresas.

Há que se considerar esse cenário de medo e incerteza no processamento cognitivo das informações que chegavam para a audiência conectada, assim como aspectos ideológicos, religiosos e morais.

4.2 DISPUTAS DE PODER, REGIME DE VERDADE E VONTADE DE VERDADE

Os ambientes conectados proporcionam, atualmente, grande parte das vivências dos seres humanos, que realizam suas trocas comunicacionais e afetivas por meio das plataformas. Observamos que, nesse contexto midiático, novos sujeitos comunicantes aproveitam a oportunidade para estabelecer um canal direto com suas audiências. Sendo assim, consideramos que, além de significar um importante espaço contemporâneo de trocas e interações, as plataformas de redes sociais constituem também um fundamental instrumento de dominância, permeado por relações de poder entre os participantes.

A comunicação, ocupando um espaço tão fundamental na vida das pessoas, está cada vez mais ligada aos mecanismos de poder, especialmente no cenário contemporâneo midiático. A disseminação das redes de comunicação digitais transformou a prática do poder em várias dimensões institucionais e sociais, “aumentando a influência da sociedade civil e de atores sociopolíticos não institucionais na forma e dinâmica das relações de poder” (CASTELLS, 2015, p. 33). Atualmente, entendemos que a comunicação faz parte do plano sistêmico da estrutura de poder, com as redes comunicativas sendo fontes decisivas para a construção desse poder (CASTELLS, 2013).

Anteriormente neste estudo, comentamos a respeito das contribuições de Foucault (2019, 2014) ao se pensar o discurso e seu funcionamento na sociedade. Neste momento do trabalho, voltamos a pensar especificamente nas relações de poder que existem em uma sociedade (FOUCAULT, 1995, 2015) e o discurso que é produzido em meio a essas tensões. Na contribuição do filósofo e linguista, o poder é definido como uma relação entre parceiros, onde o exercício do poder “é um modo de ação de alguns sobre outros” (FOUCAULT, 1995, p. 242). Trabalhamos com a perspectiva de Foucault (1995; 2015), na qual o poder não é entendido como uma entidade específica, algo que uma pessoa possui e outra não. Em vez disso, ele se manifesta e se estabelece por meio das relações entre indivíduos, onde alguns exercem poder sobre outros. Muitas vezes difuso, o poder nem sempre aparece como repressão. O que faz com que esse poder seja aceito na sociedade é que ele induz prazer, produz coisas e discursos, e forma conhecimento, não exercendo um peso negativo. Deve-se entender o poder

como “uma rede produtiva que passa através de todo o corpo social em vez de uma instância negativa que tem por função reprimir” (SANTAELLA, 2016, p. 20).

Assim, o poder não se impõe apenas restringindo vontades e castigando comportamentos, mas também produzindo conhecimento e verdade. Compreendemos que, nos bastidores da constituição do conhecimento, há lutas pelo poder, que são relações de força que produzem efeitos de verdade e, conseqüentemente, racionalizações dos discursos de verdade. Para que as relações de poder ganhem força, alguns elementos são fundamentais, como a constituição de narrativas carregadas de um discurso eficiente e coeso. Para Foucault (2015, p. 278-279), as relações de poder “não podem se dissociar, se estabelecer, nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso”. De fato, o discurso funciona como uma das modalidades instrumentais do poder, ao lado das armas, dos mecanismos de controle e dos sistemas de vigilância, por exemplo.

Em uma sociedade permeada por relações de poder, “a verdade não existe fora do poder ou sem poder” (FOUCAULT, 2015, p. 51), ou seja, a verdade é construída a partir das tensões entre os sujeitos envolvidos nas relações de poder. “A verdade é deste mundo, ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2015, p. 52). A verdade emerge de “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2015, p. 54). A verdade está ligada a sistemas de poder “que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (FOUCAULT, 2015, p. 54). A partir dessa noção, entendemos que a verdade é relativa, surgindo como um resultado das relações sociais atravessadas por múltiplas coerções.

Deste entendimento, trazemos o conceito de **regime de verdade**, que, de acordo com Foucault (2015), é estabelecido por cada sociedade, como uma política geral de verdade. Esse regime de verdade de uma sociedade seria, entre outras coisas, “os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros” (FOUCAULT, 2015, p. 52).

Com a noção de verdade sendo disputada por diversos atores, em torno do estatuto de um regime de verdade, considerando o papel político e econômico que ela desempenha (FOUCAULT, 2015), identificamos como a capacidade de enunciação está intimamente ligada ao poder, pois quem determina e direciona a pauta (aquilo que está sendo discutido) é capaz de estabelecer um discurso, determinante para que o funcionamento das relações de poder na sociedade. Quem enuncia é capaz de criar ou legitimar um discurso, o que, por si só, representa uma forma de poder sobre os enunciatários, ao dominar a pauta, estabelecendo um discurso, dentro de uma estrutura macro de saber/poder.

Também consideramos importante considerar a noção de **vontade de verdade** (FOUCAULT, 2014) para interpretar os enunciados com desinformação. A vontade de verdade é concebida como sendo um dos sistemas de exclusão do discurso (FOUCAULT, 2014), que são, de certo modo, externos ao discurso, e “dizem respeito sem dúvida à parte do discurso em que estão implicados o poder e o desejo” (FOUCAULT, 2014, p. 20). Para o autor, a noção de vontade de verdade remete a um sistema histórico de saber que separa o discurso verdadeiro do falso. A vontade de verdade é um conceito complexo que se desenvolve ao longo do tempo e está intimamente ligado ao modo como a sociedade encara o conhecimento e o poder (FOUCAULT, 2014). O autor explica que, inicialmente, o discurso verdadeiro era valorizado por sua conexão com o poder e com rituais. Com o tempo, porém, a verdade se deslocou do ato de enunciação para o próprio enunciado, seu sentido, forma e relação com a referência.

A vontade de verdade não é apenas uma questão de conhecimento, mas também está enraizada em instituições e práticas sociais, como a pedagogia, o sistema de publicação de livros e a distribuição do conhecimento na sociedade. Além disso, exerce pressão sobre outros discursos, como a literatura e as práticas econômicas, influenciando a forma como são concebidos e justificados. “Essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção” (FOUCAULT, 2014, p. 17).

Apesar de sua importância, a vontade de verdade muitas vezes é negligenciada ou obscurecida pela própria verdade que busca. A verdade é vista historicamente como algo positivo, enquanto a vontade de verdade é muitas vezes vista como uma máquina destinada a excluir (FOUCAULT, 2014). Portanto, a vontade de verdade pode ser entendida como a força subjacente que impulsiona a busca e organização do conhecimento na sociedade, influenciando não apenas o que é considerado verdadeiro, mas também como é buscado, validado e aplicado. É um sistema de exclusão, dentro dos procedimentos de controle do discurso, ao lado de interdição (palavra proibida) e separação e rejeição (a oposição razão e loucura) (FOUCAULT, 2014).

Vontade de verdade em Foucault (2014) refere-se, então, ao poder exercido sobre os discursos para determinar o que é considerado verdadeiro em uma determinada época e contexto histórico. O autor entende que a verdade não é um conceito absoluto e imutável, mas sim uma construção social e histórica que reflete relações de poder e dominação. De acordo com Foucault (2014), não é possível pensar em vontade de verdade sem considerar o contexto socio-histórico e as instituições atravessadas pelas relações de poder. Nesse sentido, a crise sanitária da Covid-19 tem que ser apreendida como sendo um momento ímpar para análise do

discurso que circulava na internet, e todas as especificidades dos sujeitos (humanos e não humanos) envolvidos nas trocas informacionais.

A noção de vontade de verdade de Foucault (2014) se manifesta como um conjunto de regras e princípios tidos como verdadeiros, que são impostos e/ou validados por instituições de poder. Essas instituições não apenas determinam o que é verdadeiro, mas também exercem influência sobre a disseminação e legitimação dessas verdades. O conceito ajuda a entender como a legitimação e disseminação de determinadas vontades de verdade se tornam verdades factuais em uma sociedade, e como alguns discursos são percebidos ou aceitos como verdadeiros e outros não. Essa noção é importante para que possamos explorar as postagens identificadas dentro de nosso *corpus*, que trazem tantos dados dos primeiros meses da crise sanitária da Covid-19 no Brasil.

4.3 DO PODER DISCIPLINAR AO PODER INSTRUMENTÁRIO

Ao longo de suas investigações sobre os mecanismos disciplinares e os sistemas biopolíticos presentes nas sociedades industriais, Foucault (2015) desenvolveu o conceito de sociedade disciplinar, que predominou nos séculos XVIII e XIX, alcançando seu ápice no início do século XX, sucedendo à sociedade de soberania (DELEUZE, 2013). Nesse modelo, os indivíduos eram submetidos a diversos meios de confinamento, transitando entre eles ao longo de suas vidas (da escola para a fábrica, da fábrica para o exército, etc.), onde eram ordenados e tratados como parte de uma massa produtiva (DELEUZE, 2013).

Dentro dessa estrutura disciplinar, Foucault (*apud* DELEUZE, 2013) introduziu o conceito de panóptico, um sistema em que uma autoridade centralizada vigia constantemente os indivíduos, controlando seu comportamento. Esse modelo, utilizado em prisões, por exemplo, induz os detentos a mudarem seu comportamento por medo de punição, levando a uma maior conformidade com as regras estabelecidas.

No entanto, ao longo do Século XX, esse modelo disciplinar entrou em crise, dando lugar à sociedade de controle, conceituada por Deleuze (2013) a partir das ideias de Foucault (2015). Nessa nova forma de organização social, o confinamento cede lugar a um sistema de controle contínuo, onde os indivíduos são modulados por dispositivos sofisticados. A fábrica é substituída pela empresa, e os sujeitos, agora individualizados, competem constantemente por reconhecimento e recompensa financeira (DELEUZE, 2013).

Na contemporaneidade, estaríamos experienciando a sociedade do cansaço (HAN, 2017), que opera segundo uma lógica de desempenho em vez de disciplina. Han (2017) sugere

que atualmente somos sujeitos de desempenho e produção em vez de sujeitos da obediência. O autor considera que a antiga sociedade disciplinar do século XX, descrita por Foucault (2015), está sendo substituída por uma forma mais ardilosa de coerção: a “violência neuronal”, em que as pessoas se pressionam para apresentar resultados, tornando-se vigilantes e severas consigo mesmas. Esse ambiente tem contribuído significativamente para o aumento de doenças como depressão, transtornos de personalidade, e síndromes como hiperatividade e *burnout*.

Por conta da emergência dos dispositivos tecnológicos hiperconectados, Han (2018) também considera que a sociedade estaria vivendo a era da psicopolítica digital, em que a ideia de panóptico, uma vigilância passiva, é superada pelo controle ativo, representando uma “técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema dominante através da programação e do controle psicológicos” (HAN, 2018, p. 107). Neste cenário, coletar dados e metadados de usuários representa um instrumento psicopolítico eficiente.

Para o autor, “os *big data* tornam possíveis prognósticos sobre o comportamento humano. Dessa forma, o futuro se torna previsível e controlável” (HAN, 2018, p. 23). Por meio do monitoramento dos usuários nas plataformas conectadas, é possível intervir na psique e influenciá-la em um determinado nível. “A psicopolítica digital transforma a negatividade da decisão livre na positividade de um estado de coisas. A própria pessoa se positiviza em coisa, que é quantificável, mensurável e controlável” (HAN, 2018, p. 23).

A extração, modelagem e análise dos *big data* anunciam o fim da pessoa e do livre-arbítrio, explica o autor. Nesta nova perspectiva, “o poder inteligente se plasma à psique, em vez de discipliná-la e submetê-la a coações e proibições” (HAN, 2018, p. 27). Para o autor, esse poder é mais afável, mais poderoso do que repressor, portanto escapa a toda visibilidade. “O poder inteligente lê e avalia nossos pensamentos conscientes e inconscientes. Baseia-se na auto-organização e na otimização pessoal voluntárias. Assim, não precisa superar nenhuma resistência” (HAN, 2018, p. 28). Nesta proposta de psicopolítica neoliberal, há novas formas de exploração cada vez mais refinadas. “As pessoas são controladas pela técnica de dominação neoliberal que visa explorar não apenas a jornada de trabalho, mas a pessoa por completo, a atenção total, e até a própria vida. O ser humano é descoberto e tornado objeto de exploração” (HAN, 2018, p. 45).

O arranjo midiático experienciado pelos indivíduos nos dias atuais é chamado de capitalismo de vigilância por Shoshana Zuboff (2020). Assim como Han (2018), Zuboff (2020) analisa o cotidiano midiático mundial: a autora pontua que a experiência humana tem sido transformada unilateralmente em dados comportamentais para alimentar processos de fabricação de inteligência artificial. Para a autora, esses dados são usados para prever e moldar

comportamentos futuros, comercializados em mercados de comportamentos futuros. O capitalismo de vigilância é descrito como um novo modelo econômico que acumula riqueza manipulando e prevê comportamentos, desafiando normas sociais e colocando em risco a autonomia individual e a democracia. Este sistema, liderado por gigantes da tecnologia como Google e Facebook, se expande para diversos setores econômicos, transformando a vida cotidiana em uma série de transações onde os indivíduos representam a matéria-prima (ZUBOFF, 2020). A autora considera que o capitalismo de vigilância não se limita a ser um sistema econômico, mas se torna uma força social que busca moldar comportamentos através da coleta e análise de dados pessoais. Ele se distingue do capitalismo tradicional por sua capacidade de extrair e usar dados para fins de controle e lucro, estando além do controle democrático (ZUBOFF, 2020).

Shoshana Zuboff (2020) introduz o conceito de capitalismo de vigilância, que governa através do poder instrumentário. Esse poder refere-se à capacidade das empresas de vigilância de controlar comportamentos individuais e sociais utilizando tecnologia e manipulação de dados. O capitalismo de vigilância molda experiências humanas ao coletar dados para personalizar conteúdos online e influenciar decisões individuais. Zuboff (2020) alerta que algumas empresas usam esse poder para acumular conhecimento e poder, manipulando não apenas o mercado, mas também aspectos sociais e políticos sem responsabilidade democrática. Esse controle invisível pode subverter a democracia, substituindo processos legítimos por métodos privados de manipulação, levantando questões éticas sobre a autonomia humana e o futuro da sociedade (ZUBOFF, 2020).

Nesse cenário, em que há uma coleta e modelagem dos dados dos usuários, para fins de vigilância, emerge nossa pesquisa, na contramão, servindo de atrito, como Zuboff (2020) propõe no encerramento de sua obra *A era do capitalismo de vigilância*. Apesar de uma perspectiva tão sombria trazida em nossas considerações a respeito das dinâmicas de poder na sociedade conectada, entendemos que há possibilidade de “hackear o sistema”. Apresentamos uma coleta de dados, realizada por meio das próprias ferramentas digitais disponibilizadas pela gigante Meta Platforms¹¹⁰, reunindo informações para evidenciar os rastros digitais de quem estava publicando conteúdo sobre negacionismo vacinal em meio a um contexto pandêmico. Como um curto-circuito no sistema, nossa pesquisa pretende, minimamente, se apropriar das possibilidades tecnológicas para trazer à tona o que estava sendo dito no contexto socio-

¹¹⁰ Meta Platforms é o nome da companhia criada por Mark Zuckerberg em 2021, co-fundador do Facebook, que reúne outras empresas de mídias sociais, como Instagram, WhatsApp, Messenger e Facebook. Cf. <https://about.meta.com/company-info/>. Acesso em: 1º de março de 2023.

histórico da crise sanitária da Covid-19, e quem estava promovendo o debate nas redes sociais digitais. Entender as trocas enunciativas e os sentidos que estavam sendo construídos em meio à audiência conectada no Facebook ajudará a esclarecer muitas das dinâmicas que pretendiam atrapalhar a vacinação no Brasil, ao estimular a hesitação vacinal.

4.4 *BIG DATA*, PLATAFORMIZAÇÃO E MEDIAÇÃO ALGORÍTMICA

Há que se considerar que a comunicação em ampla escala passou por uma profunda transformação tecnológica e organizacional nas últimas décadas, que culminou com a aceleração da digitalização da vida nos últimos anos. A revolução tecnológica permitiu que novos atores passassem a produzir conteúdo, fornecendo as possibilidades tecnológicas e o acesso à internet para que os indivíduos comunicantes tivessem algum nível de autonomia enunciativa em relação aos grandes conglomerados de comunicação. Passamos a experienciar um cenário em que plataformas e serviços são alimentados por meio da enunciação dos usuários, processo que constitui-se como principal alicerce da cultura digital contemporânea.

O acesso aos aparatos tecnológicos deu origem à cultura da participação (SHIRKY, 2011), quando os atos criativos feitos por amadores se tornam também atos sociais, com um compartilhamento generalizado. A relação dos indivíduos com as mídias mudou ao longo das décadas. Com a popularização dos dispositivos conectados, o público deixa o papel de consumidor passivo de informações, e passa a elaborar conteúdo (JENKINS, 2009), participando de forma mais ativa da cultura digital, conhecida como cibercultura, caracterizada pela constituição de uma sociedade estruturada por meio de uma conectividade generalizada, quando o potencial comunicativo é expandido (LEMOS, 2013b).

A cibercultura se concretiza por meio de uma sincronia com as dinâmicas da sociedade contemporânea: “da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos” (LEMOS, 2013b, p. 90).

O cenário hipermediatizado deu origem a uma inteligência da coletividade, quando inteligências individuais em todos os locais do mundo são somadas e compartilhadas pela sociedade, uma capacidade potencializada a partir do surgimento de novas tecnologias de comunicação (LÉVY, 2010). A inteligência coletiva possibilita o compartilhamento da memória, da imaginação e da percepção, o que resulta na aprendizagem coletiva, nas trocas informacionais, entre outras possibilidades (LÉVY, 2010), como por exemplo a ampla dispersão textual de forma colaborativa nas redes sociais. Ao interagir com o mundo virtual,

os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criações coletivas (LÉVY, 2010). Dessa forma, os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) passam a ser grandes potências de transformações culturais.

A participação do internauta se consolidou como sendo um modelo privilegiado de ação, sociabilidade, comunicação, produção e distribuição de conteúdo (DEUZE, 2006, *apud* BRUNO, 2013). Com a possibilidade técnica de criar postagens nas plataformas conectadas, os indivíduos estabeleceram uma performance nas redes sociais amparada na ampla visibilidade digital: “parte da sociabilidade na internet envolve a exposição voluntária de dados pessoais, narrativas e registros diversos da vida cotidiana” (BRUNO, 2013, p. 125). Essas ações cotidianas de trocas informacionais nos ambientes conectados são rastreáveis, ou seja, podem ser monitoradas pelas gigantes das telecomunicações, constituindo uma poderosa base de informações sobre indivíduos ou grupos: “curiosamente, as mesmas tecnologias que ampliam as possibilidades de emissão, acesso e distribuição da informação tornam-se instrumentos potenciais de vigilância e controle” (BRUNO, 2013, p. 125). Sendo assim, na lógica da plataformização da web, a cultura da participação dos internautas que alimenta as plataformas digitais acaba sendo absorvida e capitalizada, alimentando processos comerciais e de monitoramento: “processos sociais, subjetivos, econômicos, cognitivos, tornam-se assim permeáveis ao monitoramento cotidiano” (BRUNO, 2013, p. 145).

Nesta perspectiva, temos os dados massivos (*big data*), rastros digitais que são produzidos e coletados em meio às práticas cotidianas dos internautas. Lemos (2021) trabalha com o conceito de dataficação da vida, quando a digitalização da cultura digital passou a ser capturada pela dataficação: “é um processo de tradução da vida em dados digitais rastreáveis, quantificáveis” (LEMOS, 2021, p. 194). O autor entende que todas as atividades dos internautas nos ambientes conectados, suas trocas informacionais e suas produções de conteúdo, acabam por serem quantificadas, coletadas, inseridas em procedimentos algorítmicos programados pelos próprios dispositivos, que permitem tratamento e captação de dados massivos (*big data*): “a dataficação possibilita a conversão de toda e qualquer ação em dados digitais rastreáveis, produzindo diagnósticos e inferências nos mais diversos domínios” (LEMOS, 2021, p. 194). Para Lemos (2021, p. 195), a dataficação da vida “se constitui pelo rastreamento generalizado de dados, em uma forma de vigilância distribuída, reforçando lógicas de controle e monitoramento de dados pessoais”.

A dataficação estaria então na base do surgimento da sociedade de plataformas: a partir da dataficação da vida, as plataformas transformam em dados os comportamentos mais diversos (LEMOS, 2021). A plataformização generalizada constitui uma nova estrutura de dados, com um modelo de negócios que oferece serviços baseados na captura, análise e inteligência de dados (LEMOS, 2021).

Com a coleta dos rastros digitais dos internautas para monitoramento de ações/comportamentos, a dataficação da vida se desdobra em um arranjo que dá origem ao que se entende por sociedade da plataforma (VAN DIJCK, POELL E DE WAAL, 2018). Uma plataforma on-line seria uma infraestrutura digital programável projetada para organizar as interações entre os usuários (pessoas, organizações governamentais e não governamentais e entidades empresariais), com uma lógica de coleta sistemática, processamento algorítmico, circulação e monetização de dados (VAN DIJCK, POELL E DE WAAL, 2018). Cria-se um verdadeiro ecossistema de plataformas, com uma lógica própria, governado por um conjunto particular de mecanismos que moldam as práticas cotidianas (VAN DIJCK, POELL E DE WAAL, 2018). Para os autores, há três principais mecanismos da sociedade da plataforma: dataficação, comodificação e seleção. Na sociedade de plataformas, os arranjos não reproduzem as práticas sociais, pelo contrário: eles produzem as estruturas sociais em que vivemos (COULDRY E HEPP, 2016 *apud* VAN DIJCK, POELL E DE WAAL, 2018). É uma nova dinâmica relacional, permeada pelos interesses comerciais, que está se infiltrando inclusive na vida desconectada, consideram os autores.

Por um lado, temos uma ampla dispersão textual de indivíduos, que alimentam as plataformas conectadas por meio de suas trocas informacionais. Por outro lado, temos as grandes corporações da área de tecnologia (chamadas de *big tech*) que capturam e monetizam os dados de usuários. Andréa (2020, p. 17) defende que, na contemporaneidade, “os modos de se estabelecer vínculos na *web* não podem ser vistos fora de uma lógica de sociabilidade programada proposta pelas plataformas”. Sendo assim, até a forma como trocamos informações nos ambientes conectados deve ser considerada sob um novo ponto de vista, pois uma plataforma pode influenciar no modo como compreendemos e gerimos nossas relações interpessoais e profissionais (ANDRÉA, 2020). Em nosso estudo, buscamos considerar as especificidades desse intrincado ecossistema contemporâneo que testemunhamos, no qual que os indivíduos realizam suas práticas discursivas fornecendo dados rastreáveis para as plataformas programáveis, que adotam um sistema de mediação algorítmica que não é neutra.

A experiência humana na contemporaneidade concretiza-se por meio da mediação algorítmica, centrada no algoritmo, que é “uma sequência de instruções de programação escrita

para cumprir tarefas pré-determinadas” (ANDRÉA, 2020, p. 31). Nas plataformas conectadas, nas quais muitos acreditam falar livremente com sua audiência, há toda uma dinâmica algorítmica em funcionamento, que impulsiona um determinado conteúdo em detrimento de outro (de acordo com critérios de visibilidade e audiência da própria plataforma), com complexos arranjos que não são explicados de forma clara para o usuário, assim como o destino e o uso dos dados gerados durante a experiência conectada.

Para Andréa (2020, p. 31), “a centralidade da dataficação para as plataformas on-line fica mais evidente se associada aos contínuos processamentos desses dados por algoritmos”. Para o autor, dataficação e mediação algorítmica são fenômenos interdependentes, cujas especificidades devem ser consideradas. Assim como acontece com as dinâmicas da dataficação, as mediações algorítmicas devem ser consideradas como sendo construtos que revelam, reforçam ou mesmo propõem visões de mundo (ANDRÉA, 2020).

Nos ambientes conectados, os indivíduos recebem conteúdos produzidos por várias fontes. Além das postagens de outros sujeitos, que estão dentro do círculo de interações sociais de uma determinada pessoa, também há conteúdos patrocinados e impulsionados, de empresas ou de influenciadores, que acabam sendo direcionados a determinados perfis de internautas. Quem gosta de animais de estimação, por exemplo, acaba sendo bombardeado por conteúdos direcionados a esse público, como propagandas de acessórios para cães ou gatos, ou mesmo vídeos de filhotes fazendo gracinhas. O que, de fato, observamos que acontece nos ambientes conectados é uma segmentação de interesses, quando um determinado usuário da plataforma recebe apenas o conteúdo de sua preferência (seja de suas interações espontâneas, seja de conteúdos direcionados/impulsionados), uma curadoria de postagens causada pela programação algorítmica do meio, fenômeno chamado bolha, em que “seus membros têm suas preferências e conexões facilmente escaneadas, o que colabora para alimentar a dinâmica de gatilhos das emoções” (BOARINI e FERRARI, 2021, p. 42). Dentro da bolha, entendemos que há uma falsa sensação de conforto, pois o ambiente proporciona ao indivíduo um contato estreito apenas com narrativas que corroboram sua opinião ou visão de mundo sobre um determinado evento ou acontecimento discursivo.

Sendo assim, na mediação algorítmica dos meios digitais, temos todo um sistema programado que direciona nossa atenção, nossos afetos, nossa capacidade cognitiva e nossas enunciações. Isso porque os algoritmos trabalham instituindo novas lógicas de seleção, hierarquização, recomendação e controle dos fluxos informacionais, ao interpretar os dados coletados para gerar novos dados: “gerenciam regimes de conhecimento que se apropriam dos

dados disponíveis para identificar padrões, tendências e, cada vez com mais frequência, para fazer previsões” (ANDRÉA, 2020, p. 33).

Para Astobiza (2017), esse é um ponto importante a respeito da sociedade na qual queremos viver como indivíduos: com o uso da tecnologia de forma consciente, direcionando suas capacidades, ou com um direcionamento inconsciente programado pela tecnologia. O autor ressalta a importância das ferramentas tecnológicas, porém faz um alerta para as implicações éticas a respeito de seus usos. Para Astobiza (2017), é necessária uma regulação ética global sobre o tema. O autor lembra que os algoritmos não são neutros e objetivos, e são peças fundamentais do funcionamento do atual sistema econômico neoliberal, que tem como premissa a gestão sociopolítica e sociotecnológica. Neste cenário, os interesses corporativos e privados neoliberais são reforçados pela mediação algorítmica e pela tecnologia, para a imposição de sua própria agenda e seus interesses sem contar com a deliberação, discussão e participação pública democrática dos cidadãos (ASTOBIZA, 2017).

Neste cenário hiperconectado, em que a digitalização da vida avança de maneira veloz, quem domina a tecnologia também domina o mundo (MOROZOV, 2018). Para o autor, a regulação algorítmica seria esse sistema de governança de “inteligentificação” da vida cotidiana, com o uso dos dados e dos metadados dos usuários para viabilizar mecanismos de retroalimentação, capazes de capturar, analisar e manipular o comportamento humano. “A regulação algorítmica, independentemente de seus benefícios imediatos, nos dará um regime político no qual todas as decisões serão tomadas pelas empresas de tecnologia e pelos burocratas estatais” (MOROZOV, 2018, p. 101). O autor comenta que as eleições brasileiras de 2018 serviram para mostrar o alto custo a ser cobrado dos sujeitos que, dependentes das plataformas mas sem a consciência do poder que elas exercem, não entendem que as redes devem ser pensadas como agentes políticos (MOROZOV, 2018).

Há que se considerar, então, que toda a organização das redes sociais não é neutra: a mediação algorítmica dos ambientes digitais é capaz de direcionar nossa atenção para determinados conteúdos em detrimento de outros, impulsionando temas/pautas específicas dentro de critérios próprios da plataforma, como audiência por exemplo. Consequentemente, os usuários são mais afetados por determinadas narrativas do que outras, o que pode afetar a própria percepção discursiva de um determinado acontecimento. Entendemos que isso pode ter acontecido durante o início da pandemia da Covid-19, com os enunciadores buscando dominar a agenda enunciativa com seu próprio ponto de vista, para dar contorno ao assunto de acordo com seu viés. O embate de narrativas no Facebook, ao longo de 2020, mobilizava uma série de interesses de diversos enunciadores, e cabe a nós, neste estudo, desvendar quais eram os

discursos que circulavam com uma maior dimensão, considerando que a quantidade de interações (soma de curtidas, reações, comentários e compartilhamentos) influencia no alcance de uma determinada postagem. A capacidade de circulação de um discurso no ambiente digital é diretamente proporcional ao nível de interação despertado por uma postagem. Então, os atores mais mobilizados com sua audiência conseguem estabelecer sua narrativa, e em muitos casos furar a própria bolha, alcançando outras audiências. Dessa forma, a produção discursiva de um determinado enunciador pode chegar a mais pessoas do que a de outro. A Análise do Discurso Digital precisa considerar essas especificidades das plataformas conectadas, pois as trocas informacionais acontecem de acordo com várias dinâmicas relacionais e cognitivas. A dimensão cognitiva da circulação discursiva também é analisada por Paveau (2015 e 2013), ao se considerar os pré-discursos e a virtude discursiva, necessária para o processamento cognitivo do conteúdo que circula nos ambientes digitais.

4.5 SOCIEDADE EM REDE, ATORES E TEORIA ATOR-REDE (TAR)

O desafio de se fazer uma pesquisa como a nossa, com uma abordagem qualiquantitativa, é justamente compreender os sentidos que as práticas discursivas acionam em redes sociais digitais, considerando todo o ecossistema de plataformas e a mediação algorítmica dos ambientes conectados. Por isso, consideramos que a ciência de dados combinada com a Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021), e com as noções de virtude discursiva (PAVEAU, 2015) e de pré-discursos (PAVEAU, 2013), pode levar a um resultado que identifica as principais facetas das movimentações dos atores nos ambientes conectados, suas intenções, suas motivações, suas emoções, entre outros aspectos. Entendemos que é possível estabelecer processos da ciência de dados — que inclui a extração, mineração e modelagem de postagens realizadas por usuários das redes sociais digitais com um tratamento computacional da linguagem — para posterior realização da abordagem qualitativa, com a implementação da Análise do Discurso Digital.

Trabalhamos com a noção de sociedade em rede, com uma estrutura social organizada em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e informação processadas digitalmente, fundamentadas na microeletrônica (CASTELLS, 2015). Essas redes são essenciais para a experiência humana, refletindo a crescente organização das funções e processos dominantes na era da informação. Com o desenvolvimento de novos arranjos tecnológicos, as sociedades estão em transição, abandonando formatos burocráticos e verticalizados de participação e produção, em favor de estruturas reticulares que facilitam a

comunicação e a produção de novos conhecimentos. O acesso às redes e a capacidade de trocar informações tornaram-se cruciais para a participação social e as interações humanas (CASTELLS *apud* DI FELICE, 2017).

De fato, as redes emergiram como paradigma central nas mudanças contemporâneas, especialmente com o papel estruturante das tecnologias de comunicação e informação na nova ordem mundial (PARENTE, 2010, p. 92). Atualmente, todos os aspectos da sociedade são moldados pela lógica das redes: “nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade” (PARENTE, 2010, p. 92).

As redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades, onde a informação desempenha um papel central e as redes telemáticas são a base material para a transformação social e a reestruturação dos processos produtivos (CASTELLS, 1999). Nos últimos anos, houve uma transformação profunda na comunicação em larga escala, com a emergência de coletivos conectados em rede. Esta revolução tecnológica permitiu que novos atores participassem ativamente na produção de conteúdo, desafiando a hegemonia dos grandes conglomerados de comunicação. Assim, “os usuários passam a ser tanto emissores quanto receptores de mensagens” (CASTELLS, 2015, p. 22).

A internet teve um impacto significativo na sociedade, ampliando as possibilidades de comunicação e reduzindo tempo e distância para tarefas cotidianas, como a troca de mensagens com amigos e familiares. O advento e a popularização da internet promoveram uma transformação radical nas formas de expressão e sociabilização por meio das ferramentas de comunicação mediada por computador (RECUERO, 2014). Essas plataformas possibilitaram que os indivíduos construíssem, interagissem e se comunicassem uns com os outros, deixando rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de conexão e a visualização de suas redes sociais (RECUERO, 2014).

Raquel Recuero (2014) propõe que o conceito de rede social seja centrado na descrição e na compreensão das estruturas sociais. Para ela, a rede é uma metáfora que permite observar essas estruturas, com foco nas conexões entre os atores sociais (RECUERO, 2014). Assim, uma rede social é definida como um conjunto de atores (pessoas ou instituições) e suas conexões (os laços sociais que os unem). Portanto, as redes sociais conectadas são entendidas como estruturas que representam processos de conversação, fluxos de informações e seus impactos no contexto social (RECUERO, 2014). Esses espaços são dinâmicos, caracterizados por comportamentos que alteram sua estrutura ao longo do tempo, gerados pelas interações entre os atores, que podem ser cooperativas, competitivas ou conflituosas (RECUERO, 2014). No contexto de nosso estudo, as relações mais conflituosas são especialmente relevantes para

entender como os indivíduos se agrupam nas plataformas de redes sociais para criar conteúdo para suas audiências.

Bruno Latour (2012) propõe um conceito renovado de social, que emerge das associações entre elementos heterogêneos, quando o adjetivo “social” não designa uma coisa entre outras, mas sim um tipo de conexão entre coisas que, em si mesmas, não são sociais. Observando os padrões de interação, podemos identificar relações sociais que envolvem dois ou mais agentes ou indivíduos comunicantes. “As tecnologias da informação nos permitem rastrear associações de um modo antes impensável: tornam visível o que antes só existia virtualmente” (LATOURE, 2012, p. 299).

O conceito de rizoma, desenvolvido por Deleuze e Guattari (2011) e aplicado de maneira empírica às redes de transformação por Bruno Latour (2012), nos ajuda a compreender que a rede não possui uma unidade orgânica, estática e definida, mas é um modelo de associação em movimento, gerando ações e controvérsias, com conexões sendo formadas e desfeitas por diversos elementos participantes, humanos ou não.

Dentro das redes, surgem outras redes que operam sem se sobrepor umas às outras. As redes rizomáticas são heterogêneas, onde qualquer ponto pode se conectar a outro, caracterizando-se por processos múltiplos e contínuos, sem rupturas nos fluxos (DELEUZE E GUATTARI, 2011). A partir dessa compreensão, podemos estabelecer cartografias para visualizar as conexões das redes com seus múltiplos atores.

A teoria ator-rede (TAR), idealizada pelo sociólogo Bruno Latour (2012), oferece uma perspectiva valiosa para compreender a interação dos atores nas plataformas de redes sociais. Segundo Latour, não devemos entender os elementos humanos (indivíduos) e não-humanos (artefatos digitais) separadamente na comunicação, mas sim como um modelo híbrido que produz redes e associações (LATOURE, 2012). Nessa abordagem, “o ator não é o indivíduo e a rede não é a sociedade. O ator é a rede e a rede é um ator, ambos são mediadores em uma associação” (LEMOS, 2013a, p. 23). Assim, identificamos as associações entre atores, vistos como mediadores ou intermediários, destacando as redes que se formam com a circulação da ação entre eles (LEMOS, 2013a).

Buscamos esse entendimento da TAR para nos ajudar a entender as relações que surgem e que levam ao desenvolvimento da sociedade conectada, com o movimento dos fluxos e das associações dos diversos atores em rede. A teoria ator-rede permite analisar o fluxo de controvérsias e polêmicas. “Controvérsias proporcionam ao analista os recursos necessários para rastrear as conexões sociais” (LATOURE, 2012, p. 53). Dentro dessa perspectiva, “rede é o movimento da associação, do social em formação” (LEMOS, 2013a, p. 35). A TAR busca

mostrar como o social se desenvolve no contexto do progresso científico e técnico, rastreando “as associações entre elementos heterogêneos (humanos e não-humanos) onde as traduções se fazem por inscrições as mais diversas” (LEMOS, 2013a, p. 35).

Os atores (humanos e não-humanos) na TAR são considerados actantes (LATOUR *apud* LEMOS, 2013a), entidades que formam redes sociotécnicas heterogêneas por meio de mediação, tradução e delegação. “As tecnologias da informação nos permitem acompanhar o trabalho de construção do ator” (LATOUR, 2012, p. 300). Segundo a TAR, o ator não é um sujeito com uma interioridade primordial, mas sim um corpo anônimo e genérico que pode ser construído para se tornar uma pessoa, à medida que mais subjetividades são oferecidas (LATOUR, 2012).

Dessa forma, a TAR oferece uma sociologia das associações, seguindo o movimento dos atores, muitas vezes controversos, para entender a ciência e outras formas de associações que compõem o social (LEMOS, 2013a).

4.6 ANÁLISE PERSPECTIVISTA DE REDE

A grande dispersão textual dos usuários das plataformas digitais deu origem, somada a outros aspectos, ao que é conhecido contemporaneamente como *big data*, um grande volume de dados disponibilizado no ciberespaço, que representa um desafio para pesquisadores de todo o mundo, por conta da complexidade de recursos disponíveis — textos, imagens, áudios e vídeos, produzidos em larga escala pelos indivíduos conectados todos os dias.

De fato, a análise de um grande banco de dados pode permitir novas abordagens metodológicas, que possibilitam fazer e responder às perguntas de outras formas, constituindo-se em uma ferramenta de múltiplas possibilidades. A ciência de dados (*data science*) nasceu como forma de estudar os fenômenos provenientes dos megadados (CANCIAN E MALINI, 2017). A análise do grande volume de dados (*big data*) possibilitou dar uma atenção a informações antes consideradas sem valor, como um comentário ou uma curtida (*like*) em uma rede social, por exemplo. A ciência de dados está focada na obtenção de informações a partir dos dados, ao contrário de outras ciências que buscam os relatos em fatos históricos (CANCIAN E MALINI, 2017).

A abordagem apresenta-se de forma animadora no sentido de entender as trocas informacionais de múltiplos indivíduos na internet, assim como suas redes, com pesquisas interessadas em usar os megadados como principal metodologia. Nosso desafio é compreender todas as implicações metodológicas possíveis de se estabelecer uma Análise do Discurso

Digital a partir de um grande volume de dados (*big data*). Cancian e Malini (2017) entendem que, na área política, a ciência de dados consegue dar conta de desvendar o comportamento dos atores envolvidos nas trocas linguísticas, compreendendo, por meio do contexto semântico dos meios digitais, ideologias e sentimentos de usuários, entre outros aspectos.

Por causa das possibilidades metodológicas, consideramos que a ciência de dados permite identificar e rastrear os discursos que estão circulando nas redes entre diversos grupos sociais, garantindo a possibilidade de que os analistas do discurso digital possam fazer suas investigações com apoio das ferramentas de *data science*. A **Análise do Discurso Digital** (PAVEAU, 2021) é a perspectiva metodológica escolhida em nossa investigação para subsidiar a análise dos discursos que circulam na internet, por considerar as tensões existentes entre enunciadores e enunciatários, e as características específicas dos meios eletrônicos. A perspectiva de Paveau (2021) será combinada com a análise **perspectivista de rede**, desenvolvida por Malini (2016), que permitirá realizar leituras dos dados massivos coletados em nosso estudo. A interpretação dos dados, por meio do processamento cognitivo dos discursos, tem como aporte teórico as noções de **virtude discursiva** (PAVEAU, 2015) e de **pré-discursos** (PAVEAU, 2013).

A metodologia de análise adotada neste estudo, que permite fazer leituras para interpretar um grande volume de dados, chamada-se método perspectivista de análise de redes sociais, proposto por Malini (2016). O método busca entender os pontos de vista expressos em interações sociais on-line, combinando teorias de Eduardo Viveiros de Castro (*apud* MALINI, 2016), Bruno Latour (*apud* MALINI, 2016) e teoria dos grafos. Na prática, utiliza perspectivas topológicas e temporais para examinar como mensagens e imagens são produzidas e distribuídas em plataformas de redes sociais.

Para entender o método de Malini (2016), é preciso pensar no contexto enunciativo atual, em que grande parte da experiência humana depende da mediação algorítmica das plataformas. Os usuários (o homem) consomem e produzem textos variados com sua audiência, que circulam nos ambientes conectados de acordo com as características técnicas dos dispositivos (a máquina). O social vai sendo formado a partir das associações, de maneira dinâmica, inacabada. Malini traz a abordagem da teoria ator-rede de Bruno Latour (2012), que defende um novo conceito para o social, considerando que ele é estabelecido a partir de uma série de associações entre elementos heterogêneos (humanos e não humanos). Com base na observação dos padrões de interação, podemos definir uma relação social que envolve dois ou mais agentes ou sujeitos comunicantes: “as tecnologias da informação nos permitem rastrear

associações de um modo antes impensável: tornam visível o que antes só existia virtualmente” (LATOURE, 2012, p. 299).

Nosso trabalho busca rastrear e identificar as associações entre os diversos atores conectados, a partir da contribuição de Latour (2012), combinada ao conceito de rizoma (DELEUZE E GUATTARI, 2011), que pressupõe que a rede conectada não possui uma unidade orgânica, estática, estável e definida, mas sim um modelo em movimento associativo, resultando em ações e controvérsias, com as conexões sendo formadas e desmontadas pelos diversos elementos participantes (humanos e não humanos).

Malini (2016) demonstra como os pontos de vista, ou perspectivas, são dinâmicos e constituem cosmologias individuais que se entrelaçam em redes sociais digitais. O autor destaca a transformação dos sujeitos em “actantes” (termo trazido da contribuição de LATOUR, 2012) por meio de perfis virtuais, que operam numa antropologia onde indivíduos formam uma “pessoa plana” em redes de seguidores (termo trazido da contribuição de VIVEIROS DE CASTRO, 2007, citado por MALINI, 2016). A análise perspectivista de rede estuda como interações on-line, como compartilhamentos, comentários e curtidas, formam rastros sociais, revelando perspectivas coletivas. Essa abordagem examina a topologia e temporalidade das redes sociais, utilizando dados de plataformas como X (antigo Twitter), Facebook e Instagram para construir objetos de pesquisa baseados em relações digitais.

De acordo com Malini (2016), um perfil em redes sociais é uma representação virtual utilizada para participar de plataformas como Facebook, X (antigo Twitter) e Instagram, podendo representar indivíduos, instituições, eventos ou até mesmo robôs. As publicações são feitas por uma ou mais pessoas. Latour *et al.* (2015 *apud* MALINI, 2016) conceituam perfis como atores-rede que interagem na teoria social, substituindo visões tradicionais pelo conceito de mônada de Gabriel Tarde (*apud* MALINI, 2016). Deleuze e Guattari (1996, *apud* MALINI, 2016) expandem essa ideia ao destacar que os fluxos de opinião, conhecimento e afeto em redes sociais são quantidades sociais moldadas por crenças e desejos, não atribuíveis a indivíduos específicos. Lazzarato (2006, *apud* MALINI, 2016)) argumenta que o todo social emerge das interações complexas entre singularidades nas redes, enfatizando que a análise de redes sociais deve considerar a densidade de relações entre perfis, não apenas a autoridade individual baseada na popularidade. Segundo Eduardo Viveiros de Castro (1996, *apud* MALINI, 2016)), pessoa é um ponto de vista de sujeito que se individualiza por meio de conexões em rede, implicando que a agência em redes sociais se constrói através de relações dinâmicas, não como identidades isoladas. Em resumo, as interações e compartilhamentos em redes sociais refletem

perspectivas coletivas formadas pela densidade e qualidade das relações entre perfis, influenciando eventos sociais de maneira significativa.

Malini (2016) apresenta três características fundamentais de seu método perspectivista, que devem ser consideradas ao se fazer uma análise de rede social. A primeira estabelece que os pontos de vista funcionam como uma força conceitual aglutinadora, baseada em relações de afinidade, representadas como *clusters* (agrupamentos). Estes *clusters* operam discursos, imagens, laços sociais e discussões internas que sustentam a existência do conceito e promovem a comunidade de relações (MALINI, 2016). Uma segunda característica indica que os pontos de vista sempre ocupam uma posição (temporal ou espacial), têm uma topologia que permite sua localização em relação à proximidade ou distância, antagonismo ou convergência, centralidade ou periferia em um mapa de relações (MALINI, 2016). A terceira e última característica, que deve ser considerada em uma análise, indica que os pontos de vista envolvem dinâmicas de poder que se manifestam na disputa pela hegemonia das narrativas sobre fatos, ideias, marcas e produtos, privilegiando os perfis mais influentes na tentativa de neutralizar ou sobrepor perspectivas alheias (MALINI, 2016).

O eixo fundamental da proposta de Malini (2016) ao se analisar os dados coletados é entender que o ponto de vista é o que mobiliza a adesão de um perfil: “a adoção de um ponto de vista que funda o laço entre os perfis” (MALINI, 2016, p. 13). Em nosso estudo, nos aprofundaremos em análises das relações estabelecidas nas plataformas conectadas, por meio dos rastros digitais deixados por atores: “as estruturas comunicativas da sociedade dos perfis da internet nos impõem, portanto, a tarefa de vê-los continuamente como relações em tempo real com o outro” (MALINI, 2016, p. 10).

4.7 UMA ABORDAGEM METODOLÓGICA POSSÍVEL

Para empreender uma coleta, sistematização e processamento de dados das postagens de redes sociais digitais, elencamos métodos digitais de tratamento desse material. O primeiro deles é a ferramenta CrowdTangle, disponibilizada pela Meta Platforms, que permite acompanhar, analisar e relatar o que está acontecendo com o conteúdo público nas mídias sociais¹¹¹. Com o CrowdTangle, é possível monitorar e identificar conteúdos que estão em evidência em plataformas como Facebook, Instagram, entre outras redes sociais. Os dados são extraídos a partir de períodos temporais estabelecidos, de termos elencados para filtragem, de

¹¹¹ Cf. <https://help.crowdtangle.com/en/articles/4201940-about-us>. Acesso em: 1º de novembro de 2022.

postagens públicas da plataforma. A ferramenta permite escolher a língua das postagens que serão coletadas, sendo assim, todos os registros que selecionamos estão em língua portuguesa.

Apesar de ser de grande utilidade para pesquisadores, jornalistas e checadores de informações, o CrowdTangle será desativado no dia 14 de agosto de 2024, de acordo com comunicado divulgado pela Meta em março de 2024¹¹². Por meio de uma atualização postada em sua plataforma, a Meta informou que atualmente está atualizando seus produtos de compartilhamento de dados em resposta às mudanças tecnológicas e regulatórias. A empresa afirma que, ao descontinuar gradualmente o CrowdTangle, pretende direcionar recursos para novas ferramentas de pesquisa, como Meta Content Library e Content Library API, que oferecem dados para pesquisadores¹¹³. O anúncio foi recebido com críticas, com a decisão sendo considerada um retrocesso por muitos pesquisadores¹¹⁴. Alguns grupos pressionaram publicamente a Meta para manter o serviço do CrowdTangle, mesmo assim a ferramenta de monitoramento será descontinuada¹¹⁵.

Após o processamento, o CrowdTangle nos fornece planilhas em formato .csv, que passam por outro método digital de tratamento de dados, chamado Ford. Este *script* é uma tecnologia de extração e mineração de dados desenvolvida pelos pesquisadores do Laboratório de Estudos Sobre Imagem e Cibercultura (Labic), localizado na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Esse *script* permite organizar as postagens, identificando as reações dos demais perfis e os comentários realizados, filtrar algumas colunas de dados, entre outras tarefas. Após a coleta, o Ford libera arquivos em formato .gdf e permite a análise e visualização dos dados extraídos a partir do aplicativo Gephi¹¹⁶, que permite, por sua vez, gerar a visualização dos dados em formato de grafos, representações gráficas que evidenciam as associações entre os diversos atores em rede, ou as organizações semânticas entre os termos mais recorrentes nas plataformas, com uma topologia discursiva própria, que pode ser interpretada pelo analista do discurso.

Entendemos que há muitos desafios em estabelecer uma pesquisa interdisciplinar, tendo como *corpus* um grande banco de dados extraído da internet para interpretação, portanto

¹¹² Cf. <https://help.crowdtangle.com/en/articles/9014544-important-update-to-crowdtangle-march-2024>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

¹¹³ Cf. <https://help.crowdtangle.com/en/articles/9014544-important-update-to-crowdtangle-march-2024>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

¹¹⁴ Cf. <https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2024/04/01/grave-retrocesso-meta-eliminar-ferramenta-fundamental-contra-a-desinformacao.ghtml>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

¹¹⁵ Cf. <https://olhardigital.com.br/2024/03/22/internet-e-redes-sociais/grupos-pressionam-meta-a-manter-ferramenta-que-monitora-redes-sociais-ativa/> Acesso em: 24 de junho de 2024.

¹¹⁶ O Gephi é um *software* de visualização, manipulação e análise para todos os tipos de gráficos e redes. O Gephi é de código aberto e gratuito. Cf. <https://gephi.org/>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

entendemos que, para realizar a análise dos dados coletados, a perspectiva elaborada por Paveau (2021) para a Análise do Discurso Digital (ADD) seja a mais adequada, por ter uma concepção que entende o caráter relacional do discurso digital, sem deixar de lado o aspecto cognitivo/semântico dos dados coletados.

5 — AS POSTAGENS SOBRE A “VACINA CHINESA” EM 2020

Nossa proposta de trabalho é promover uma análise do discurso digital (PAVEAU, 2021) a partir da coleta dos termos “vacina chinesa OR Coronavac” em *posts* de páginas do Facebook no primeiro ano de pandemia de Covid-19, quando os laboratórios e/ou governantes estavam divulgando os primeiros dados de testes de novos imunizantes para combater a Covid-19. Consideramos que é importante identificar e analisar as publicações do primeiro momento do negacionismo vacinal, para dimensionar as trocas informacionais que ocorreram em 2020, quando havia muitas incertezas a respeito do novo coronavírus e do consequente impacto da pandemia nas atividades sociais e produtivas das nações mundiais naquele momento. Para esta análise, delimitamos o dia 17 de março de 2020 como data fundamental para início da análise dos vocábulos no Brasil, porque, na ocasião, foi registrada a primeira morte por Covid-19 no Brasil¹¹⁷, e também porque os governadores e prefeitos começaram a adotar as primeiras medidas de restrição de circulação e atividades produtivas para frear o avanço do novo coronavírus¹¹⁸. Trabalhamos com dados de uma coleta realizada no Facebook, com postagens em páginas públicas em português. Buscamos investigar a enunciação dos primeiros meses de pandemia do novo coronavírus, ao longo do ano de 2020, sobretudo com a divulgação das informações sobre os primeiros testes das vacinas contra a Covid-19.

Estabelecemos uma *query*¹¹⁹ para nossa busca, que foi: “ ‘vacina chinesa’ OR Coronavac”, para a realização da primeira parte da análise sobre os processos de desinformação nessa plataforma. Ou seja, investigamos quais seriam as postagens que trazem como ocorrência pelo menos um dos dois termos: “vacina chinesa” ou “Coronavac”. É importante considerar a dimensão de sentidos movimentada por esses dois termos elencados para a análise: naquele determinado período temporal, tínhamos uma vacina sendo desenvolvida por pesquisadores do Instituto Butantan em São Paulo (órgão estadual), em cooperação com a farmacêutica Sinovac da China (país que registrou o primeiro foco da pandemia de Covid-19¹²⁰), liderada pelo então governador do estado de São Paulo, João Doria¹²¹. Tínhamos, então, naquele momento (o ano

¹¹⁷ Cf. <https://pp.nexojornal.com.br/linha-do-tempo/2021/O-primeiro-ano-de-pandemia-no-Brasil-em-43-eventos>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹¹⁸ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹¹⁹ Uma *query* é usada para solicitar informações ou fazer consultas a um banco de dados. Cf. <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-query/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

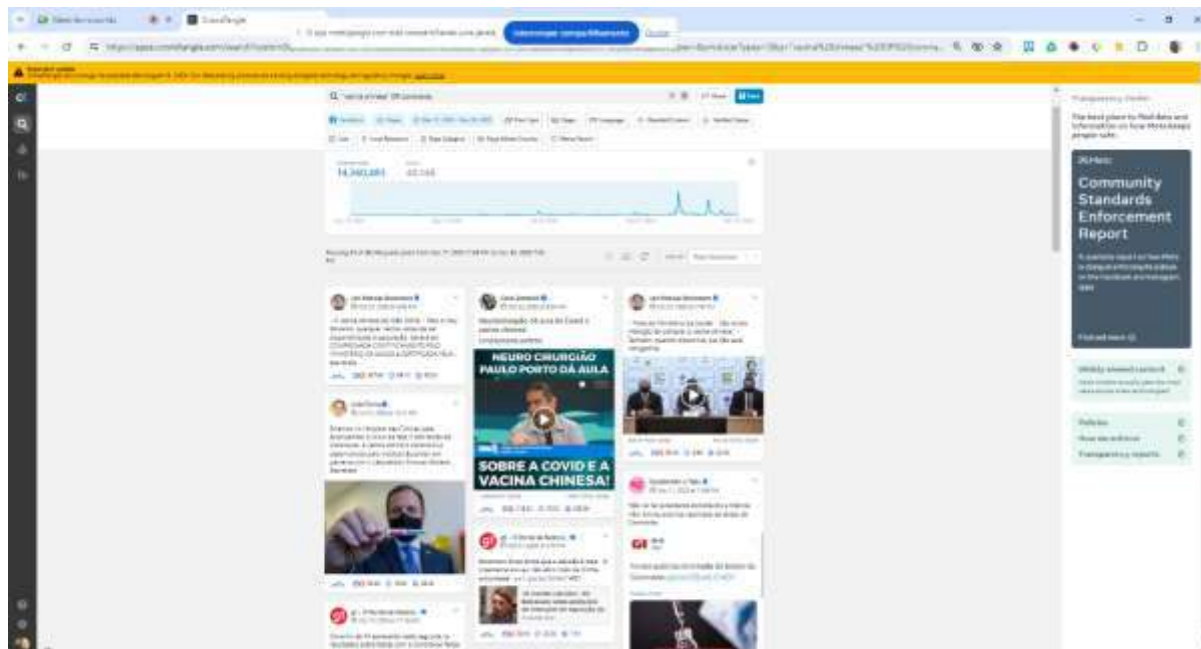
¹²⁰ Cf. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/31/especialistas-da-oms-visitam-primeiro-foco-da-pandemia-em-wuhan.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹²¹ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/07/doria-chega-a-posto-de-saude-na-zona-oeste-de-sp-para-tomar-a-primeira-dose-da-vacina-contra-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

de 2020, nos primeiros meses da pandemia) um agente político de notoriedade investindo no desenvolvimento de uma vacina contra o novo coronavírus (João Doria), cujo discurso pró-imunização contrastava com o discurso negacionista do então presidente Jair Bolsonaro, que teve vários pronunciamentos na imprensa minimizando a gravidade da Covid-19 e descartando a obrigatoriedade da vacinação. Por mais de uma ocasião, Bolsonaro chegou a se manifestar publicamente criticando as pesquisas para desenvolvimento da Coronavac¹²², porém, após a aprovação do imunizante pela Anvisa, acabou por incorporar o imunizante no Programa Nacional de Vacinação¹²³. Em outubro de 2020, Bolsonaro chegou a chamar a Coronavac de “vacina chinesa” em entrevistas na imprensa, e disse que o então ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, estava desautorizado a realizar a compra do imunizante do Butantan¹²⁴. Por conta desse histórico, consideramos que os termos “Coronavac” e “vacina chinesa” são fundamentais para mapear a disputa de sentidos em torno da vacina em 2020.

A busca de nossa coleta foi realizada no Facebook, por meio da ferramenta CrowdTangle, extraindo as ocorrências compreendidas no período de 17 de março de 2020 até 30 de novembro de 2020.

Figura 01 – Interface da ferramenta CrowdTangle com nossa query



¹²² Cf. <https://saude.ig.com.br/2021-01-18/relembre-10-vez-que-bolsonaro-ataco-a-Coronavac.html>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹²³ Cf. <https://saude.ig.com.br/2021-01-18/relembre-10-vez-que-bolsonaro-ataco-a-Coronavac.html>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹²⁴ Cf. <https://saude.ig.com.br/2021-01-18/relembre-10-vez-que-bolsonaro-ataco-a-Coronavac.html>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

O CrowdTangle nos forneceu uma planilha com extensão .csv contendo 45.097 postagens públicas veiculadas em português no Facebook, que traziam pelo menos um dos dois termos elencados para a nossa pesquisa. Esse *dataset*¹²⁵ fornecido pelo CrowdTangle, com 45.097 postagens, será considerado como o *corpus* de pesquisa de nossa da análise de dados.

5.1 HASHTAGS E USERNAMES: IDENTIFICANDO AS RELAÇÕES

Uma de nossas primeiras ações, ao se trabalhar o *dataset* fornecido pelo CrowdTangle, foi limpar esse banco de dados, para que não houvesse repetição dos termos “vacina chinesa” e #vacinachinesa, e “Coronavac” e #Coronavac. A remoção de linhas duplicadas é feita utilizando o *software* Ford, que, ao detectar o número de identidade única (ID) de um *post*, remove as linhas que possuem IDs repetidos, mantendo na planilha apenas a primeira ocorrência de um ID. Isso fez reduzir o *corpus* de 47.147 *posts* para 45.097 postagens.

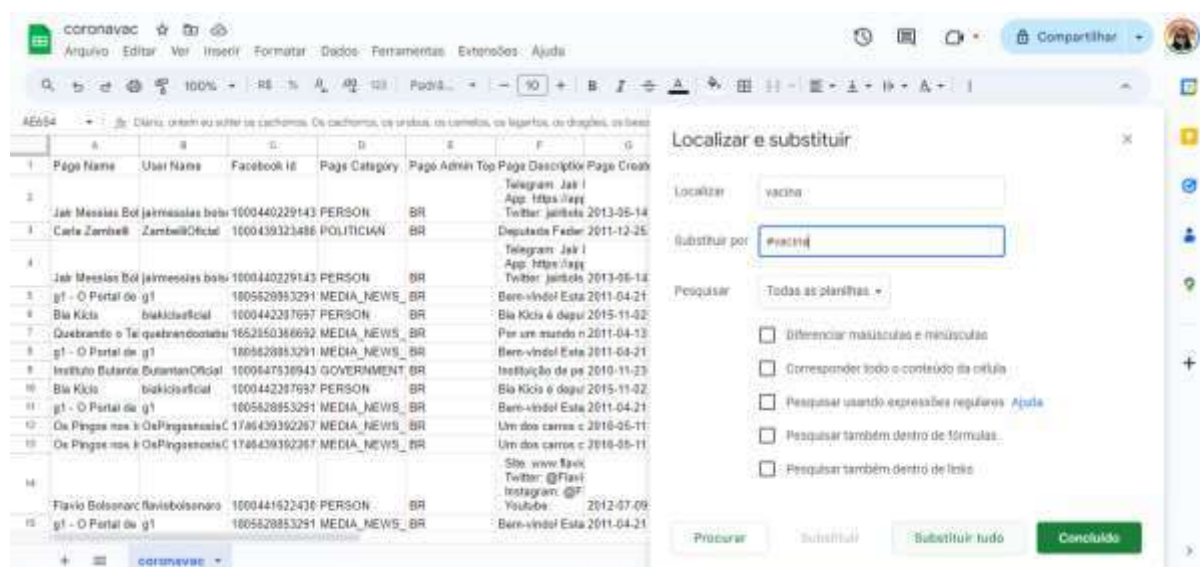
Figura 02 – Coluna ID na planilha fornecida pelo CrowdTangle com nosso *dataset*

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
	Page Name	User Name	Facebook ID	Page Category	Page Admin Top	Page Description	Page Created	Likes of Posting	Followers of Post	Post Created	Post Created Dt	Post Created Tr
1						Telegram: Jair I						
2	Jair Messias Bot	jairmessias.bot	1000440229143	PERSON	BR	App: https://app	2013-05-14 17:0	10806180	13732315	2020-10-21 09:4	2020-10-21	09:45:09 Status
3	Carla Zambelli	ZambelliOficial	1000439323886	POLITICIAN	BR	Deputada Feder	2011-12-25 19:1	1160394	2003072	2020-10-22 09:9	2020-10-22	09:09:03 Native
4	Jair Messias Bot	jairmessias.bot	1000440229143	PERSON	BR	Telegram: Jair I						
5	Jair Messias Bot	jairmessias.bot	1000440229143	PERSON	BR	App: https://app	2013-05-14 17:0	10806180	13732315	2020-10-21 09:4	2020-10-21	09:45:09 Status
6	g1 - O Portal de g1		1005828953291	MEDIA_NEWS	BR	Bem-vindo! Este	2011-04-21 21:3	10784693	11344394	2020-10-21 14:1	2020-10-21	14:19:20 Link
7	Bia Kicks	biakicksocial	1000442287697	PERSON	BR	Bia Kicks é depu	2015-11-02 20:2	725932	1063330	2020-09-05 07:0	2020-09-05	07:00:11 Photo
8	Quadrando o Te	quadrandootele	1652250360082	MEDIA_NEWS	BR	Por um mundo n	2011-04-13 21:2	10810851	11846655	2020-11-11 11:4	2020-11-11	11:46:41 Photo
9	g1 - O Portal de g1		1005828953291	MEDIA_NEWS	BR	Bem-vindo! Este	2011-04-21 21:3	10784694	11343702	2020-10-19 11:1	2020-10-19	11:16:37 Link
10	Instituto Butant	ButantanOficial	1000547536943	GOVERNMENT	BR	Instituição de pe	2010-11-23 10:3	95401	89612	2020-09-23 17:0	2020-09-23	17:05:50 Photo
11	Bia Kicks	biakicksocial	1000442287697	PERSON	BR	Bia Kicks é depu	2015-11-02 20:2	750491	1075341	2020-11-09 22:3	2020-11-09	22:32:29 Photo
12	g1 - O Portal de g1		1005828953291	MEDIA_NEWS	BR	Bem-vindo! Este	2011-04-21 21:3	10780627	11364401	2020-11-10 13:3	2020-11-10	13:37:04 Link
13	Os Pingos nos A	OsPingosnosA	1796439392287	MEDIA_NEWS	BR	Um dos carros c	2016-05-11 18:3	214331	431181	2020-10-30 22:1	2020-10-30	22:15:17 Native
14	Os Pingos nos A	OsPingosnosA	1796439392287	MEDIA_NEWS	BR	Um dos carros c	2016-05-11 18:3	211941	422352	2020-10-21 22:0	2020-10-21	22:09:12 Native
15	Flávio Bolsonaro	flavioBolsonaro	1000441622438	PERSON	BR	São: enve Flavi						
16	Flávio Bolsonaro	flavioBolsonaro	1000441622438	PERSON	BR	Twitter: @Flavi						
17	Flávio Bolsonaro	flavioBolsonaro	1000441622438	PERSON	BR	Instagram: @F						
18	Flávio Bolsonaro	flavioBolsonaro	1000441622438	PERSON	BR	Youtube	2012-07-09 14:0	543688	1662401	2020-10-21 11:1	2020-10-21	11:11:48 Photo
19	g1 - O Portal de g1		1005828953291	MEDIA_NEWS	BR	Bem-vindo! Este	2011-04-21 21:3	10790750	11365646	2020-11-11 11:3	2020-11-11	11:32:48 Link

¹²⁵ O termo *dataset* diz respeito a um “conjunto de dados que consiste em uma série de registros tabulados (em formato de tabelas). Cada coluna representa uma variável particular e cada linha corresponde a um determinado elemento do conjunto de dados em questão” (CANCIAN E MALINI, 2017, p. 10).

A segunda operação sobre o *corpus* foi rotular todas as ocorrências das palavras “vachina”, “vacina” e “Coronavac” com o símbolo de sustenido (#), transformando-as em *hashtags*, permitindo que o *software* Ford gerasse um arquivo que correlaciona todas essas palavras com as páginas cujos conteúdos as citam.

Figura 03 – Mudança nas ocorrências na planilha fornecida pelo CrowdTangle



Fonte: CrowdTangle/Meta

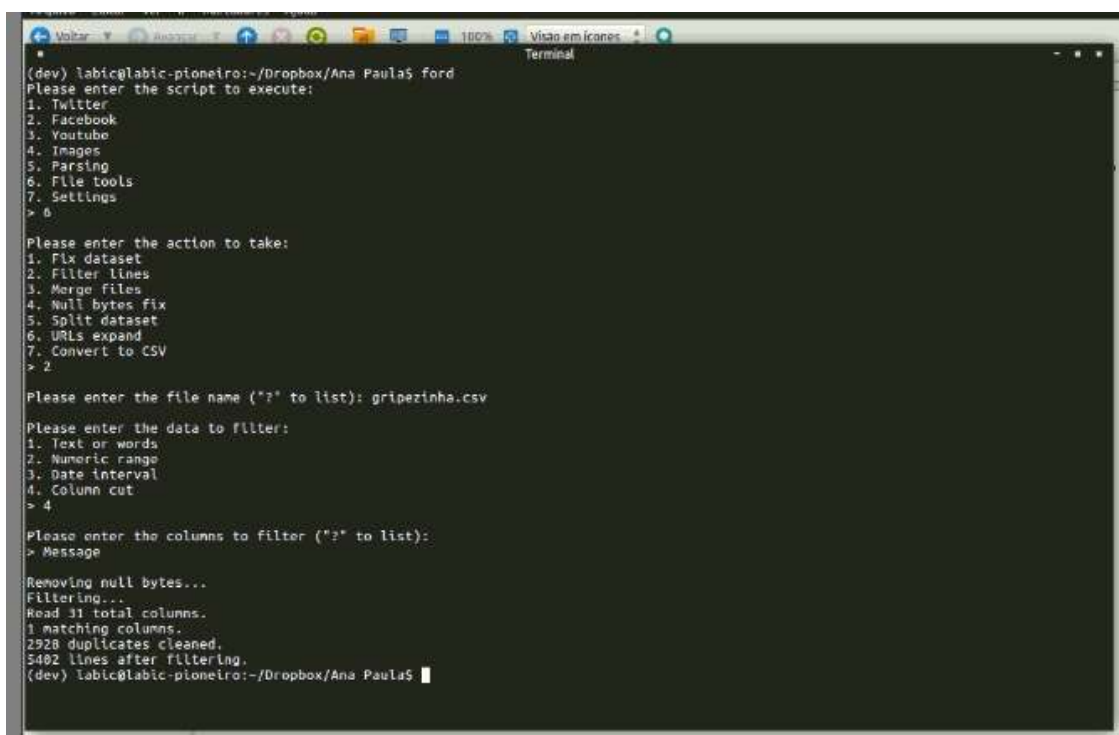
Essa operação nos levou à detecção da desinformação, pois trouxemos para a luz da análise várias publicações que estariam no limbo escuro e oculto dos embates de sentido no Facebook. A antítese construída aqui (“luz da análise” em oposição a “limbo escuro”) serve bem para marcar a virada de nossa pesquisa. Ao transformar em *hashtag* os termos “vacina”, “vachina” e “Coronavac” presentes em *posts* conseguimos cruzar as informações com as dos usuários (*usernames*) responsáveis pelas publicações. Ou seja, vários enunciadores que estariam fora do nosso radar surgiram, o que permitiu enxergar quem estava falando sobre vacinação no Facebook em 2020, em meio a tantas incertezas.

Essa foi a melhor opção metodológica encontrada para fomentar a rede de *hashtags* do nosso *dataset*. Nosso objetivo, neste estudo, foi justamente identificar as relações que foram estabelecidas entre os usuários do Facebook, que publicaram no período considerado para análise, e as *hashtags* usadas nas postagens públicas coletadas. Mais do que identificar temas discutidos e postagens, nosso propósito aqui é justamente estabelecer: **quem disse** e **o que foi dito** sobre as vacinas em 2020 no Facebook.

5.2 PRIMEIRAS INFORMAÇÕES DAS POSTAGENS

Após receber a planilha com extensão .csv, fornecida pelo CrowdTangle, contendo 47.147 postagens públicas veiculadas em português no Facebook, chegamos ao número final de 45.097 *posts*, que se tornou nosso *corpus* de pesquisa. Passamos esse material no *script* Ford, em constante atualização pela equipe do Labic/Ufes:

Figura 04 – Imagem da interface do Ford durante mineração de dados



```
(dev) labic@labic-pioneiro:~/Dropbox/Ana Paula$ ford
Please enter the script to execute:
1. Twitter
2. Facebook
3. Youtube
4. Images
5. Parsing
6. File tools
7. Settings
> 6

Please enter the action to take:
1. Fix dataset
2. Filter lines
3. Merge files
4. Null bytes fix
5. Split dataset
6. URLs expand
7. Convert to CSV
> 2

Please enter the file name ('?' to list): gripezinha.csv

Please enter the data to filter:
1. Text or words
2. Numeric range
3. Date interval
4. Column cut
> 4

Please enter the columns to filter ('?' to list):
> Message

Removing null bytes...
Filtering...
Read 31 total columns.
1 matching columns.
2928 duplicates cleaned.
3402 lines after filtering.
(dev) labic@labic-pioneiro:~/Dropbox/Ana Paula$
```

Fonte: Ford/Labic/Ufes

Este procedimento, chamado *parsing*, prepara os dados brutos para análise detalhada, possibilitando a identificação de padrões, tendências e correlações. A ferramenta Ford permite minerar dados, isolar colunas específicas da planilha, reunir informações para gerar grafos, entre outras possibilidades. Abaixo, iremos apresentar alguns dos dados oferecidos pelo Ford, para nossa interpretação, que já permitem algumas análises linguísticas.

5.2.1 Os usuários mais mencionados nas publicações

Por meio dos dados processados pelo *script* Ford, conseguimos minerar as informações coletadas e formular algumas tabelas com os dados obtidos do Facebook, como, por exemplo,

a lista com as menções de usuários (perfis do Facebook) mais recorrentes. A menção é uma informação presente em algumas postagens, quando a pessoa que escreve um *post* inclui esse dado. É um recurso para “marcar” uma pessoa específica a uma publicação, chamando a atenção dela para determinado assunto. Entendemos que menção (quando iniciada com @) é uma tecnopalavra (PAVEAU, 2021), por se configurar com uma natureza compósita (segmento linguageiro clicável). A menção também permite a investigabilidade (PAVEAU, 2021) do discurso digital nativo, ou seja, podemos rastrear informações a partir das menções. A partir de um clique, é possível relacionar um perfil de uma pessoa a uma postagem (aleatória), vinculando, de uma certa forma, o conteúdo de uma postagem a uma outra pessoa (a que foi citada, no caso).

Geralmente vemos usuários do Facebook mencionando amigos e familiares, com brincadeiras, curiosidades ou fotografias em que a pessoa mencionada aparece, por exemplo. Há casos de menções a empresas para fazer reclamações ou elogios, menções a celebridades ou influenciadores para conseguir ser notado. Também há a possibilidade de mencionar políticos, jornalistas, veículos de comunicação, personalidades da mídia, entre outros usuários de maior destaque. Como informação disponível para nossa pesquisa, a menção ajuda a analisar quem foram os usuários mais citados dentro do nosso *corpus* específico. Reunimos na **Tabela 01** abaixo, em ordem decrescente (do maior para o menor), os 20 usuários mais mencionados nas 45.097 postagens públicas de nosso *corpus*:

Tabela 01 - Os 20 usuários mais mencionados

Menção	Quantidade	Menção	Quantidade
jairmessiasbolsonaro	60	butantanoficial	37
jdoriajr	30	mavancabrazil	22
faboficial	21	marinhaoficial	21
republicadecuritiba	21	policiafederal	21
mpfoficial	21	mjspgov	21
mindefesa	21	aliancapelobrasil	21

nasruasbra	21	exercitooficial	21
genheleno	21	vprhamiltonmourao	21
aredacao	20	dilmaresiste	19
vlogdolisboa	9	gazetabrasilnews	9

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford

A partir da análise das informações da **Tabela 01**, podemos inferir que as postagens que tratavam sobre a “vacina chinesa” e/ou “Coronovac”, no período considerado para a análise, se dirigem principalmente a Jair Messias Bolsonaro (60 menções) e Joao Doria (30 menções), para chamar a atenção deles, seja para criticar, seja para elogiar. Os dois políticos estavam em alta nos noticiários durante os primeiros meses da pandemia¹²⁶. A partir dos dados coletados, entendemos que essas postagens traziam um caráter de politização, por envolverem o então governador de São Paulo (Doria) e o então presidente do Brasil (Bolsonaro). Na ocasião, os dois políticos, aliados nas eleições de 2018, passaram a rivalizar na mídia por conta dos diferentes posicionamentos no enfrentamento da Covid-19¹²⁷. Consideramos que, além de acompanharem o desenvolvimento de vacinas, por parte de laboratórios, e as consequências econômicas e sociais da própria pandemia do novo coronavírus, as publicações também exerciam uma pressão política, seja para que os imunizantes fossem disponibilizados para a população, seja para que os políticos agissem em prol de avaliar o que estava sendo pesquisado pelos laboratórios, no sentido de se buscar uma vacina segura, por exemplo. Havia, naquele momento, uma urgência em se desenvolver e obter imunizantes, por um lado, e uma desconfiança em relação às pesquisas e aos laboratórios, por um outro lado¹²⁸.

Percebemos que as menções aos dois políticos representam esse duplo movimento, pois os dois políticos (Bolsonaro e Doria) obtiveram um protagonismo naquele período inicial da pandemia do novo coronavírus, pela responsabilidade que carregavam por conta de seus cargos e atribuições. O então presidente da República Jair Bolsonaro teria como atribuição do cargo, naquele momento, acompanhar as pesquisas e solicitar informações de imunizantes para

¹²⁶ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹²⁷ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹²⁸ Cf. <https://saude.abril.com.br/medicina/como-as-vacinas-para-a-covid-19-ficaram-prontas-tao-rapido>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

possíveis pedidos com laboratórios, e o então governador de São Paulo Joao Doria estava liderando uma pesquisa de imunizante¹²⁹, por meio do Instituto Butantan, centro de pesquisa biológica do governo do estado de São Paulo, criado em 1901.

Do ponto de vista da dimensão de poder inscrita nesse simples rastro de menções, esse dado revela que havia dois discursos que se rivalizavam na agenda política inscrita nas redes sociais. João Doria, então provável candidato a presidência em 2022, alicerçava-se num discurso pró-ciência, com suas sucessivas *lives* em que anunciava medidas em conjunto com cientistas. Um exemplo é a postagem abaixo, de 23 de setembro de 2020¹³⁰, na qual o ex-governador posa com um diretor do laboratório Sinovac, para falar sobre os testes da Coronavac, evidenciando que o imunizante estava obtendo êxito em seu desenvolvimento:

Figura 05 – Publicação de João Doria com diretor da Sinovac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Na publicação, que trazia um vídeo de 2 minutos e 46 segundos, João Doria (mais de 2,5 milhões de seguidores no Facebook) posa com autoridades da área de saúde, mostrando-se preocupado com a eficácia da vacina. Obteve um engajamento total de 9.797 interações, total que representa a soma de todas as curtidas, reações (amei, haha, força, triste, uau, grr) comentários e compartilhamentos. No texto, ele diz que: “a vacina simboliza esperança”, construindo uma metáfora em que a Coronavac seria uma tábua de salvação dos brasileiros, em meio à crise sanitária da Covid-19, uma saída científica para um futuro sem medo e sem a doença. A figura de linguagem é um recurso muito comum no dia a dia e, neste caso específico,

¹²⁹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/12/12/veja-a-cronologia-da-disputa-entre-bolsonaro-e-doria-em-torno-da-vacina-contr-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹³⁰ Cf. <https://www.facebook.com/watch/?v=1727025640779861>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

funciona como um organizador textual-cognitivo (PAVEAU, 2013), que aciona anterioridades discursivas de proteção, cuidado. É a ciência que vai salvar a humanidade, por meio da vacinação, elaborada seguindo todos os protocolos necessários do rigor científico. O otimismo demonstrado por João Doria buscava estimular a confiança da audiência no imunizante que estava sendo desenvolvido no Brasil. As boas notícias do desenvolvimento da vacina geravam expectativa na população de todo o Brasil, não só de São Paulo. Usando máscaras, João Doria surge no vídeo posicionado ao centro, entre o diretor do Instituto Butantan, o médico e pesquisador Dimas Covas, e o diretor da Sinovac, Xing Han. Os dois especialistas representam o posicionamento científico de João Doria, que buscou uma saída para a crise investindo na Coronavac.

De outro lado, Jair Bolsonaro (mais de 14 milhões de seguidores no Facebook) passou a se frear à relevância de Doria, colocando em dúvida os métodos científicos da produção da Coronavac, chamada por ele de “vacina chinesa”, como na publicação de 21 de outubro de 2020¹³¹:

Figura 06 – Publicação de Jair Bolsonaro sobre a Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A postagem traz um vídeo de quase três minutos, em que três representantes do Ministério da Saúde fazem uma leitura de uma nota, explicando que o governo federal não tinha a intenção de comprar a “vacina chinesa”, e que a vacinação com a Coronavac não seria obrigatória. Obteve um engajamento de 130.587 interações, que representa a soma de todas as curtidas, reações (amei, haha, força, triste, uau, gr) comentários e compartilhamentos. No mesmo dia dessa publicação, o ex-presidente Jair Bolsonaro disse que não iria comprar a

¹³¹ Cf. <https://www.facebook.com/watch/?v=644135439588905>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

“vacina chinesa” de João Doria, desautorizando publicamente uma decisão do Ministério da Saúde, comandado na época por Eduardo Pazuello, que havia anunciado a intenção de adquirir 46 milhões de doses do imunizante no dia anterior¹³². O protocolo de intenções para compra da Coronavac havia sido divulgado no dia 20 de outubro de 2020 pelo Ministério da Saúde após uma reunião entre o ex-ministro Eduardo Pazuello e alguns governadores brasileiros, entre eles, João Doria¹³³. A estratégia discursiva de Bolsonaro, ao se referir à Coronavac, tem como objetivo desacreditar a eficácia do imunizante, por meio de uma desautorização pública de seu ministro da Saúde. Durante esse episódio, Bolsonaro se revestiu do discurso de autoridade política. Em entrevista à imprensa durante uma visita a um centro militar em Iperó, São Paulo, no dia 21 de outubro de 2020, Bolsonaro disse: “o presidente sou eu, não abro mão da minha autoridade. Até porque estaria comprando uma vacina que ninguém está interessado por ela, a não ser nós”¹³⁴. Durante a sua fala aos jornalistas, ele buscou lançar dúvidas a respeito da Coronavac usando uma informação falsa (“uma vacina que ninguém está interessado por ela”):

¹³² Cf. <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹³³ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹³⁴ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

Figura 07 – Postagem de Aos Fatos sobre desinformação de Bolsonaro



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 21 de outubro de 2020¹³⁵, o *post* da agência de checagem Aos Fatos traz uma reportagem que aponta informações falsas ditas por Bolsonaro no vídeo da entrevista. Presente em nosso *corpus*, o *post* obteve 839 reações/curtidas, 203 comentários e 387 compartilhamentos. A agência tem 84 mil seguidores no Facebook. Na ocasião, além de Brasil e China, Chile, Indonésia e Turquia já haviam assinado compromissos para adquirir ou testar a Coronavac. Ou seja, Bolsonaro mentiu para defender seu ponto de vista.

Na mesma entrevista concedida durante uma visita a um centro militar em Iperó, São Paulo, Bolsonaro também cita a declaração anterior de João Doria, do dia 16 de outubro de 2020, classificando-o como autoritário¹³⁶. Na ocasião, o ex-governador disse, durante uma

¹³⁵ Cf. <https://www.facebook.com/100063538121962/posts/2056493254474337/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹³⁶ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghhtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

entrevista coletiva televisionada, que a vacinação contra a Covid-19 com o uso da Coronavac seria obrigatória em todo o estado de São Paulo¹³⁷, exceto para quem apresentasse atestado comprovando que não poderia tomar: “adotaremos medidas legais se houver contrariedade nesse sentido”, disse o ex-governador¹³⁸.

Entendemos que, neste momento, o ex-presidente estabeleceu um discurso que remete a uma ideia de antítese “bem” *versus* “mal”, em que ele se coloca na posição de salvador (“bem”), que vai proteger a população brasileira da obrigatoriedade da vacina sem comprovação científica de João Doria (“mal”). Trabalhamos com o entendimento de que antítese funciona como um organizador textual-cognitivo (PAVEAU, 2013), pois opera anterioridades discursivas binárias na audiência, aludindo a conceitos opostos que funcionam para ampliar ainda mais sua oposição ao trabalho do ex-governador João Doria.

Na genealogia da desinformação vacinal no Brasil, a corrosão do discurso científico vacinal alimentará uma identidade política eleitoral. O ex-governador paulista passará a ser intitulado de “ditadória”, por querer instituir a vacina contra a Covid-19 como obrigatória. Já Bolsonaro, será equiparado a um protetor, que usará sua autoridade política para “proteger as pessoas da vacinação obrigatória”. É, nesse momento, que são instituídos os fundamentos da desordem informacional sobre a vacina.

Uma informação importante a se considerar neste momento: de antemão, observamos que os léxicos pesquisados (“vacina chinesa OR Coronavac”) acabam sendo incorporados ao discurso de acordo com uma conveniência política/ideológica. João Doria, que está a frente das pesquisas de desenvolvimento do imunizante, refere-se à vacina pelo nome Coronavac, enquanto Jair Bolsonaro chama-a de “vacina chinesa”. Entendemos que a polarização política também leva a essa diferenciação na forma de tratar o imunizante que estava sendo desenvolvido pelo Instituto Butantan. Também é importante destacar que a Coronavac recebeu, durante a pandemia, outras formas de tratamento, como “vachina” e “vacina xing ling” (LOPES, BROTAS e MASSARANI, 2023).

Alguns órgãos públicos foram mencionados também nas 45.097 postagens públicas de nosso *corpus*, como Instituto Butantan, responsável pelas pesquisas com a Coronavac no Brasil. O que chamou a atenção foi a presença de menções a perfis de partidos políticos, como Aliança Brasil, partido que estava sendo formado pelo presidente Jair Messias Bolsonaro e seus

¹³⁷ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/16/doria-diz-que-vacina-contra-covid-19-sera-obrigatoria-em-sp-se-for-aprovada.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹³⁸ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/16/doria-diz-que-vacina-contra-covid-19-sera-obrigatoria-em-sp-se-for-aprovada.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

aliados¹³⁹, além de entidades públicas como Exército, Marinha e Aeronáutica. Em meio a uma crise sanitária, as Forças Armadas Brasileiras foram muito mencionadas nas publicações sobre as pesquisas envolvendo as vacinas, o que indica uma forte tendência a enunciadores mais conservadores, que são tradicionalmente apoiadores do então presidente da República Jair Bolsonaro e entusiastas das Forças Armadas.

Essa constatação, então, nos permite inferir que havia uma audiência mais conservadora se manifestando no Facebook, naquele período temporal considerado para a análise (de 17 de março de 2020 a 30 de novembro de 2020), usando os termos elencados para análise (“vacina chinesa” e/ou “Coronovac”). Entendemos que, como na época havia uma demanda grande por decisões por parte do poder público, esse público possivelmente cobrava autoridades políticas, partidos e instituições públicas a respeito das informações preliminares de pesquisas de imunizantes, realizadas em todo o mundo, inclusive no Brasil, usando a menção como recurso enunciativo.

Por conta do teor das elites simbólicas mais citadas nas postagens (políticos da esfera da direita, integrantes das Forças Armadas, Polícia Federal e Ministério Público) pela audiência, como foi evidenciado na **Tabela 01**, podemos então considerar que havia um clamor por algum tipo de ação por parte de agentes públicos políticos e de segurança, elites simbólicas (VAN DIJK, 2019) de grande apelo entre o público mais conservador e patriota, que tem apreço por figuras de autoridade:

¹³⁹ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/idealizado-por-bolsonaro-partido-alianca-pelo-brasil-acaba-por-falta-de-assinaturas/#:~:text=Bolsonaro%20se%20filiou%20ao%20Partido.meados%20de%202021%E2%80%B3%2C%20diz>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

Figura 08 – Publicação do Movimento Brasil sobre a Coronavac

 Movimento Brasil
16 de outubro de 2022

movimentobrasilonline.com

⚠️ RISCO IMINENTE AO ESTADO DEMOCRÁTICO DE DIREITO: Existência de uma ORGANIZAÇÃO CRIMINOSA atuando de forma sistêmica dentro das INSTITUIÇÕES PÚBLICAS e que se espalha por diversos ÓRGÃOS DO GOVERNO, ESTATAIS e EMPRESAS PRIVADAS a nível FEDERAL, ESTADUAL e MUNICIPAL, por meio da MANIPULAÇÃO DE LEIS, DAS VERBAS ORÇAMENTÁRIAS e USO DO PROCESSO LICITATÓRIO PARA DESMIO DE VERBAS PÚBLICAS DE FORMA "ENGENHOSA": RECEBEM EM ESPÉCIE OU POR MEIO DE PRESENTES, DOAÇÕES, USAM TERCEIROS (LARANJAS), EMPRESAS DE FACHADA, ONGs, CONTRATOS E TERMOS ADITIVOS VICIADOS OU SUPERFATURADOS, TRABALHOS INTELLECTUAIS E ARTÍSTICOS, MATERIAIS SUBSTITUÍDOS POR ITENS DE BAIXA QUALIDADE, NEGOCIAM CARGOS, SENTENÇAS JUDICIAIS, COMPRA DE VOTOS EM CAMPANHAS ELEITORAIS, DIVULGAM #FAKENEWS e FRAGILIZAM PROVAS. 🚫 INSTABILIDADE JURÍDICA EM VIRTUDE DE CRIMES DE RESPONSABILIDADE COMETIDOS POR MINISTROS DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL QUE DERRUBARAM A CREDIBILIDADE DA MAIS ALTA CORTE DO PAÍS, NÃO FORAM AFASTADOS E ESTÃO EXERCENDO SEUS MANDATOS DE FORMA ILEGÍTIMA E INCONSTITUCIONAL POR NÃO TEREM REPUTAÇÃO ILIBADA (Art101CF), CONTRA O TRÁFICO DE INFLUÊNCIA, A NEGOCIAÇÃO DE SENTENÇAS, O SUBORNO, A PREVARICAÇÃO, A ABERTURA DE PRECEDENTES JURÍDICOS EM FAVOR DO CRIME E O USO DE RECURSOS PROTETÓRIOS NAS MAIS DIVERSAS INSTÂNCIAS E JUÍZADOS. PELO IMEDIATO AFASTAMENTO DOS MINISTROS DO #STF E PELO FIM DA MÁFIA DO JUDICIÁRIO, SEUS BENEFÍCIOS e PRIVILÉGIOS! LIMPEM OS TRIBUNAIS, A #OMB, ESCRITÓRIOS DE ADVOCACIA e ADVOGADOS! 🟢 EM DEFESA DA #LAVAJATO e DE TODOS OS PROJETOS CONTRA O CRIME ORGANIZADO! Cessem as AMEAÇAS À DEMOCRACIA E LACREM O DUTO DE CORRUPÇÃO! SOMOS O #NOVOBRASIL RUMO À CONQUISTA DOS 3 PODERES: 🇧🇷 #EXECUTIVO - ? #LEGISLATIVO - ? #JUDICIÁRIO 🇧🇷 #BRASIL acima de tudo, #DEUS acima de todos! 🇧🇷 🇧🇷 #bolsonaro #nordeste #saopaulo #riodejaneiro #brasil #minasgerais #recife #curitiba #goiania #fortaleza #floripa #bahia #mariaus #corupção #covid19 #noticias #aliancapelobrasil @jairmessiasbolsonaro @vprhamiltonmourao @genhelena @exercito_oficial @marinhaoficial @fab_oficial @mindefesa @mjsp_gov @mpf_oficial @policiafederal @aliancapelobrasil @nasruasbra @movimentobrasil @republicadecuritiba



JORNALDACIDADEONLINE.COM.BR

'DitaDoria' diz que vacina chinesa será 'obrigatória' em SP e promete 'medidas legais' para quem se recusar (veja o vídeo)

👍👎🗨️ 39

19 comentários · 8 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Postada no dia 16 de outubro de 2020¹⁴⁰ no Facebook, a publicação do Movimento Brasil (mais de 11 mil seguidores) traz várias menções a autoridades, entre elas o ex-presidente Bolsonaro, o ex-vice presidente Hamilton Mourão, o ex-ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, general Augusto Heleno, além de instituições como Exército, Marinha, Força Aérea e Ministério de Defesa. O texto possui um tom mais alarmista, com uma suposta denúncia (“existência de uma organização criminosa atuando nas instituições públicas”) e um alerta de ameaça (“risco iminente ao estado democrático de direito”), usados para comentar a respeito de uma reportagem que vem anexada abaixo, do Jornal da Cidade, que chama o ex-governador de São Paulo de “ditadoria” por dizer que a vacinação com Coronavac será obrigatória em São Paulo¹⁴¹. Também se refere ao imunizante do Instituto Butantan como “vacina chinesa”. O *post* teve um alcance pouco expressivo (39 *likes* e reações, 19 comentários e 8 compartilhamentos), porém representa uma amostra do tipo de teoria da conspiração que circulava no Facebook, entre os apoiadores de Jair Bolsonaro. Evidencia que, para muitos seguidores do ex-presidente, o perigo maior era a vacinação obrigatória com a Coronavac, e não o vírus da Covid-19. É um conteúdo falso, com informações alarmantes para causar suspeição dos agentes políticos envolvidos no desenvolvimento da Coronavac, porém sem qualquer verificação ou correspondência com fatos comprováveis por meio de evidências jurídicas e/ou científicas. Consideramos que representa um exemplo de conteúdo de desinformação construído de maneira intencional para causar ceticismo em relação à Coronavac, fomentando um cenário de desordem informacional (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017).

Uma das conclusões, a partir destes dados de menções, é de que havia um pedido de ação por parte de agentes do estado por um público mais alinhado a ideologias da nova direita. Uma observação importante é que o discurso da nova direita de “liberal na economia, conservador nos costumes” permite esse tipo de situação, quando há uma cobrança por uma ação mais enérgica por parte dos agentes públicos (políticos e forças de segurança), enquanto despreza uma intervenção mais severa em outros setores, principalmente na economia e bem-estar social (“imposto é roubo” e “programas sociais são esmola”).

¹⁴⁰ Cf. <https://www.facebook.com/100064822925982/posts/3447512798669348/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁴¹ Cf. https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/23848/ditadoria-diz-que-vacina-chinesa-sera-obrigatoria-em-sp-e-promete-medidas-legais-para-quem-se-recusar-veja-o-video?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAR1edcmMNQErRqO-59_O3dRotm8PGfLtw2JjxMMNFbr6sX8BwTjTw0hCBNk_aem_E1v9eTNnO2p8SRbtbbsmIw. Acesso em: 25 de junho de 2024.

5.2.2 As páginas mais citadas nas publicações

Outro dado relevante fornecido pelo Ford, minerado a partir das informações coletadas pelo CrowdTangle, traz a relação das páginas mais citadas dentro de nosso *dataset*, ou seja, aquelas que tiveram suas publicações replicadas dentro de postagens de internautas, que continham ocorrências dos termos pesquisados (em números absolutos). É um tipo de menção, só que, em vez de menção a um perfil do Facebook, como vimos anteriormente, há uma menção a um *link* de uma página dentro do espaço da publicação.

A **Tabela 02** exhibe abaixo as 20 páginas que se destacaram em nosso *dataset*, por conta da quantidade de postagens que traziam os termos elencados para nossa busca, em ordem decrescente (maior número de ocorrências para um menor número de ocorrências):

Tabela 02 - As 20 páginas mais citadas

Página	Ocorrências	Página	Ocorrências
Revista ISTOÉ	179	O Antagonista	171
CNN Brasil	167	UOL Notícias	155
Diário do Centro do Mundo	153	Brasil 247	145
Jovem Pan News	109	Band Jornalismo	103
Metrópoles	98	Yahoo Noticias	91
Blog da Cidadania	81	Correio Braziliense	78
Gazeta Brasil	76	Jornal da Record	76
FakeNão - Ser Multimídia	75	Revista Fórum	72
Jornal de Brasília	70	Catraca Livre	66
Rádio BandNews FM	66	Rádio Bandeirantes	65

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford

A planilha fornecida pelo Ford mostra que, entre as principais páginas mais citadas, que traziam os termos elencados para a busca, estão três veículos de comunicação nacionais: Revista ISTOÉ, O Antagonista e UOL Notícias, o que demonstra uma importância das

narrativas informacionais durante o período, que continham os termos selecionados para nossa busca. Os veículos de imprensa estavam sendo citados pelos internautas que escreviam sobre os temas investigados em nossa pesquisa. No primeiro ano da pandemia, havia uma grande necessidade por informações sobre a doença, sobre vacinas e sobre a organização, como um todo, da sociedade, portanto os veículos de comunicação foram fundamentais para fornecer notícias para os internautas:

Figura 09 – Postagem com link da Revista Istoé

#Globalixo, o câncer do Brasil
Grupo Público · 87,1 mil membros

Sobre **Discussão** Em destaque Pessoas Eventos Mídia Arquivos

Machado de Prata
6 de agosto de 2020 · 🌐

China.
Cria a doença para vender a cura e roubar nossa tecnologia de anos desenvolvida pelo butantan

ISTOE.COM.BR
Bolsonaro critica vacina chinesa ao assinar MP de R\$ 1,9 bi para produzir fármaco - ISTOÉ Independente

👍 5 1 comentário 1 compartilhamento

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicado em 6 de agosto de 2020¹⁴², o *post* foi veiculado dentro do grupo #Globalixo, o câncer do Brasil com 87 mil membros. Elaborado por um usuário intitulado como Machado de Prata, o texto traz um comentário de que a China “cria a doença para vender a cura”, em uma referência à Covid-19 e à Coronavac, respectivamente. Há um sentimento de desconfiança a respeito da vacina que está sendo desenvolvida no Instituto Butantan, ao mesmo tempo que formula uma “teoria da conspiração” a respeito da parceria do instituto com a Sinovac. Para o internauta, havia uma possibilidade da tecnologia brasileira estar sendo surrupiada com a parceria anunciada para desenvolvimento da vacina. Uma postagem pequena, que traz o link de uma reportagem da revista IstoÉ, capaz de movimentar muitos sentidos, que se conectam com um sentimento de ceticismo a respeito da Coronavac, que estava sendo fomentado na base de apoio ao ex-presidente Bolsonaro em seus grupos de seguidores.

Há que se considerar que a publicação tem um pequeno alcance (5 reações/*likes*, um comentário e um compartilhamento), porém representa um conteúdo de desinformação que circulava no ambiente digital durante a crise sanitária. Entendemos que trata-se de um conteúdo falso, pois o internauta aponta uma ideia de perseguição por parte da China sem apresentar fatos concretos para isso, postado em um grupo para fomentar um clima de desconfiança a respeito da Coronavac, em uma dinâmica de desordem informacional (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017).

¹⁴² Cf. <https://www.facebook.com/groups/1844897409130363/permalink/2872040403082720>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 10 – Postagem com link do site O Antagonista



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 18 de novembro de 2020¹⁴³, a postagem foi feita por Mada Almeida (que usa o avatar com o rosto de Sergio Moro) no grupo Apoio ao Senador Sergio Moro 2026, que possui mais de 21.400 membros. Obteve 137 curtidas/reações, 33 comentários e 18 compartilhamentos. A publicação celebra que os paulistas terão uma vacina “segura e eficaz” e dá parabéns a quem conseguiu trabalhar pela viabilidade da Coronavac, sem citar diretamente o nome do ex-governador João Doria. O comentário vem acompanhando do link de uma reportagem do site O Antagonista, que informava sobre o resultado positivo obtido pela corovac em seus testes, com os dados do estudo sendo divulgados na comunidade científica internacional, por meio de um artigo em uma revista britânica.

Entendemos que a postagem acima evidencia os discursos que circulavam entre a base de apoiadores do ex-juiz federal Sergio Moro, que foi ministro da Justiça e da Segurança Pública durante o governo Bolsonaro. Moro deixou o cargo de ministro em 24 de abril de 2020,

¹⁴³ Cf. <https://www.facebook.com/groups/3199452140089293/permalink/3731075990260236>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

em meio à crise sanitária, por não concordar com a troca do ex-diretor-geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo, indicado para a função por Moro¹⁴⁴. Ex-juiz federal responsável pelos processos da Operação Lava Jato, organizada para investigar casos de corrupção no Brasil, Moro deixou a magistratura em 2018 para assumir como ministro da Justiça de Bolsonaro, em 2019¹⁴⁵. Na ocasião de sua saída do governo Bolsonaro, Moro disse em entrevista que a troca do ex-diretor-geral foi uma interferência política realizada por Bolsonaro, que desejava acompanhar de perto informações de investigações e inquéritos¹⁴⁶. No final de 2022, Sergio Moro foi eleito senador da República pelo estado do Paraná¹⁴⁷.

A saída de Sergio Moro do governo Jair Bolsonaro foi uma ruptura importante no campo da direita ultraconservadora, pois os dois políticos, apesar de suas diferenças, apresentavam um discurso anticorrupção na condução de seus trabalhos. O trabalho de Sergio Moro, na Operação Lava Jato, levou à prisão empresários e políticos, inclusive o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva¹⁴⁸, inimigo político de Jair Bolsonaro, meses antes das eleições presidenciais de 2018. O nome de Sergio Moro tinha força política entre o campo da direita, assim como Bolsonaro. Moro era cotado informalmente para assumir uma vaga no Supremo Tribunal Federal (STF), como revelado em declarações de Bolsonaro¹⁴⁹.

Com a demissão de Moro, o ex-juiz passou a se posicionar politicamente contra algumas decisões de Bolsonaro, inclusive na condução da crise sanitária da Covid-19. Em 6 de setembro de 2020, Sergio Moro disse em entrevista que seria “desejável que se faça uma ampla campanha de conscientização” sobre a vacinação, pois ela já é compulsória por lei¹⁵⁰. Ele criticou a postura do ex-presidente, apontando que estava acontecendo uma má gestão da pandemia por parte do governo federal, o que estaria confundindo as pessoas quanto ao uso de medicamentos e sobre as medidas sanitárias necessárias para o enfrentamento ao novo

¹⁴⁴ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

¹⁴⁵ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

¹⁴⁶ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/24/moro-anuncia-demissao-do-ministerio-da-justica-e-deixa-o-governo-bolsonaro.ghtml>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

¹⁴⁷ Cf. <https://g1.globo.com/pr/parana/eleicoes/2022/noticia/2022/10/02/sergio-moro-uniao-brasil-e-eleito-senador-pelo-parana.ghtml>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

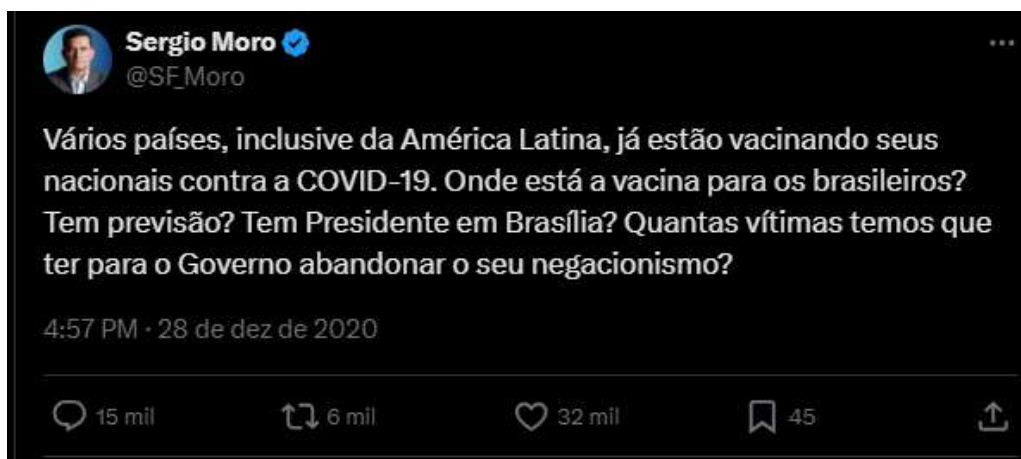
¹⁴⁸ Cf. <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/04/05/moro-decreta-prisao-de-lula-e-determina-que-ele-se-apresente-ate-amanha.htm>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

¹⁴⁹ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/bolsonaro-diz-que-desaconselhou-moro-a-mirar-vaga-no-stf-e-nao-descarta-propor-aumento-do-numero-de-ministros-da-corte.ghtml>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

¹⁵⁰ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4873657-moro-diz-que-lei-preve-vacinacao-compulsoria-mas-que-e-desejavel-campanha-de-conscientizacao.html>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

coronavírus¹⁵¹. Em 28 de dezembro de 2020, Sergio Moro criticou, por meio de um tuíte na rede social X (antigo Twitter), que o governo Bolsonaro estava demorando muito para articular o início das vacinações contra a Covid-19 no Brasil¹⁵². “Tem presidente em Brasília? Quantas vítimas temos que ter para o Governo abandonar o seu negacionismo?”, escreveu Sergio Moro, no X (antigo Twitter):

Figura 11 – Publicação de Sergio Moro na rede social X



Fonte: https://x.com/SF_Moro/status/1343647279815798785

Sendo assim, o *post* da base aliada de Sergio Moro, com o link da reportagem do site O Antagonista, nos fornece um potente indicativo de que a ruptura entre Bolsonaro e Moro não era apenas na frente das câmeras. Nos ambientes digitais, a dissidência entre o ex-presidente e o ex-ministro permanecia, com apoiadores de Moro aguardando a vacinação contra a Covid-19, como forma de retomada das atividades produtivas presenciais.

¹⁵¹ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4873657-moro-diz-que-lei-preve-vacinacao-compulsoria-mas-que-e-desejavel-campanha-de-conscientizacao.html>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

¹⁵² Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/12/4897348-tem-presidente-em-brasilia--questiona-moro-sobre-vacinacao.html>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

Figura 12 – Postagem com o link do site UOL Notícias



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Postada em 21 de outubro de 2020¹⁵³ no grupo Bolsonaro o melhor presidente (com mais de 186 mil membros), a publicação de José Claudio traz o link de uma reportagem do site UOL Notícias, sobre a decisão do ex-presidente de cancelar o acordo para aquisição da Coronavac. Em sua mensagem, o usuário responsabiliza a China e o partido comunista chinês pelo vírus e pela suposta venda de insumos e equipamentos hospitalares superfaturados em meio à crise sanitária, uma crítica sem apresentar um embasamento de fatos verificados. Também acusa João Doria de declarar guerra contra Bolsonaro, organizando os governadores nesse sentido, em uma “teoria da conspiração” sobre como “todos” (China, Doria, governadores) teriam se unido para prejudicar o ex-presidente Jair Bolsonaro. Entendemos que

¹⁵³ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1224957990848536/permalink/5390117824332511>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

o texto de José Claudio remete ao discurso comum dos ciberpopulistas (BRUZZONE, 2021), que é o “todos contra nós”, uma oposição de sentidos binária que se assemelha a uma ideia de antítese, figura de linguagem que opera como organizador textual-cognitivo (PAVEAU, 2013) por meio de oposições fundamentais que ficam em segundo plano no processamento cognitivo dos indivíduos. A ideia do “bem” contra o “mal” aparece como pano de fundo na mensagem.

Como havia muita incerteza com a chegada de uma nova doença ao país, entendemos que as informações relatadas pela imprensa tinham uma importância ainda maior do que em outros períodos temporais, por isso há uma grande demanda por conteúdo factuais que trazia as notícias sobre a Covid-19, as repercussões sociais e econômicas da doença e as medidas adotadas pelo governo federal e as declarações do então ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e do então presidente da República Jair Bolsonaro. As questões sobretudo de saúde pública estavam em evidência naquele momento¹⁵⁴, assim como as repercussões econômicas e sociais da desaceleração econômica em virtude da paralisação/redução da capacidade produtiva de vários setores brasileiros.

Dentro da relação com as 20 páginas mais citadas, dentro do período temporal considerado para análise, identificamos uma página que se dedicava a postar conteúdo de checagem de fatos (FakeNão - Ser Multimídia).

¹⁵⁴ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/01/17/relatora-na-anvisa-vota-a-favor-do-uso-emergencial-das-vacinas-coronovac-e-de-oxford.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

Figura 13 – Postagem da página FakeNÃO - Ser Multimídia

FakeNÃO - Ser Multimídia
12 de agosto de 2020 · 🌐

É #FAKE que foto mostre Doria recebendo vacina chinesa contra a Covid-19 via [Globo.com](#)

Imagens são de março, quando o governador foi imunizado contra a gripe. Ele não tomou a vacina Coronavac, que está em teste apenas entre voluntários. Circulam pelas redes sociais fotos que mostram o governador de São Paulo, João Doria, que afirmou ter testado positivo para a Covid-19, tomando uma injeção. Legendas afirmam que Doria contraiu a doença apesar de ter tomado a vacina chinesa Coronavac, testada em São Paulo em parceria com laboratórios chineses. É #FAKE. G1 As imagens que mostram Doria tomando vacina são de março, quando o governador foi imunizado contra a gripe. Ele não tomou a Coronavac após o início dos testes em São Paulo. "Ao ler diversas fake news nas redes após a divulgação do meu diagnóstico de coronavírus, esclareço que não tomei a vacina Coronavac. Apenas médicos e enfermeiros que estão em contato com pacientes com Covid-19 receberam a aplicação da vacina nesta última fase de testes", disse o governador, em seu perfil verificado no Twitter. O governo de São Paulo publicou nota em que diz que "é falso que o governador de São Paulo tenha tomado vacina contra Covid-19". "A imagem é de março, quando ele foi imunizado contra a gripe. A Coronavac tem apoio do Butantan e está em fase de testes. Apenas voluntários profissionais de saúde receberam as doses." É #FAKE que foto mostre Doria recebendo vacina chinesa contra a Covid-19. Reprodução Vídeo: Veja como identificar uma mensagem falsa Como identificar se uma mensagem é falsa VEJA outras checagens feitas pela equipe do FATO ou FAKE Initial plugin text: #fakenão #fakenews #FactCheck #CheckBR #SerMultimídia

FAKE

GT.GLOBO.COM

É #FAKE que foto mostre Doria recebendo vacina chinesa contra a Covid-19
Imagens são de março, quando o governador foi imunizado contra a gripe. Ele não tomou a v...

6
6 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Postada em 12 de agosto de 2020¹⁵⁵, a publicação do perfil FakeNÃO - Ser Multimídia traz conteúdo de checagem de fatos copiado de outros sites especializados, como Fato ou Fake

¹⁵⁵ Cf. <https://www.facebook.com/100064053970952/posts/628853514403243/>. Acesso: em 25 de junho de 2024.

do portal G1, Aos Fatos, Agência Lupa e Boatos.org. No material replicado a partir do portal G1, temos um esclarecimento sobre o ex-governador João Doria, sobre a vacinação dele contra a gripe influenza, cuja imagem teria sido utilizada para criar um conteúdo falso sobre ele ter sido vacinado contra Covid-19 com a vacina da Sinovac/Butantan. A notícia falsa teria usado uma imagem real fora de contexto de maneira intencional, gerando a informação maliciosa de que Doria teria testado positivo para Covid-19 apesar de ter se imunizado com a Coronavac, o que seria uma comprovação de que a vacina da Sinovac/Butantan não funciona. O desmentido da informação traz um esclarecimento do próprio ex-governador, que se manifestou sobre o tema em suas redes sociais.

O *post* obteve seis reações/curtidas e 6 compartilhamentos, o que representa um alcance pequeno, se comparado com perfis oficiais de outras empresas da mídia. O perfil FakeNão - Ser Multimídia possui pouco mais de 2.200 seguidores, e costumava mencionar suas próprias publicações, o que pode ter alavancado o conteúdo para que ele fosse identificado em nossa análise. A última atualização da página é do dia 14 de novembro de 2020¹⁵⁶, o que sinaliza que o perfil foi descontinuado ainda no primeiro ano da pandemia da Covid-19.

Em um momento em que havia muita informação circulando no ambiente digital, algumas provenientes de fontes não confiáveis, a checagem de dados ganha ainda mais importância para ajudar os internautas a não serem enganados por conteúdo malicioso. Portanto, entendemos que havia, desde aquele momento, um contexto de preocupação com desinformação e informações falsas que circulavam nas redes sociais naquela época.

Também na relação das 20 páginas mais citadas no período, observamos que há veículos de comunicação com um alinhamento mais à esquerda (destacados em vermelho). São eles: Brasil 247, Blog da Cidadania, Catraca Livre, Revista Fórum e Diário do Centro do Mundo.

¹⁵⁶ Cf. <https://www.facebook.com/fakenaobrasil>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 14 - Postagem com o link do site Brasil 247



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O usuário Carlos Eduardo publicou, em 13 de novembro de 2020¹⁵⁷, um texto que trazia uma reportagem do site Brasil 247, no grupo Bolsonaro nunca mais, que possui mais de 17,3 mil membros. A reportagem mostrava que o filho de Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, teria realizado ataques verbais contra o ex-ministro Sergio Moro e General Santos Cruz, ex-ministro da Secretaria de Governo do Planalto do governo Bolsonaro. Com 10 curtidas/reações, seis comentários e sete compartilhamentos, a publicação de Carlos Eduardo afirma que a família Bolsonaro é a “síntese do mau-caratismo político” por ofender diretamente quem questiona alguma de suas decisões ou opiniões.

¹⁵⁷ Cf. <https://www.facebook.com/groups/209417633744120/permalink/283634716322411>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 15 – Postagem com o link do site Catraca Livre



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O *post* da internauta Chris Fernandes é de 22 de outubro de 2020¹⁵⁸, realizado no grupo Somos 70 por cento, que possui mais de 214 mil membros. Obteve 15 *likes*/reações, 11 comentários e seis compartilhamentos. A reportagem do site Catraca Livre trazia a informação de que o ex-presidente não iria comprar a vacina da Sinovac com o Butantan. Ao comentar sobre a notícia, a internauta constrói uma metáfora, ao chamar o ex-presidente de “genocida”, pois a conduta de Jair Bolsonaro é comparada com a de uma pessoa que ordena um genocídio

¹⁵⁸ Cf. <https://www.facebook.com/groups/2596475380568472/permalink/2747447822137893>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

de uma população. Para ela, o ex-presidente estava condenando à morte milhares brasileiros ao não comprar a vacina, ao insistir no uso da cloroquina, por isso deveria ser preso.

Há registros de citações de páginas de veículos de imprensa que possuem um direcionamento em uma aproximação mais nítida com setores conservadores da direita (destacados em verde). São eles: Jovem Pan News, CNN Brasil e Gazeta Brasil.

Figura 16 – Postagem com o link do site Jovem Pan News



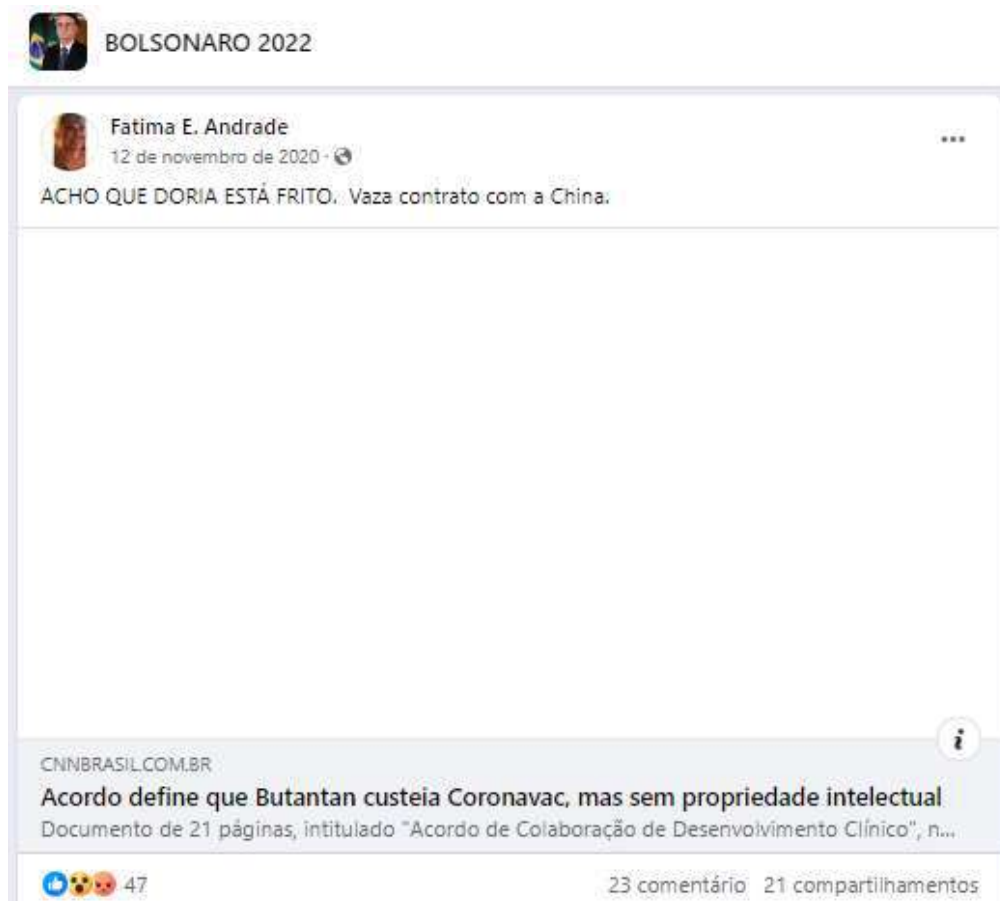
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicado em 3 de setembro de 2020¹⁵⁹ no grupo #Bolsonaro2026, que possui mais de 5.700 membros, o post do usuário Getulio Fantini traz o link de um vídeo da Jovem Pan News, no qual o comentarista político e escritor Rodrigo Constantino dá sua opinião sobre a vacina

¹⁵⁹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1222818291132932/permalink/3295460420535365>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Coronavac, que está sendo desenvolvida pela Sinovac em parceria com o Instituto Butantan. O comentário de Constantino traz ainda mais desconfiança a um cenário de crise sanitária, ao considerar “absolutamente legítimo” o ceticismo vacinal fomentado por uma parcela de agentes políticos do campo da direita ultraconservadora, que refuta evidências científicas com base em convicções político-ideológicas. Esse tipo de posicionamento só reforça comportamentos de ceticismo vacinal de uma parcela da população brasileira, em vez de ampliar o debate sobre o desenvolvimento de imunizantes, ao colocar em xeque protocolos científicos necessários para a elaboração de uma vacina segura e eficaz. Com um like, dois comentários e um compartilhamento, a publicação do internauta busca endossar o posicionamento de Constantino, dando visibilidade ao pensamento dele ao compartilhar esse conteúdo. Em vez de usar o léxico “Coronavac”, o portal Jovem Pan News usar a expressão “vacina chinesa”, adicionando uma carga semântica de desconfiança ao imunizante.

Figura 17 – Postagem com o link do site CNN Brasil



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicado em 12 de novembro de 2020¹⁶⁰ no grupo Bolsonaro 2022, que possui 53,9 mil membros, o *post* de Fatima E. Andrade traz um link de uma reportagem do site CNN Brasil, que cita um documento que define os termos do acordo entre o Instituto Butantan e a Sinovac. Na reportagem, é informado que o Butantan teria que financiar o desenvolvimento da vacina, sem ter direito à propriedade intelectual, o que configura, na opinião da internauta, um problema. “Acho que Dória está frito”, comenta a internauta, ao avaliar como a informação seria recebida pela audiência. Outros internautas postaram sobre o tema:

Figura 18 – Postagem sobre acordo da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O *post* da associação Ancap.su (mais de 9,8 mil seguidores), realizado em 12 de novembro de 2020¹⁶¹, obteve 88 curtidas/reações, seis comentários e 10 compartilhamentos.

¹⁶⁰ Cf. <https://www.facebook.com/groups/518947175462808/permalink/664178560939668> Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁶¹ Cf. <https://www.facebook.com/100063500022760/posts/3365042686937221/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Trazia um vídeo sobre o mesmo tema da reportagem do site CNN Brasil, porém o conteúdo foi removido do YouTube. O autor do *post* chama o acordo entre o Butantan e a Sinovac de absurdo, e questiona a competência de gestão de João Dória. A Ancap.su é uma organização que divulga ideias de anarcocapitalismo no Facebook. Dentro de nosso *corpus*, identificamos que o tema também foi postado por agentes políticos:

Figura 19 – Postagem do deputado Luiz Philippe Bragança sobre acordo da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A publicação de 13 de novembro de 2020¹⁶² foi realizada pelo deputado federal conservador Luiz Philippe de Orleans e Bragança (mais de 616 mil seguidores no Facebook), eleito por São Paulo. Obteve um engajamento total de 14.708 interações (soma do total de curtidas, reações, comentários e compartilhamentos). O deputado classifica o acordo entre o Butantan e a Sinovac como “estranho”, colocando em suspeição a maneira como foi firmada a parceria para ao desenvolvimento da Coronavac no Brasil. A publicação traz o link da reportagem da CNN Brasil sobre o tema.

¹⁶² Cf. <https://www.facebook.com/100044310132288/posts/1796036873889956/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Butantan, órgão que tinha como autoridade máxima o ex-governador João Doria, e deixa a resposta de suas perguntas para que a audiência pudesse responder. Como era um fato novo surgindo e ainda não havia muitos esclarecimentos a respeito, Carla faz um tipo de acusação indireta, ao levantar pontos do acordo divulgados pela reportagem da CNN Brasil, deixando que seus seguidores finalizem uma acusação de suposta irregularidade, em vez de acusar diretamente o governador João Doria de algum ato ilícito.

A reportagem da CNN Brasil de 11 de novembro de 2020 analisava trechos de um documento que teria sido obtido com exclusividade pela equipe de jornalismo do veículo¹⁶⁴. Na reportagem, os profissionais da imprensa ponderavam sobre vários aspectos da negociação, como valores e distribuição da Coronavac¹⁶⁵. Em nota enviada à CNN Brasil, o Instituto Butantan se manifestou sobre o documento, informando que se tratava de um acordo, e não de um contrato. A CNN Brasil informou que o Butantan alegou que o material tinha erros graves. “O que foi firmado em material apresentado pela CNN com a farmacêutica chinesa Sinovac Life Science e o Instituto Butantan trata-se de um acordo de intenções que, obviamente, não traz informações sobre valores, quantidades e outros detalhes pretendidos pela reportagem. Isso ficou claro quando, finalmente, a emissora viabilizou entrevista com o diretor do Instituto Butantan, Dimas Covas”¹⁶⁶, afirmava a nota da assessoria, divulgada na reportagem da CNN.

Em nosso estudo, não identificamos que o tema tenha sido contestado por empresas de checagem de notícia, então entendemos que não se tratava de uma informação falsa. A parceria entre a Sinovac e o Butantan foi avaliada por uma investigação do Ministério Público, Tribunal de Contas e Assembleia Legislativa de São Paulo¹⁶⁷, quando houve demora na fabricação da Coronavac, em maio de 2021, por conta de atraso no recebimento de insumos do exterior¹⁶⁸.

Entendemos que, mesmo não se tratando de um caso de informação falsa, temos um embate de sentidos causado pela polarização política, em que agentes públicos (os deputados Carla Zambelli e Luiz Philippe de Orleans e Bragança) cobraram um posicionamento do ex-governador João Doria no ambiente digital, incitando a audiência conectada a fazer o mesmo.

¹⁶⁴ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/acordo-define-que-butantan-custeia-Coronavac-mas-sem-direito-intelectual/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁶⁵ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/acordo-define-que-butantan-custeia-Coronavac-mas-sem-direito-intelectual/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁶⁶ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/acordo-define-que-butantan-custeia-Coronavac-mas-sem-direito-intelectual/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁶⁷ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/19/contrato-do-butantan-com-a-china-sobre-Coronavac-so-preve-multa-se-entrega-total-de-insumos-nao-for-cumprida-diz-dimas-covas.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁶⁸ Cf. Cf. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/05/19/contrato-do-butantan-com-a-china-sobre-Coronavac-so-preve-multa-se-entrega-total-de-insumos-nao-for-cumprida-diz-dimas-covas.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

O posicionamento gerou ainda mais desconfiança em meio à crise sanitária. Em um cenário de infodemia, em que há várias informações verdadeiras e falsas circulando, há uma grande dificuldade de encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis (PAHO, 2020, *apud* BASTOS). Consideramos, então, que fomentar suspeitas, para polemizar sobre um assunto tão importante para a sociedade, acaba impulsionando o cenário de infodemia, neste contexto específico da crise sanitária da Covid-19. Ou seja, em vez de ajudar a esclarecer os fatos, acaba tornando tudo mais obscuro e confuso.

Figura 21 – Postagem com o link do site Gazeta Brasil

Presidente Bolsonaro Jair messias

Raquel Lopes França Perez
22 de outubro de 2020

UM PROJETO PARA UM NOVO MUNDO - Controle Social em Massa. Quanto MAIS medo você TEM, MAIS fácil você aceitará.
Quando MAIS longe e AFASTADO dos seus familiares e amigos, mais PODER o SISTEMA terá para controlar você.

A SITUAÇÃO É PIOR, ESTÃO ADICIONANDO NESSAS VACINAS VÍRUS DA HIV, MERCÚRIO E ALUMÍNIO.

É ASSUSTADOR!
O ALTISMO, DOENÇAS ALTO IMUNES, MAL HALZAIMER, SEGUNDO CIENTISTA É O RESULTADO DA NOVA FORMA COMO ESTÃO FAZENDO AS VACINAS.

ACHA BOBAGEM, ISSO É UMA VIAGEM?

As coisas piores continua, estamos recebendo nanopartículas de tudo, a intenção é adoecer a população. Segundo o médico, científica e pastor Dr. Walter Veith, essa é uma filosofia da NOM, as vacinas serão o veículo pelo qual o SINAL da BESTA será introduzido em nós.

Cada vez mais, novos vírus surgirão, e a vacina será obrigatória, sob pena de sermos demitidos do trabalho, de sermos impedidos de frequentar lojas, supermercados etc.

Antes se você fosse cobaia de algum laboratório, e se por ventura ficasse doente em decorrência disso, você seria indenizado. Hoje essa possibilidade não existe, porque estão modificando propositalmente nossa natureza humana.

Antigamente uma pesquisa para criação de 1 vacina era de 08 anos; e quem adoecesse seria indenizado.

Hoje o tempo é de 01 ano, e podem introduzir o que quiserem em nosso organismo, pois não responderão na justiça por qualquer dano que as cobaias sofrerem. EU TENHO TODOS ESSES MATERIAIS.

NÃO TOMEM ESSA VACINA, NÃO IMPORTA DE ONDE ELA VENHA, SE DA China, Oxford ou de qualquer outro lugar.

OS CIENTISTAS DO BLOCO DA NOM, ESTÃO QUERENDO BRINCAR DE SER DEUS.

Efeito colateral da vacina chinesa pode matar ou prejudicar mais que a Covid-19, alerta neurocirurgião.

GAZETABRASIL.COM.BR

VIDEO: 'Efeito colateral da vacina chinesa pode matar ou prejudicar mais que a Covid-19', alerta neurocirurgião

2 1 compartilhamento

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Identificamos em nosso *dataset* uma publicação que utiliza uma reportagem do site Gazeta Brasil, veiculada em 22 de outubro de 2020¹⁶⁹ no grupo Presidente Bolsonaro Jair Messias, que possui 13,8 mil membros. Obteve dois *likes* e um compartilhamento. A autora do *post* é Raquel Lopes França Perez, que publicou esse mesmo *post* em outros dez grupos do Facebook. No texto, ela diz que a vacinação contra a Covid-19 está associada a “um projeto para um novo mundo”, com “controle social em massa”. A internauta relata uma “teoria da conspiração” de que a vacinação causa ainda mais doenças: o objetivo é o adoecimento da sociedade para que o sinal da besta seja introduzido nas pessoas, de acordo com a opinião do pastor Walter Veith. Ela afirma ter provas de que todos os cidadãos serão cobaias, e faz um apelo para as pessoas não se vacinem contra a Covid-19, com nenhum tipo de vacina, e não só a vacina chinesa.

Ao final, há o link para uma reportagem do site Gazeta Brasil, que traz o seguinte título: “‘Efeito colateral da vacina chinesa pode matar ou prejudicar mais que a Covid-19’, alerta neurocirurgião”. A reportagem traz informações falsas que foram ditas pelo médico Paulo Porto de Melo durante entrevista no programa Pânico da rádio Jovem Pan. Ao tentarmos acessá-la pelo link, identificamos que ela está indisponível no site da Gazeta Brasil¹⁷⁰:

¹⁶⁹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/314733196067457/permalink/726508644889908>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁷⁰ Cf. <https://gazetabrasil.com.br/especiais/coronavirus/video-efeito-colateral-da-#vacina-chinesa-pode-matar-ou-prejudicar-mais-que-a-covid-19-alerta-neurocirurgiao/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

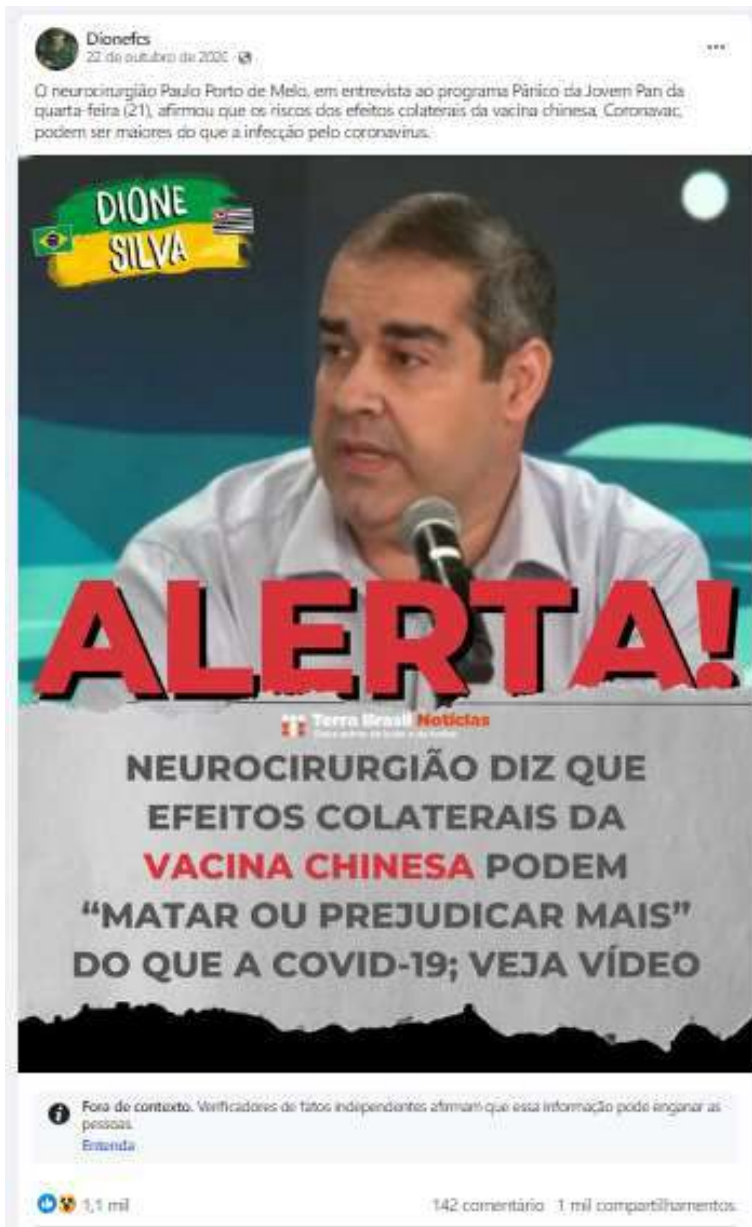
Figura 22 – Postagem sobre a Coronavac no site Gazeta Brasil



Fonte: link indisponível obtido após coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O link para acessar essa reportagem no site da Gazeta Brasil tem 34 ocorrências em nosso *corpus*. Ou seja, é uma evidência de que várias postagens no Facebook tentavam viralizar esse assunto em meio à audiência conectada. Outros usuários se manifestaram sobre esse tema, dentro de nosso *corpus*:

Figura 23 – Postagem sobre supostos efeitos da Coronavac

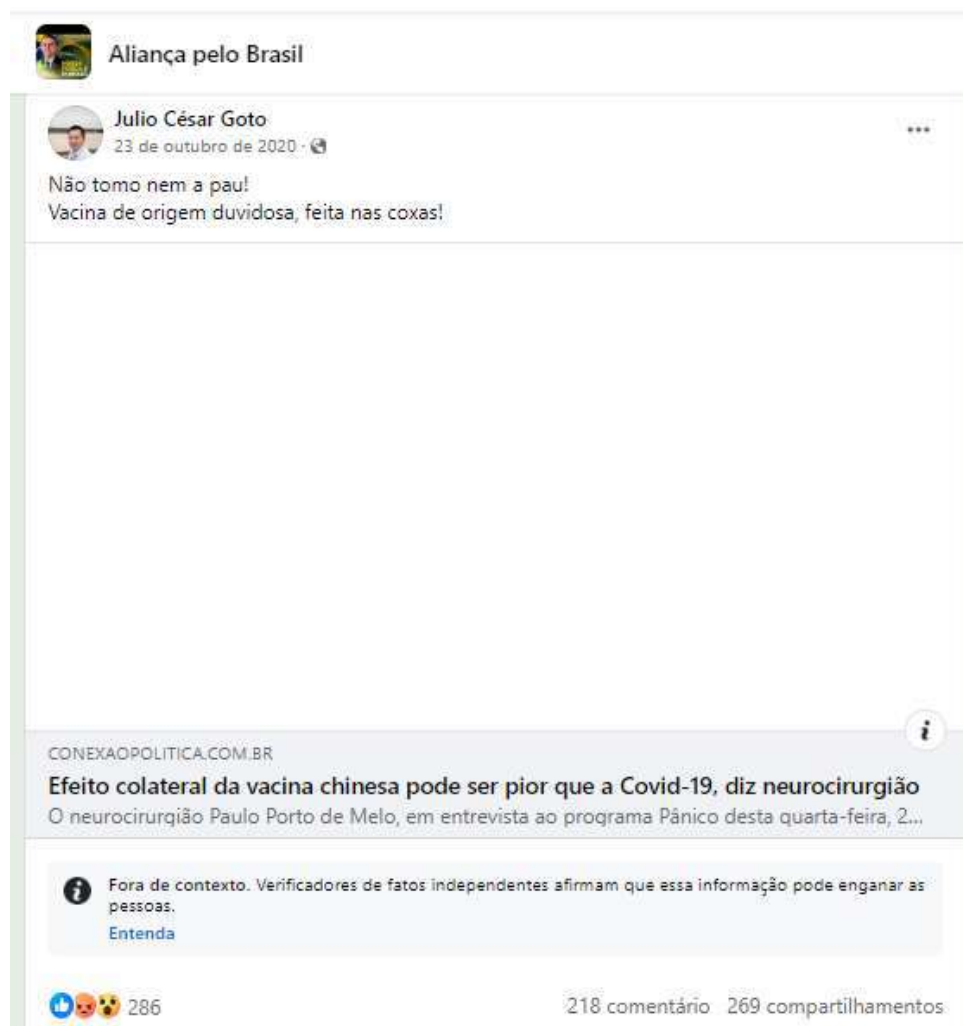


Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicado em 22 de outubro de 2020¹⁷¹ pelo perfil de Dione Silva (35 mil seguidores), que foi candidato a deputado estadual por São Paulo em 2022, o *post* obteve um engajamento total de 2.474 interações (soma das curtidas, reações, comentários e compartilhamentos). O internauta compartilhou uma imagem do médico, com a informação de que os efeitos da vacina chinesa “poderiam matar ou prejudicar mais do que a Covid-19”. A construção imagética com o uso da fotografia do médico (um neurocirurgião, um especialista) busca dar credibilidade à informação. Outros perfis seguiram publicando a mesma informação:

¹⁷¹ Cf. <https://www.facebook.com/100045074385534/posts/370540290958270/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 24 - Postagem com link do site Conexão Política



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A publicação realizada no grupo Aliança pelo Brasil (mais de 262 mil membros) foi veiculada em 23 de outubro de 2020¹⁷² por meio do comentário do internauta Julio Cesar Goto, que afirmou que não iria se vacinar com a Coronavac “nem a pau”, ou seja, nem que tivesse que ser forçado a isso. Ele reforça a ideia de que a vacina chinesa não tem eficácia, ou é suspeita, usando a expressão “feita nas coxas”, conhecida popularmente para se referir a algo mal feito, de qualquer jeito, feito às pressas. Trazia um link do site Conexão Política com a informação da entrevista, que estava disponível durante nossa pesquisa. A publicação serviu para ativar ainda mais desconfiança em um grupo de apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Outros internautas falaram sobre o tema:

¹⁷² Cf. <https://www.facebook.com/groups/251820432138395/permalink/806148016705631>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 25 - Postagem com link do site Jovem Pan



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Veiculado em 22 de outubro de 2020¹⁷³ no grupo Pátria amada Brasil até morrer! (mais de 21 mil membros), o *post* do usuário Afonso Luiz Frederico Raimundo obteve 7 reações/curtidas e 120 compartilhamentos. O autor da publicação cita informações sobre testes da Coronavac, em comparação com testes da vacina contra pólio, e cita o link de uma reportagem do site Jovem Pan, que traz dados sobre a entrevista com o médico. Durante a nossa pesquisa, constatamos que o link do site da Jovem Pan ainda estava disponível.

¹⁷³ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1962055680581234/permalink/3359402487513206>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 26 – Postagem sobre supostos efeitos da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Veiculada em 21 de outubro de 2020¹⁷⁴ no grupo Edita pra mim (com mais de 1,4 milhão de membros), a postagem realizada por Tânia Menezes obteve 20 curtidas/reações, dois comentários e 102 compartilhamentos. A imagem do Movimento Avança Brasil trazia um trecho da entrevista do médico concedida ao programa Pânico da rádio Jovem Pan, com a imagem de um grande vírus verde e ameaçador sendo combatido com uma vacina. O termo “vacina chinesa” aparece no texto da publicação e na imagem, e não consta o nome da

¹⁷⁴ Cf. <https://www.facebook.com/groups/147276449315225/permalink/1173551490021044>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Coronavac. Também tem como finalidade enunciativa denunciar que a vacina da parceria do Butantan com a Sinovac poderia ter um efeito pior do que o do vírus.

A informação compartilhada pelos internautas, a partir da entrevista do médico no programa Pânico da rádio Jovem Pan, é falsa, como publicado por sites de checagem de informação como Aos Fatos, Agência Lupa e Estadão Verifica. Na época, o médico neurocirurgião Paulo Porto de Melo disse que a porcentagem de voluntários com reações adversas à Coronavac sugere que a vacina pode ser mais letal do que a Covid-19, o que não é verdade¹⁷⁵. Dentro de nosso *corpus*, houve desmentidos sobre esse tema, como veremos:

¹⁷⁵ Cf. <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-Coronavac-pode-matar-mais-que-covid-19-medico-faz-comparacao-enganosa/> Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 27 – Postagem da Agência Lupa com esclarecimentos

Agência Lupa
26 de outubro de 2020

Na última quarta-feira (21), o programa Pânico da rádio Jovem Pan contou com a presença do neurocirurgião Paulo Porto de Melo. Durante a entrevista, Melo citou informações e dados falsos sobre a pandemia da Covid-19 e sobre a vacina Coronavac. Ele afirmou, por exemplo, que o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, em inglês), agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, reviu mais de 200 mil óbitos e concluiu que apenas 6% dos casos eram mortes por Covid-19.

✘ Na realidade, o CDC analisou os atestados de óbitos por Covid-19 e observou que, em 6% dos casos, a Covid-19 é a ÚNICA causa da morte. Nos outros 94%, outras ocorrências são mencionadas junto com a doença. Isso inclui, contudo, sintomas relacionados à própria doença, como pneumonia, insuficiência respiratória, etc.

Leia a íntegra no nosso site: <https://bit.ly/2TjVnJN>.

Este conteúdo é uma parceria com Redes Cordiais.

#AgênciaLupa #programapanico #jovempan #entrevista #neurocirurgiao #dados #saude #vacina # #covid19 #coronavirus

PÂNICO PÂNICO NO AR! UM PROGRAMA MADE IN CHINA

#Panico #JovemPan
Assista à entrevista com Dr. Paulo Porto de Melo na íntegra

PIAUI.FOLHA.UOL.COM.BR
[Agência Lupa] #Verificamos: Médico cita informações falsas para criticar vacina contra Covid-19 em entrevista ao Pânico

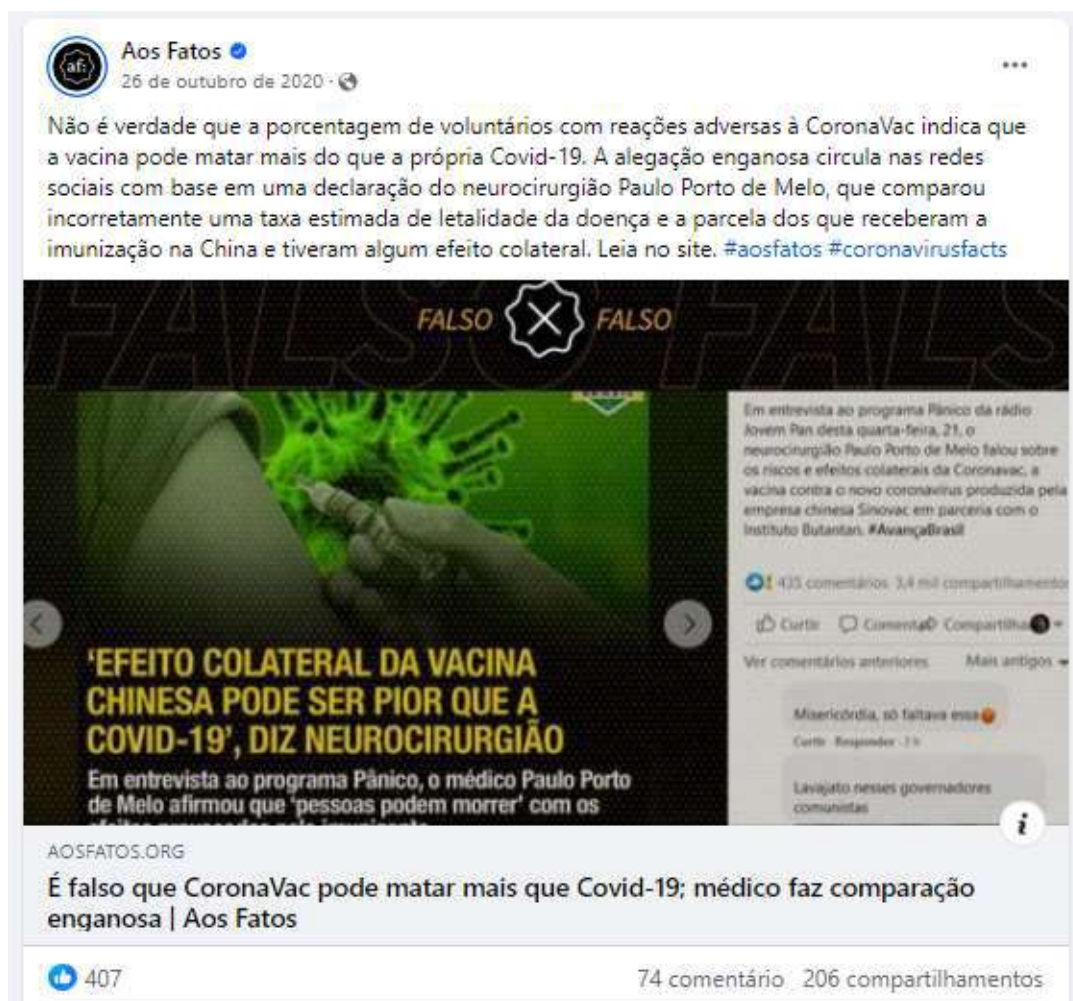
1,3 mil 256 comentário 748 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Identificamos em nosso *corpus* uma publicação de 26 de outubro de 2020¹⁷⁶ que trazia a informação sobre a verificação da informação. Na época, a equipe da Agência Lupa (197 mil seguidores) buscava esclarecer os fatos, por meio de publicações no Facebook. A publicação da Agência Lupa obteve um engajamento de 2.324 interações, com a soma de todas as curtidas, reações, compartilhamentos e comentários.

¹⁷⁶ Cf. <https://www.facebook.com/100064771330894/posts/1302944373374932/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 28 – Postagem da Aos Fatos com esclarecimentos



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Também está presente em nosso *corpus* uma publicação da agência de checagem Aos Fatos (84 mil seguidores), de 26 de outubro de 2020¹⁷⁷, que obteve 407 curtidas/reações, 74 comentários e 206 compartilhamentos. Mostrava a postagem falsa, com o carimbo de “falso”, e esclarecia os dados a respeito da entrevista do especialista na Jovem Pan.

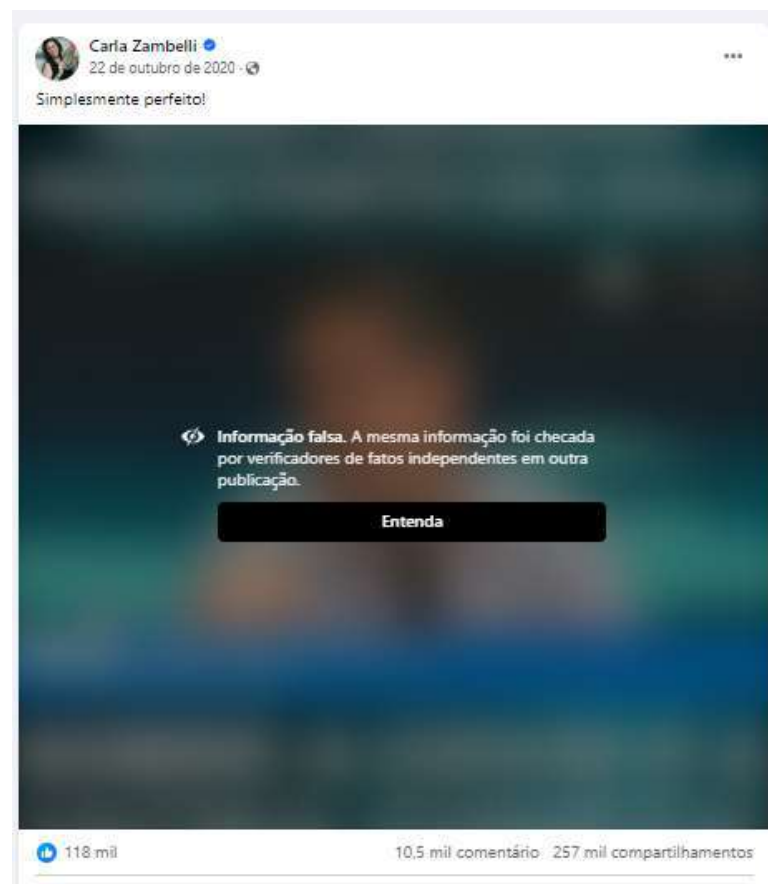
A confusão de sentidos no Facebook acontece por termos uma autoridade em saúde (um médico neurocirurgião) fornecendo um discurso de autoridade científica com informações falsas. Havia uma expectativa de que a fala de um médico na imprensa ajudasse a esclarecer pontos importantes em meio a uma crise sanitária sem precedentes na sociedade contemporânea. Só que, em vez de esclarecer, as informações falsas fornecidas pelo

¹⁷⁷ Cf. <https://www.facebook.com/100063538121962/posts/2067842210006108/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

especialista tornaram ainda mais obscuros os sentidos para a audiência. Consideramos que o pronunciamento de autoridades científicas tinha um peso muito grande na ocasião, porque foram os especialistas que ajudaram a lidar com as dúvidas da população na imprensa, quando não havia vacina ou tratamento comprovado cientificamente contra o novo coronavírus, que havia surgido no mundo e se espalhado rapidamente. Então, a conduta do médico entrevistado proporcionou uma quebra de confiança entre a audiência e a ciência, em uma situação em que havia muita desconfiança a respeito dos esforços das autoridades científicas em desenvolver imunizantes contra a Covid-19.

A entrevista com o médico reverberou no ambiente digital, sendo difundida inclusive por agentes políticos, como é o caso da deputada federal conservadora Carla Zambelli, eleita por São Paulo, uma notória apoiadora do ex-presidente Jair Bolsonaro. A deputada possui mais de 3 milhões de seguidores no Facebook. Veiculada em 22 de outubro de 2020¹⁷⁸, a publicação trazia um vídeo da entrevista do médico:

Figura 29 — Postagem de Carla Zambelli sobre a vacina Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

¹⁷⁸ Cf. <https://www.facebook.com/198620036895177/posts/3528090100614804>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

A postagem de Carla Zambelli com o vídeo da entrevista do médico na Jovem Pan consta em nosso *corpus* de estudo por trazer o termo “vacina chinesa”. O *post* obteve um engajamento total de mais de 396 mil interações (soma dos comentários, curtidas, reações e compartilhamentos): é o segundo *post* com maior volume de interações dentro de nosso *corpus*, o que demonstra que o tema movimentou a audiência conectada, tendo um alcance muito grande. Somente de compartilhamentos (quando uma pessoa republica um *post* de alguém dentro do Facebook), a publicação teve 264.583 ocorrências, um volume bem expressivo, que permitiu um largo alcance na rede social.

A deputada diz a seguinte frase: “simplesmente perfeito”, endossando o conteúdo do vídeo do médico, que forneceu informações falsas sobre a Covid-19 e sobre a vacina Coronavac. O vídeo que Carla Zambelli apresentou no Facebook estava indisponível para consulta durante nosso estudo, por ter sido derrubado pela plataforma da Meta por conta de informações falsas, que foram denunciadas por usuários e checadas, tornando-se inacessível. Porém, em nossa coleta no CrowdTangle, printamos a tela que comprova que Carla Zambelli estava promovendo conteúdo falso no Facebook:

Figura 30 – Print com a imagem da publicação de Carla Zambelli no CrowdTangle



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Em sua postagem, a deputada Carla Zambelli diz que “neurocirurgião dá aula de Covid e vacina chinesa”, um discurso que atribui ainda mais valor à opinião do especialista, apresentado como autoridade científica no manejo de conhecimento de saúde. A deputada elabora uma metáfora para se referir ao médico, comparando-o a um professor, um personagem que no imaginário coletivo é detentor de vasto conhecimento, capaz de credenciá-lo a assumir a posição de ensinar algo a alguém. Um professor é uma figura de autoridade e saber que não pode ser contestada pelos estudantes. Pelo contrário, os alunos devem ouvir caladamente os ensinamentos e replicá-los. Sendo assim, é uma figura de autoridade que deve ser seguida e obedecida, além de respeitada.

Consideramos, dessa forma, que a metáfora criada por Carla Zambelli funciona como um organizador textual-cognitivo (PAVEAU, 2013) acionando dados pré-discursivos coletivos

em meio a seus seguidores, em busca de conquistar aceitação de sua postagem, em que disparava uma informação falsa que tinha como objetivo fomentar um ambiente de desinformação para ampliar o cenário de ceticismo vacinal em torno da Coronavac, que estava sendo desenvolvida pelo Instituto Butantan com o laboratório chinês Sinovac, com ampla divulgação do ex-governador João Doria.

Entendemos que temos um agente político buscando gerar mais incertezas a respeito da Coronavac, tendo como estratégia, no caso de Zambelli, compartilhar com sua audiência digital informações falsas publicadas por um médico, autoridade que teria um maior conhecimento sobre saúde do que os leigos, porém que utiliza seu lugar de especialista em saúde, uma elite simbólica no contexto da pandemia da Covid-19 (VAN DIJK, 2019), para intensificar o cenário de desinformação nas redes sociais.

O tema se espalhou nas redes sociais por meio de postagens, links e imagens falsas, com o objetivo de promover ainda mais desconfiança entre as pessoas, promovendo um cenário de desordem informacional (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017), em que há tantas versões alternativas sobre uma determinada situação que as pessoas ficam totalmente sem referência sobre o que é falso e verdadeiro. O uso de conteúdos falsos e maliciosos fomenta um ambiente de desinformação, que, por sua vez, é uma evidência de ações de negacionismo vacinal.

É importante observar que esses veículos relacionados anteriormente se posicionam mais notoriamente em favor de um determinado viés político, de forma mais explícita, revelando que havia um contexto de partidarização das mensagens sobre a Coronavac. A partir dessa constatação podemos inferir que havia uma coesão contextual de enunciadores durante os primeiros meses da pandemia da Covid-19, com veículos de maior engajamento político determinando os sentidos da viralidade on-line.

Outra constatação que podemos concluir, ao analisar as 20 páginas mais citadas, é que a imprensa profissional tem uma importância para os enunciadores, pois é fonte de informações em meio ao cenário da pandemia da Covid-19. Mesmo considerando que uma parcela da audiência é mais conservadora e tem por hábito criticar a atuação dos veículos de comunicação, eles são procurados para serem postados no *feed* do Facebook. Porém, há que se atentar que veículos mais tradicionais, como os da Rede Globo (Jornal O Globo, G1 e Jornal Nacional, por exemplo), Estadão, Revista Veja e Folha de São Paulo, não foram elencados na lista das 20 páginas mais citadas. Então, apesar de haver uma citação de *links* noticiosos, a preferência dos usuários é por conteúdos de portais não tão expressivos, em termos de relevância, como Jornal de Brasília, Rádio BandNews FM e Rádio Bandeirantes.

Figura 31 – Postagem com o link do site Jornal de Brasília



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Há ambiguidade no título da reportagem do site Jornal de Brasília, citada na publicação de Paulo da Silva, veiculada em 20 de julho de 2020¹⁷⁹ no grupo Somos 70 por cento do Facebook, que possui 214,8 mil membros. Por ausência de mais detalhes, a manchete permite concluir duas informações diferentes: que a vacina Coronavac já poderá ser administrada na população a partir de segunda-feira, ou que a vacina poderá ser testada entre voluntários a partir de segunda-feira. Por conta desse problema, o internauta Paulo da Silva fez um comentário ao compartilhar o link, com uma pergunta se seria verdade ou *fake news*. O questionamento do internauta também soa ambíguo por conta da maneira como foi construído, em que estabelece uma pergunta retórica sobre o tema, em que cabe ao leitor chegar a uma conclusão a respeito da resposta. No final das contas, a resposta para a questão fica em aberto.

5.2.3 As *hashtags* mais recorrentes nas publicações

¹⁷⁹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/2596475380568472/permalink/2656850001197676>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

O Ford forneceu ainda a relação com as *hashtags* que tiveram mais ocorrências, dentro das 45.097 postagens públicas coletadas pelo CrowdTangle no período temporal considerado para a análise. A lista com a maior quantidade de ocorrências de *hashtags* pode ser conferida na **Tabela 03**, em ordem decrescente (maior número de ocorrências para um menor número de ocorrências):

Tabela 03 - As 40 *hashtags* mais recorrentes

Palavra	Quantidade	Palavra	Quantidade
vacina	94.755	Coronavac	59.825
vacinas	10.408	vacinacao	4.338
coronavirus	1.710	covid19	1.522
verificamos	1.369	vacinados	890
saude	789	boato	780
vacinar	724	brasil	579
fake	487	anvisa	442
pandemia	417	bolsonaro	411
noticias	407	vacinado	361
vacinadas	248	china	228
fiqueemcasa	201	covid	189
saopaulo	188	doria	187
politica	183	institutobutantan	170
fakenews	170	usemascara	170
vacinada	165	solidariedade	152

butantan	152	fiqueemcasasepuder	148
vamosalvarvidas	147	projetos	147
pmo	147	vacinachinesa	147
usemascaraeviseira	147	forabolsonaro	146
sinovac	140	jornalismo	132

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford

A partir da **Tabela 03**, podemos inferir algumas informações importantes sobre nosso *dataset* com 45.097 postagens públicas do Facebook. Em meio a uma crise sanitária, logo nos primeiros meses, havia uma disputa de sentidos no Facebook, quando alguns enunciadores falavam sobre a importância do distanciamento social e das medidas para prevenção da Covid-19 (“fiqueemcasa”, “usemascara”, “fiqueemcasasepuder”, “vamosalvarvidas” e “usemascaraeviseira”) e outros já se manifestaram politicamente (“forabolsonaro”).

No top 6 das *hashtags* com mais ocorrências, estão léxicos ligados diretamente à crise sanitária da Covid-19: “vacina” (94.755 menções), “Coronavac” (59.825 menções), “vacinas” (10.408 menções), “vacinacao” (4.338 menções), “coronavirus” (1.710 menções) e “covid19” (1.522 menções). A escolha lexical, sensível ao contexto (VAN DIJK, 2018), demonstra uma coerência com nossa *query* de pesquisa (os termos “Coronavac” e “vacina chinesa”), com sentidos que se relacionam com as temáticas previstas para o *corpus* de nossa pesquisa.

Essa constatação é corroborada ao se analisar o *dataset* de origem da análise, que é a planilha .csv fornecida pelo CrowdTangle: ao verificar os dados percebemos que o *post* do nosso *corpus* que registrou o **maior número de interações** (mais de 480 mil, somando *likes*, reações, compartilhamentos e comentários) traz a *hashtag* “**vacina**” além do termo “**vacina chinesa**”, um dos elementos investigados em nossa coleta (ao lado de “Coronavac”). A publicação foi realizada no perfil do ex-presidente Jair Bolsonaro no Facebook, em 21 de outubro de 2020¹⁸⁰, como pode ser conferida abaixo:

¹⁸⁰ Cf. <https://www.facebook.com/211857482296579/posts/2146049442210697>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

Figura 32 — Postagem de Bolsonaro sobre a vacina Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Na publicação do Facebook, formulada em tópicos, o ex-presidente Bolsonaro começa o texto chamando o imunizante que estava sendo pesquisado por João Doria, por meio do Instituto Butantan, de “vacina chinesa”, uma alusão ao país onde houve o primeiro foco de Covid-19 registrado no começo da pandemia. Bolsonaro frisou que só iria investir em vacinas certificadas e aprovadas pelo Ministério da Saúde e pela Anvisa. Sendo assim, ele usou uma construção de sentidos para deixar a ideia implícita de que esse não era o caso da Coronavac, uma vacina que ainda estava em fase de testes naquele momento, portanto sua utilização ainda não era aprovada pelo Ministério da Saúde/Anvisa. Depois, ele se posiciona como se estivesse protegendo os brasileiros, ao afirmar que ninguém seria “cobaia” de estudos de vacina, e que não faz sentido gastar dinheiro com uma vacina que ainda estava sendo testada. Após elencar seus argumentos contrários, ele finaliza dizendo que não iria comprar a Coronavac. A lógica enunciativa de Bolsonaro era centrada em deixar dúvidas sobre a qualidade do imunizante, por isso ele chamava a Coronavac de “vacina chinesa”, para associar o imunizante à China, e deixar claro que não iria investir em pesquisas e testes em seres humanos.

Com essa postagem, temos então o ex-presidente Jair Bolsonaro assumindo um discurso com viés negacionista no Facebook, ao colocar em dúvida o trabalho do Instituto Butantan, que estava em cooperação com outras empresas/instituições naquele momento, para desenvolver uma vacina capaz de ajudar no combate à Covid-19, inflamando sua audiência a

também questionar a qualidade do imunizante, e a se negar a usá-lo. Esse comportamento de Bolsonaro gerou muita repercussão na imprensa¹⁸¹, na época, e intensificou a politização da crise sanitária do novo coronavírus em 2020. Em meio a tantas incertezas, Bolsonaro assumiu um posicionamento que, aparentemente, parece legitimamente preocupado com a saúde dos brasileiros, mas que, no pano de fundo, serve para estabelecer uma desconfiança generalizada em um cenário de incertezas.

Entendemos que o léxico “vacinachinesa” está no campo semântico do negacionismo vacinal, pois ele aciona anterioridades discursivas (PAVEAU, 2013) que se conectam a quadros pré-discursivos. Entendemos que “vacinachinesa” passou a ser usada como tecnopalavra (PAVEAU, 2021) para representar uma metáfora para um engodo, um subproduto, uma vacina inferior, que não funciona, ou que pode representar um risco ainda maior para a saúde do que o vírus da Covid-19. O recurso de adotar esse léxico, ao se referir à Coronavac, tinha como objetivo enunciativo descredibilizar o imunizante, que estava sendo desenvolvido com esforços de pesquisas realizadas pelo Instituto Butantan.

Poderoso organizador textual-cognitivo, a metáfora aciona informações cognitivas implícitas (PAVEAU, 2013). Se o termo “vacina” sempre foi percebido pelo senso comum como sendo uma coisa boa, capaz de salvar vidas, o termo “vacina chinesa” chega imerso em polêmicas, com um preconceito implícito, que remete a uma ideia de algo que não funciona, ou que foi feito para enganar as pessoas.

É importante frisar que, em pesquisa anterior (MALINI *et al*, 2022), verificamos que, desde as primeiras notícias a respeito da disseminação do vírus da Covid-19 pelo mundo, havia um sentimento antichinês nas redes sociais brasileiras. Em Malini *et al*. (2022), discutimos como a má gestão da cobertura de notícias sobre o Covid-19 contribuiu para o aumento do sentimento antichinês no Brasil. Identificamos que uma história falsa na imprensa brasileira, sobre uma suposta sopa de morcego como uma possível causa de contaminação dos humanos com o vírus da Covid-19, gerou discursos xenofóbicos na internet, que culpavam os asiáticos por seus supostos hábitos gastronômicos estranhos (MALINI *et al*, 2022). No entanto, essa história não tinha verificação oficial e foi declarada como informação falsa pelo Ministério da Saúde do Brasil.

Apesar de análises genéticas mostrarem coronavírus em morcegos, a ligação com o Covid-19 foi descartada (MALINI *et al*, 2022). A mídia científica tentou desmentir essa

¹⁸¹ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/veja-10-vezes-em-que-bolsonaro-criticou-Coronavac-24843568>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

conexão, mas o impulso negacionista prevaleceu, alimentando um viés xenofóbico ampliado pela infodemia durante o surto. A campanha #IamNotAVirus expôs o sofrimento da população asiática devido à perseguição na mídia e nas redes sociais (MALINI *et al.*, 2022). No trabalho, destacamos como narrativas infundadas podem reforçar crenças em bolhas ideológicas, influenciando o discurso público e percepções sociais durante crises globais como a pandemia de Covid-19.

A rejeição à China (conhecida como sinofobia) ganhou uma ampla dimensão em 2020, impactando na recepção às notícias do desenvolvimento da Coronavac. No imaginário coletivo, o caráter enigmático do novo coronavírus acaba sendo associado à suposta aura de mistérios da China, nação percebida no Ocidente como sendo um país fechado para o capitalismo (MALINI *et al.*, 2020). Outro elemento de mistério, que causou mais dúvidas, foi o fato de que o governo chinês manteve o surto de Covid-19 em segredo durante o mês de dezembro de 2019 (MALINI *et al.*, 2020).

O resultado disso foi uma desconfiança popular em relação à China. Realizada em outubro de 2020, uma pesquisa do Instituto Real Time Big Data, encomendada pela CNN Brasil, revelou que quase metade dos entrevistados brasileiros (46%) não aceitariam tomar uma vacina de origem chinesa¹⁸². Na mesma pesquisa, a rejeição a imunizantes russos foi de 38% e a rejeição a imunizantes do Reino Unido, Estados Unidos e Alemanha, apenas 22%¹⁸³.

O fato é que havia um forte sentimento antichinês no Brasil por conta da viralização da Covid-19. Teorias da conspiração, fomentadas na internet e amplificadas por causa da desconfiança e do medo (MALINI *et al.*, 2020), não se sustentavam com fatos checados e comprovados, mas eram compartilhados por uma audiência emotiva e desconfiada.

Também consideramos que o léxico “cobaia” está no campo semântico do negacionismo vacinal, pois ele também aciona anterioridades discursivas (PAVEAU, 2013) que se conectam a quadros pré-discursivos. Entendemos que o termo “cobaia”, presente na frase “*o povo brasileiro não será cobaia de ninguém*”, representa uma metáfora para associar que os indivíduos seriam usados como animais em laboratórios, que são usados como instrumentos de experimento ou teste em nome de uma causa. O recurso de usar o léxico “cobaia”, ao se referir ao povo brasileiro, tinha como objetivo enunciativo convencer as pessoas de que elas seriam protegidas contra o risco de terem que se vacinar contra a Covid-19, usando

¹⁸² Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pesquisa-rejeicao-a-vacina-chinesa-e-maior-no-brasil-do-que-em-outros-paises/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

¹⁸³ Cf. <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pesquisa-rejeicao-a-vacina-chinesa-e-maior-no-brasil-do-que-em-outros-paises/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

a Coronavac. A imagem mental de uma cobaia, sendo submetida a tratamentos forçados em prol de experimentos científicos, é algo que está no imaginário coletivo. É uma forma discursiva de descredibilizar novamente a Coronavac, que já tinha sido associada à China, em meio a um sentimento antichinês que era fomentado no Brasil.

Ao construir uma publicação descredibilizando a vacina Coronavac, Jair Bolsonaro também constrói uma metáfora para si mesmo, posicionando-se discursivamente como um “salvador”, um “protetor” de seus eleitores. Lembrando que, desde a campanha eleitoral de 2018, o ex-presidente construiu e alimentou discursivamente a metáfora de “messias” entre sua audiência, adotando um discurso de “missionário” ou “o escolhido” para lutar contra os inimigos, que seriam os “petistas”, léxico usado para denominar os eleitores dos ex-presidentes Lula e Dilma Rousseff¹⁸⁴.

Para não ter que pagar pelo desenvolvimento de uma vacina que iria catapultar a reputação de seu desafeto, o ex-governador João Doria, o ex-presidente coloca sob suspeita a eficácia da Coronavac (que ainda estava sendo submetida a testes, algo de praxe na fase de desenvolvimento de imunizantes). Ele afirma que não iria comprar a vacina. Também é uma ideia contraditória, porque esse tipo de decisão não passa pelo chefe do executivo, mas sim pelos órgãos competentes do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Desde que foi eleito em 2018, ao ser questionado sobre pautas contundentes e demandas sociais importantes como saúde, educação e finanças, Jair Bolsonaro alegava que iria compor uma equipe técnica¹⁸⁵. Então, toda vez que o ex-presidente se voltava contra decisões de sua própria equipe, soava como uma contradição.

Bolsonaro, então, estava reafirmando discursivamente, para seus aliados e seguidores, seu posicionamento para boicotar a Coronavac, colocando os esforços científicos em dúvida, sem fornecer recursos públicos para o financiamento das pesquisas para desenvolvimento do imunizante. Não ironicamente, o ex-presidente comprou a Coronavac: em 7 de janeiro de 2021, o Ministério da Saúde adquiriu 100 milhões de doses da Coronavac diretamente do Instituto Butantan (sem passar pelo gabinete do ex-governador de São Paulo), para realizar a vacinação pelo SUS em todo o Brasil a partir de 20 de janeiro de 2021, ao saber que João Doria pretendia começar a vacinar em 25 de janeiro de 2021¹⁸⁶. No fim das contas, Doria vacinou o povo antes

¹⁸⁴ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-diz-que-nao-sera-salvador-da-patria-mas-fala-em-missao-ser-escolhido-22909615>. Acesso em 25 de junho de 2024.

¹⁸⁵ Cf. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/11/jair-bolsonaro-as-promessas-do-candidato-do-psl-a-presidencia.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

¹⁸⁶ Cf. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-08/tres-meses-apos-vetar-Coronavac-de-doria-governo-bolsonaro-anuncia-compra-do-imunizante-e-acelera-corrida-da-vacinacao.html> Acesso em 25 de junho de 2024.

de Bolsonaro: no dia 17 de janeiro de 2021, teve início a vacinação com a Coronavac no Estado de São Paulo, na mesma data em que saiu a autorização da Anvisa para uso emergencial da Coronavac e da Astrazeneca¹⁸⁷.

Ao analisar o conteúdo de nosso *dataset*, identificamos que a postagem com o termo “Coronavac” que obteve o **maior número de interações**, alcançando uma soma de mais de 90 mil curtidas, comentários, reações e compartilhamentos, foi veiculada na conta do portal G1, no dia 21 de outubro de 2020¹⁸⁸, como podemos observar abaixo:

Figura 33 — Postagem do portal G1 sobre a vacina Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A postagem traz uma notícia relacionada à Coronavac, quando o portal G1 informou que o ex-presidente Jair Bolsonaro disse que não iria comprar a “vacina chinesa” de João Doria,

¹⁸⁷ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2021/07/16/bolsonaro-desautorizou-compra-da-Coronavac-e-depois-recuou-relembre.ghtml>. Acesso em 25 de junho de 2024.

¹⁸⁸ Cf. <https://www.facebook.com/180562885329138/posts/4539306282788088>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

desautorizando publicamente uma decisão do ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello. Um dia antes, o Ministério da Saúde havia anunciado a intenção de adquirir 46 milhões de doses do imunizante¹⁸⁹. A imagem mostra o momento em que Bolsonaro parou para falar com os jornalistas, no dia em que deu a declaração sobre o recuo na compra da vacina da Sinovac com o Butantan: sem máscara, rodeado de pessoas (profissionais que atuavam em sua equipe) sem máscara, desrespeitando as orientações sanitárias da época, para evitar a disseminação do novo coronavírus. Na ocasião, não havia vacina disponível contra Covid-19, o vírus fazia milhares de vítimas diariamente, e a única medida de segurança possível para lidar com a situação era fazer um isolamento social. Como Jair Bolsonaro havia anunciado que teve a doença em 7 de julho de 2020¹⁹⁰, ele passou a se movimentar em público sem nenhum tipo de proteção, alegando que havia adquirido a imunidade proporcionada pelo próprio vírus.

O posicionamento de João Doria (tanto discursivamente quanto imagneticamente) faz oposição ao de Jair Messias Bolsonaro, como podemos observar na publicação abaixo:

Figura 34 – Postagem de João Doria sobre a chegada da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

¹⁸⁹ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

¹⁹⁰ Cf. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/07/07/bolsonaro-diz-que-seu-exame-para-covid-19-deu-positivo.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Postado em 19 de novembro de 2020¹⁹¹, o vídeo traz a imagem de João Doria entre autoridades da área da saúde (um deles é o médico e professor universitário Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan, o outro é o ex-secretário de Saúde do Estado de São Paulo, o médico Jean Gorinchteyn) devidamente paramentado com máscara de proteção. O ex-governador mostra-se muito otimista ao receber doses da Coronavac, que havia acabado de chegar a São Paulo. No vídeo, Doria chama a vacina Coronavac de “vacina do Butantan” e repete mais de uma vez que essa é a “vacina que salva”. No texto que acompanha o vídeo, Doria também se refere à Coronavac como sendo a “vacina do Butantan”, e ainda apresenta o seguinte texto: “a vacina que representa nossa maior esperança no combate à Covid-19”. O vídeo obteve um engajamento total de 29.223 interações (a soma de curtidas, reações, comentários e compartilhamentos). É a postagem do perfil de João Doria que obteve o maior engajamento, dentro de nosso *corpus*.

Entendemos que o ex-governador elaborou um movimento semântico para o termo “Coronavac”, deslocando-se da ideia de “vacina chinesa”, que acabou por se tornando uma maneira pejorativa de referir-se ao imunizante, para afastar-se semanticamente em direção a uma resignificação, que seria a ideia de “vacina do Butantan”. O discurso de João Doria é organizado para afastar a imagem da China que acabou por ser associada à Coronavac. Além disso, ele busca reafirmar a metáfora de que a vacina que estava sendo desenvolvida na cooperação entre o Instituto Butantan e o laboratório chinês Sinovac seria uma tábua de salvação para milhares de brasileiros que queriam retomar suas atividades produtivas presenciais novamente, muitas delas ainda parcialmente paralisadas por conta da crise sanitária. A Coronavac, então, representaria a esperança de dias melhores, com segurança, sem medo da doença. Por meio da construção da metáfora, construída discursivamente como um organizador textual-cognitivo (PAVEAU, 2013), o ex-governador buscou acionar dados pré-discursivos coletivos de sua audiência conectada, em busca de conquistar aceitação de sua postagem.

Ao trazer imagens de especialistas a seu lado (os dois médicos, que são autoridades em saúde) e a ideia de que a ciência iria salvar a todos com uma vacina eficaz e segura, entendemos que João Doria se revestia discursivamente de uma virtude intelectual para promover uma dimensão ética de seu discurso, que se conecta com a noção de Paveau (2015), que sugere que o discurso, ao veicular conhecimento, estabelece uma ligação entre conhecimento e virtude. Na contribuição da autora, a conexão entre linguagem e virtude surge por meio da articulação de discursos que formulam conhecimentos (PAVEAU, 2015). Sendo assim, Paveau (2015)

¹⁹¹ Cf. <https://www.facebook.com/watch/?v=2810771255826329>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

estabelece que existe uma virtude discursiva que se relaciona com as virtudes ética e epistêmica, com a dimensão ética dos discursos sendo determinada pelos critérios culturais, sociais e históricos que definem um “bom” ou “mau” discurso.

Ao longo das décadas, o discurso científico consolidou-se como sendo o “bom” discurso. Ou seja, associar a Coronavac à ciência, por ser capaz de salvar vidas, capaz de dar esperança às pessoas de restabelecer a vida de antes por meio de uma vacinação com o uso da Coronavac, aciona dispositivos da verdade, que está enraizada em práticas sociais e científicas (FOUCAULT, 2014). O saber está inscrito na dimensão de poder, neste caso, a ciência, portanto a vontade de verdade daquele determinado momento socio-histórico manifesta-se por meio da importância da vacinação para salvar vidas, que é legitimada e difundida como verdade factual por João Doria (FOUCAULT, 2014). Bolsonaro tenta, então, destituir de verdade algo que é científico, que é a importância histórica da vacinação no sentido de poupar vidas.

A identificação dessas postagens, com amplo número de engajamento, evidencia que o embate entre Jair Bolsonaro e João Doria deu a tônica no período temporal considerado para a análise, pois os maiores destaques, em questão de engajamento no Facebook, traziam a rivalidade entre o ex-presidente e o ex-governador de São Paulo no manejo da crise sanitária do novo coronavírus. Bolsonaro e Doria são duas elites simbólicas (VAN DIJK, 2019) importantes: um era o chefe do executivo nacional, o outro era o chefe do executivo do maior estado brasileiro. Entendemos que a oposição entre os dois líderes do campo da direita ultraconservadora movimentou os sentidos no Facebook. Porém, os dois também foram personagens do noticiário da época, por causa do desenvolvimento da Coronavac.

Um outro termo identificado nessa fase chamou nossa atenção: é a *hashtag* “verificamos” em sétimo lugar na tabela das 40 *hashtags* mais recorrentes com 1.369 ocorrências. Essa constatação já nos dá um indicativo de que havia, nas publicações de nosso *corpus*, uma preocupação com a checagem de dados, por parte de perfis e/ou páginas de veículos de comunicação e checagem de notícias, em busca de esclarecer informações falsas que poderiam estar circulando entre a audiência conectada do Facebook:

Figura 35 – Postagem do site Yahoo Notícias



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicado em 29 de julho de 2020¹⁹², o *post* no perfil do Yahoo Notícias (mais de 1,8 milhão de seguidores no Facebook) informava que era falsa a informação que um voluntário teria ficado com o rosto todo inchado com uma forte reação alérgica após participar do teste de vacina chinesa contra a Covid-19. Na verdade, as fotos eram de 2017, e foram usadas em outro contexto, em um conteúdo falso que buscava atribuir à Coronavac uma imagem de um produto ruim, sem eficácia, e que seria capaz de fazer mal à saúde das pessoas. Obteve um engajamento com 330 reações/curtidas, 88 comentários e 114 compartilhamentos.

Consideramos então que a desinformação era um obstáculo enunciativo na dinâmica informacional do Facebook, com esforços de muitos comunicadores em oferecer informações verídicas para seus seguidores. Apesar do esforço de alguns enunciadores em trazer conteúdos verdadeiros para o debate na esfera pública informacional, entendemos que, no mesmo

¹⁹² Cf. <https://www.facebook.com/100064529056444/posts/3517441524946207/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

ambiente comunicacional, havia emissores plantando conteúdos falsos, fomentando um cenário de desinformação. Um dos indicativos dessa constatação está na 36ª *hashtag* registrada em nossa tabela das 40 *hashtags* mais recorrentes: “vacinachinesa” com 147 ocorrências.

Figura 36 — Postagem sobre os testes da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Postada em 12 de junho de 2020¹⁹³, a publicação da usuária Luciana Negrini Salles foi registrada no grupo do Facebook chamado Impeachment Dória Já (1.500 membros), e trazia em seu texto uma suposta perseguição da China contra o ocidente, com a afirmação de que havia perigo em participar de testes de vacinas, ao assumir uma postura de “cobaia”. Obteve 31 reações/curtidas, dois comentários e 25 compartilhamentos. O *post* dá uma dimensão do nível de desinformação que estava circulando entre os apoiadores do ex-presidente Bolsonaro,

¹⁹³ Cf. <https://www.facebook.com/groups/219084595977093/permalink/262797021605850>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

pois remetia a um sentimento antichinês, chamado sinofobia. O tom conspiratório da mensagem alerta para o perigo vermelho, o medo do desconhecido. Há um link para uma reportagem do site Gazeta Brasil, que não estava mais disponível para consulta durante nosso estudo, como pode ser observado:

Figura 37 – Postagem sobre a Coronavac no site Gazeta Brasil



Fonte: link indisponível obtido via coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Identificamos que o link para a reportagem acima do site Gazeta Brasil obteve 80 ocorrências em nosso *corpus*, o que nos permite concluir que ou o tema despertou o interesse de muitos internautas, para que pudesse ser compartilhado tantas vezes, ou havia algum interesse por trás da circulação do tema no ambiente digital. Nas duas situações, o efeito parece ser o mesmo: fomentar um clima de dúvidas, em prol de gerar ceticismo vacinal.

Figura 38 — Postagem sobre os testes da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 12 de junho de 2020¹⁹⁴, a mensagem de Mauro Aquino foi postada no Grupo Aliança pelo Brasil 22 (com 208 mil membros), tendo obtido um engajamento total de 5.250 interações (soma de curtidas, reações, comentários e compartilhamentos). Traz o link da reportagem do site Gazeta Brasil, que não estava disponível durante nosso estudo. Apesar da notícia estar acompanhando a postagem, o internauta expressa uma incerteza sobre o conteúdo dela, com direito a muitas interrogações, uma evidência de imprecisão.

¹⁹⁴ Cf. <https://www.facebook.com/groups/565098544264960/permalink/804010523707093>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 39 — Postagem sobre os testes da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A mesma dúvida aparece no questionamento de Paulo Melo de Oliveira, em mensagem publicada em 12 de junho de 2020¹⁹⁵ no Grupo Força Brasil (292,6 mil membros). O internauta questiona o porquê de realizarem testes em São Paulo, se na China tem tantos habitantes. Destaque para o uso dos léxicos “cobaia” e “vacina chinesa”, escolhas que indicam um sentimento antichinês. Obteve 804 likes/reações, 313 comentários e 319 compartilhamentos.

¹⁹⁵ Cf. <https://www.facebook.com/groups/561813371057548/permalink/869080500330832>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 40 — Postagem sobre os testes da Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 12 de junho de 2020¹⁹⁶ no grupo Sérgio Moro TRAIADOR (com 20,6 mil membros), a mensagem de Iracy Petrucciani obteve 300 reações/curtidas, 79 comentários e 144 compartilhamentos. Faz um apelo para que os paulistas “acordem” para as ações de João Dória, que buscava uma parceria com o laboratório chinês Sinovac, pra desenvolver vacinas contra a Covid-19. O *post* também traz o link para a reportagem da Gazeta Brasil, que representa uma notícia falsa, como atestaram as empresas de checagem de informações.

¹⁹⁶ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1567956043516069/permalink/2514183692226628>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 41 – Postagem da Agência Lupa com esclarecimentos

Agência Lupa
29 de outubro de 2020 · 🌐

Circula nas redes sociais que a farmacêutica chinesa Sinovac irá usar 9 mil brasileiros como "cobaias" para testar uma vacina contra a Covid-19 para não testar nos próprios chineses.

✘ A informação é FALSA. De acordo com o Instituto Butantan, a pesquisa com a Coronavac iniciou os testes com humanos na China. Só após ter resultados iniciais positivos é que ela foi trazida para o Brasil. O Instituto também reafirmou a segurança dos estudos e disse que ela só poderá ser aplicada à população após a aprovação da Anvisa.

ENTENDA: A primeira e a segunda fase de testes com humanos da Coronavac foi realizada na China. Os resultados ainda não foram publicados em revista científica, mas estão disponíveis na plataforma de estudos pré-publicação MedRxiv. A vacina também foi aplicada, em caráter excepcional, em 50 mil pessoas na China, incluindo funcionários da própria companhia.

A íntegra você confere no site: <https://bit.ly/3jApl0f>.

Esse conteúdo é uma parceria com o Redes Cordiais.

#AgênciaLupa #coronavac #vacinachinesa #cobaias #anvisa #covid19 #coronavirus

PIAUI.FOLHA.UOL.COM.BR
[Agência Lupa] #Verificamos: É falso que Coronavac não foi testada em voluntários chineses

👍👏 1,1 mil · 485 comentários · 624 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A Agência Lupa (197 mil seguidores) postou, em 29 de outubro de 2020¹⁹⁷, um esclarecimento a respeito da informação de que somente o Brasil testaria a vacina da Sinovac.

¹⁹⁷ Cf. <https://www.facebook.com/100064771330894/posts/1305101706492532/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

A equipe de checagem de notícias averigou que a vacina foi testada antes em chineses, na primeira e na segunda fase dos testes de desenvolvimento. Portanto, a informação do site Gazeta Brasil, que estava circulando, era falsa. Obteve um engajamento total de 2.324 interações (soma de likes/reações, comentários, compartilhamentos).

Figura 42 – Postagem da Aos Fatos com esclarecimentos



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Anteriormente, em 20 de junho de 2020¹⁹⁸, o perfil da Aos Fatos (84 mil seguidores) já havia publicado sobre o tema no Facebook, obtendo 224 likes/reações, 19 comentários e 111 compartilhamentos. A empresa de checagem também havia divulgado que a informação de que

¹⁹⁸ Cf. <https://www.facebook.com/100063538121962/posts/1749085481881784/>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

apenas o Brasil iria participar dos testes da Coronavac. O fato é que havia muita incerteza naquele momento, no Brasil e no mundo, a respeito da pandemia de Covid-19. Entendemos que o termo “vacina chinesa” se espalhava no ambiente digital, para influenciar a percepção da audiência, associando o imunizante à China, aumentando a desconfiança e o ceticismo vacinal.

Figura 43 – Postagem de Bia Kicis sobre a morte de voluntário

Bia Kicis 9 de novembro de 2020

A rádio CBN informa que, segundo sua apuração, o “evento adverso grave” foi a primeira opção descrita pela Anvisa: óbito. De acordo com a emissora, um voluntário brasileiro do projeto da Coronavac morreu. Informações dão conta de que ele não tinha contraído a covid-19. A causa da morte ainda não foi confirmada. - Revista Oeste

URGENTE!
ANVISA INTERROMPE TESTES DA VACINA CHINESA APÓS 'EVENTO ADVERSO GRAVE' EM VOLUNTÁRIO BRASILEIRO

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgou nota oficial na noite desta segunda-feira (9) em que comunica a **suspensão da fase 3 dos estudos da Coronavac**, a vacina produzida pelo **laboratório chinês Sinovac Biotech** em parceria com o Instituto Butantan.

De acordo com a agência, a decisão foi motivada após a ocorrência de um **“evento adverso grave”** em um dos voluntários do Brasil.

Acesse o site da Justiça Eleitoral para encontrar informações oficiais sobre as eleições de 2022. [Obter informações sobre as eleições](#)

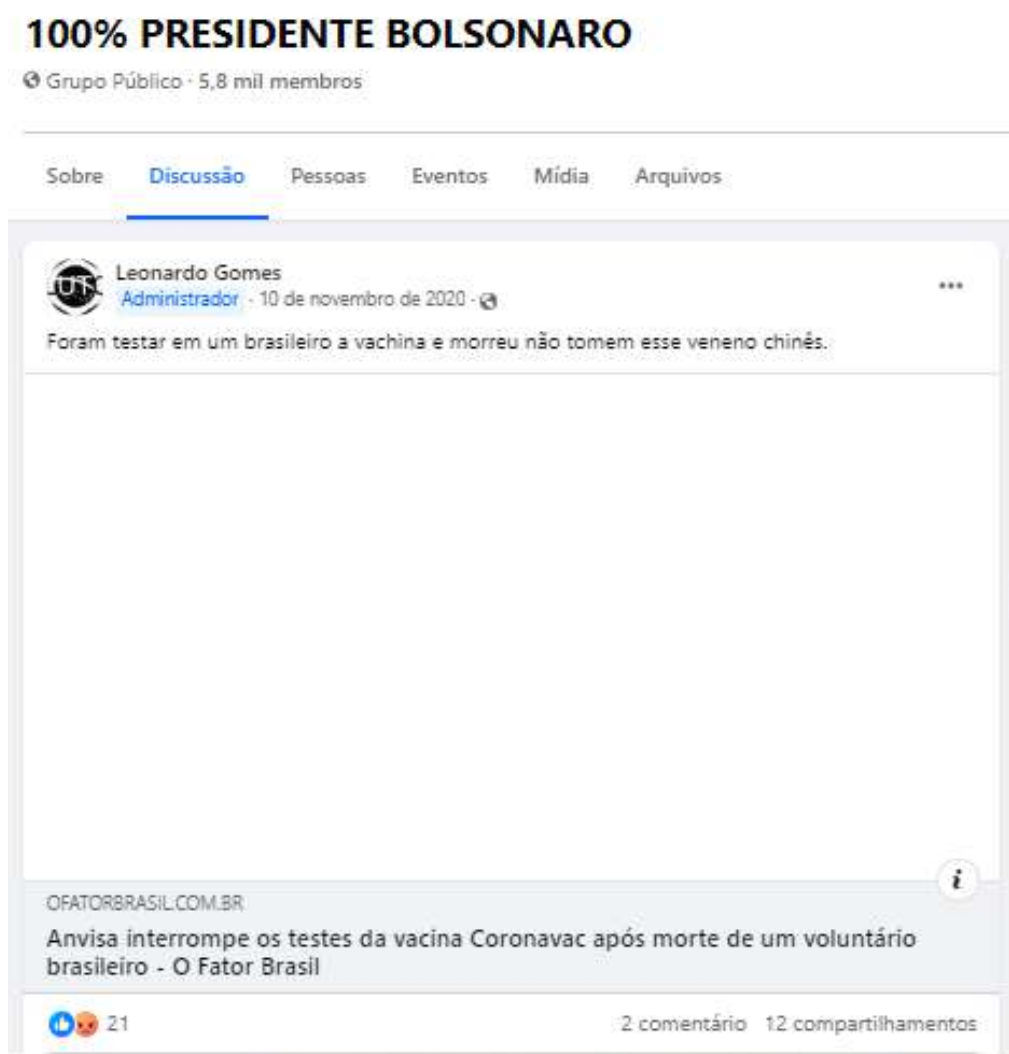
30 mil 5,1 mil comentário 29 mil compartilhamentos

A publicação da deputada federal conservadora Bia Kicis, eleita pelo Distrito Federal e apoiadora do ex-presidente Jair Bolsonaro, realizada em 9 de novembro de 2020¹⁹⁹, entrou em nosso *corpus* por trazer o termo “vacina chinesa”. Obteve um engajamento de 67.722 interações (soma de likes, reações, compartilhamentos e comentários). A deputada, que tem 1,6 milhões de seguidores no Facebook, comentava sobre suspensão dos testes da Coronavac no Brasil, após a morte de um voluntário brasileiro, que teria sido classificada pela Anvisa como “evento adverso grave”. A informação sobre a morte do voluntário é atribuída à rádio CBN, mas não há dados sobre a causa do óbito (revelada em 10 de novembro de 2020 que tratou-se de um suicídio²⁰⁰). A postagem traz a imagem de João Doria com uma cara mais fechada, de maneira mais dura, segurando uma Coronavac na mão, criando uma percepção de que o ex-governador seria o responsável pelo “evento adverso grave”, no caso, a morte do voluntário. Nesse momento, o discurso da deputada fazia uso de informações da imprensa, como o termo técnico “evento adverso grave” para se referir ao motivo da paralisação dos testes da Coronavac. Porém, o discurso da deputada insistia na expressão “vacina chinesa” para se referir à Coronavac, o que buscava atribuir um sentido pejorativo ao imunizante do Instituto Butantan, associando-o à China por meio de uma metáfora. A informação da interrupção dos testes da Coronavac era verdadeira, porém a falta de precisão sobre a causa da morte do voluntário gerou especulações e fomentou uma reação discursiva muito grande, com ainda mais incertezas e preconceito contra a China.

¹⁹⁹ Cf. <https://www.facebook.com/100044220769786/posts/1809227642577123/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁰⁰ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/11/10/morte-que-suspendeu-teste-nao-tem-relacao-com-Coronavac-nem-com-covid-19.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 44 – Postagem sobre a morte de voluntário



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Veiculado em 10 de novembro de 2020²⁰¹, o *post* do usuário Leonardo Gomes foi feito no grupo 100% Presidente Bolsonaro, que tem 5,8 mil membros. Obteve 21 curtidas/reações, dois comentários e 12 compartilhamentos. Há o link para uma reportagem, que não estava mais disponível para consulta durante nossa pesquisa.

O texto escrito pelo internauta traz um discurso marcado pelo preconceito contra a China: “foram testar em um brasileiro a ‘vachina’ e morreu”. A Coronavac é chamada de “vachina”, um neologismo criado durante a pandemia de Covid-19 para se referir à Coronavac, que seria uma “va” + “China”, uma soma da palavra “China”, o país percebido pelo senso comum como sendo “comunista”, “autoritário” e “misterioso”, com o prefixo “va”, proveniente

²⁰¹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/150103576439645/permalink/274427954007206>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

da palavra “vacina”. O termo reforça ainda mais a metáfora usada pelos críticos do ex-governador João Doria usada para acionar elementos pré-discursivos à percepção sobre o imunizante. A escolha por “vachina” busca trazer a imagem de algo que não funciona, um engodo, algo misterioso e perigoso, para a percepção a respeito da Coronavac, com a finalidade discursiva de rejeitar a vacina.

O texto do usuário ainda chama a Coronavac de “veneno chinês”, um discurso que se inscreve no campo semântico do negacionismo vacinal. Quando pensamos nos sentidos movimentados pelas palavras “vacina” e “veneno”, percebemos que eles são praticamente opostos, de acordo com o saber enciclopédico, compartilhado socialmente: “vacina” é percebida como algo que salva vidas, e “veneno” é percebido como algo capaz de matar. No discurso do internauta, isso se inverte, e a Coronavac torna-se semanticamente um meio mortal. Em vez de representar a cura para a crise sanitária, o imunizante da Sinovac representa a morte, como o que aconteceu com um voluntário. As oposições de “vida” e “morte” também são acionadas por meio do discurso do internauta, uma antítese que funciona como organizador textual-cognitivo, remetendo a elementos pré-discursivos coletivos.


Figura 45 – Postagem sobre a morte de voluntário

VIVA SANTO ANDRE
Grupo Público · 215,8 mil membros

Sobre **Discussão** Em destaque Pessoas Eventos Mídia Arquivos

Marcelo Alves
10 de novembro de 2020 · 🌐

Estranho eles não especificarem os problemas que os testes da vacina causou nas cobaias humanas!!! 😞 Vão processar o Dória??? E o Ditador Dória querendo te obrigar a tomar heim mortadela!!!



G1.GLOBO.COM
Anvisa suspende temporariamente ensaio clínico da Coronavac
Interrupção acontece após a ocorrência de um 'evento adverso grave'; a vacina chinesa Coron...

17 reações 79 comentário 2 compartilhamentos

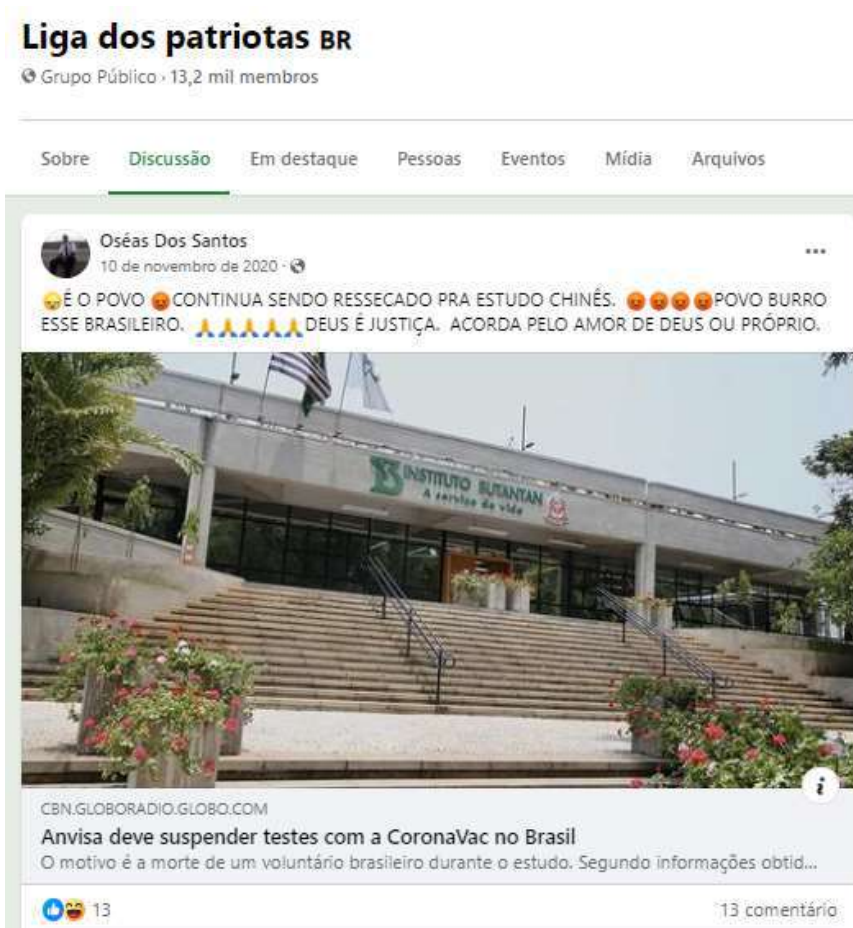
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 10 de novembro de 2020²⁰², a postagem de Marcelo Alves foi feita no grupo Viva Santo André, com mais de 215 mil inscritos. Obteve 17 reações/curtidas, 79 comentários e dois compartilhamentos. O internauta chama o voluntário dos testes do imunizante de “cobaia humana”, um discurso proferido por muitos críticos do ex-governador João Dória. Como dito anteriormente, entendemos que a adoção do léxico “cobaia” inscreve-se no campo semântico do negacionismo vacinal, pois ele aciona anterioridades discursivas

²⁰² Cf. <https://www.facebook.com/groups/365206993671208/permalink/1522193041305925>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

(PAVEAU, 2013) que se conectam a quadros pré-discursivos. Funciona como uma metáfora para comparar implicitamente os voluntários à animais de testes em laboratório.

Figura 46 – Postagem sobre a morte de voluntário



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O usuário Oséas dos Santos escreveu no grupo Liga dos Patriotas (13,2 mil inscritos), em 10 de novembro de 2020²⁰³, um comentário acompanhado de um link da rádio CBN, que trazia a informação da suspensão dos testes da Coronavac por conta da morte de um voluntário. O post obteve 13 curtidas/reações e 13 comentários.

O comentário do internauta traz uma “teoria da conspiração” de que o “povo continua sendo ‘ressecado’ pra estudo chinês”. Entendemos que ele resgata um discurso com elementos de risco e perigo ao falar da morte do voluntário durante os testes da Coronavac: assim como as cobais são usadas em laboratório durante os testes pelos cientistas, o povo brasileiro também tem sido usado pelos chineses. Ele chama os brasileiros de “burros” por aceitarem participar

²⁰³ Cf. <https://www.facebook.com/groups/372506789755014/permalink/1346042422401441>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

dos testes do imunizante que veio da China, e faz um alerta pedindo que as pessoas “acordem”. É como se só ele estivesse entendendo o que está acontecendo, e todos os outros estivessem sendo enganados. Nesta “teoria da conspiração”, várias pessoas estão sendo levadas ao engano ao aceitarem ser cobaias da China em testes.

Na época, a informação da morte do voluntário foi utilizada para gerar ainda mais desconfiança sobre o desenvolvimento dos imunizantes no ambiente digital, principalmente por atores políticos que queriam acabar com a credibilidade da vacina do Instituto Butantan. Por causa da morte do voluntário, a Anvisa chegou a interromper o estudo clínico da Coronavac, fato que foi comemorado pelo ex-presidente Bolsonaro, que se mostrou contente com o fracasso dos testes da vacina²⁰⁴. Posteriormente, foi divulgado que a morte do voluntário aconteceu devido a um suicídio, e não aos efeitos adversos do imunizante²⁰⁵. De fato, o que se observa é que a morte de um voluntário dos testes da Coronavac foi usada para fomentar ainda mais incertezas, ampliando o ceticismo vacinal na audiência, por parte de atores políticos, que desejavam o fracasso nos testes do imunizante por questões políticas.

²⁰⁴ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/10/morte-de-voluntario-que-causou-pausa-dos-testes-da-Coronavac-nao-teve-a-ver-com-vacina.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

²⁰⁵ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/11/10/morte-de-voluntario-que-causou-pausa-dos-testes-da-Coronavac-nao-teve-a-ver-com-vacina.ghtml>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

Figura 47 – Postagem de Bia Kicis sobre vacinas falsas da China



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Em outra ocasião, no dia 5 de setembro de 2020²⁰⁶, a deputada federal Bia Kicis também fez uma publicação que trazia o termo “vacina chinesa”. Obteve um engajamento total de 83.387 interações (soma de *likes*, reações, comentários e compartilhamentos), sendo a quinta publicação com maior engajamento registrado em nosso *corpus*. Na postagem, ela dizia que não iria tomar a vacina chinesa, ao compartilhar o print de uma reportagem do site G1, que

²⁰⁶ Cf. <https://www.facebook.com/100044220769786/posts/1735656239934264/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

dizia que uma empresa chinesa vendia vacinas falsas, sem especificar qual empresa seria²⁰⁷. Outros internautas postaram sobre o tema no Facebook, como vemos a seguir:

Figura 48 - Postagem sobre vacinas falsas da China



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

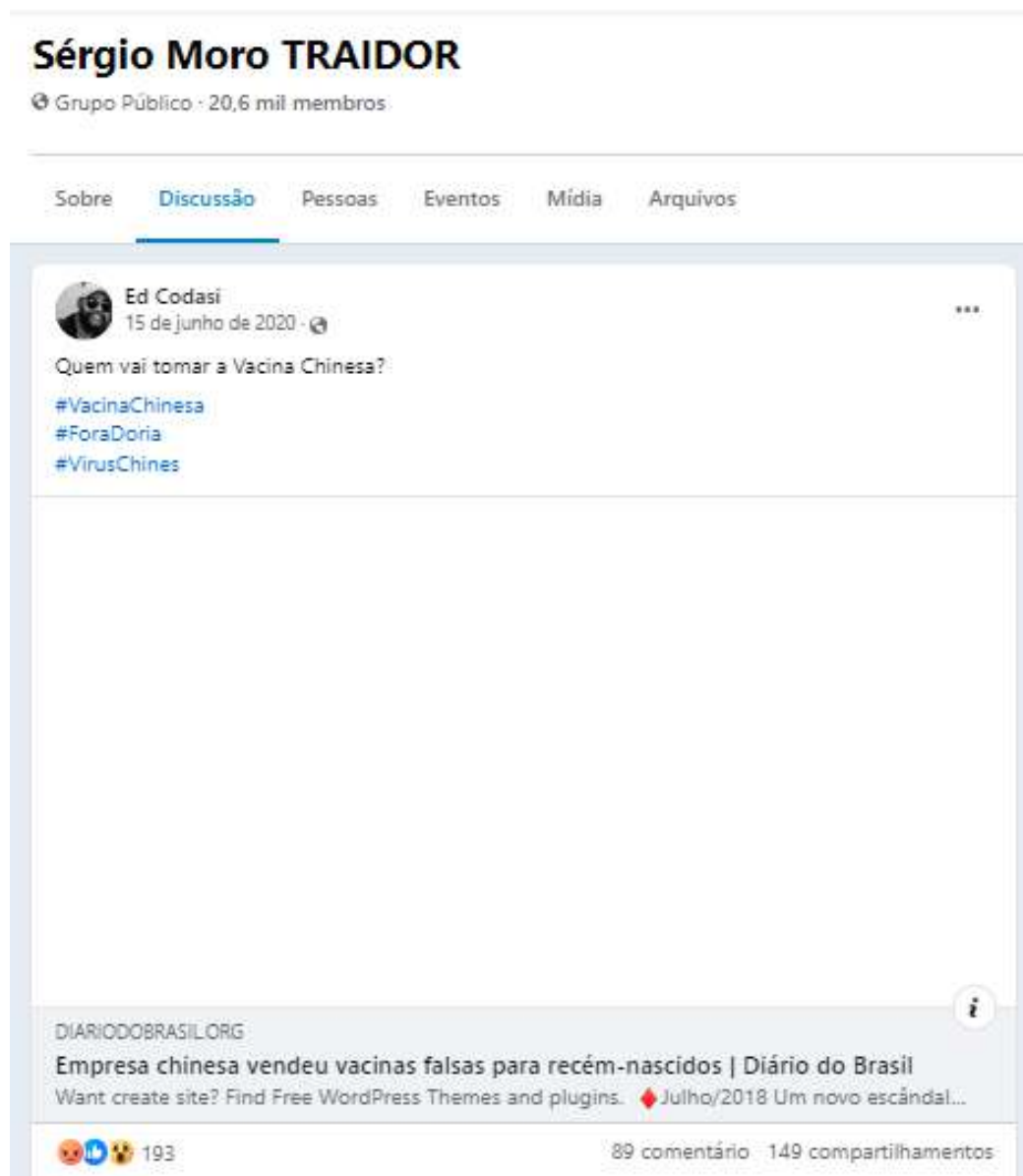
Publicada em 29 de junho de 2020²⁰⁸ pelo usuário Sargento Claudinei, a postagem obteve 411 reações/curtidas, 63 comentários e 23 mil compartilhamentos. O usuário possui 63 mil seguidores no Facebook. O texto é construído com uma ironia: “mas fique tranquilo, nada da China é falsificado”. Ironia é uma figura de linguagem de pensamento, que depende do contexto e do conhecimento do interlocutor para ser compreendida em sua totalidade. O usuário Sargento Claudinei compartilhou um link do site UOL Notícias, com a notícia de 2018 sobre a empresa chinesa que vendia vacinas falsas, mas que não possui ligação com a Sinovac. O objetivo do internauta, ao postar a reportagem antiga do site UOL Notícias, é criticar o

²⁰⁷ Cf. <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/07/24/empresa-chinesa-vendia-vacinas-falsas-contrapolio-tetano-e-difteria.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁰⁸ Cf. <https://www.facebook.com/100044684162386/posts/1122290384823492/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

desenvolvimento da Coronavac em São Paulo, por meio do Instituto Butantan, usando um argumento equivocado, que é uma notícia que não diz respeito à empresa Sinovac.

Figura 49 – Postagem sobre vacinas falsas da China



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 15 de junho de 2020²⁰⁹, a postagem obteve 193 curtidas/reações, 89 comentários e 149 compartilhamentos. O usuário Ed Codasi publicou no grupo Sergio Moro Traidor, que possui 20,6 mil membros. Traz um link para uma notícia de julho de 2018, porém, ao clicarmos, percebemos que está indisponível para consulta. O usuário usa o termo “vacina

²⁰⁹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1567956043516069/permalink/2516418548669809>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

chinesa” em seu texto, elencado para nossa análise, além das *hashtags* “foradoria”, “vacinachinesa” e “viruschines”. O internauta lança um questionamento: “quem vai tomar a vacina chinesa?”, que permite ampliar esse debate na esfera pública midiaticizada.

Figura 50 - Postagem sobre vacinas falsas da China

Aliança pelo Brasil
Grupo Público - 262,1 mil membros

Sobre **Discussão** Guias Em destaque Pessoas Eventos Mídia Arquivos

Mario Rubens Sigismundo Sigismundo
13 de junho de 2020 · 🌐

SERÁ QUE O GOVERNADOR DE SÃO PAULO VAI CONSEGUIR 9 MIL COBAIAS PARA FAZER O TESTE DA VACINA CHINESA?
ALGUÉM AÍ SE HABILITA?



NOTÍCIAS.UOL.COM.BR
Empresa chinesa vendia vacinas falsas contra pólio, tétano e difteria
Um novo escândalo sanitário está colocando a China em estado de alerta depois da descobert...

👍👎👉👈 48 22 comentário 115 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O usuário Mario Rubens Sigismundo postou o link da reportagem do site UOL Notícias de 2018 no dia 13 de junho de 2020²¹⁰, no grupo Aliança pelo Brasil, que possui mais de 262 mil membros. Obteve 48 reações/curtidas, 22 comentários e 115 compartilhamentos. Em vez de afirmar, ele questiona: “Será que o governador de São Paulo vai conseguir 9 mil cobaias

²¹⁰ Cf. <https://www.facebook.com/groups/251820432138395/permalink/696770294310071>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

para fazer o teste da vacina chinesa? Alguém aí se habilita?”. O recurso é uma maneira de comentar sobre os dados da reportagem com a audiência, estimular o engajamento, deixando a resposta em aberto para que outras pessoas também possam se expressar. O usuário usa o léxico “cobaia”, uma metáfora para se referir aos voluntários que participaram dos testes do desenvolvimento da Coronavac. Como já observamos anteriormente, o termo “cobaia” se inscreve no léxico do negacionismo vacinal, por acionar elementos pré-discursivos (PAVEAU, 2013). A metáfora associa a ideia dos voluntários dos testes da Coronavac a de animais em laboratórios, sendo usados de forma inescrupulosa por cientistas.

Observamos que, neste caso específico, analisado com os exemplos apresentados, temos uma notícia verdadeira de 2018 que foi retirada de contexto: o laboratório Sinovac, que estava a frente da Coronavac, não tinha ligação com a empresa que vendia vacinas falsas²¹¹, como informou o site de checagem Boatos.org:

Figura 51 – Postagem de Boatos.org sobre vacinas falsas



²¹¹ Cf. https://www.boatos.org/saude/empresa-chinesa-produz-vacina-contracovid-19-vacinas-falsas.html?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAAR14bYXGxWk1jAsojJ20lDcx1EI4nUYSH5MkRoKxIgz4KDCV5mq5EMYk1Vg_aem_rlSE4CAnRY3mgv51TB3VZQ Acesso em: 25 de junho de 2024.

A publicação de 23 de julho de 2020²¹² do perfil Boatos.org falava sobre a manipulação da reportagem de 2018, que estava circulando novamente, com a venda de vacinas falsas sendo atribuída à Sinovac, o que era uma informação falsa. Obteve 331 reações/curtidas, 92 comentários e 220 compartilhamentos. O perfil da Boatos.org possui 211 mil seguidores no Facebook. O print da publicação ajuda a esclarecer as informações avaliadas, porém o *post* da Boatos.org não consta de nosso *corpus* de estudo.

No caso em questão, a deputada Bia Kicis, e os demais internautas, usaram um conteúdo jornalístico fora de seu contexto original para disseminar intencionalmente uma desinformação sobre a Coronavac, o que configura um panorama de desordem informacional (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017). Consideramos que a deputada tinha como objetivo polemizar ainda mais a respeito da eficácia e da segurança da Coronavac, chamando a de “vacina chinesa”. O conteúdo jornalístico de empresas reconhecidas, como era o caso do portal G1, usado de maneira descontextualizada para manipular a percepção da audiência, tenta produzir uma vontade de verdade na audiência (FOUCAULT, 2014). Entendemos que a imprensa é uma instituição antiga, com uma história de atuação de quase seis séculos, portanto, apesar dos ataques e das críticas na contemporaneidade, ainda possui uma credibilidade institucionalizada. Consideramos que é uma estratégia de muitos enunciadores dar um “ar jornalístico” a um conteúdo falso, com a expectativa de que ele seja bem recebido entre a audiência.

A estratégia discursiva de Bia Kicis acaba por associar o laboratório Sinovac a uma outra empresa enganadora, atentando contra a credibilidade da companhia com a qual o Instituto Butantan estava realizando uma cooperação técnica para desenvolvimento de uma vacina contra Covid-19, durante uma crise sanitária mundial. Temos um agente político destituindo de verdade (FOUCAULT, 2014) o discurso científico, por conta de questões políticas, para prejudicar um suposto projeto de candidatura presidencial de João Doria em 2022. A desinformação torna-se então uma estratégia de poder pastoral (SARGENTINI e CARVALHO, 2021), usada pelas elites simbólicas (VAN DIJK, 2019) para conduzir os eleitores na direção a que se deseja de acordo com os interesses de grupos políticos, religiosos ou econômicos. Há uma adesão às “verdades”, por parte dos indivíduos, mesmo quando elas são confrontadas por especialistas e suas pesquisas científicas, porque esses fatos alternativos

212

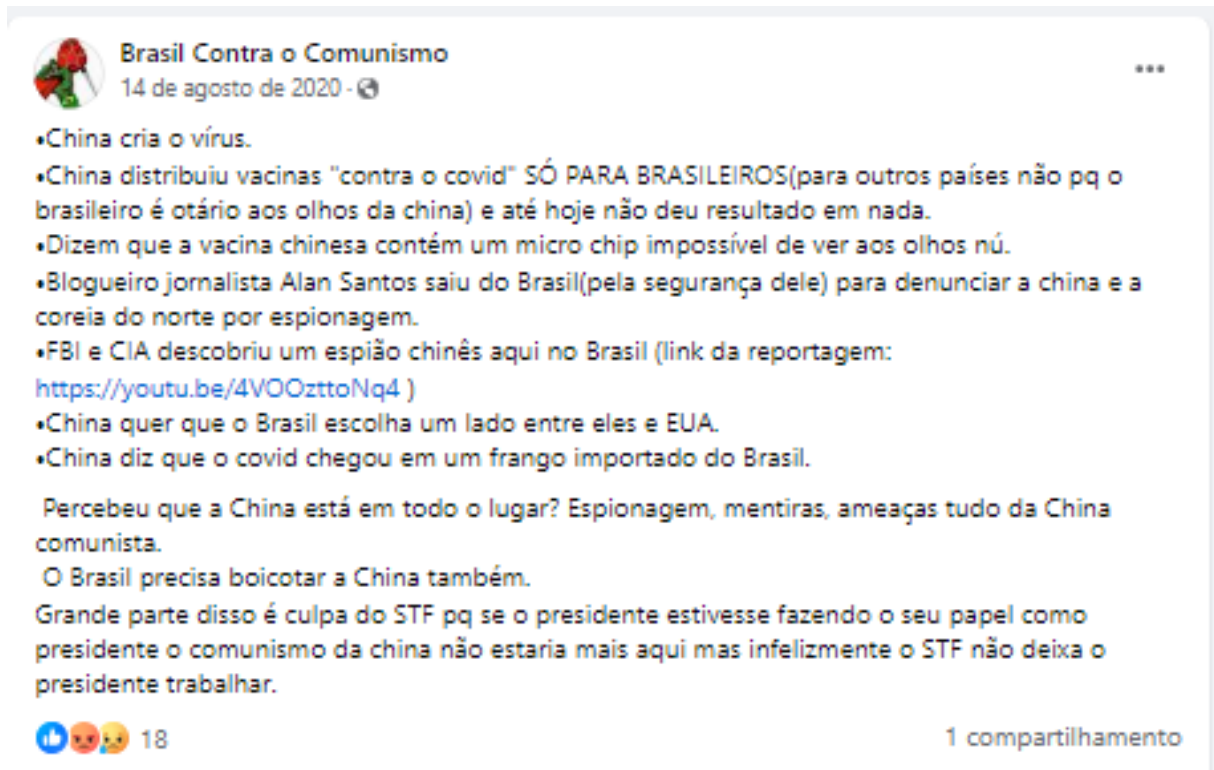
Cf. https://www.facebook.com/story.php?story_fbid=1670862526394478&id=213732755440803&mibextid=oFDknk&rdid=UvmYSjTcpl0AL83 Acesso em: 25 de junho de 2024.

e suas formas de expressão estão profundamente influenciados por relações de poder (FOUCAULT, 2015). Isso significa que, em diferentes contextos, um emissor pode ser questionado ou desacreditado com base nos sentimentos que mobilizam na audiência (SARGENTINI e CARVALHO, 2021).

Em suma, ao analisar essa primeira tabela com dados das *hashtags* de nosso *corpus*, podemos inferir que já havia alguma desconfiança a respeito das vacinas, com a presença do termo “vacinachinesa” na lista das 40 palavras, porém também havia uma preocupação com informações falsas (“boato”, “verificamos” e “fakenews”). Também identificamos evidências de que a desinformação passou a ser fomentada como forma de aumentar o ceticismo vacinal no primeiro ano de pandemia da Covid-19 no Brasil.

De fato, pudemos compreender que o maior volume de *hashtags* se relacionava com as informações sobre as pesquisas para desenvolvimento de imunizantes e as possibilidades de vacinação para a população, como “vacina”, “vacinas”, “vacinação”, “vacinar”, “vacinado”, “vacinados”, “vacinadas” e “vacinada”. Essas ocorrências — algumas delas com pequenas diferenças, como gênero ou número — permitem concluir que as postagens analisadas nesta fase de nosso estudo trazem um grande interesse pelas pesquisas sobre vacinas e pela necessidade de se imunizar a população, para que as atividades sociais e econômicas pudessem ser restabelecidas no Brasil. Havia também muito desencontro de informações a respeito de vacinas, além de informações falsas, como podemos observar:

Figura 52 – Postagem sobre microchip na vacina



Brasil Contra o Comunismo
14 de agosto de 2020 · 🌐

- China cria o vírus.
- China distribuiu vacinas "contra o covid" SÓ PARA BRASILEIROS(para outros países não pq o brasileiro é otário aos olhos da china) e até hoje não deu resultado em nada.
- Dizem que a vacina chinesa contém um micro chip impossível de ver aos olhos nú.
- Blogueiro jornalista Alan Santos saiu do Brasil(pela segurança dele) para denunciar a china e a coreia do norte por espionagem.
- FBI e CIA descobriu um espião chinês aqui no Brasil (link da reportagem: <https://youtu.be/4VOOzttoNq4>)
- China quer que o Brasil escolha um lado entre eles e EUA.
- China diz que o covid chegou em um frango importado do Brasil.

Percebeu que a China está em todo o lugar? Espionagem, mentiras, ameaças tudo da China comunista.
O Brasil precisa boicotar a China também.
Grande parte disso é culpa do STF pq se o presidente estivesse fazendo o seu papel como presidente o comunismo da china não estaria mais aqui mas infelizmente o STF não deixa o presidente trabalhar.

👍👎👏 18 1 compartilhamento

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O perfil Brasil contra o comunismo, que possui mais de 10 mil seguidores no Facebook, realizou uma postagem em 14 de agosto de 2020²¹³, que integra nosso *corpus* por trazer o termo “vacina chinesa”. Obteve 18 reações/curtidas e um compartilhamento, ao apresentar um texto em que revela uma suposta trama conspiratória da China para prejudicar o Brasil.

Formulado em tópicos, o *post* cita várias informações sem nenhum tipo de fonte de informação (há um vídeo do YouTube citado como fonte, porém estava indisponível durante nossa consulta). Afirmava que a “China cria o vírus”, e depois manda uma vacina que não funciona somente para brasileiros, um imunizante que tem um microchip que não é visível a olho nu. Como em um roteiro de filme, a trama vai se desenvolvendo, até chegar a um final, em que a China “comunista” pode “ameaçar” o Brasil, com “espionagem” e “mentiras”. Ao final da publicação, a culpa é toda do Supremo Tribunal Federal, que não “deixava o ex-presidente Bolsonaro trabalhar”. Por trás dessa *fanfic*²¹⁴ toda temos um discurso antichinês, um sentimento de rejeição à China e à tudo que possa vir dela, conectado a várias teorias da conspiração que circularam via internet durante a pandemia da Covid-19, entre elas a sopa de

²¹³ Cf. <https://www.facebook.com/100069246007964/posts/160265492361725/>. Acesso em: 25 de junho de 2020.

²¹⁴ Gíria da internet que deriva do inglês “fan fiction” (ficção de fã, em tradução literal).

morcego que teria dado início à disseminação da doença entre humanos, uma informação falsa que viralizou em todo o País no início de 2020 (MALINI *et at*, 2022). No imaginário de muitas pessoas, a China foi sendo concebida como uma nação misteriosa, perigosa e autoritária (MALINI *et at*, 2022), que gerou ainda mais desconfiança com o surgimento do novo coronavírus na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China.

Figura 53 – Postagem sobre microchip na vacina

Bolsonaro 2022
Grupo Público · 5,9 mil membros

Discussão Em destaque Pessoas Eventos Mídia Arquivos

Valério P Lopes
18 de outubro de 2020 · 🌐

>O GOVERNADOR DÓRIA DE SÃO PAULO QUER QUE TODA POPULAÇÃO TOME A VACINA CHINESA NA MARRA.. SÓ SE PRENDER TODO MUNDO..Mas...
O GOVERNO BOLSONARO NÃO OBRIGARA POPULAÇÃO A SE VACINAR CONTRA A TAL COVID-19 , Principalmente se for da China como quer por que quer o sr Dória Governador atual de são paulo...>EM RESUMO: Só toma quem é doido e tem desprezo pela sua saúde, ninguém conhece esse veneno chinês e quem se aventurar tomar uma vacina sem comprovação nenhuma e as pressas como eles desejam, poderá ter sérios problemas em seu DNA para sempre, pois quem garante que dentro dela não existe um nano chip para dentro da corrente sanguínea contaminar toda sua estrutura e no futuro poder ser controlado a distância...

MSN.COM **Governo não obrigará população a se vacinar contra covid-19, diz Bolsonaro**
Governo não obrigará população a se vacinar contra covid-19, diz Bolsonaro

👍👎 28 2 comentário 3 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 18 de outubro de 2020²¹⁵ no grupo Bolsonaro 2022 (mais de 5,9 mil inscritos), a publicação de Valério P. Lopes obteve 28 *likes*/reações, dois comentários e três compartilhamentos. Traz duas informações conflituosas, logo no início: a de que João Doria queria obrigar a todos a se vacinar e que Jair Bolsonaro não iria obrigar ninguém a se imunizar. É verdade que João Doria disse que a vacina era obrigatória em São Paulo²¹⁶, porém, apesar de Bolsonaro afirmar que não iria obrigar ninguém a se vacinar, o ex-presidente assinou uma lei, em fevereiro de 2020, que previa vacinação compulsória²¹⁷. A lei 13.979/20 que prevê a obrigatoriedade da vacinação foi iniciativa do próprio governo federal²¹⁸, como atestou o Estadão Verifica e o Projeto Comprova, iniciativa de checagem de informações.

A mensagem do internauta também traz uma rejeição à China, e comenta sobre a teoria da conspiração que circulava via internet, de que a vacina da cooperação Sinovac/Butantan poderia implantar um chip nas pessoas. A vacina, então, é concebida como sendo algo muito ruim, que pode impactar negativamente na vida dos seres humanos por não ter “comprovação”, ou mesmo que pode “afetar o DNA para sempre”. “Só toma quem é doido”, escreve o usuário, buscando gerar ainda mais desconfiança a respeito do imunizante.

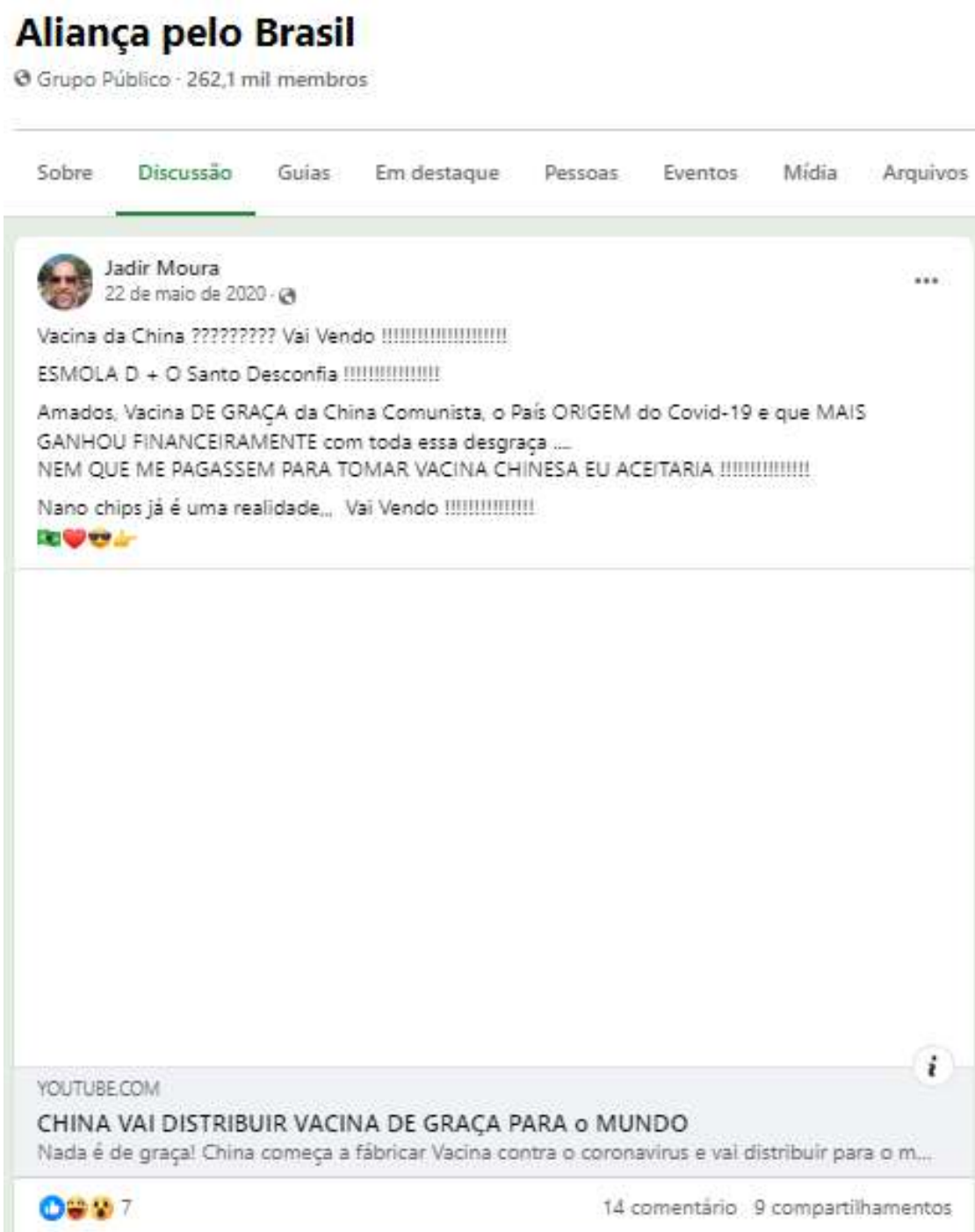
²¹⁵ Cf. <https://www.facebook.com/groups/215871506464317/permalink/390736708977795>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²¹⁶ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/16/doria-diz-que-vacina-contra-covid-19-sera-obrigatoria-em-sp-se-for-aprovada.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²¹⁷ Cf. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/lei-assinada-por-bolsonaro-em-fevereiro-preve-vacinacao-compulsoria-diferentemente-do-que-ele-afirmou/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²¹⁸ Cf. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/lei-assinada-por-bolsonaro-em-fevereiro-preve-vacinacao-compulsoria-diferentemente-do-que-ele-afirmou/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 54 – Postagem sobre microchip na vacina



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O usuário Jadir Moura fez uma publicação, 22 de maio de 2020²¹⁹, no grupo Aliança pelo Brasil, que possui mais de 262,1 mil inscritos. Obteve 7 curtidas/reações, 14 comentários

²¹⁹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/251820432138395/permalink/673893696597731>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

e nove compartilhamentos. Traz um link para um vídeo do YouTube, que não estava mais disponível para consulta durante nosso estudo.

O internauta traz para a discussão no ambiente digital uma informação sobre uma suposta vacina que a China estaria desenvolvendo de graça para conter o vírus da Covid-19. A mensagem tem como pano de fundo um sentimento de sinofobia, com uma rejeição total à China (“nem que me pagassem pra tomar tomar vacina chinesa eu aceitaria”). Em um contexto de milhares de mortes pelo novo coronavírus, o internauta preferiria seguir sem imunização do que usar uma vacina chinesa. O usuário também explora algumas “teorias da conspiração”, típicas que circulavam na internet, a partir das ideias de “A China criou o vírus e está ganhando dinheiro com isso” e “A vacina tem um microchip que vai ser implantado nas pessoas”. O discurso de repúdio à China está por trás da enunciação do internauta.

Figura 55 – Postagem sobre microchip na vacina



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Em 25 de julho de 2020²²⁰, Roberval Cunha postou uma mensagem no grupo AI-5 já presidente (mais de 10,8 mil membros) em que fazia um alerta para as pessoas não tomarem a vacina chinesa, pois ela seria promovida a ser um implante de um microchip para monitoramento das pessoas. O texto tem como finalidade enunciativa promover ainda mais desconfiança a respeito da vacina contra a Covid-19 que estava sendo desenvolvida. Traz como referência um vídeo de um suposto dr. Oscar Anibal no YouTube, mas que estava indisponível para consulta durante nossa pesquisa. Consideramos que a mensagem do internauta carrega um discurso

²²⁰ Cf. <https://www.facebook.com/groups/251353869250120/permalink/314373429614830>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

permeado pela desconfiança e pelo sentimento antichinês, que busca alimentar toda uma rede de pessoas que pensam como ele.

Figura 56 – Postagem sobre microchip na vacina


#Globalixo, o câncer do Brasil

Grupo Público · 87,1 mil membros

Sobre Discussão Em destaque Pessoas Eventos Mídia Arquivos

Admilson Propodoski Vieira
20 de julho de 2020 · 🌐

A vacina chinesa vai ser testada. E apesar de achar que a culpa de tudo isso seja da própria China, vamos torcer pra dar certo .
AGORA UMA VACINA "CHINESA VAI SER "TESTADA" NÃO SABEMOS SE IRÁ TER EFEITOS COLATERAIS OU NÃO, SE VEM COM ALGUM TIPO DE MICROCHIP OU NÃO
A MÍDIA É IMPARCIAL OU ATE POSITIVAMENTE PARCIAL .
A MESMA MÍDIA QUE É TOTALMENTE PARCIAL NEGATIVAMENTE PARA O TRATAMENTO COM hidroxicloroquina QUE É UM REMÉDIO USADO A DEZENAS DE ANOS SALVANDO MUITA GENTE COM OUTRAS DOENÇAS. E VÁRIOS RELATOS DE MÉDICOS AJUDANDO NA CURA DESSE VÍRUS CHINÊS.
ENTENDAM E ACORDEM.



05:34

G1.GLOBO.COM
Vacina chinesa chega a SP e testes com voluntários devem começar nesta segunda, segundo governo

👍👎👏 16 28 comentário 9 compartilhamentos

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Veiculada no dia 20 de julho de 2020²²¹ no grupo #Globalixo, o câncer do Brasil (87,1 mil membros), a publicação de Admilson Propodoski Vieira obteve 16 curtidas/reações, 28 comentários e nove compartilhamentos. A mensagem dele traz um texto confuso, que, apesar de dar entender que torce por uma vacina contra a Covid-19, também não confia em como vai acontecer o desenvolvimento do imunizante chinês. Ele também cita algumas “teorias da conspiração” como a história de que a vacina da China teria um microchip para ser implantado nos seres humanos. Ao final, ele sugere que a cloroquina poderia ser a cura contra o “vírus chinês”, como defendia o ex-presidente ao recomendar o medicamento para tratar a doença²²².

A informação falsa de que um chip, microchip ou nanochip seria implantado nas pessoas durante a vacinação contra a Covid-19 circulou entre os internautas nos primeiros meses da pandemia do novo coronavírus²²³. No boato que viralizou, estava sendo informado que a tecnologia teria como objetivo monitorar a localização e a imunidade dos pacientes por meio da conexão móvel 5G²²⁴. Ao analisar nosso *corpus*, achamos a informação em algumas ocorrências, porém nem todas ainda estavam disponíveis para análise. No mesmo ambiente em que internautas compartilhavam informações falsas em tom conspiratório, havia empresas de checagem de dados contestando os dados:

²²¹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1844897409130363/permalink/2854905638129530>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²²² Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384> Acesso em: 25 de junho de 2024.

²²³ Cf. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/nao-existe-vacina-contra-covid-19-que-use-nanochip-para-rastrear-pessoas-com-5g/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²²⁴ Cf. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/nao-existe-vacina-contra-covid-19-que-use-nanochip-para-rastrear-pessoas-com-5g/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 57 – Publicação desmente *fake news* sobre microchip



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A Agência Lupa veiculou, em 6 de agosto de 2020²²⁵, uma publicação esclarecendo sobre o tema, que obteve 924 reações/curtidas, 187 comentários e 487 compartilhamentos. O perfil da agência possui mais de 197 mil seguidores no Facebook. No texto, ela esclarece sobre a questão e dá mais detalhes sobre o desenvolvimento da vacina Coronavac. Também oferece

²²⁵ Cf. <https://www.facebook.com/100064771330894/posts/1231540927181944/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

um link para quem quiser ler mais sobre o tema, direcionando para o site da agência de checagem de dados.

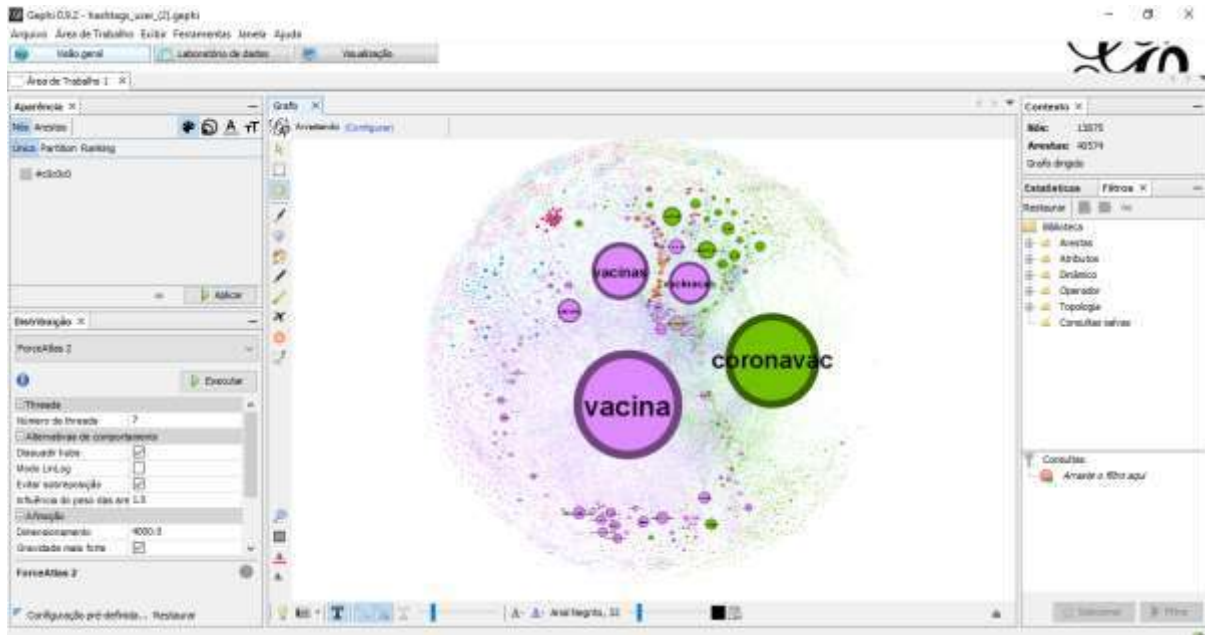
Ao verificar os dados de nosso *corpus*, já pudemos perceber algumas características, além do embate de João Doria e Bolsonaro alimentando a agenda de publicações a respeito de vacinas. Havia uma preocupação por notícias, principalmente novidades a respeito de imunizantes e checagem de informações, já que a circulação de conteúdo ganhou uma maior dimensão no contexto de isolamento social e crescente digitalização da vida. Também percebemos como a proliferação de conteúdo falso, enganoso ou manipulado estava conectado ao termo “vacina chinesa”, o que direcionou nossa investigação desde o começo. Considerando essas primeiras informações sobre os dados coletados em nosso *corpus*, pudemos inferir algumas noções, que serão exploradas com uma maior propriedade mais a frente.

5.3 REDE DE ATORES, *HASHTAGS* E POSTAGENS

A coleta no CrowdTangle produziu uma planilha geral (extensão .csv) a partir dos termos coletados (“vacina chinesa” OR “Coronavac”), com informações e metadados sobre a publicação realizada no Facebook e o perfil que a postou (**Figura 02**). Ao processar essas informações dentro do *script* Ford (**Figura 04**), conseguimos diversas tabelas com dados sobre as palavras mais frequentes, imagens contidas nas publicações do *dataset*, *hashtags*, sentimentos, URLs, lugares, línguas, emojis, entre outras possibilidades de análise.

Também há a possibilidade de ativar uma função para geração de um arquivo de rede (de extensão .gdf) que será plotado no software Gephi, que permite a visualização de redes. Na ferramenta são aplicados algoritmos para formação de agrupamentos (*clusters*) e modularização. Em nosso estudo, trazemos a análise de como o conjunto de atores se relaciona na rede a partir dos usos de suas *hashtags*. A partir dos *posts*, criamos uma planilha de *hashtags* recorrentes em uma coluna, uma planilha de *usernames* na outra coluna e transformamos essa relação (*hashtags versus usernames*) em uma representação de um grafo, que foi plotado no Gephi.

Figura 58 – Grafo de *hashtags* sendo visualizado no Gephi



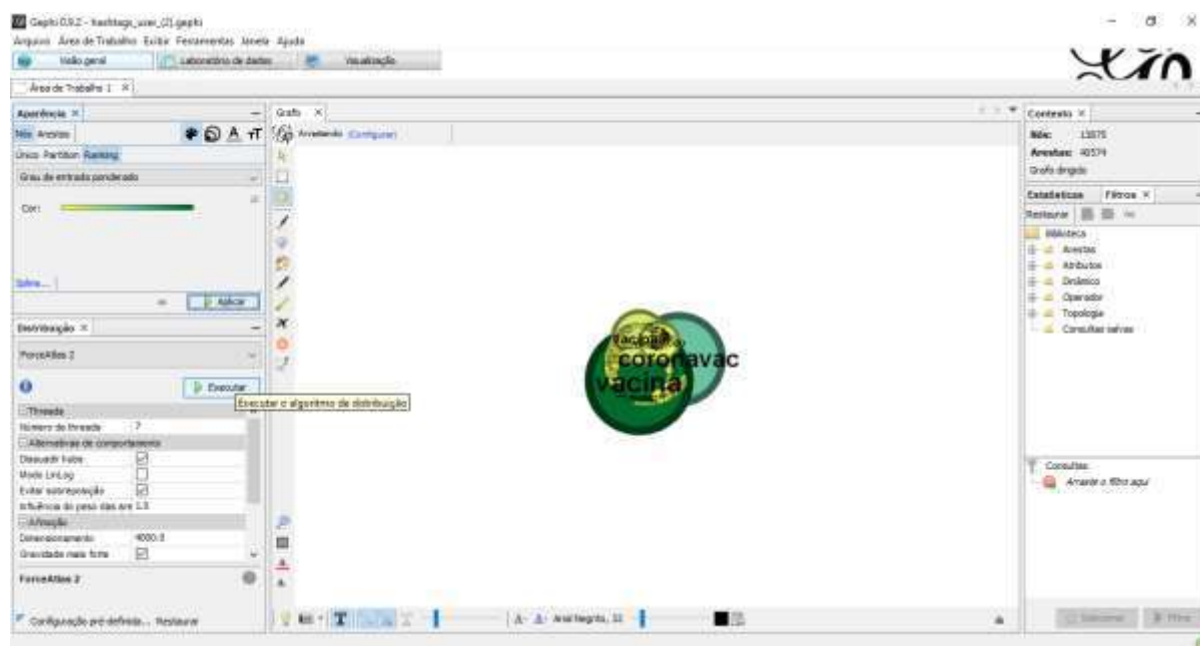
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Há que se considerar, para o entendimento das informações apresentadas neste estudo, que o mesmo grafo processado e formulado pelo Ford permitia visualizar as relações entre *hashtags* e *usernames*, de acordo com os comandos processados na ferramenta Gephi. É como se fosse um grafo espelhado: de um lado temos os arranjos matemáticos/espaciais entre as *hashtags* identificadas em nosso *dataset*, e do outro lado temos os arranjos matemáticos/espaciais entre os atores identificados em nosso *dataset*. Entendemos, inclusive, que há correspondência entre as redes de perspectivas (agrupamentos ou *clusters*) em um grafo de *hashtags* quando comparado com um grafo de *usernames*. Esse entendimento é fundamental para a compreensão dos dados que apresentamos.

A ferramenta digital que permitiu processar os dados, criando grafos com as informações que foram fornecidas pelo Ford, foi o Gephi, um aplicativo de código aberto e gratuito que permite visualizar, analisar e manipular redes e grafos a partir de dados coletados da internet. A tabela “*username x hashtag*”, fornecida pelo Ford, foi analisada no Gephi, quando foi exportada a tabela de nós para limpar e retirar os resultados nulos que atrapalham a montar o grafo de *hashtags*. A partir do processamento dos dados, geramos um grafo principal da rede de *hashtags* (com os termos nos nós), considerando os atores que tiveram um maior impacto na enunciação desta rede específica.

Para elaborar esse grafo de *hashtags*, usamos na Área de trabalho 1 do Gephi a função aparência => nós => ranking => grau de entrada ponderado. A partir desse resultado, geramos o grafo com a ferramenta Force Atlas 2 do Gephi, que promove a distribuição dos nós em perspectivas espaciais.

Figura 59 – Caminho para se gerar grafo de *hashtags*



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Em um primeiro momento, iremos analisar o grafo de *hashtags*. Em um segundo momento, buscaremos analisar quem são os principais enunciadores (atores) dentro das 45.097 postagens públicas extraídas do Facebook, que constituem nosso *corpus*, e como eles se conectam com as *hashtags* identificadas.

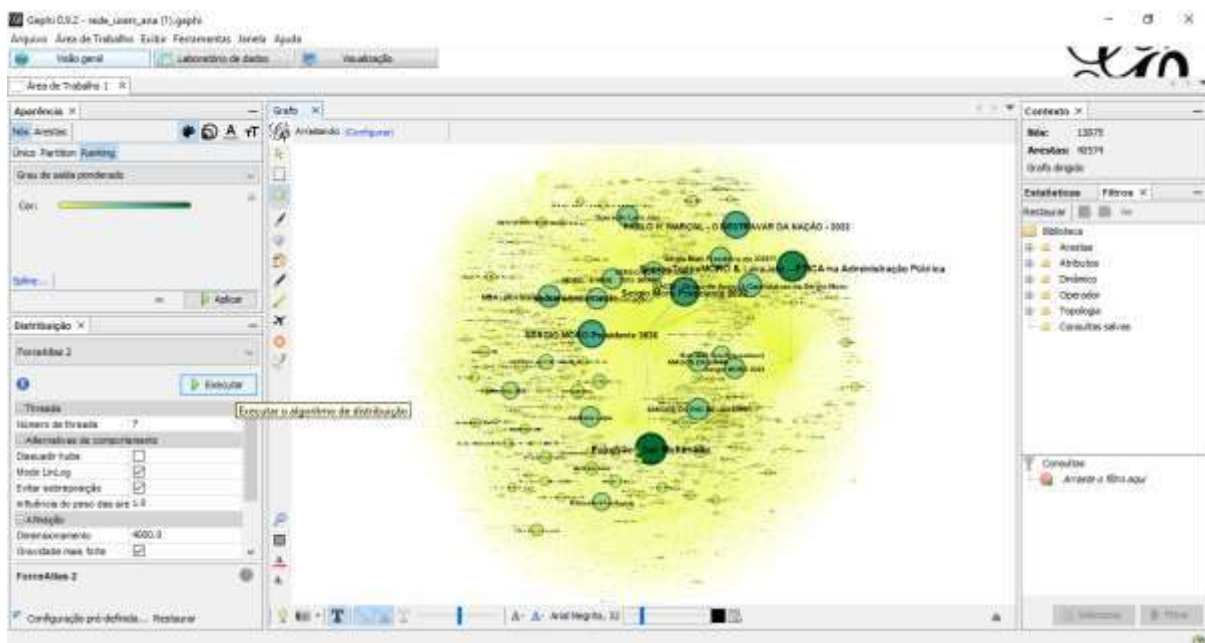
Entender essa relação entre *hashtag* x *username* nos deu pistas importantes para interpretar esse banco de dados consistente, extraído do Facebook a partir da ferramenta CrowdTangle. Mas sobretudo empreender a detecção de como o discurso viralizado é rotulado para ganhar mais evidência para a lógica algorítmica da plataforma, isto é, que o Facebook dê mais impulsão aos *posts* individualmente (para ser exibido mais vezes para os seguidores de uma página) e coletivamente (que a *hashtag* torne-se parâmetro que alimenta o algoritmo distribuidor de atenção do Facebook).

É bom frisar que essa dinâmica enunciativa de que trataremos nesta análise considera o sentido sendo construído dentro de uma dinâmica relacional própria do meio digital em questão (PAVEAU, 2021), como é o caso do Facebook. Temos enunciadores publicando textos

o nome atribuído aos enunciadores dentro do Facebook que realizam postagens em páginas públicas, ou seja, que são potencialmente coletáveis pelo CrowdTangle. Podem ser páginas ou mesmo grupos públicos, que possuem publicações rastreáveis pelo nosso sistema de coleta. Entendemos que os *usernames* são responsáveis por aquilo que postam nas redes sociais. Um exemplo é quando um político, no caso o presidente da República, se manifesta por meio do Facebook: essa postagem tem um peso muito grande, pois a relevância do enunciador transborda sua bolha, circulando em outros espaços de sentido, reverberando inclusive no noticiário. Portanto, cabe a nós dar a devida dimensão ao enunciador, e entender como os enunciadores se conectam com os temas das *hashtags* mais recorrentes.

Para elaborar o grafo com as informações dos *usernames*, usamos um caminho metodológico semelhante ao do grafo de *hashtags*, com uma alteração na forma de filtrar os dados: na Área de trabalho 1 do Gephi, recorremos à função aparência => nós => ranking => grau de saída ponderado. A partir da filtragem do “grau de saída ponderado”, conseguimos estabelecer quem são os atores (*usernames*) que mais usaram as *hashtags* identificadas. A partir desse resultado, geramos o grafo (**Figura 62**) com a ferramenta Force Atlas 2 do Gephi, que promove a distribuição dos nós em perspectivas espaciais.

Figura 61 – Caminho para se gerar grafo de *usernames*



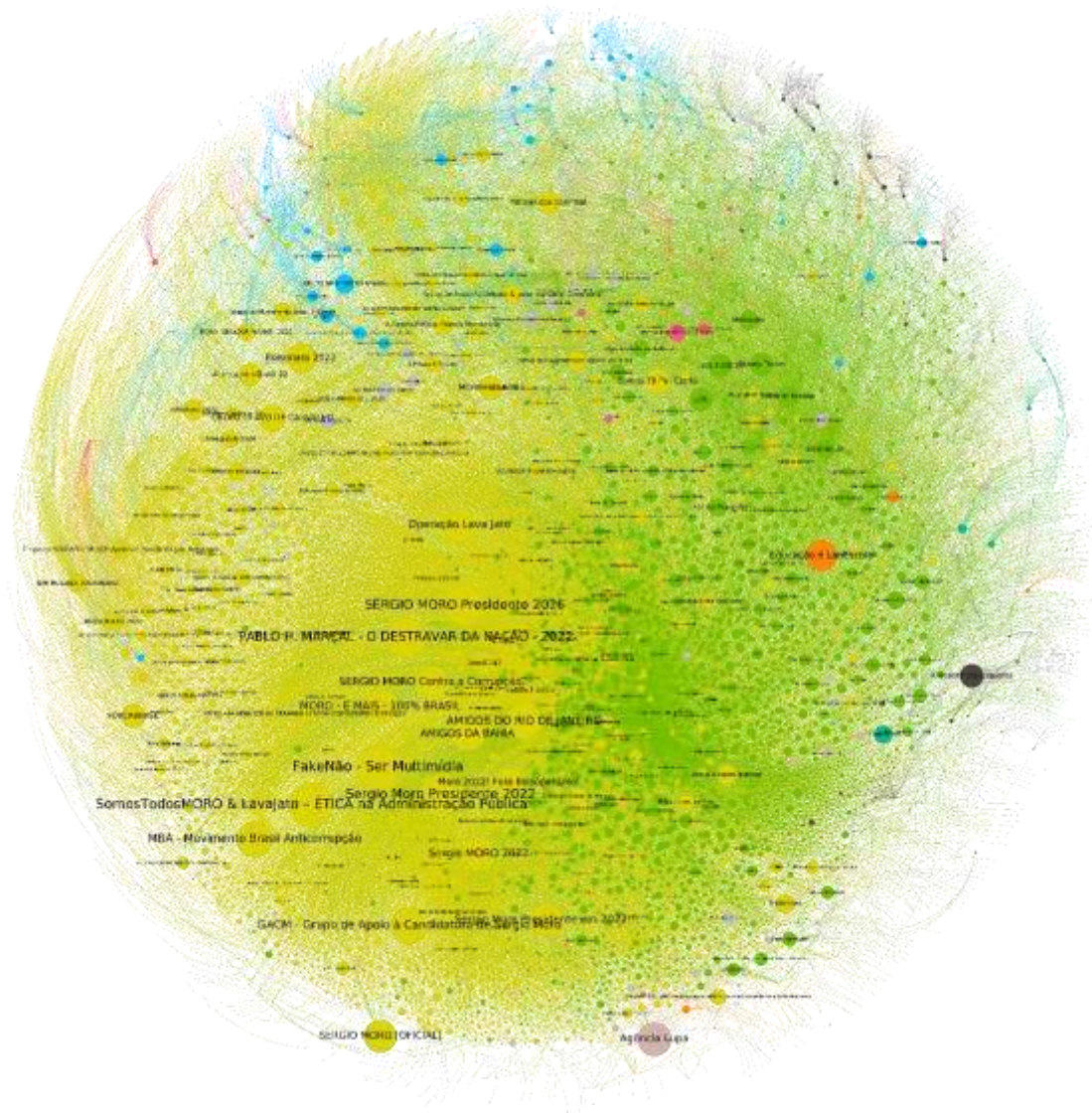
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Para construir o grafo de *hashtags*, usamos a filtragem por meio do “grau de entrada ponderado”, para enxergar quais foram as *hashtags* mais usadas. Observamos que as

estatísticas “grau de saída ponderado” e “grau de entrada ponderado” acabam construindo um percurso metodológico complementar. Então, os grafos de *hashtags* e de *usernames* surgem como complementares, como se os dados estivessem espelhados, o que nos ajuda a interpretar as informações. É como os lados de uma moeda: as perspectivas que se estabelecem em cada grafo acabam se correspondendo, então entendemos que os atores (*usernames*) se conectam às *hashtags*, e comparar os dois grafos permite compreender esse movimento.

Temos, sendo assim, dois dados muito potentes para serem avaliados: *hashtags* e *usernames*. As *hashtags* estão associadas às temáticas das postagens realizadas no Facebook em 2020, no primeiro ano de pandemia, indexando o conteúdo que circulou nas redes sociais. Trocando em miúdos, é o que se diz sobre algo. Do outro lado, temos os enunciadores (filtrados a partir dos *usernames* do Facebook), que são os usuários que mais geraram *hashtags* (postagens indexadas), com um maior número de ocorrências. Ressaltar esses enunciadores é importante para saber quem eram essas pessoas/grupos que tinham interesse em pautar essas temáticas sobre a Covid-19 em suas linhas do tempo. A partir da **Figura 62**, temos uma noção de como se estabelece essa dinâmica *hashtag* x *username*:

Figura 62 — Grafo geral com os principais *usernames*



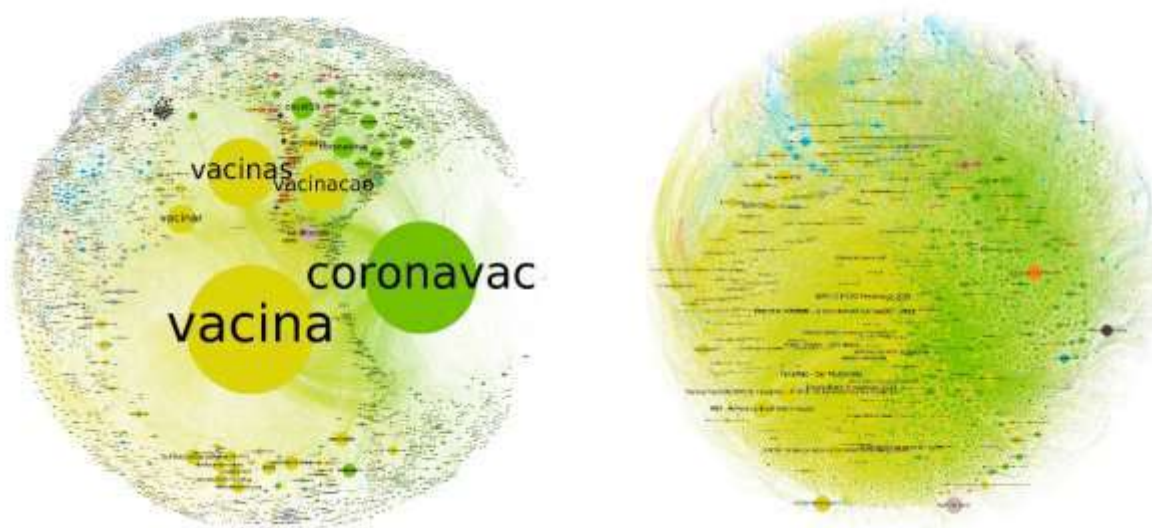
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

A partir das **Figuras 60 e 62**, identificamos dois principais agrupamentos de *hashtags* e *usernames* (amarelo e verde), e outros dois mais periféricos (azul e vermelho), que integram a rede de narrativas sem um maior protagonismo. Entendemos que esses agrupamentos identificados por cores distintas nos grafos (**Figuras 60 e 62**) evidenciam as relações entre as perspectivas, dentro de um mesmo grafo. Por exemplo, no primeiro grafo (**Figura 60**), conseguimos observar um grande embate de sentidos entre os agrupamentos amarelo e verde, que ditaram a principal organização do grafo de *hashtags*, portanto vamos centrar nossos esforços nos dois principais agrupamentos: **amarelo e verde**.

5.3.1 Espelhamento: correspondência de informações nos grafos

Esses agrupamentos (*clusters*) identificados por cores (amarelo e verde) podem ser verificados tanto no grafo de *hashtags* quanto no de *usernames*, o que corrobora nossa proposta de interpretação dos dados, que considera um espelhamento das informações: as perspectivas (*clusters* ou agrupamentos) se correspondem nos dois grafos analisados (**Figuras 60 e 62**). Sendo assim, consideramos que as *hashtags* da perspectiva verde, por exemplo, se conectam com os *usernames* da perspectiva verde, o que nos dá poderosas pistas que nos permitem inferir toda a dinâmica enunciativa de nosso *dataset*, observando quem são os usuários do Facebook que mais usaram uma determinada *hashtag* em suas postagens. Ou seja, por meio desse espelhamento conseguimos dimensionar **quem disse** e **o que foi dito**, relacionando uma informação com a outra.

Figura 63 – Grafo de *hashtags* X Grafo de *usernames*



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

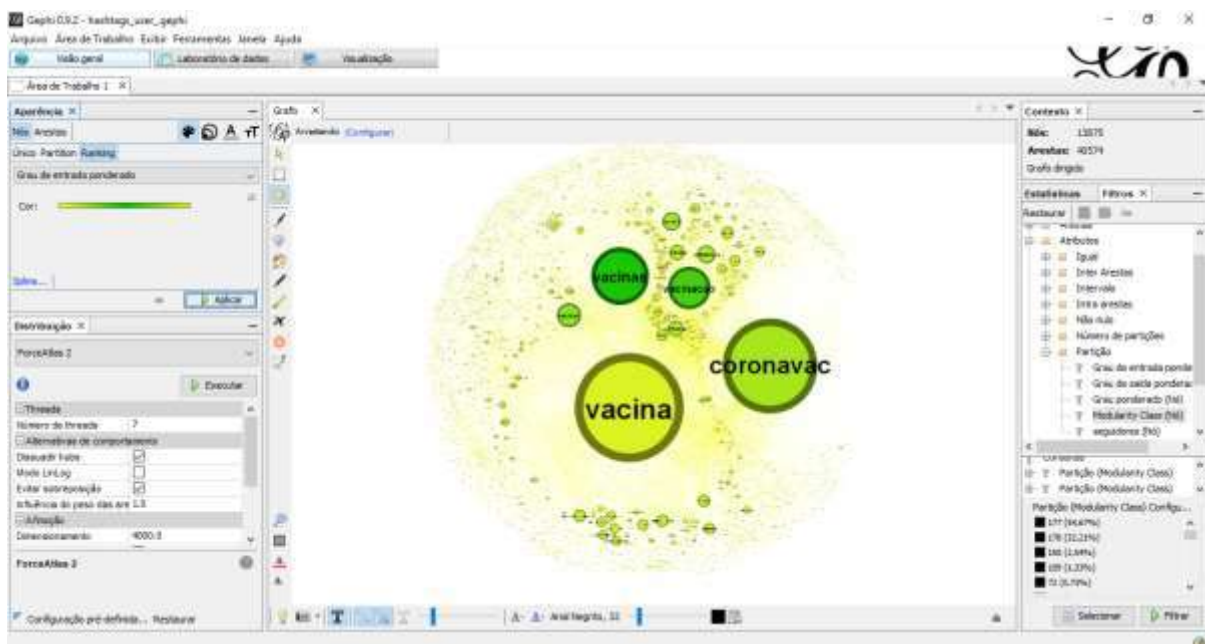
Dessa forma, o embate de sentidos ganha um contorno importante em nossa pesquisa. De um lado, temos as *hashtags*, que funcionam como léxicos importantes para rotular as publicações, direcionando os discursos nativos digitais do Facebook. Do outro lado, temos os *usernames*, os emissores do Facebook, que postavam publicações a respeito da vacina Coronavac. A análise dessa intrincada relação vai permitir associar a mensagem ao emissor. No contexto da crise sanitária da Covid-19, muitos tentavam pautar assuntos na esfera pública

mediatizada, ou dominar o discurso sobre determinado tema. A crise reproduz padrões já conhecidos pela humanidade, especialmente no impacto do distanciamento social forçado nas relações sociais (MALINI *et al.*, 2020).

5.4 ANÁLISE DAS PERSPECTIVAS (*CLUSTERS*)

Após a elaboração do grafo com todas as *hashtags* reunidas (**Figura 60**), decidimos desmembrar esse grafo geral de *hashtags* em outros dois grafos, filtrados pelo Gephi, o que permitiu ver os contornos de cada agrupamento principal (amarelo e verde) com uma maior propriedade. Para obter esses resultados, realizamos o seguinte procedimento no Gephi, para melhorar a visualização dos dois principais *clusters* (amarelo, verde): filtramos cada uma das duas perspectivas, aplicamos o comando Force Atlas 2, com dimensionamento 2.000 e gravidade forte. Depois, aplicamos modularidade para ver as subcomunidades dentro de cada agrupamento. A filtragem pode ser vista abaixo, no canto inferior do lado direito:

Figura 64 – Filtragem das perspectivas no Gephi



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Perspectivas são pontos de vista, princípios, ideias, agregados de visões de mundo (MALINI, 2016), que organizam, diferenciam, individualizam e conectam os seres. Elas se formam em um fluxo contínuo de associações e dissociações, estando sempre em movimento,

transformação e constante composição. Portanto, não são fixas, estão sempre renovando e atualizando suas associações.

As diversas formas de interações em redes sociais (como compartilhamentos, postagens, conversas ou menções) constituem perspectivas (MALINI, 2016). Essas interações se entrelaçam e agem umas sobre as outras para formar a globalidade das redes. Termos como nós e arestas são utilizados para descrever as formas como as redes operam como agências, representando não apenas atributos matemáticos, mas relações sociais que refletem como o social se reorganiza (MALINI, 2016). No entanto, a capacidade de se agregar em rede depende fundamentalmente de uma perspectiva agenciadora. A formação de redes de perfis em mídias sociais depende da ação, mas esta, por sua vez, depende de uma perspectiva inicial (MALINI, 2016).

Nesse estudo, mapeamos as perspectivas em redes, ou seja, os conceitos que motivam os perfis (humanos ou não) a interagir e se agrupar. Compartilhamentos e trocas informacionais nas redes sociais são registros digitais das perspectivas (MALINI, 2016), cujo impacto em um determinado evento social depende da densidade das relações estabelecidas entre os perfis. Observar os rastros dos atores nos dará subsídios para analisar as perspectivas.

5.4.1 Perspectiva amarela (emocional)

O principal agrupamento (*cluster*) de *hashtags* de nosso *corpus* é o amarelo, que tem uma **predominância de 54,67%** no grafo elaborado via Gephi, ou seja, esse agrupamento conseguiu reunir mais da metade das *hashtags* coletadas, tendo um peso muito grande em nossa análise. Além de ter um peso numericamente expressivo, o *cluster* também consolida-se visualmente com uma distribuição espacial expressiva, com arestas distribuídas por toda a extensão do grafo geral de *hashtags* (**Figura 60**) praticamente, o que demonstra a importância do agrupamento para o *dataset*.

isolamento vertical para proteger os grupos que risco para que as atividades produtivas presenciais pudessem voltar no país²²⁶, por exemplo, o que ia de encontro ao que a Organização Mundial da Saúde recomendava para frear a disseminação do vírus, que seria o distanciamento social mais restritivo (*lockdown*) para combater a Covid-19²²⁷. *Hashtags* abertamente mais críticas como “forabolsonaro”, “bolsonarogenocida”, “bolsonaroamericano”, “bolsonarofalsopatriota”, “bolsonaroentreguista” e “stopbolsonaro” estão presentes no *cluster*:

Figura 66 – Postagem com *hashtag* #forabolsonaro



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A *hashtag* #forabolsonaro teve 392 registros em nosso *corpus*, com publicações de opositores da direita e da esquerda, entre eles, eleitores do ex-juiz federal Sergio Moro, que foi

²²⁶ Cf. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/03/25/quais-os-riscos-de-adotar-o-isolamento-vertical-proposto-por-bolsonaro.htm>. Acesso em: 28 de março de 2023.

²²⁷ Cf. <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/30/oms-reforca-que-medidas-de-isolamento-social-sao-a-melhor-alternativa-contr-o-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 28 de março de 2023.

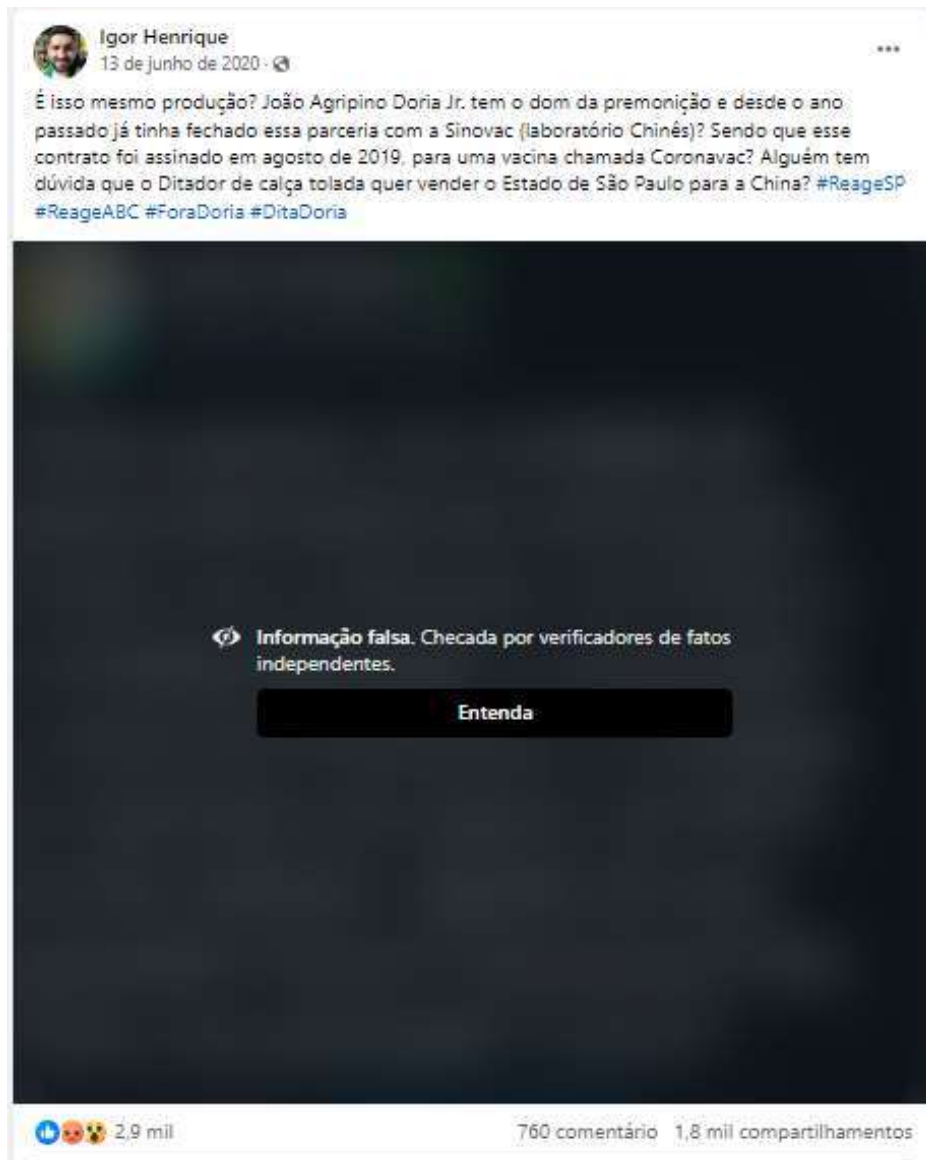
ministro do governo Bolsonaro. Realizada em 11 de novembro de 2020²²⁸ no grupo Sergio MORO 2022 (com 8,2 mil membros), a publicação de Fabio Dovalle critica o posicionamento de Bolsonaro em sua disputa com Doria por causa da Coronavac, afirmando que a rixa seria “mais importante do que o bem estar dos brasileiros”. Obteve apenas um *like*. Foi publicada no contexto da suspensão dos testes da Coronavac, por conta da morte de um voluntário que participava dos testes.

O *post* traz um vídeo do YouTube, que ainda está disponível, no qual há críticas ao posicionamento de Bolsonaro, inclusive para prejudicar João Doria durante o desenvolvimento da Coronavac. A imagem que aparece na publicação é uma foto de Doria sorrindo ao lado de Bolsonaro, os dois descontraídos fazendo o símbolo do “V” de vitória com os dedos. O conteúdo é uma evidência de que a onda de críticas ao ex-presidente Bolsonaro não foi conduzida apenas por eleitores da esquerda. Havia realmente eleitores de direita, apoiadores de Sergio Moro, que não concordavam com toda a movimentação política de Bolsonaro para atrapalhar a Coronavac.

Também há *hashtags* de apoio ao presidente Jair Bolsonaro, majoritariamente demonstrando confiança nas decisões do governo federal na gestão da crise sanitária, como “somostodosbolsonaro”, “somosedireita”, “semprebolsonaro”, “brasilcombolsonaro” e “brasilacimadetudo”. Outras traziam críticas ao então governador de São Paulo, João Doria, como “foradoria”, “ditadoria” e “doriatemquecair”, pelo político ter adotado um posicionamento de oposição ao direcionamento do presidente Jair Bolsonaro.

²²⁸ Cf. <https://www.facebook.com/groups/2616047265285101/permalink/2767833120106514>. Acesso em: 25 de junho de 2024

Figura 67 – Postagem com hashtag #foradoria



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A hashtag #foradoria teve 327 registros em nosso *corpus*, com publicações de opositores da própria direita, eleitores do ex-presidente. É o caso da publicação, feita em 13 de junho de 2020²²⁹ pelo advogado conservador e ativista político Igor Henrique, que obteve um engajamento total de 5.761 interações (soma de curtidas, reações, compartilhamentos e comentários). A página de Igor Henrique possui 46 mil seguidores. Apoiador de Bolsonaro, o internauta dispara uma crítica a João Doria, por meio do questionamento: “Alguém tem dúvida que o Ditador de calça tolada quer vender o Estado de São Paulo para a China?”. O internauta cita uma informação falsa para atacar João Doria, afirmando que o contrato da parceria do Instituto Butantan com a Sinovac, para o

²²⁹ Cf. <https://www.facebook.com/100047233262128/posts/585189535465864/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

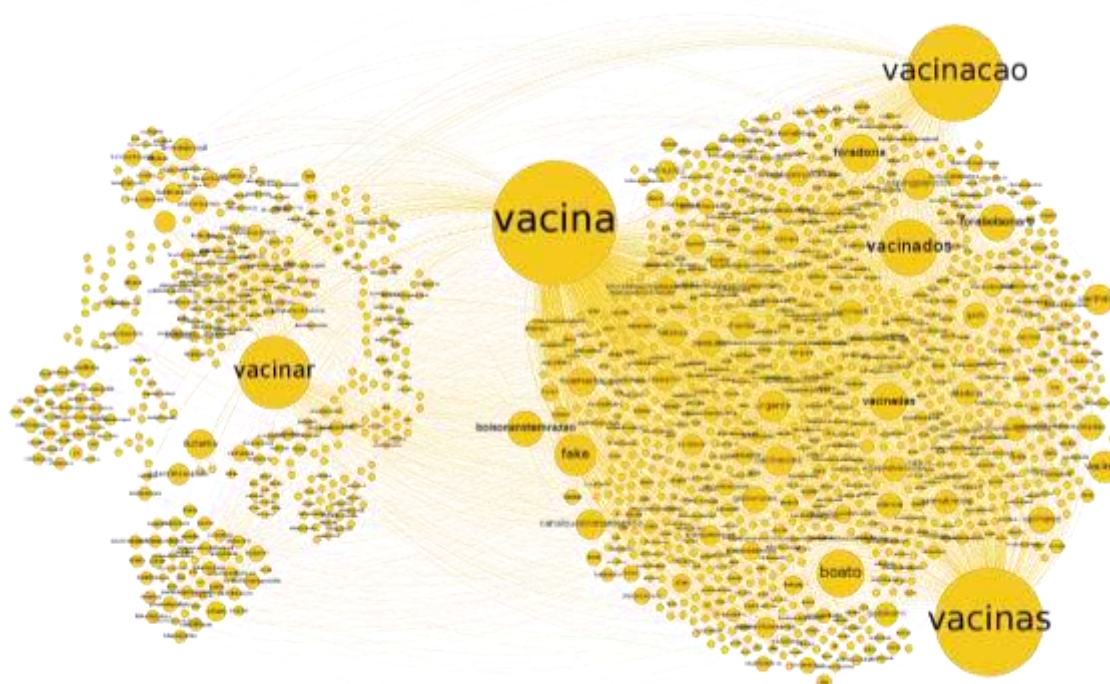
desenvolvimento da Coronavac, foi celebrado em 2019, antes mesmo da pandemia começar. Porém a informação é falsa, conforme foi noticiado pela coalização Comprova e Estadão Verifica, empresas de checagem de informações²³⁰. A imagem postada junto com o texto foi removida pelo Facebook, após ter sido denunciada pelos demais internautas como sendo informação falsa. A mensagem de Igor Henrique traz as *hashtags* #foradoria, #ditadoria, #reagesp e #reageABC.

Muitas *hashtags* associavam a Covid-19 à China e ao comunismo, como “vachina”, “vacinachinesa”, “brasilquertraballar”, “comunismomã”, “comunismomata”, “conservadorismo”, “viruschines”, “vacinao” e “vacinachinesanao”, mostrando que havia, por parte dos enunciadores de direita, um sentimento de xenofobia em relação à China. De certa forma, muitos enunciadores queriam a retomada presencial das atividades produtivas por entenderem que não havia uma gravidade naquele momento, ou mesmo por associarem a pandemia à China, um país asiático com um governo socialista, entendendo que haveria um suposto interesse da China em disseminar uma doença no ocidente (**Figura 12**). Outros enunciadores consideravam que a pandemia era algo planejado pela China para prejudicar o Ocidente (**Figura 36**). Ao comparar os dados da perspectiva amarela de *hashtags* com os da perspectiva amarela de *usernames*, poderemos aprofundar nosso entendimento dessa construção de sentidos.

Há um principal agrupamento, na centralidade do grafo geral amarelo (emocional), com **89% da predominância**. Para entender melhor o que estava em disputa dentro desse agrupamento principal da rede amarela (emocional), fizemos um grafo dele isolado, após filtragem:

²³⁰ Cf. <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/parceria-para-vacina-contr-a-covid-19-nao-foi-firmada-por-doria-no-ano-passado/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

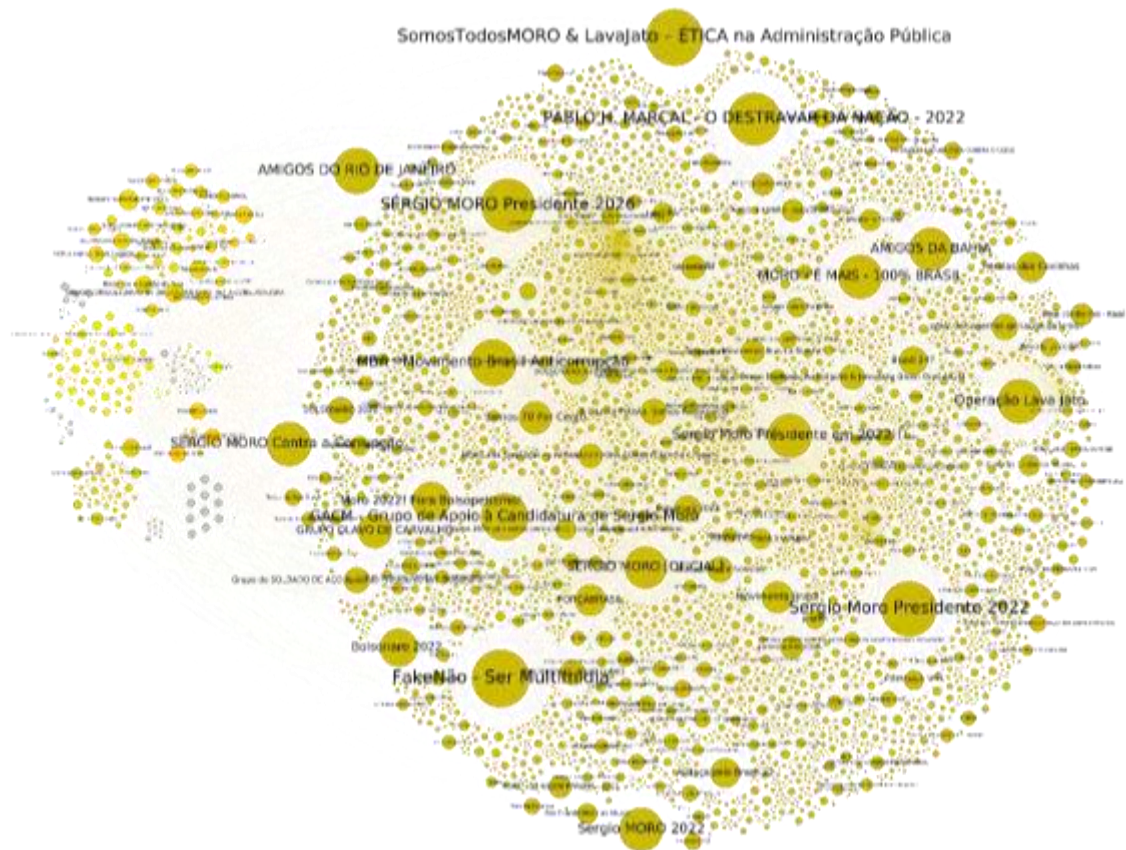
Figura 68 - Subgrafo com as *hashtags* da perspectiva amarela



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

A leitura desse principal agrupamento da rede amarela (emocional), com **89% de predominância**, permite identificar *hashtags* importantes em um mesmo local, como “foradoria” e “forabolsonaro”, com uma proximidade espacial. Podemos perceber a tensão de sentidos dentro do agrupamento, com os principais nós “vacina” “vacinas” “vacinação” e “vacinar” sendo disputados principalmente por enunciadores da área da direita, que se dividiram entre o apoio a Bolsonaro e o apoio a João Doria. Veículos de comunicação, empresas de checagem de notícias e agentes políticos e eleitores da esquerda também estão no agrupamento, mas com menos relevância do que os enunciadores da direita ultraconservadora.

Figura 69 — Grafo com os *usernames* da perspectiva amarela



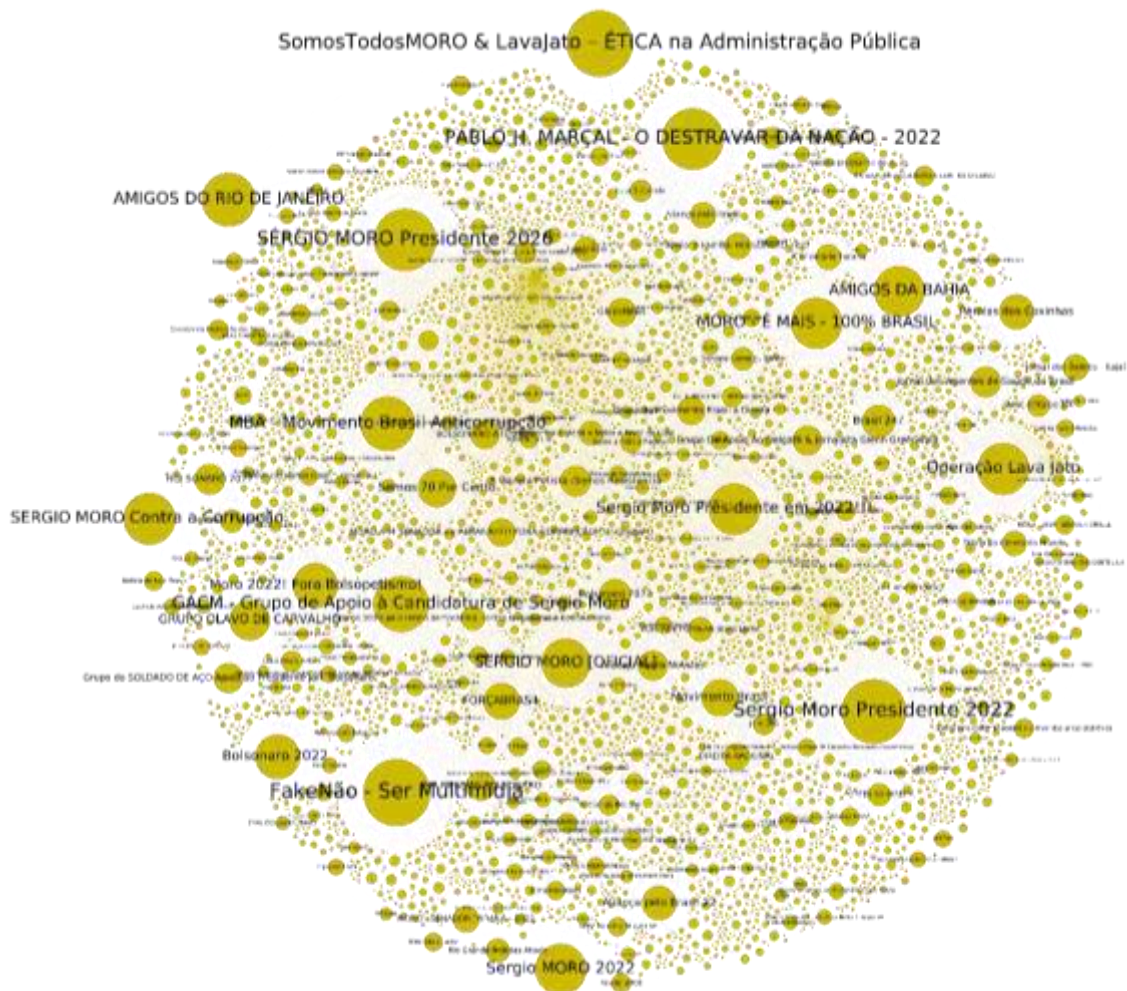
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

A perspectiva amarela de *usernames* (**Figura 69**) exhibe majoritariamente um grupo de enunciadores ligados a movimentos políticos. Grande parte dos enunciadores é composta por um público ultraconservador, principalmente por apoiadores do atual senador da República e ex-ministro da Justiça Sergio Moro, que integrou o governo Jair Bolsonaro de 2019 a 2020, que trazem um discurso anticorrupção e lavajatista em seus repertórios discursivos. Os nós que trazem *usernames* ligados a Sergio Moro e à Operação Lava Jato possuem a maior representatividade do grafo. Entendemos que vários grupos políticos tinham interesse em pautar essas temáticas ligadas ao novo coronavírus nos ambientes digitais, como é o caso do Facebook. E, como vimos anteriormente, havia uma concentração de *hashtags* mais emocionais nesta perspectiva, com uma maior disputa semântica nos ambientes digitais, promovida por usuários ligados a grupos políticos.

Dentro da perspectiva amarela de *usernames*, temos alguns subgrupos, com um subgrupo maior e mais robusto, que se destaca com **predominância de 90,56%**, cuja centralidade no grafo é proporcional a sua importância e à disputa entre os atores presentes.

Ele tem muitos atores em disputa enunciativa. Assim como fizemos na perspectiva amarela de *hashtags*, isolamos essa principal rede de *usernames*, por meio de filtragem de modularidade no Gephi, gerando um subgrafo:

Figura 70 - Subgrafo com os *usernames* da perspectiva amarela



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Nos nós, podemos observar os rótulos, com os nomes dos *usernames* que estavam estabelecendo relações de sentido no ambiente digital. O cruzamento das informações dos léxicos presentes nas *hashtags* com as informações dos *usernames* confirma a interpretação de que havia, de um lado, discursos com uma alta voltagem afetiva de um lado e enunciadores predominantemente ligados a grupos políticos, de outro. Uma elite simbólica (VAN DIJK, 2019) do campo político buscava controlar a produção enunciativa no Facebook, no contexto da pandemia da Covid-19, como observamos ao confrontar as *hashtags* e os *usernames* da mesma perspectiva.

Tabela 04 - Perspectiva amarela: *hashtags versus usernames*

<i>Hashtags</i> de referência	<i>Usernames</i> de referência
<p>“vacina”, “vacinação”, “vacinas”, “vacinar”, “vacinados”, “semfundopartidario”, “doria”, “vacinachinesa”, “forabolsonaro”, “foradoria”, “fake”, “fakenews”, “boato”, “vacinarse”, “fechadocombolsonaro”, “direitaconservadora”, “ministeriodasaude”, “pesquisa”, “gado”, “gadoburro”, “vachina”, “cristofobia”, “forodesaopaulo”, “frentedesalvaçãonacional”, “bolsonarosoenganaotario”, “negligencia”, “maisumavezbolsonarotemrazaõ”, “biden”, “butantansinovac”, “vacinao”, “donaldtrump”, “direitodocidadão”, “voltapt”, “impeachmentbolsonaro”, “coronasecombatecomosus”, “sociedade”, “euavisei”, “obrigaçãodoestado”, “bolsonarogenocida”, “bolsonaroamericano”, “bolsonarofalsopatriota”, “bolsonaroentreguista”, “butanta”, “gripezinha”, “weintraubfica”, “vacinachinesanao”, “usemascara”, “usemascaraeviseira”, “urgente”, “tragédia”, “todopoderemanadopovo”, “stopbolsonaro”, “stfvergonhamundial”, “somentodosbolsonaro”, “somosdedireita”, “semprebolsonaro”, “semente”, “secreta”, “refém”, “ptnuncamais”, “ciência”, “comunismonão”, “jornalismo”, “comunismomata”, “conservadorismo”, “contra”, “coragem”, “corrupção”, “covardia”, “desrespeito”, “deusnocontrolesempre”, “dignidade”, “distanciamentosocial”, “ditadoria”, “doriatemquecair”, “epidemia”, “esperança”, “exaltado”, “peitar”, “pazuellouhumilhado”, “quarentena”, “redes”, “viruschines”, “brasilquertrabalhar”, “brasilcombolsonaro”, “brasilacimadetudo”, “deusnocomando”, “spcobaiadachina”, “naosoucobaia” e “brasileirosnaocobaia”.</p>	<p>“Fake Não - Ser Multimídia”, “Operação Lava Jato”, “Somos Todos Moro & Lava Jato - Ética na administração pública”, “MBA - Movimento Brasil Anticorrupção”, “Sergio Moro [Oficial]”, “Pablo H. Marçal - O destruir da Nação 2022”, “GACM - Grupo de Apoio à candidatura de Sergio Moro”, “Sergio Moro Presidente em 2022”, “Grupo Olavo de Carvalho”, “Somos 70 por cento”, “Força Brasil”, “Bolsonaro até 2026”, “Jair Messias Bolsonaro”, “Bolsonaro 2022”, “Apoio a Família Bolsonaro 2022”, “Apoio a Polícia Federal”, “Brasil Pátria Amada, somos todos Brasil”, “Movimento Brasil”, “Grupo do Soldado de aço apoio ao presidente Jair Bolsonaro”, “Amigos da Bahia”, “Amigos do Rio de Janeiro”, “Sergio Moro contra a corrupção”, “Moro senador Paraná”, “Aliança pelo Brasil 22”, “Pérolas dos coxinhas”, “Vamos pra rua”, “Moro - 2026 - Brasil com ele”, “Moro é mais 100% Brasil”, “Moro 2022! Fora Bolsopetismo!”.</p>

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Ao comparar as informações obtidas em nosso *corpus*, fica ainda mais evidente que o *cluster amarelo* reunia postagens com um teor mais emotivo, politizando o debate acerca da pandemia em alguns momentos, e alimentando um sentimento antichina, em outros. Com predominância de 54,67% em nosso grafo geral de perspectivas, é o maior *cluster*, e o mais representativo. Há um predomínio de *usernames* ligados a atores políticos do campo da direita ultraconservadora. Como é possível ver no *cluster*, havia um predomínio de *usernames* de enunciadores ligados ao ex-juiz federal Sergio Moro. O rompimento entre Jair Bolsonaro e Sergio Moro, com uma consequente dissidência no campo da direita ultraconservadora, provavelmente influenciou os enunciadores no Facebook a se manifestar politicamente no ambiente digital, com uma tendência a inflar uma polarização no campo da direita ultraconservadora. Também há outros atores da direita ultraconservadora ligados a *usernames* identificados em nosso *corpus*, como é o caso do escritor Olavo de Carvalho, que, assim como Bolsonaro, minimizou discursivamente os perigos da Covid-19 chamando-a de “historinha de terror para acovardar a população e fazê-la aceitar a escravidão como um presente de Papai Noel” no Twitter, em maio de 2020²³¹. O escritor morreu em janeiro de 2022, supostamente em decorrência da Covid-19, como foi informado pela filha dele, apesar da nota oficial da família omitir a causa da morte²³². Também há *usernames* ligados a Pablo Marçal, empresário e coach que promove treinamentos de liderança nas redes sociais, ligado fortemente ao campo da direita ultraconservadora. O ex-presidente Jair Bolsonaro também está representado nos *usernames* identificados em nosso *corpus*, porém com nós não tão expressivos no grafo, como os de Sergio Moro e de Pablo Marçal. Apesar dos nós dos *usernames* ligados a Bolsonaro não serem expressivos em questão de tamanho, eles fazem volume pela quantidade. Há vários *usernames* de apoio a Bolsonaro e a seus filhos (que também são políticos), como podemos constatar na tabela acima. Todas essas informações nos apontam que o racha que havia no campo da direita ultraconservadora em 2020, durante o primeiro ano da pandemia de Covid-19, e poucos meses antes das eleições municipais de 2020, está fortemente presente nos discursos que circularam no Facebook.

As *hashtags* presentes no *cluster amarelo* endossam a percepção de que havia um embate acontecendo no campo da direita ultraconservadora entre Doria e Bolsonaro: “doria”, “forabolsonaro”, “foradoria”, “fechadocombolsonaro”, “ditadoria”, “doriatemquecair”,

²³¹ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-60124170>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²³² Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/01/olavo-de-carvalho-morreu-de-covid-diz-filha-do-guru-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

“direitaconservadora”, “bolsonarosoenganaotario”, “maisumavezbolsonarotemração”, “bolsonarogenocida”, “bolsonaroamericano”, “stopbolsonaro”, “bolsonarofalsopatriota”, “bolsonaroentreguista”, “impeachmentbolsonaro”, “brasilcombolsonaro”, “somostodosbolsonaro” e “semprebolsonaro” são algumas das *hashtags* presentes no *cluster amarelo*. Reunimos mais algumas postagens que evidenciam os usos das *hashtags* “#forabolsonaro” e “#foradoria”, e os sentidos movimentados a partir delas:

Figura 71 – Postagem com *hashtag* #forabolsonaro



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Em 22 de outubro de 2020²³³, a página Esquerda Online (199 mil seguidores) fez uma postagem para criticar o posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, que estaria supostamente atrapalhando o desenvolvimento da Coronavac, por meio das ações da Anvisa,

²³³ Cf. <https://www.facebook.com/100068879964106/posts/1793633954137752/> Acesso em: 25 de junho de 2024.

como foi noticiado pela coluna Mônica Bergamo, da Folha de São Paulo²³⁴. A publicação, que obteve 338 reações/curtidas, 76 comentários e 278 compartilhamentos, trouxe as *hashtags* #forabolsonaro e #bolsonarogenocida, e uma imagem da coluna da jornalista. O texto exibe um discurso contrário à atuação do ex-presidente, considerando que o vírus era o verdadeiro inimigo da população, e não a vacina.

Ao conferir o *corpus*, identificamos que a *hashtag* #forabolsonaro foi usada por atores políticos e eleitores tanto da direita, quanto da esquerda, como podemos observar abaixo:

Figura 72 – Postagem com *hashtag* #forabolsonaro



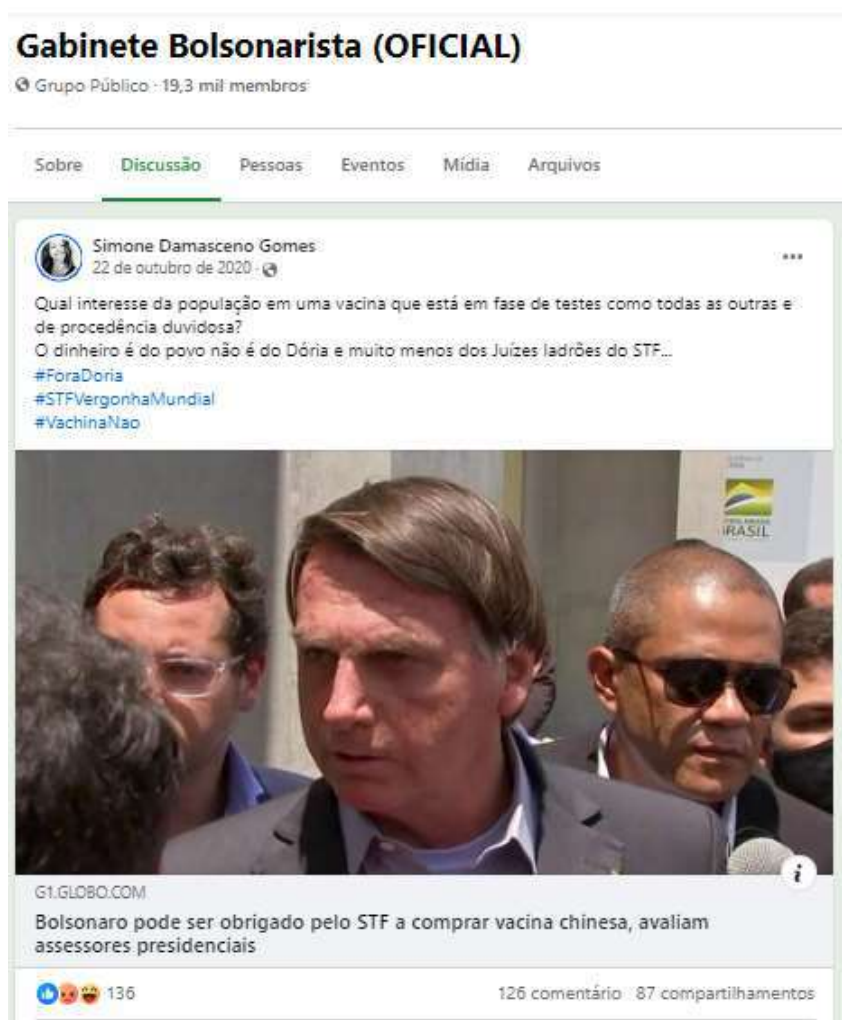
Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

²³⁴ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/10/butantan-diz-que-anvisa-retarda-importacao-de-materia-prima-e-impede-fabricacao-da-vacina-chinesa-no-brasil.shtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Em 11 de novembro de 2020²³⁵, a internauta Rosy Filosofando postou no grupo Anti PT, contra a censura e pela democracia (mais de 29,8 mil membros) criticando o posicionamento do ex-presidente Bolsonaro no contexto da morte do voluntário dos testes da vacina Coronavac. Obteve 14 reações/*likes*, 12 comentários e dois compartilhamentos. A mensagem trazia as *hashtags* #forabolsonaro e #foragenocida, e um discurso em que o vírus era o verdadeiro problema, e não a vacina, ao contrário do que Bolsonaro dizia, que a Covid-19 era uma “gripezinha”²³⁶. Trazia o link de uma reportagem da DW Brasil.

Já a *hashtag* #foradoria foi mais usada por enunciadores do campo da direita ultraconservadora, como podemos observar abaixo:

Figura 73 – Postagem com *hashtag* #foradoria



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

²³⁵ Cf. <https://www.facebook.com/groups/2316772025282336/permalink/2520540708238799>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²³⁶ Cf. <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-1-24319177>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Publicada em 22 de outubro de 2020²³⁷, a mensagem da internauta Simone D. Gomes foi realizada no grupo Gabinete Bolsonaro (oficial), que possui mais de 19,3 mil membros. Obteve 136 *likes*/reações, 126 comentários e 87 compartilhamentos. Trazia um link de uma reportagem do G1, que afirmava que o ex-presidente poderia ser obrigado a comprar a Coronavac, que estava sendo desenvolvida pelo Instituto Butantan. “Qual interesse da população em uma vacina que está em fase de testes como todas as outras e de procedência duvidosa?”, questionou a internauta, evidenciando um discurso afinado com o de Jair Bolsonaro, que colocava em descrédito a Coronavac, chamando-a de “vacina chinesa”. Além de #foradoria, traz as *hashtags* #STFVergonhaMundial e #VachinaNao.

²³⁷ Cf. <https://www.facebook.com/groups/1168437990177067/permalink/1280073025680229>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 74 – Postagem com hashtag #foradoria



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Em 28 de outubro de 2020²³⁸, a internauta Alessandra Leutenegger fez uma publicação no grupo Bolsonaro Presidente 2022, que possui mais de 102,9 mil membros. Obteve 21 reações/curtidas, 6 comentários e 8 compartilhamentos. A mensagem trazia vídeo e várias imagens para criticar o trabalho do ex-governador João Dória, durante a crise sanitária. A internauta estabelece uma crítica à condução da crise sanitária em São Paulo, com um tom conspiratório de que João Dória estaria aliado a partidos de esquerda para derrubar o ex-presidente Jair Bolsonaro. Também coloca em descrédito a eficácia da Coronavac, chamando-

²³⁸ Cf. <https://www.facebook.com/groups/563997587142697/permalink/1482314881977625>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

a de “vacina chinesa”, da mesma forma que Jair Bolsonaro fazia, dizendo que Doria queria usar as pessoas “como cobaias de uma vacina chinesa que não é cientificamente comprovada a sua eficácia nem mesmo pelos chineses”, um discurso que se inscreve no campo semântico do negacionismo vacinal, como vimos anteriormente. A construção textual da internauta tem muitos elementos argumentativos: críticas ao fechamento do comércio e de empresas, denúncia de superfaturamento na compra de materiais e equipamentos para o tratamento de pacientes com Covid-19 (que não possui informações para comprovar), desconfiança em relação à vacina e alerta de uma suposta conspiração para tirar Bolsonaro do poder. Usa as *hashtags* #ForaDoria #esquerdalixo, #PTNUNCAMAIS, #SomosDeDireita, #comunismonunca, #contrapartidosdeesquerda, #bolsonaro2022presidente #BolsonaroTemRazao, e #SomosTodosBolsonaro.

Ao analisar essa postagem específica, percebemos que ela possui uma característica, que é a repetição: está presente mais de uma vez em nosso *corpus*. Ou seja, a mesma internauta postou o mesmo texto em mais de um grupo, o que é relativamente comum quando se quer pautar uma discussão no ambiente digital. Este *post* específico de Alessandra Leutenegger (Figura 74) aparece 28 vezes no *corpus*, publicado em vários grupos com membros da direita ultraconservadora, e apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro:

Figura 75 – Planilha fornecida pelo CrowdTangle com postagens no Facebook

ID	Text	Date	Other
10199	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10200	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10201	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10202	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10203	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10204	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10205	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10206	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10207	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10208	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10209	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10210	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10211	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10212	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10213	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10214	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10215	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10216	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10217	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10218	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10219	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10220	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10221	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10222	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10223	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10224	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10225	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10226	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10227	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post
10228	O meu caráter de governador de São Paulo... além de superfaturar na compra de materiais para o combate da Covid-19... NÃO consente profeta a abertura de comércio e serviços, agora que	1/9/2022 15:04	Postado from Alessandra Leutenegger's post

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

A coluna em destaque mostra o texto da mensagem, que era igual em várias ocorrências. Na coluna “A”, observamos o nome dos grupos que registraram a publicação. Não era apenas a internauta acima que adotava esse tipo de comportamento digital, outros usuários faziam o mesmo, em outros grupos, como por exemplo nos grupos de apoio ao ex-juiz federal e ex-ministro Sergio Moro. Um exemplo é a publicação abaixo, realizada no Facebook:

Figura 76 – Publicação realizada nos grupos de apoio ao ex-ministro Sergio Moro



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Realizada em 31 de outubro de 2020²³⁹, a mensagem do internauta Fabio Dovalle foi publicada no grupo Sergio MORO 2022, que possui 8,2 mil membros. Obteve apenas quatro curtidas. Traz um link de um vídeo do YouTube, que ainda está disponível na plataforma. No texto, ele mostra como o ex-vice-presidente Hamilton Mourão estaria supostamente se

²³⁹ Cf. <https://www.facebook.com/groups/2616047265285101/permalink/2757378207818672>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 78 – Publicação realizada nos grupos mais progressistas e de esquerda



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 21 de outubro de 2020²⁴⁰, a mensagem do internauta Francisco Martins foi realizada no grupo Lula, que tem mais de 23,1 mil membros. Obteve 20 curtidas/reações, 16 comentários e 6 compartilhamentos. O internauta refere-se ao ex-presidente como sendo “Bolsonaro, o genocida”, associando o político a uma pessoa que comanda genocídios, por supostamente ter tentado impedir a compra de vacinas. Na ocasião, Jair Bolsonaro havia dito, em entrevista aos jornalistas, que tinha “mandado cancelar” um protocolo de intenções para a compra da Coronavac²⁴¹, desautorizando publicamente o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello, que havia dito, no dia 20 de outubro de 2020, que iria comprar 46 milhões de doses

²⁴⁰ Cf <https://www.facebook.com/groups/384015085118133/permalink/1552629518256678>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁴¹ Cf: <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/10/21/ja-mandei-cancelar-diz-bolsonaro-sobre-protocolo-de-intencoes-de-vacina-do-instituto-butantan-em-parceria-com-farmaceutica-chinesa.ghml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

de também formar uma rede de apoio em meio ao cenário de caos. A percepção de que havia um predomínio de grupos da direita ultraconservadora é comprovada ao se analisar o grafo de *usernames*, que trazia os principais atores identificados das temáticas das *hashtags* da perspectiva amarela.

Entendemos que um dos efeitos de uma audiência fomentando uma discussão mais acalorada de temáticas mais conspiratórias pode fazer subir o tom do debate, levando a uma ação mais contundente. É o que aconteceu dentro da bolha dos apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que acabou participando de um ato na Avenida Paulista, em São Paulo, no dia 1º de novembro de 2020, criando uma aglomeração em meio a uma pandemia, com muitas pessoas sem usar máscara de proteção²⁴³. A convocação para o ato aconteceu principalmente por meio das mídias digitais:

²⁴³ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/11/01/grupo-pro-bolsonaro-realiza-ato-na-avenida-paulista-contradoria-e-contratoriedade-da-vacina-de-covid-19-em-sp.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 80 – Postagem com *hashtag* #foradoria



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Publicada em 31 de outubro de 2020²⁴⁴, a postagem realizada pela página Opressores de Direita obteve quatro *likes*. Trazia as *hashtags* #DoriaVaiCair e #ForaDoria. O texto buscava convocar pessoas para ir a uma mobilização presencial durante a pandemia, quando não havia vacina, sendo que a principal medida de segurança, naquele momento, era a máscara de proteção. O discurso mobilizado pela postagem se assemelha ao que era proferido pelo ex-

²⁴⁴ Cf. <https://web.facebook.com/100063915632394/posts/985215391986934/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

presidente Bolsonaro, aludindo ao perigo chinês, com uma sinofobia bem marcante. Há uma imagem de Doria com um risco vermelho por cima, no sentido de bani-lo, e a mensagem é clara: “tire o emprego do Doria antes que ele tire o seu”. Isso porque João Doria adotou medidas para frear a disseminação do vírus, com restrição de circulação de pessoas e fechamento de algumas atividades produtivas presenciais²⁴⁵, além de anunciar a vacinação obrigatória com a Coronavac²⁴⁶, o que desagradou a muitos paulistas. Identificamos que a mesma publicação da página Opressores de Direita foi repetida oito vezes em nosso *corpus*:

Figura 81 – Planilha fornecida pelo CrowdTangle com postagens no Facebook

ID	Data	Horário	Conteúdo
12894	06/16	JUL 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12895	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12896	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12897	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12898	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12899	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12900	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12901	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12902	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12903	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12904	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12905	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12906	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12907	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12908	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12909	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12910	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12911	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12912	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12913	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12914	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12915	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12916	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12917	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12918	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12919	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...
12920	06/16	MEI 11:49	Amarnã chegou 120 mil doses prontas da China. Até o final de novembro, chega também a matéria-prima para a produção...

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Com tantos enunciadores do campo da direita ultraconservadora no *cluster amarelo*, temos várias *hashtags* em sintonia com essa tendência de pensamento mais alinhado à direita, com lemas como “conservadorismo”, “brasilacimadetudo”, “somosdedireita”, “todopoderemanadopovo”, “stfvergonhamundial” e “direitodocidadão”. Havia uma preocupação com a checagem de notícias, com a presença do *username* “Fake Não - Ser Multimídia”, que possui um nó de tamanho expressivo em nosso grafo do *cluster amarelo*. A presença das *hashtags* “fake”, “fakenews” e “boato” corrobora essa percepção.

²⁴⁵ Cf. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/04/17/doria-prorroga-quarentena-no-estado-de-sp-ate-10-de-maio-devido-a-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁴⁶ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/10/16/doria-diz-que-vacina-contra-covid-19-sera-obrigatoria-em-sp-se-for-aprovada.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

As escolhas léxicas de algumas *hashtags* também chamam a atenção pela presença de antíteses: “covardia” e “coragem”; “tragédia” e “esperança”; “desrespeito” e “dignidade”. Como vimos em Paveau (2013), a antítese é uma figura de linguagem que opera como organizador textual-cognitivo por meio de oposições fundamentais que ficam em segundo plano no processamento cognitivo dos indivíduos. Temos ideias binárias funcionando como *hashtags*, em um contexto de polarização política, inclusive dentro do mesmo campo político (eleitores de Jair Bolsonaro *versus* eleitores de João Doria). A escolha por “covardia” e “coragem” parece apontar para características de ações de agentes políticos, no contexto do enfrentamento ao novo coronavírus, que exigiu uma série de ações mais rígidas, como adoção de isolamento social obrigatório (o chamado *lockdown*). Tanto “covardia” e “coragem” são substantivos potentes para se avaliar ou julgar a ação de algum agente político. Os substantivos “tragédia” e “esperança” parecem se ligar à percepção do novo coronavírus: a doença pode ser entendida como sendo uma tragédia e a vacinação pode ser entendida como sendo uma esperança para a sociedade. Os substantivos “desrespeito” e “dignidade” parecem estar ligados aos pronunciamentos e falas públicas do ex-presidente Jair Bolsonaro, que mais de uma vez se posicionou discursivamente contra a vacina Coronavac e contra medidas de isolamento social, enquanto o número de mortos por Covid-19 aumentava no Brasil. O que corrobora essa percepção são as *hashtags* “negligência” e “gripezinha”, também presentes neste *cluster*. Havia, por parte da audiência, uma insatisfação com o manejo da crise sanitária, por parte do governo federal, como podemos constatar ao analisar esse *cluster*, assim como existiam críticas ao desenvolvimento da Coronavac, esforço vacinal do Instituto Butantan liderado pelo governo de João Doria.

Também identificamos, no *cluster* amarelo, algumas *hashtags* com apelo religioso, como “cristofobia”, “deusnocomando”. “deusnocontrolesempre”. Entendemos que a *hashtag* “deusnocomando” tem uma carga semântica muito forte dentro do campo da direita ultraconservadora, pois afasta a sensação do risco do novo coronavírus, minimizando o perigo. Para a doutrina cristã, sobretudo para a renovação católica e as igrejas protestantes, de uma forma geral, a antítese “vida” *versus* “morte” não tem um embate tão dramático quanto o senso comum acredita. Afinal, se Deus é quem decide os rumos das vidas das pessoas, como a hora de morrer, não faz sentido temer um vírus mortal: é preciso confiar e descansar no Senhor. Mesmo acometido pela Covid-19, um indivíduo só irá falecer se Deus quiser. Não são os homens que controlam seu destino, e sim o senhor Deus, por isso Ele está no controle, e Ele decide a hora da morte das pessoas. Dentro dessa lógica, não faz sentido temer a morte e o que vem depois dela, pois é o plano de Deus para a vida dos sujeitos. Assim sendo, esse pensamento

direciona os cristãos em meio a um cenário de caos, como a crise sanitária promoveu, com uma maior percepção de segurança, pois não há que se lutar contra o inevitável (a morte, que é vontade de Deus). A *hashtag* “deusnocomando”, nesse entendimento, aciona anterioridades discursivas (PAVEAU, 2013) por meio da metáfora de que Deus é o Senhor das vidas das pessoas, o Criador soberano e Guardiã dos rumos das pessoas. Em uma audiência mais conservadora, essa *hashtag* faz muito sentido, e justifica questionamentos de recusa contra medidas mais duras de enfrentamento ao novo coronavírus como o isolamento social obrigatório (*lockdown*), paralisando setores produtivos presenciais.

Consideramos que havia um predomínio emocional, afetivo e político nas postagens dos enunciadores durante os primeiros meses da crise sanitária, se manifestando a respeito do desenvolvimento da vacina Coronavac no Facebook. Perfis do Facebook, ligados a atores políticos do campo da direita ultraconservadora, tentavam direcionar a discussão a respeito do desenvolvimento de imunizantes, fabricando um discurso mais emocional, mobilizando uma grande carga de afetos de uma audiência dominada por incertezas a respeito do novo coronavírus. Não eram os únicos enunciadores na disputada de sentidos, naquele momento, mas eram os mais predominantes.

As condições eram propícias para alavancar conteúdos falsos por parte de agentes políticos ligados ao campo da direita ultraconservadora, porque havia um cenário pandêmico em todo o mundo, com mortes e adoecimento inesperado, insegurança financeira e desemprego. Uma audiência mais conservadora, movida pela desconfiança e pelo medo do desconhecido, pode acabar se deixando levar por apelos mais emocionais do que racionais para fazer o processamento cognitivo de enunciados que acionam anterioridades discursivas (PAVEAU, 2013). Entendemos que havia uma tentativa de destituir de verdade o campo da ciência, que desenvolvia imunizantes em meio à crise sanitária da Covid-19, por parte do campo da direita ultraconservadora, que apoiava o ex-presidente Jair Bolsonaro.

Portanto, consideramos que o agrupamento amarelo apresenta uma disputa de sentidos com alta voltagem emocional entre, principalmente, enunciadores do mesmo campo político: ultraconservador de direita. Temos os termos “vacinachinesa”, “vacinachinesano”, “vachina” e “viruschines” nesta perspectiva, reunidos pelos atores com a intenção de acionar os dispositivos cognitivos da audiência conectada para associar a vacina Coronavac à China, de maneira a desmerecer a pesquisa que estava sendo realizada no Instituto Butantan. Entendemos que houve uma dissidência entre esse campo em 2020, com o ex-presidente Bolsonaro e o ex-governador de São Paulo João Doria disputando os holofotes nos primeiros meses da pandemia

do novo coronavírus, reverberando por meio de uma ampla audiência do Facebook, mais conservadora.

Ainda no *cluster amarelo*, também identificamos que muitas postagens do Facebook traziam ideias de um suposto confronto entre “capitalismo” *versus* “comunismo” na gestão da crise sanitária, mais uma antítese que toca quadros pré-discursivos (PAVEAU, 2013) dos indivíduos, no processamento cognitivo das informações. A politização do vírus caminhava, por muitas vezes, na construção discursiva dessa oposição binária entre “capitalismo” *versus* “comunismo”, com o capitalismo representando o “bem” e o comunismo o “mal”. Uma dualidade que causa aderência em meio a uma audiência tão polarizada como a que observamos no Brasil nos últimos anos. O apelo religioso também estava presente, reforçando a ideia de Ocidente (cristão) estivesse sendo “perseguido” pelo Oriente (pagão). Ao longo do nosso estudo, identificamos que muitas *hashtags* com um maior apelo religioso estão nesse *cluster amarelo*, associadas principalmente aos enunciadores de direita, apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro, como “deusnocontrolesempre”, “deusnocomando” e “cristofobia”. Um exemplo pode ser observado a seguir:

Figura 82 — Publicação com o termo “crisofobia”



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Veiculada em 20 de outubro de 2020²⁴⁷, a postagem do internauta Anderson Gondim Sampaio, dentro do Edita pra mim (1,4 milhão de membros), traz a informação de “crisofobia”, um termo usado por Bolsonaro em seu discurso na ONU²⁴⁸, ao pedir ajuda aos demais chefe de estado na luta pela liberdade religiosa e contra uma suposta perseguição aos cristãos. O termo “crisofobia” cria uma falsa analogia de que o Ocidente cristão tem sido alvo de uma perseguição religiosa, como se outras religiões do Oriente pudessem acabar com a religião que é popular no Ocidente.

²⁴⁷ Cf. <https://www.facebook.com/groups/577614125933249/permalink/1547186315642687>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

²⁴⁸ Cf. <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/09/4877033-bolsonaro-faz-apelo-mundial-contra-a-crisofobia-em-discurso-na-onu.html>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

A *hashtag* “cristofobia” está atrelada a uma teoria da conspiração maior, que circulava nos ambientes digitais, e dava conta de que o plano maior da China comunista era fechar os templos religiosos cristãos do Ocidente, por meio da viralização da Covid-19. A ideia de “cristofobia” aciona uma antítese de “Ocidente” *versus* “Oriente”, ou mesmo “cristãos” *versus* “pagãos”, com um apelo a anterioridades discursivas binárias (PAVEAU, 2013), tão bem manejadas por líderes ciberpopulistas (BRUZZONE, 2021), como a ideia de “nós contra eles”, ou “o mundo todo contra nós”. Apesar de ter obtido pouca repercussão no Facebook, a postagem também dá indicativos de como operava o discurso dos apoiadores do ex-presidente Bolsonaro.

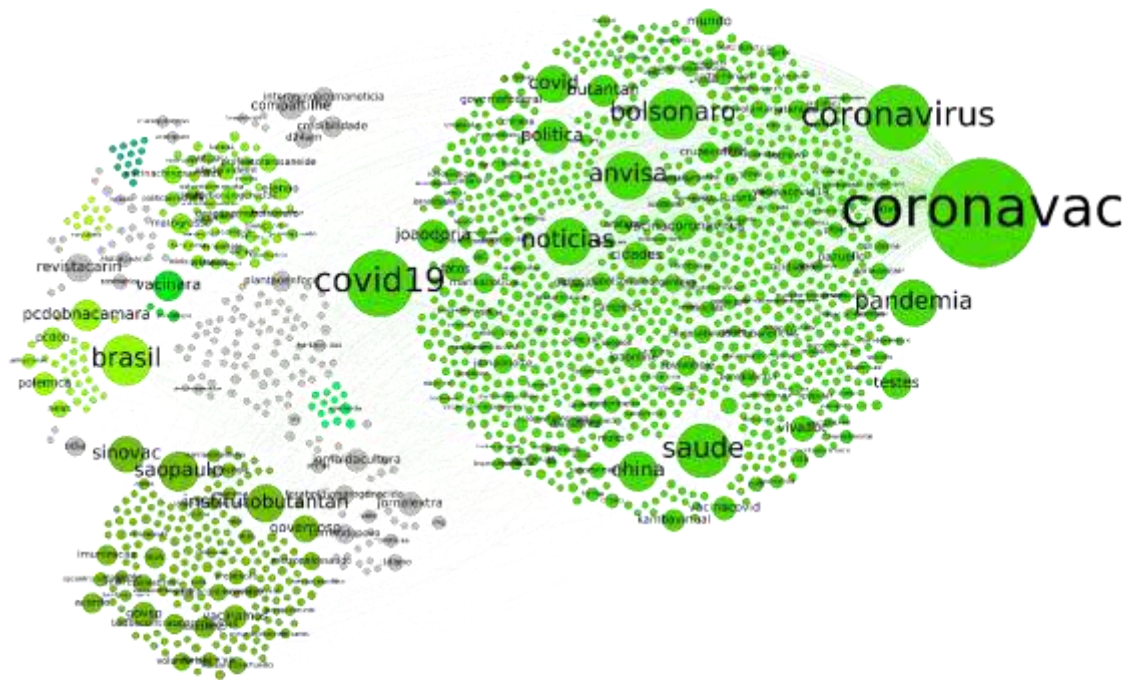
Também identificamos neste *cluster* as *hashtags* “todopoderemanadopovo” e “stfvergonhamundial”, associadas a enunciadores bolsonaristas, que criticavam as decisões do Supremo Tribunal Federal e incitavam os eleitores a não aceitarem as decisões de prefeitos e governadores, que estabeleceram medidas de gestão da crise sanitária, na ausência de diretrizes claras do governo federal, amparados por determinação do STF, que deu autonomia aos chefes do executivo²⁴⁹. Sendo assim, entendemos que havia uma grande disputa de sentidos dentro desse agrupamento, com postagens com alta voltagem emocional, com enunciadores do campo político da direita ultraconservadora comentando sobre os fatos/notícias da ocasião, que eram as medidas de enfrentamento da crise sanitária e os testes de imunizantes para combater a Covid-19. Destaque para a presença de enunciadores do campo ultraconservador, apoiadores do ex-presidente Bolsonaro e do ex-governador Doria, que racharam durante a pandemia, e passaram a travar batalhas enunciativas no Facebook.

5.4.2 Perspectiva verde (informacional)

Após a análise do principal agrupamento (*cluster*) de *hashtags* de nosso *dataset*, que é o lilás, passamos a analisar os demais agrupamentos. O segundo maior deles é o verde, com uma **predominância de 32,21%** no grafo elaborado via Gephi, ou seja, esse agrupamento conseguiu reunir um terço das *hashtags* coletadas, tendo um peso considerável em nossa análise. Além de ter um peso expressivo, o *cluster* também consolida-se visualmente gerando um embate de sentidos com o *cluster amarelo*, dentro do grafo geral de *hashtags* (**Figura 60**). Abaixo, temos um grafo filtrado, gerado com apenas as *hashtags* da perspectiva verde.

²⁴⁹ Cf. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2020-04/stf-estados-e-municipios-podem-fazer-aco-es-contra-covid-19-sem-uniao>. Acesso em: 28 de março de 2023.

Figura 83 — Grafo com as *hashtags* da perspectiva verde



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Identificamos que a perspectiva verde (**Figura 83**) reúne muitas postagens do Facebook com um maior teor informativo e/ou técnico, como indicam as *hashtags* presentes como “notícias”, “esclarecimento”, “coletivadeimprensa”, “métodocientífico”, “evento adverso”, “boletimdeocorrência”, “explicações”, “estudosclínicos”, “intoxicação”, “agência”, “recebe”, “destaques”, “resultados”, “centros”, “iniciam”, “fase2”, “desentendimento”, “mercados”, “promissoras”, “jornais”, “autorização”, “recusa” e “respostas”. Essas escolhas léxicas sinalizam uma linguagem mais jornalística, típica do noticiário, portanto entendemos que as postagens reunidas no agrupamento verde trazem um caráter mais informacional, o que nos

leva a entender que havia muitos enunciadores comentando sobre o noticiário da época, quando havia novidades sobre os testes com imunizantes sendo divulgados praticamente diariamente, além de outras atualizações sobre a pandemia do novo coronavírus. Essa percepção pode ser observada na **Figura 84**, que reúne os *usernames* do *cluster* verde.

Figura 84 — Grafo com os *usernames* da perspectiva verde



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

A perspectiva verde evidencia muitos enunciadores ligados à imprensa brasileira, como pode ser observado ao se analisar a **Tabela 05**. O agrupamento de *usernames*, de fato, se conecta a *hashtags* mais frequentemente usadas pela imprensa, como pontuamos anteriormente. Neste *cluster* também identificamos alguns enunciadores de esquerda, que

faziam oposição ao ex-presidente Jair Messias Bolsonaro no período temporal considerado para a análise. A checagem de informações também está presente, com a Agência Lupa.

Tabela 05 - Perspectiva verde: *hashtags versus usernames*

<i>Hashtags</i> de referência	<i>Usernames</i> de referência
“coronavac”, “china”, “coronavirus”, “covid19”, “saúde”, “anvisa”, “bolsonaro”, “povo”, “brasil”, “notícias”, “pandemia”, “institutobutantan”, “mandetta”, “joãodoria”, “butantan”, “sãopaulo”, “sinovac”, “testes”, “vacinacoronavirus”, “política”, “todoscontraocoronavirus”, “governo federal”, “voluntários”, “esclarecimento”, “ministro”, “doses”, “congresso”, “polarização”, “negacionista”, “ignorou”, “artigo”, “professores”, “evento adverso”, “boletim de ocorrência”, “tratamento”, “morte”, “adversos”, “falso”, “coletiva de imprensa”, “oposição”, “método científico”, “explicações”, “estudos clínicos”, “intoxicação”, “agência”, “recebe”, “destaques”, “resultados”, “estados unidos”, “centros”, “iniciam”, “fase 2”, “desentendimento”, “mercados”, “promissoras”, “jornais”, “astrazeneca”, “autorização”, “recusa”, “respostas”, “rússia”, “meio ambiente”, “supremo tribunal federal”, “registro”, “tecnologia”, “vacina corona”, “certificação”, “vacinação obrigatória”, “avida étuda de bom”, “oportunidade”, “boratrabalhar”, “cuidados”, “inscrição”, “vida”, “governos”, “impeachment”.	“Jornal de Brasília”, “Money Times”, “Metrópoles”, “UOL Notícias”, “UOL”, “SBT”, “Terra”, “Repórter Ceará”, “Bahia no Ar”, “Yahoo Notícias”, “Cruzeiro FM 92,3”, “Agentes federais do Brasil”, “Diário do Grande ABC”, “União das esquerdas”, “Congresso em Foco”, “Rede TV”, “Aratu On”, “Guerrilheiros Virtuais”, “Grupo Virus Brasil”, “Super rádio Tupi”, “Lula Presidente”, “Comunicadores comunitários”, “Mina de notícias”, “Marília Notícia”, “Portal Zap Catalão Notícias”, “Fora Bolsonaro Oficial”, “A província do Pará”, “Os federais”, “Jornal Extra”, “Jornal da Record”, “Rádio Bandnews FM”, “Jornal Guarulhos Hoje”, “Agência Lupa”, “CNN Brasil”.

Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle/Ford/Gephi

Dos dois termos elencados para nossa pesquisa, um deles estava no *cluster amarelo* (“vacina chinesa”), o que demonstra que esse termo ficou marcado no campo do discurso mais emocional, com os sentidos disputados por atores mais ligados a agentes políticos da nova direita, se comunicando com uma audiência mais conservadora. O segundo termo elencado para nosso estudo, “Coronavac”, está presente no *cluster verde*, o que evidencia que o uso desse léxico está ligado a uma esfera informativa, com o objetivo de nomear a vacina desenvolvida

pelo Instituto Butantan em parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac. O léxico “Coronavac” ficou ligado a um *cluster* predominantemente informacional, como podemos observar na relação das *hashtags* e dos *usernames*.

Na **Figura 84**, que traz uma filtragem da perspectiva verde, podemos perceber que há um grupo maior de enunciadores, que se liga a dois subgrupos não muito numerosos, então consideramos que havia uma grande disputa de sentidos entre esses enunciadores do agrupamento maior, assim como observamos no *cluster amarelo*. De fato, a perspectiva tem um apelo informacional muito grande, com a circulação de temas que eram fundamentais naquele período de tempo, quando as vacinas contra Covid-19 estavam sendo desenvolvidas.

As escolhas lexicais das *hashtags* (VAN DIJK, 2017) refletem o contexto informacional do agrupamento. Temos termos técnicos e mais neutros, que não refletem, por si só, um juízo de valor, como: “Coronavac”, “china”, “coronavirus”, “covid19”, “saúde”, “anvisa”, “bolsonaro”, “povo”, “brasil”, “notícias”, “pandemia”, “congresso”, “institutobutantan”, “mandetta”, “joãodoria”, “butantan”, “ministro”, “sãopaulo”, “governofederal”, “doses”, “sinovac”, “voluntários”, “testes”, “vacinacoronavirus”, “professores”, “política”. Esses substantivos, alguns representando nomes próprios, de pessoas ou locais, estavam no radar informacional, mais objetivo.

Há léxicos típicos do noticiário, como verbos e termos técnicos que estavam presentes nas notícias dos primeiros meses da pandemia da Covid-19 (“ignorou”, “esclarecimento”, “recebe”, “recusa”, “coletivadeimprensa”, “boletimdeocorrência”, “explicações”, “negacionista” e “iniciam”) como notícias de desenvolvimento de imunizantes no Brasil e no mundo: “artigo”, “agência”, “destaques”, “resultados”, “estadosunidos”, “centros”, “fase2”, “promissoras”, “jornais”, “Astrazeneca”, “autorização”, “inscrição”, “registro”, “cuidados”, “métodocientífico”, “tratamento”, “certificação” e “respostas”. As *hashtags* “eventoadverso”, “adversos” estudosclínicos” e “intoxicação” dizem respeito à morte de um voluntário dos testes da Coronavac, que causou a paralisação temporária dos estudos. Os *usernames* do agrupamento confirmam que o *cluster* verde realmente tinha uma prevalência de perfis ligados a veículos de comunicação, o que nos permite concluir quem estava falando e o que estava sendo dito de forma mais clara.

A antítese “vida” *versus* “morte” está no *cluster* verde, com uma oposição de sentidos fundamental para entender a crise sanitária do novo coronavírus. Os sentidos binários estavam em conflito. Entendemos que, por estarem neste *cluster* mais informacional, a antítese estabeleceu seus sentidos acionando quadros pré-discursivos (PAVEAU, 2013) mais elementares, objetivos, o da própria sobrevivência enquanto indivíduo. Os discursos presentes

na perspectiva indicam que o vírus da Covid-19 representaria a morte, o colapso da saúde após ser infectado, e a possibilidade de se imunizar, a vida, a esperança de sobreviver à crise sanitária. Isso porque o noticiário mostrava, todos os dias, os números atualizados da pandemia, com o placar de mortes sendo renovado a partir de dados das secretarias estaduais de saúde. Logo, o vírus caminhava junto com a “morte”. A perspectiva de retomada das atividades produtivas de forma presencial e irrestrita seria possível com a imunização da população. A esperança de um futuro sem máscaras e álcool em gel estava na possibilidade de ser vacinado, então a “vida” se liga semanticamente com vacina. A presença das *hashtags* “todoscontraocoronavirus” e “avidaétudodebom” corroboram esse entendimento de que havia, no agrupamento mais informacional, uma perspectiva otimista em relação à vacina Coronavac, enquanto no *cluster* amarelo, a Coronavac estava ligada à desinformação vacinal, à desconfiança e ao sentimento antichinês (sinofobia).

Uma questão a se analisar, ao se pensar no embate de sentidos no campo informacional, é que havia tensões na imprensa naquele momento, para além das relações de poder que perpassam as empresas de mídia em seu trabalho habitual. Um exemplo foi a questão que surgiu entre os veículos de imprensa e o governo Jair Bolsonaro, na contabilização dos casos e das mortes por Covid-19. As empresas G1, O Globo, Extra, Estadão, Folha e UOL se uniram em um consórcio para estabelecer uma parceria para apurar diariamente o balanço de vítimas do vírus, levantando informações diretamente das secretarias estaduais de saúde de todos os estados e do Distrito Federal, sem passar pelo Ministério da Saúde²⁵⁰.

Por meio de uma reportagem, as empresas de comunicação informaram que, a partir de junho de 2020, com as mudanças no comando do ministério da Saúde (após as saídas de Luiz Henrique Mandetta e de Nelson Teich, com o início do trabalho de Eduardo Pazuello), começou a haver atrasos na divulgação dos dados diários sobre a pandemia²⁵¹. No dia 3 de junho de 2020, quando houve um recorde de mortes de 1.349 óbitos em 24 horas, a informação saiu às 21h45, e não às 19h, como estava acontecendo até então. No dia 4 de junho de 2020, quando houve outro recorde (1.471 óbitos), o dado saiu às 22h. Alegando falta de transparência e o risco de um apagão de dados sobre a Covid-19, os veículos de comunicação se uniram e criaram o consórcio, que foi encerrado somente em 28 de janeiro de 2023²⁵². Sobre o tema, o

²⁵⁰ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁵¹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁵² Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

ex-presidente Bolsonaro chegou a afirmar que não divulgar o número de mortos pela Covid-19 era “bom para o Brasil” e confirmou que havia uma intenção de atrasar as informações, ao afirmar que “acabou matéria no Jornal Nacional”²⁵³.

Desde a campanha presidencial de 2018, o ex-presidente construiu um discurso de que a imprensa era um inimigo a ser evitado (“nós contra eles”), incentivando seus eleitores a boicotar o conteúdo da imprensa, buscando informações diretamente dos canais de comunicação da base aliada conservadora, com listas de transmissão no Telegram e grupos de Whatsapp, uma tática do populismo digital contemporâneo (CESARINO, 2020). O trabalho da imprensa passou a ser visto com desconfiança, por parte de uma parcela da população brasileira, inflamada pelos comentários de Jair Bolsonaro.

De acordo com dados da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Bolsonaro foi o principal agressor da imprensa durante seu mandato presidencial (2019-2023), sendo responsável por 570 ataques a veículos de comunicação e jornalistas²⁵⁴. O ano de 2020 marcou um recorde de ataques à imprensa no Brasil (realizados por múltiplos agentes, e não só o ex-presidente), com 428 casos, conforme os Relatórios de Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa da Fenaj. Em 2021, houve um novo recorde, com 430 casos, o maior número da série histórica até então. Em 2022, foram contabilizados 376 casos²⁵⁵.

Todas essas disputas de poder estavam presentes no cenário da crise pandêmica de 2020. Temos um presidente da República, elite simbólica (VAN DIJK, 2019), proferindo um discurso de autoridade para deslegitimar o trabalho jornalístico, e incentivando que seus eleitores façam o mesmo. Também temos a imprensa, uma instituição de quase seis séculos, com toda uma deontologia profissional. Também ocupa um lugar de elite simbólica (VAN DIJK, 2019) na sociedade ocidental, o que faz com que seus textos sejam recebidos com uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2014) por parte dos leitores. Em meio a um cenário de incerteza, causado pela viralização da Covid-19 em todo o mundo, os veículos de comunicação passaram a veicular informações a respeito da doença, ajudando a esclarecer as dúvidas das pessoas com o auxílio de especialistas da área de saúde.

Com o cenário de desconfiança e medo que havia naquele contexto socio-histórico, entendemos que os veículos de comunicação mostravam os fatos que aconteceram naquele

²⁵³ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁵⁴ Cf. <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁵⁵ Cf. <https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

momento (aumento de mortes e de pessoas contaminadas no Brasil e no mundo), porém também buscavam alimentar a esperança de que tudo iria passar e que a vida voltaria a algum nível de normalidade. Nesse sentido, o vírus era percebido como o “inimigo” em boa parte dos textos construídos pela imprensa, e que a vacina (ou a ciência, de uma maneira geral) seria a “salvadora” da sociedade, então havia pelo menos duas metáforas sendo fomentadas diariamente no imaginário da audiência dos veículos de comunicação. A vontade de verdade (FOUCAULT, 2014) presente no discurso jornalístico, no primeiro ano da pandemia de Covid-19, era de que a ciência seria capaz de salvar as vidas das pessoas, por meio da vacina.

Outra tensão no trabalho da imprensa era a profusão de informações falsas que circulavam, principalmente por causa das plataformas conectadas à internet. A veracidade dos fatos relatados pelos veículos de comunicação era contestada por uma audiência polarizada, instigada por agentes políticos, que colocavam em suspeição muito do que era noticiado pelos veículos. Portanto, um desafio das grandes empresas de comunicação, no Brasil e no mundo, era lidar com as *fake news* que se espalhavam rapidamente. O enfrentamento da desinformação, por parte dos veículos de comunicação brasileiros, foi, em grande medida, por meio das empresas de checagem de dados, que buscavam informações confiáveis e esclareciam a respeito de conteúdos que eram replicados nas redes sociais.

5.4.3 Análise de publicações da perspectiva verde (informacional)

Dentro do *cluster* verde, temos a *hashtag* “Coronavac”, um dos termos elencados em nossa busca no CrowdTangle. Muito expressiva, devido à quantidade de vezes que é mencionada nas postagens públicas, a *hashtag* “Coronavac” ficou atrelada ao agrupamento mais informacional.

Figura 85 — Publicação do Quebrando o Tabu sobre a vacina Coronavac



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Postada no dia 11 de novembro de 2020²⁵⁶, a publicação do perfil Quebrando o Tabu (canal de informações mais alinhado ao campo progressista) no Facebook teve mais de 81 mil interações (soma do total de curtidas, reações, comentários e compartilhamentos), registrando o segundo maior engajamento entre os veículos de comunicação (ficando atrás apenas da postagem do Portal G1 analisada na **Figura 33**). A mensagem traz o termo “Coronavac”, elencado em nossa pesquisa, e mostra dados sobre a retomada de testes da vacina desenvolvida por pesquisadores do Instituto Butantan em parceria com outros institutos internacionais, como a farmacêutica chinesa Sinovac. A paralisação havia acontecido por conta de “evento adverso

²⁵⁶ Cf. <https://www.facebook.com/165205036869225/posts/3969364456453245>. Acesso em: 1º de maio de 2023.

grave”, que foi a morte de um voluntário dos testes da Coronavac. Com a confirmação de que a causa teria sido o suicídio do voluntário, a Anvisa autorizou a retomada dos testes²⁵⁷.

A mensagem do perfil Quebrando o Tabu traz uma crítica ao posicionamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, que comemorou a paralisação dos testes da Coronavac por causa da morte do voluntário²⁵⁸. Com mais de 11 milhões de seguidores no Facebook, a empresa de mídia Quebrando o Tabu manifestou-se apontando a ação de Bolsonaro, ao atrapalhar o desenvolvimento da Coronavac, por questões políticas. Entendemos que João Doria também tinha seus interesses políticos em viabilizar uma vacina eficaz contra a Covid-19, porém a ação dele iria oferecer a chance de uma retomada segura das atividades presenciais, o que era um anseio de toda a população brasileira, que sofria com a doença e com a retração das atividades produtivas e sociais, como um todo.

Entendemos que o discurso dos veículos de comunicação, durante a crise sanitária da Covid-19, se revestia do discurso científico, que valida o saber científico. Consideramos que a imprensa adotava um discurso virtuoso (PAVEAU, 2015) durante a cobertura das notícias da pandemia do novo coronavírus, discurso que considera a ciência como o “bom” discurso, como foi consolidado ao longo das décadas. O discurso virtuoso representa aquele que é “ajustado aos valores vigentes na realidade complexa dos agentes e de seus ambientes” (PAVEAU, 2015, p. 214). No noticiário, o desenvolvimento de vacinas contra a Covid-19 era noticiado como sendo uma boa notícia, capaz de trazer esperança a quem temia ser infectado pelo novo coronavírus. A vacina representava a “vida”, contra a “morte” causada pelo vírus.

Rejeitar a Coronavac seria como ir na contramão da ciência: representaria um boicote à “vida”, à vacina que representava uma tábua de salvação para tantas pessoas que corriam o risco de morrer. Para Paveau (2015), a aceitabilidade moral de um enunciado não é universal e irrestrita para todos os usuários do discurso. Essa aceitabilidade é condicionada por critérios específicos de uma época, lugar e sociedade, que decorrem de vários ajustes: “ajuste dos discursos ao mundo, traduzido pela ideia de ‘verdade’ das palavras; ajuste dos discursos às memórias discursivas que os fundamentam e possibilitam; ajuste dos discursos às normas de relação com os agentes, aceitas numa sociedade” (PAVEAU, 2015, p. 26).

O “bom” discurso, neste caso específico da crise da pandemia da Covid-19, seria o discurso científico, pró-vida, que é adotado pela imensa maioria dos veículos de comunicação.

²⁵⁷ Cf. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/11/10/morte-que-suspendeu-teste-nao-tem-relacao-com-Coronavac-nem-com-covid-19.htm>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁵⁸ Cf. <https://oglobo.globo.com/brasil/mais-uma-que-jair-bolsonaro-ganha-comemora-presidente-sobre-decisao-da-anvisa-de-suspender-testes-da-vacina-Coronavac-24738058>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Associar a Coronavac à ciência, por sua capacidade de salvar vidas e restaurar a normalidade através da vacinação, aciona dispositivos da verdade que estão enraizados em práticas sociais e científicas (FOUCAULT, 2014). O conhecimento está imerso na dimensão do poder — neste caso, a ciência — e, portanto, a verdade daquele momento socio-histórico manifesta-se na importância atribuída à vacinação para salvar vidas.

O caso da morte do voluntário dos testes da Coronavac movimentou muitos sentidos no ambiente digital, como podemos perceber abaixo:

Figura 86 – Postagem com notícia sobre a morte de voluntário



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

O perfil do portal de notícias G1, que tem mais de 11 milhões de seguidores no Facebook, postou que a morte do voluntário dos testes da Coronavac foi por conta de suicídio em 10 de novembro de 2020²⁵⁹, obtendo um engajamento total de 65.058 interações (soma das curtidas, reações, compartilhamentos e comentários). Dentro de nosso *corpus*, é a décima postagem com o maior número de interações. O léxico “urgente” vem em destaque na imagem,

²⁵⁹ Cf. <https://www.facebook.com/100064736974743/posts/4605225639529485/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

movimentando os sentidos da audiência sobre a importância da informação. Inclusive, o termo ganhou uma maior dimensão durante os dias de pandemia, por causa de seus usos, por parte da imprensa, para destacar alguma atualização mais contundente. É importante observar que a morte do voluntário é chamada de “evento adverso” por parte da imprensa, uma metáfora que aciona conhecimentos pré-discursivos coletivos (PAVEAU, 2013). Como se fosse uma bula de remédio, com uma relação de efeitos e eventos que podem acontecer durante os estudos clínicos da vacina, temos a morte como um “evento adverso grave”. A informação da morte do voluntário seguiu sendo tema na imprensa, em novembro de 2020:

Figura 87 – Postagem com notícia sobre a morte de voluntário



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Em 12 de novembro de 2020²⁶⁰, o site Yahoo Notícias postou em sua conta no Facebook, que tem 1,8 milhão de seguidores, que a causa da morte do voluntário dos testes da Coronavac foi “intoxicação após combinação de medicamentos”, de acordo com os dados do laudo do Instituto Médico Legal. O texto informa que havia presença “de opioides, sedativos e

²⁶⁰ Cf. <https://www.facebook.com/100064529056444/posts/3859551567401866/> Acesso em: 25 de junho de 2024.

álcool no sangue” do voluntário que acabou morrendo, gerando a suspensão temporária, por parte da Anvisa, dos testes da Coronavac. Com a informação de que foi um suicídio, os testes, suspensos em 9 de novembro de 2020, foram retomados em 11 de novembro de 2020²⁶¹.

Há que se considerar que os veículos de imprensa estavam presentes no espaço público midiático do Facebook, fomentando a arena de disputas enunciativas com seus textos jornalísticos, construídos dentro de uma prática jornalística específica, com rotinas produtivas e critérios de noticiabilidade próprios. Traziam fatos, com tratamento jornalístico, para a apreciação dos demais internautas, em uma dinâmica interacional que fornece ainda mais subsídios para movimentar as trocas informacionais. Porém, também são textos construídos dentro de disputas de poder (FOUCAULT, 2015), portanto também atravessados por discursos dos mais diversos.

Figura 88 – Postagem de Bia Kicis sobre a morte de voluntário



Fonte: coleta realizada pela autora via CrowdTangle

Realizado em 13 de novembro de 2020²⁶², o *post* da deputada federal Bia Kicis (mais de 1,6 milhão de seguidores no Facebook), eleita pelo Distrito Federal e apoiadora do ex-presidente Bolsonaro, traz um vídeo de 35 segundos sobre a morte do voluntário dos testes da Coronavac. Ela usa vídeo e imagens com dados divulgados por mais de um veículo de comunicação, confrontando as informações apresentadas, para formular uma teoria própria, de que havia imprecisão na causa da morte do voluntário.

²⁶¹ Cf. <https://g1.globo.com/bemestar/vacina/noticia/2020/11/11/anvisa-autoriza-retomada-de-testes-da-Coronavac.ghtml>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁶² Cf. <https://www.facebook.com/watch/?v=998794777264788>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

No texto da deputada, ela apresenta sua teoria com um tom conspiratório: “Segundo a Globo, o Estadão e UOL, a morte de um voluntário que serviu de cobaia para testes com a vacina chinesa, foi por suicídio. Porém, o IML, divulgou que este veio a falecer por INTOXICAÇÃO EXÓGENA. Alguém está mentindo! Quem será?”²⁶³, formulou a deputada. Com o questionamento, ela indiretamente fez uma acusação de que a imprensa não estava apresentando uma informação confiável para o público. Entendemos que a deputada desejava alimentar uma suspeita entre seus seguidores, distorcendo informações, de que o voluntário poderia ter morrido por causa do efeito da vacina chinesa, afinal, o voluntário era uma “cobaia”. A manipulação dos dados é feita de maneira intencional, para plantar a dúvida na audiência. Identificamos que a deputada também falou sobre esse tema na rede social X (antigo Twitter).

Figura 89 – Publicação de Bia Kicis na rede social X



Fonte: <https://x.com/Biakicis/status/1327268717160509441>

Em 18 de novembro de 2020, o projeto Comprova, uma iniciativa colaborativa e sem fins lucrativos mantida pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji)²⁶⁴, publicou uma verificação sobre essa afirmação que estava circulando em mensagens nas redes sociais, de que o voluntário morreu por “intoxicação exógena”, como foi atestado pelo Instituto Médico Legal, causada pela Coronavac, e não por suicídio:

²⁶³ Cf. <https://www.facebook.com/watch/?v=998794777264788>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

²⁶⁴ Cf. <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-laudo-do-impl-descarte-suicidio-de-voluntario-da-Coronavac/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

Figura 90 – Publicação do Comprova sobre a morte de voluntário



Fonte: <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-laudo-do-impl-descarte-suicidio-de-voluntario-da-Coronavac/>

No texto, a equipe do Comprova informa que, em nenhum momento, o Instituto Médico Legal descartou a possibilidade de suicídio. O laudo do IML deixava evidente que a pessoa não morreu por conta da Coronavac, de acordo com o Comprova, então a morte não poderia ser atribuída aos testes. Além disso, a hipótese de suicídio foi levantada pela própria Polícia Civil desde o início do caso, por conta de indícios coletados no local onde o corpo foi encontrado²⁶⁵.

²⁶⁵ Cf. <https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/e-enganoso-que-laudo-do-impl-descarte-suicidio-de-voluntario-da-Coronavac/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

6 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos ambientes digitais, postar um conteúdo não significa apenas dizer algo para sua audiência conectada, mas também pautar a discussão que está acontecendo nas plataformas, criando uma agenda de temas que reverbera para além dos aparatos tecnológicos. Cabe aqui explanar que havia um grupo de enunciadores buscando criar engajamento nas redes sociais postando conteúdo durante as fases de testes e desenvolvimento de imunizantes contra a Covid-19, nos primeiros meses da crise sanitária mundial em 2020. Entendemos que uma das características do discurso digital não é apenas dizer algo, simplesmente disponibilizando um conteúdo na *timeline*. O tecnodiscurso integra um ecossistema (PAVEAU, 2021) de atores em movimento permanente, em disputa.

Um ponto importante do discurso digital diz respeito à visibilidade: ele possui, dentro de sua própria lógica enunciativa, elementos para que enunciadores disputem um espaço de protagonismo, sobressaindo-se em uma determinada discussão. Nas redes sociais digitais existe um espaço em disputa permanente para dar visibilidade (ou não) a determinados assuntos da ordem do dia. Quem se sobressai consegue dominar a pauta, direcionando a discussão nos ambientes digitais de acordo com seus interesses e estabelecendo uma agenda de temas para serem debatidos (ou não) pela audiência digital. Direcionar a pauta de um debate é o objetivo de muitos atores, portanto há que se pensar nas estratégias adotadas por enunciadores para gerar engajamento no ambiente digital, garantindo visibilidade.

A partir dos nossos grafos de *hashtags versus usernames*, pudemos observar essa disputa acontecendo nos primeiros meses da pandemia da Covid-19, ao longo do ano de 2020, quando havia toda uma expectativa em torno do desenvolvimento de vacinas. De um lado, temos as *hashtags* ou tecnopalavras (PAVEAU, 2021) que mais foram usadas, e de outro lado, temos quem são os enunciadores que mais usaram essas *hashtags* para se comunicar com os demais internautas. Essa relação ficou evidenciada, em nosso estudo, por meio dos grafos (**Figuras 60 e 62**). Destacamos que as perspectivas (*clusters* ou agrupamentos) se correspondem nos dois grafos analisados: as *hashtags* da perspectiva verde se conectam com os *usernames* da perspectiva verde, e as *hashtags* da perspectiva amarela se conectam com os *usernames* da perspectiva amarela. Há um espelhamento das informações apresentadas nos dois grafos, então o cruzamento dessas informações nos permite inferir toda a dinâmica enunciativa de nosso *dataset*, observando quem são os usuários do Facebook que mais usaram uma determinada *hashtag* em suas postagens. Por meio do espelhamento das informações,

conseguimos dimensionar quem disse e o que foi dito. Observamos que dois principais agrupamentos foram formados, por meio do processamento dos dados no *software* Gephi.

Observamos que os léxicos utilizados nas *hashtags* do cluster amarelo possuem um teor mais emocional e estão associados a atores vinculados a agentes políticos, especialmente de segmentos da direita ultraconservadora, além de atores progressistas e de esquerda. Dentro desse agrupamento, destacam-se as antíteses “capitalismo” *versus* “comunismo”, evidenciando o caráter político da discussão sobre a “vacina chinesa”, que também apareceu no agrupamento amarelo. Essa dualidade aciona quadros pré-discursivos coletivos (PAVEAU, 2013), associando o “bem” ao capitalismo e o “mal” ao comunismo.

No agrupamento verde, com um teor mais informativo, temos léxicos ligados ao noticiário da época, e atores ligados a grupos de comunicação. A antítese “vida” *versus* “morte” é uma informação importante nesse agrupamento, indicando que o vírus da Covid-19 era associado à morte e ao colapso da saúde, enquanto a imunização representava a vida e a esperança de superar a crise sanitária. Isso se deve ao fato de o noticiário atualizar diariamente os números da pandemia, com o placar de mortes sendo constantemente renovado pelas secretarias estaduais de saúde. Assim, o vírus estava diretamente associado à “morte”. A retomada das atividades produtivas de forma presencial e irrestrita seria viável com a imunização da população. Os veículos de comunicação se revestiu discursivamente de verdade científica, que era o discurso virtuoso (PAVEAU, 2015) daquele período, quando a ciência era vista como a forma de salvar a sociedade mundial dos perigos da Covid-19.

Portanto, enquanto o agrupamento verde mostrava uma perspectiva otimista em relação à vacina Coronavac, o *cluster* amarelo associava a Coronavac à desinformação vacinal, desconfiança e sentimentos antichineses (sinofobia). Entendemos então que o *cluster* com um teor mais emocional (amarelo) vincula-se com a desinformação a respeito do desenvolvimento da Coronavac, alimentando um ecossistema digital propício para a genealogia do negacionismo vacinal. Identificamos evidências de práticas desinformativas intencionais que proliferaram um sentimento de resistência à Coronavac.

Em um momento crucial da pandemia do novo coronavírus, quando estavam sendo desenvolvidas vacinas específicas para o combate da Covid-19, grupos ligados a movimentos políticos sobressaíram-se no Facebook, politizando as discussões a respeito das pesquisas de desenvolvimento dos novos imunizantes, usando estratégias de impulsionando de repetição, como se fosse um *spam* (mensagens inconvenientes e não solicitadas), em alguns momentos. Entendemos que os grupos políticos mais frequentes foram os conservadores, alinhados à direita ultraconservadora, que dominaram o *cluster* amarelo (emocional), das narrativas com

uma maior voltagem emocional, em que havia uma grande disputa de sentidos. Dentro do *cluster* amarelo está a *hashtag* #vacinachinesa, que evidencia um determinado preconceito ao imunizante Coronavac, que estava sendo desenvolvido pela chinesa Sinovac em cooperação com o Instituto Butantan. Também identificamos que a *hashtag* #Coronavac ficou mais centrada nas narrativas mais informacionais do *cluster* verde, dominado por enunciadores ligados aos veículos de comunicação formais e agências de checagem de informações. Lembrando que, nos primeiros meses de pandemia, a necessidade de notícias sobre a situação do Brasil e do mundo era muito grande, portanto as narrativas com um caráter mais informacional eram recorrentes e tinham um peso muito grande.

Entre tantas metáforas identificadas nos discursos reunidos em nosso *corpus*, que se configuraram como sendo formas de acessar anterioridades discursivas (PAVEAU, 2013), uma delas está no cerne do negacionismo vacinal: os sentidos pré-discursivos mobilizados a partir da ideia de se construir uma comparação implícita entre a Coronavac e um engodo, uma armadilha perigosa capaz de levar a um engano, ao se referir ao imunizante do Instituto Butantan como “vacina chinesa”. O léxico “vacina chinesa” remete a algo desconhecido, perigoso, que não funciona. Como metáfora, tem como objetivo discursivo alimentar a desconfiança na audiência do Facebook, a respeito da eficácia do imunizante. O entendimento desses pré-discursos acionados nas trocas informacionais do Facebook é muito importante para entender como aconteceu o processamento cognitivo dos conteúdos falsos que circulavam no meio digital. Consideramos que os pré-discursos são fundamentais na formação de sentido nos grupos sociais, sendo estruturas de conhecimento e crença que influenciam diretamente os discursos (PAVEAU, 2013). Essas determinações pré-linguísticas compartilhadas coletivamente instruem a produção discursiva.

Ao considerarmos que a metáfora opera como um organizador textual-cognitivo (PAVEAU, 2013), podemos postular que o léxico “vacina chinesa” movimenta quadros pré-discursivos que tocam os valores morais da sociedade brasileira postos a circular no discurso das elites simbólicas durante a crise sanitária da Covid-19. A metáfora é mais do que uma figura de linguagem decorativa: é um elemento essencial na construção do sentido, influenciando desde a organização psicológica e cognitiva até a validação discursiva e ideológica (PAVEAU, 2013).

Entre as *hashtags* identificadas em nosso *corpus*, 54,67% delas estavam reunidas em um agrupamento com um teor mais emocional e afetivo (o *cluster* amarelo), com seus principais enunciadores ligados a agentes políticos do campo da direita ultraconservadora. Com um perfil mais conservador, instigada pelo medo e pela desconfiança, parte da audiência

compartilhava conteúdos que colocavam em dúvida a eficácia da vacina Coronavac, e parte da audiência criticava a condução da crise sanitária pelo governo federal. O processamento cognitivo das informações recebidas pelos receptores acionava dispositivos emocionais, principalmente incerteza e desconfiança. Uma audiência com medo, passível de ser influenciada pelos seus próprios aspectos emocionais ao receber informações nas plataformas conectadas, representa um cenário propício para a viralização da desinformação.

Ao longo de nosso estudo, apresentamos algumas estratégias de desinformação presentes em nosso *corpus*, que buscavam desacreditar a Coronavac e a imprensa brasileira, seja por meio de conteúdos falsos, seja por meio de manipulação de informações, por meio de pronunciamentos de atores políticos que são elites simbólicas (VAN DIJK, 2019), como o ex-presidente Jair Bolsonaro e as deputadas Carla Zambelli e Bia Kicis, e por meio de repetições de publicações em múltiplos ambientes (grupos do Facebook).

Entendemos que a desordem informacional (WARDLE E DERAKHSHAN, 2017), em que há uma profusão de conteúdos maliciosos, enganosos e falsos circulando, é capaz de criar uma poluição da informação, estabelecendo uma desinformação generalizada, em cenário socio-histórico da crise sanitária, com um clima de desamparo em frente ao desconhecido. Com a tentativa de Jair Bolsonaro e de seus aliados de deslegitimar o trabalho da imprensa, entendemos que o cenário de desinformação ganhou ainda mais fôlego durante o período de pandemia. Ao considerar os veículos de comunicação como seus inimigos (CESARINO, 2020), houve um ataque à instituição da sociedade que tentava trazer dados confiáveis em meio ao cenário de desamparo de toda a humanidade.

As ações intencionais de desinformação fomentadas ao longo de 2020, por parte principalmente de agentes políticos, constituem evidências de ações de negacionismo vacinal, partindo da premissa de que havia uma disputa da vontade de verdade (FOUCAULT, 2014 e 2015) em torno da vacina, discussão que é deslocada do campo científico para o político. Havia um interesse deliberado em destituir de verdade o discurso científico, campo de produção científica que era responsável por viabilizar imunizantes em meio a uma crise sanitária mundial, por parte de agentes políticos ligados ao ex-presidente Jair Bolsonaro. Em um cenário de desconfiança, de medo do desconhecido, vários enunciadores aproveitaram a oportunidade para descredibilizar a Coronavac, que estava sendo desenvolvida pela Sinovac em parceria com o Butantan, instituto que integrava o governo João Doria, em São Paulo. Em nosso estudo, mostramos como vários conteúdos falsos, ou conteúdos verdadeiros em contexto falsos, foram compartilhados para fomentar um cenário de desconfiança em relação à Coronavac, com

interesses puramente políticos. A adesão a esses conteúdos de desinformação acontecia, em grande medida, por afinidade política e/ou ideológica.

Nossa interpretação coaduna com a visão de Roussin (2023), que indica que a adesão a conteúdos falsos pode refletir mais uma expressão emocional ou ideológica do que um processo cognitivo. Roussin (2023) sugere que os usuários frequentemente compartilham notícias falsas porque estão menos preocupados com a veracidade dos fatos. Para Roussin (2023), ao se engajarem em narrativas fictícias, as pessoas suspendem conscientemente sua crença na realidade para desfrutar da história, mesmo sabendo que ela é falsa. Essa autoilusão pode ser motivada por emoções ou desejos pessoais.

Mais do que ler e compartilhar, a audiência mais conservadora do Facebook queria acreditar nas notícias que recebia de atores políticos de sua confiança. Nossa abordagem para entender o processamento cognitivo de informações falsas também se alinha com a perspectiva de Wardle e Derakhshan (2017). Os autores argumentam que o consumo de notícias e informações pelas pessoas serve principalmente para reforçar sua identificação com relatos dramáticos mais amplos sobre o mundo e seu papel nele, indo além de simples fatos e números.

Tínhamos, então, uma audiência majoritariamente conservadora, polarizada politicamente, que respondia positivamente a visões de mundo binárias propostas por líderes ciberpopulistas (BRUZZONE, 2021), que mobilizavam a perseguição a inimigos imaginários. No caso em questão, o inimigo era a China comunista, “que forneceu o vírus e a vacina”, como diziam muitos internautas na ocasião. Em muitas teorias conspiratórias, havia uma “crisofobia”, uma ameaça do Oriente, pagão, que perseguia o Ocidente, cristão, em prol de fechar os templos religiosos.

Compreendemos, então, que a vacina Coronavac foi rechaçada por segmentos da audiência no Facebook por critérios puramente ideológicos, sem analisarem aspectos científicos do imunizante. A desordem informacional (WARDLE e DERAKHSHAN, 2017) foi promovida intencionalmente por perfis ligados a agentes políticos do campo da direita ultraconservadora, com fins meramente políticos, para prejudicar, em primeiro lugar, João Doria, ex-governador de governador de São Paulo que estava a frente do desenvolvimento da Coronavac. Naquele momento, Doria despontava no cenário político com chances reais de concorrer à presidência da República em 2022. Entendemos que havia muito interesse em boicotar discursivamente o desenvolvimento da Coronavac para, conseqüentemente, atingir o ex-governador, e, em boa parte, essa missão foi concretizada de forma satisfatória. Bolsonaro também foi alvo dos discursos que circularam no ambiente digital, pela forma como lidou com a crise sanitária. De fato, o embate de sentidos ficou todo em torno de Doria e Bolsonaro, pois

os dois líderes estavam em alta naquele momento, e eram demandados a tomar decisões que impactariam a vida de milhões de pessoas, durante a crise sanitária, o que nos deixa uma constatação a respeito de outros *usernames* ligados a agentes políticos no *cluster* amarelo: os perfis ligados a Olavo de Carvalho, Sergio Moro, Pablo Marçal e outros agentes políticos ligados à Operação Lava Jato também mobilizaram a audiência conectada, alimentando os discursos emocionais da ala mais conservadora. Os dados do nosso *corpus* permitem concluir que esses outros agentes políticos da direita ultraconservadora aproveitaram o apelo da audiência mais emocional para inflar conteúdos que viabilizassem suas próprias candidaturas políticas, nas eleições municipais de 2020 ou nas eleições nacionais e estaduais de 2022.

Como a audiência do Facebook era, em muitas bolhas, mais conservadora, o discurso antivacina, naquele cenário específico, trazia muitas vezes os valores mais tradicionais de “Deus, pátria e família”. Enunciadores progressistas e de esquerda também estavam presentes realizando trocas informacionais no agrupamento mais emocional e afetivo (amarelo), como constatado em nosso *corpus*, mas não obtiveram tanta relevância nem destaque em uma arena de debate em que o discurso conservador era predominante. Os enunciatários conservadores validavam discursos que remetiam a valores morais mais tradicionais. Muitos se identificavam ideologicamente com políticos do campo da nova direita, o que era mais um elemento que garantia a alta adesão da audiência aos conteúdos de desinformação.

O antagonismo de sentidos centrava-se no ex-presidente e no ex-governador de São Paulo, que disputavam a preferência do campo da direita ultraconservadora. Havia um embate acontecendo, e entendemos que Jair Bolsonaro se sobressaiu, em relação a João Doria, pois a rejeição à Coronovac atrapalhou o esquema vacinal dos municípios, quando os indivíduos passaram a escolher o tipo de vacina que desejavam para se imunizar. Também há estimativas relatadas por especialistas em saúde coletiva, durante os trabalhos da CPI da Covid (ou CPI da Pandemia), sobre as vidas perdidas pela demora no início da vacinação no Brasil (um mês e dez dias depois do início da vacinação no Reino Unido, pioneiro na aplicação de imunizante contra a Covid-19 em 8 de dezembro de 2020, oferecendo a vacina Pfizer para a população²⁶⁶) e sobre as vidas que poderiam ter sido salvas se o governo do ex-presidente Jair Bolsonaro tivesse adotado medidas mais rígidas no enfrentamento da pandemia.

O estudo investigou questões contemporâneas que representam um desafio vivenciado no Brasil nos últimos anos, que é a desinformação em saúde, com a circulação de informações falsas por meio de dispositivos eletrônicos com acesso à internet. Nosso esforço foi oferecer

²⁶⁶ Cf. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55228291>. Acesso em: 31 de agosto de 2024.

uma metodologia de análise e interpretação de desinformação, que seja luz em meio a tanta escuridão, como a que tem assolado a sociedade brasileira, precária em educação midiática. A missão da sobrevivente da pandemia de Covid-19 gerou esse primeiro fruto acadêmico, que seja a primeira contribuição de muitas outras, para fazer frente a esse cenário desafiador vivenciado por pesquisadores em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Júlia; BARONAS, Roberto Leiser (orgs.). **Fake news: abordagens discursivas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

ANDRÉA, Carlos d'. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

ARCANJO, Fábio Ávila. As filhas da guerra: a discursivização digital dos traumas do Holocausto. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 3, 2021.

ASTOBIZA, Aníbal Monasterio. Ética algorítmica: Implicaciones éticas de una sociedad cada vez más gobernada por algoritmos. **Dilemata**, n. 24, ano 9, 2017, p. 185-217.

BARONAS, Roberto Leiser. Resignificação e revascularização discursivas: espaços de resistência em contexto digital. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

BASTOS, Marcela Tessarolo; ZILLER, Joana; MALINI, Fábio. Desinformação e cartografia dos afetos na covid-19 a partir das narrativas de sobreviventes. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, n. 56, e-136564, 2024.

BASTOS, Marcela Tessarolo. **Cartografia dos afetos na Covid-19 a partir das timelines discursivas no Facebook**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

BATISTA JR *et al.*. Introdução. *In*: BATISTA JR *et al.* (org.). **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.

BECK, Alexandre. **Tirinha do Armandinho**, 3592, 10 de novembro de 2020. Disponível em: <https://web.facebook.com/tirasarmandinho/photos/pb.100064627692059.-2207520000/3792568397455105/?type=3> Acesso em 25 de junho de 2024.

BENNETT, W. Lance; LIVINGSTON, Steven. A Brief History of the Disinformation Age: Information Wars and the Decline of Institutional Authority. *In*: BENNETT, W. Lance; LIVINGSTON, Steven (orgs.). **The Disinformation Age: Politics, Technology, and Disruptive Communication in the United States**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2021.

BERIULA, Rhafaela Rico Bertolino. Resenha sobre DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo. **Revista Letras Raras**, Campina Grande, v. 8, n. 2, 2019.

BOARINI, Margareth; FERRARI, Pollyana. A desinformação é o parasita do século XXI. **Organicom**, São Paulo, Brasil, v. 17, n. 34, p. 37–47, 2021. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2021.170549. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/170549>.. Acesso em: 6 jun. 2024.

BONDI, Marina; SANNA, Leonardo. The Covid-19 infodemic on Twitter: dialogic contraction within the echo chambers. *In*: MACI, Stefania; DEMATA, Massimiliano; MCGLASHAN, Mark; SEARGEANT, Philip (orgs.). **The Routledge Handbook of Discourse and Disinformation**. Londres: Routledge, 2024.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRUZZONE, Andrés. **Ciberpopulismo: política e democracia no mundo digital**. São Paulo: Contexto, 2021.

BUTTURI JR, Atilio; SILVA, Rilari Lorena de Anhaia. A memória tecnodiscursiva e um caso de aborto nas redes sociais do Brasil de 2022. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

CANCIAN, Allan; MALINI, Fábio. A nova cara da direita no Brasil: um estudo sobre o grupo político MBL - Movimento Brasil Livre. **Anais do 1o Simpósio Direitas Brasileiras: da Redemocratização ao Governo Temer**, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2017. Disponível em <<http://conferencias.fflch.usp.br/SDB/simposiodireitas/paper/view/2199>>. Acesso em 10/12/2019.

CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

CARREON, Renata de Oliveira. Um ensaio sobre *fake news* e fabricação de memória. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. *In*: GALLEGO, E. S. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTRO, Lucimara Cristina. A viralização discursiva no Twitter: sentidos em funcionamento sobre a reforma do ensino médio. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

CATELÃO, Evandro de Melo; OLIVEIRA, Amanda. Comentários on-line e as noções de estereótipo e lugar no quadro da argumentação polêmica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, volume 29, número 4, 2021.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Revista Internet & Sociedade*. **Revista Internet & Sociedade**, número 1, volume 1, fevereiro de 2020, p. 91-120. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa-serif-a-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>. Acesso em: 25 de junho de 2024.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

COSTA, Ana Paula Miranda. **Midiativismo no Facebook: o coletivo Ninja ES e a produção de narrativas independentes durante as ocupações escolares no Espírito Santo em 2016**. Dissertação (mestrado em Comunicação e Territorialidades). Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2019.

COSTA, Ana Paula Miranda. “**Não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar**”: **A repercussão da negação da crise de saúde pública no Facebook durante o avanço da pandemia do novo coronavírus no Brasil**. Trabalho apresentado no GT 19 Comunicação Digital, Redes y Procesos, no XVI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC). Buenos Aires, 2022b.

COSTA, Ana Paula Miranda. **#VACINANÃO: A repercussão da fase de imunização de crianças de 5 a 11 anos no Facebook durante a crise do novo coronavírus no Brasil**. *In*: Anais do X Colóquio Aled-Brasil: o discurso no desafio democrático. Vitória (ES), Ufes, 2022a.

COSTA, Julia Lourenço; GLÜCK, Eduardo Paré. Imagem digital: entre divulgação científica e redes sociais. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, volume 18, número Esp., 2021.

CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

CURCINO, Luzmara. Lives e livros: versículos e verdade na eleição presidencial brasileira. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs – volume 1**. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2013.

DIAS, Cristiane Costa. Análise do discurso digital: a questão da memória. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

DIAS, Cristiane. A Análise do discurso digital: um campo de questões. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 8-20, 2016a. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/redisco/article/view/2515>.

DIAS, Cristiane. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 44(3), 2016b. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1030>.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes editores, 2018.

DI FELICE, M. **Net-ativismo: da ação social para o ato conectivo**. SP: Paulus, 2017.

FIGUEIRA, Mayra Duarte; NEVES-HORA, Lídia Gurgel; HORA, Daniel. Economia e/ou saúde: uma análise pragmática do posicionamento do governo Bolsonaro no ambiente digital durante a pandemia. **Soletras**, São Gonçalo, número 43, 2022.

FONTANA, Mónica Zoppi. Pós-verdade e enunciação política: entre a mentira e o rumor. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREELON, Deen; WELLS, Chris. Disinformation as Political Communication. **Political Communication**, vol. 37, n. 2, 145–156, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10584609.2020.1723755> Acesso em: 9 de novembro de 2023.

GERBAUDO, Paolo. **O grande recuo: a política pós-populismo e pós-pandemia**. São Paulo: Todavia, 2023.

GLÜCK, Eduardo; IRACET, Êrica; GIERING, Maria Eduarda. O tecnodiscurso de divulgação científica: relações retóricas e deslinearização em hiperligações de notícias digitais. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 66, 2022.

GONÇALVES, Matilde; LIMA, Isabel Muniz. Tecnodiscurso, interatividade e suporte na mídia Instagram. **Calidoscópio**, número 3, volume 19, 2021.

GRIEVE, Jack; WOODFIELD, Helena. **The Language of Fake news**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Bem estar comum**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HART, W.; ALBARRACÍN, D.; EAGLY, A. H., BRECHAN, I.; LINDBERG, M. J.; MERRILL, L. Feeling validated versus being correct: A meta-analysis of selective exposure to information. **Psychological Bulletin**, 135(4), p. 555–588, 2009. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2009-09537-004>. Acesso em: 9 de abril de 2024.

HERRING, Susan C. The Coevolution of Computer-Mediated Communication and Computer-Mediated Discourse Analysis. *In*: BOU-FRANCH, Patricia; BLITVICH, Pilar Garcés-Conejos (org.). **Analyzing Digital Discourse: New Insights and Future Directions**. Cham, Switzerland: Palgrave Macmillan, 2019.

HERRING, Susan C.; ANDROUTSOPOULOS, Jannis. Computer-Mediated Discourse 2.0. *In*: TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E.; SCHIFFRIN, Deborah. **The Handbook of Discourse Analysis, volume I**, second edition. Chichester, West Sussex, UK: Wiley-Blackwell, 2015.

HISSA, Debora Liberato Arruda. Da manipulação das massas nas redes sociais às ações de combate à desinformação. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 68–89, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9587>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

KOMESU, Fabiana; COSTA, Juliana Renata Pereira; CIÊNCIA, Ana Cláudia Bertini; SILVA, Cícero. COVID-19 e desinformação: notas sobre o serviço brasileiro “Saúde sem *Fake news*” e seu leitor. **Revista Investigações**, Recife, v. 35, n. 2, p. 1 -28, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/254221>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Salvador: Edufba, 2012.

LÉ, Jaqueline Barreto; ANECLETO, Úrsula C.; RIBEIRO, Ana Elisa. Saindo das bolhas de pós-verdade: Ética da informação para fluência digital e combate às *fake news*. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 29–48, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9292>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

LEAL, Fernanda Gonçalves. Viralizou: uma análise linguística pragmática de *Fake news* sobre a pandemia no Brasil. **Revista Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 47, n. 90, p. 56-72, set./dez. 2022. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/17590>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

LEITE, Fellipe; MORAES, Érika. Uma apropriação de cenografia: o uso da cenografia jornalística para difusão do discurso de ódio contra pessoas trans. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 37, p. 176-189, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/41793>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

LEMONS, André. **A comunicação das coisas**. São Paulo: Annablume, 2013a.

LEMOS, André. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2013b.

LEMOS, André. Dataficação da vida. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 193–202, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39638>. Acesso em: 17 jun. 2023.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, A. da S.; BROTAS, . A. M. P.; MASSARANI, L. A conversação pública acerca da vacina e da vacinação contra covid-19 no Twitter: um estudo infodemiológico. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 46, p. e2023121, 2023. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/4401>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MACI *et al.*. The various dimensions of disinformation. *In*: MACI, Stefania; DEMATA, Massimiliano; MCGLASHAN, Mark; SEARGEANT, Philip (orgs.). **The Routledge Handbook of Discourse and Disinformation**. Londres: Routledge, 2024.

MAHYOOB, Mohammad; ALGARAADY; Jeehaan; ALRAHAILI, Musaad. Linguistic-Based Detection of *Fake news* in Social Media. **International Journal of English Linguistics**; Vol. 11, No. 1; 2021. Disponível em: <https://www.ccsenet.org/journal/index.php/ijel/article/view/0/44204>. Acesso em: 9 de abril de 2024.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

MALINI, Fábio; CAVALCANTI, Camilla; COSTA, Ana Paula Miranda; VENTUROT, Lígia; TESSAROLO, Marcela. Medo, infodemia e desinformação: a timeline dos discursos sobre coronavírus nas redes sociais. **Revista UFG**, Goiânia, v. 20, n. 26, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/66593>. Acesso em: 28 mar. 2023.

MALINI, Fábio; COSTA, Ana Paula M.; CAVALCANTI, Camilla. R.; BASTOS, Marcela T.; VENTUROT, Lígia. I. The effects of a hegemonising negationist narrative in Brazil. *In*: HELLMAN, Matilda; KETTUNEN, Tom; SALMIVAARA, Saara; STONEHAM, Janne. (Org.). **Governing Human Lives and Health in Pandemic Times: Social Control Policies**. Londres: Routledge, 2022.

MALINI, Fábio. Um método perspectivista de análise de redes sociais: cartografando topologias e temporalidades em rede. **Anais do 25º Encontro Anual da Compós**, 2016, Goiânia. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2016. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2016/papers/um-metodo-perspectivista-de-analise-de-redes-sociais--cartografando-topologias-e-temporalidades-em-rede>> Acesso em: 17 ago. 2022.

MARQUES, Maria Aldina. A verdade dos outros: questões de responsabilidade enunciativa. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

MARSHALL, Jonathan Paul. Disinformation Society, Communication and Cosmopolitan Democracy. **Cosmopolitan Civil Societies: An Interdisciplinary Journal**, v. 9, n. 2, p. 1-24, 2017. Disponível em: <https://epress.lib.uts.edu.au/journals/index.php/mcs/issue/view/416> Acesso em: 9 de novembro de 2023.

MATOS, Rita de Cássia Aragão. A metástase da imagem: Um estudo sobre a Exclusão Social no Jornal Nacional. **Tese de doutorado defendida no Programa de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia**, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6055>. Acesso em: 5 de abril de 2024.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. *In*: GALLEGO, E. S. (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

MILHOMEM, Rafael Turíbio; RUIZ, Marco Antonio Almeida. A agressividade e o insulto nas redes sociais: a resignificação e a subversão (n/d)os sentidos da expressão “mimimi”. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 2007.

MONTEIRO, Alexandre Henrique dos Santos; REBELLO, Ilana da Silva. *Fake news*: um exame semiolinguístico da desinformação em ambientes sócio-interativos digitais. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 33-47, 21 dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44038>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MUNIZ-LIMA, Isabel.; CATELÃO, Evandro de M.; PINTO, Rosalice. Orientação argumentativa, referenciação e interatividade em tuítes sobre o Projeto de Lei (PL) 2630. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 54, n. 1, p. e1898, 2023. Disponível em:

<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1898>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

NASCIMENTO, Isadora Oliveira; LIMA-NETO, Vicente. Efeito Dunning-Kruger e dissonância cognitiva na CPI da Covid-19: A institucionalização da desinformação. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 109–127, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9238>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

NEVES-HORA, Lidia; CAVALCANTI, Camilla; COSTA, Ana Paula Miranda. O “bolsonarismo” no Facebook a partir da perspectiva das fórmulas discursivas. **Calidoscópico**, número 3, volume 19, 2021.

OECD. **The OECD Truth Quest survey: methodology and findings**. OECD digital economy papers. Número 369, junho de 2024. Disponível em https://www.oecd.org/en/publications/the-oecd-truth-quest-survey_92a94c0f-en.html. Acesso em 11 de julho de 2024.

PADLEY, Roxanne H. Exploring health-related misinformation, disinformation and “fake news”. In: MACI, Stefania; DEMATA, Massimiliano; MCGLASHAN, Mark; SEARGEANT, Philip (orgs.). **The Routledge Handbook of Discourse and Disinformation**. Londres: Routledge, 2024.

PADLEY, Roxanne H. Information channels and narratives: To vaccinate or not to vaccinate, that is the question. **Altre Modernità**, n. 28, p. 194–216, novembro de 2022. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/AMonline/article/view/19127>. Acesso em: 9 de abril de 2024.

PARENTE, André. Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade. In: PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia. **As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas**. Campinas, SP: Pontes editores, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. **Os pré-discursos: sentido, memória, cognição**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

PEREIRA ANDREATTA, Elaine. *Fake news* em tempos de pandemia: a urgência de novos multiletramentos na cultura digital. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 88–103, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/22017>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

PINHEIRO, Petrilson. Da utopia da participação global na Web 2.0 às *fake news* nas redes sociais: Uma discussão epistemológica para uma educação crítica. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 9–28, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9347>. Acesso em: 22 de maio de 2024.

PIOVEZANI, Carlos. Efeitos de verdade: a retórica eleitoral de Bolsonaro. *In*: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

QUENZER, Viviane; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi. De usuário comum a influenciador: uma análise do discurso digital sobre a ascensão de Top voices do/no LinkedIn. *In*: CARREON, Renata de Oliveira; RUIZ, Marco Antonio Almeida; ARAÚJO, Lígia Mara Boin Menossi (org.). **Análise do discurso digital: perspectivas teóricas e metodológicas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Competência transcultural e novos letramentos: a necessidade incontornável do pensamento crítico. **Revista da Anpoll**, [S. l.], v. 1, n. 49, p. 119–127, 2019. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1306>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

RASQUEL, Sandra Gomes. A desinformação como estratégia de manipulação e abuso de poder no discurso político. **Revista Letras Escreve**, Macapá, v. 8, n. 2, 2º sem., 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3893/2244>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

RÉ, Flávia Maria. Um paralelo entre duas concepções liberais de justiça: o libertarianismo de Robert Nozick e o liberalismo-igualitário de John Rawls. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, Brasil, v. 2, n. 27, p. 6–33, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/114376>. Acesso em: 12 jul. 2024.

RECUERO, Raquel. Redes sociais. *In*: CITELLI, A. *et al.* (orgs.). **Dicionário de Comunicação: Escolas, teorias e autores**. São Paulo: Contexto, 2014.

ROUSSIN, Juliette. *Fake news*: um problema de crença. *In*: ALMEIDA, Júlia; BARONAS, Roberto Leiser (orgs.). **Fake news: abordagens discursivas**. Araraquara, SP: Letraria, 2023.

SABBAH, Farah. Critical discourse analysis approaches to investigating *fake news* and disinformation. *In*: MACI, Stefania; DEMATA, Massimiliano; MCGLASHAN, Mark;

SEARGEANT, Philip (orgs.). **The Routledge Handbook of Discourse and Disinformation**. Londres: Routledge, 2024.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Temas e dilemas do pós-digital**. São Paulo: Paulus, 2016.

SANTIAGO, A. H. R.; ARAÚJO, J. Prática discursiva de desinformação: Distribuição de anúncios digitais falsos em mídias sociais. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 14, n. 2, p. 49–67, 2022. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/9374>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

SANTIAGO, Antônio Heleno Ribeiro; ARAÚJO, Júlio. Prática discursiva de desinformação: análise da produção de postagens anticientíficas sobre a eficácia das vacinas na pandemia de covid-19 em 2021-2022. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 37, p. 176-189, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/41793>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

SANTOS, Amalia Pratte; ALMEIDA, Julia Maria Costa. O aumento humorístico nos comentários de Instagram do perfil Um Sábado Qualquer. **Calidoscópico**, número 3, volume 19, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo: Boitempo, 2021.

SARGENTINI, Vanice; CARVALHO, Pedro Henrique Varoni. A vontade de verdade nos discursos: os contornos das *fake news*. In: CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice; PIOVEZANI, Carlos (orgs.). **Discurso e (pós) verdade**. São Paulo: Parábola, 2021.

SEARGEANT, Philip. **The Art of Political Storytelling: Why Stories Win Votes in Post-truth Politics**. London: Bloomsbury Academic, 2020.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

STUMPF, Elisa Marchioro; VOLCAN, Taiane de Oliveira; SOARES, Felipe Bonow. “Made in China”: desinformação and Sinophobia on Facebook during the Covid-19 pandemic in Brazil. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 17, n. 37, p. 176-189, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/41793>. Acesso em: 1º de maio de 2024.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn. **The Platform Society: Public values in a connective world**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018.

VAN DIJK, Teun A. Análise crítica do discurso. *In*: TOMAZI, M.M.; ROCHA, L.H.P.; POMPEU, J.C. (orgs.). **Estudos discursivos em diferentes perspectivas: Mídia, sociedade e direito**. São Paulo: Terracota Editora, 2016.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e contexto**. São Paulo: Contexto, 2017.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso, notícia e ideologia**. Porto: Campo das Letras, 2005.

DIJK, T. A. van. Discurso de elite e a reprodução do racismo. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 8, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45719>. Acesso em: 02 jul. 2024.

VOTRE, Sebastião Josué. **Análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2019.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. **Council of Europe report**, DGI (2017), v. 9, 2017. Disponível em: <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c> Acesso em: 9 de novembro de 2023.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.